

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
FACULDADE DE DIREITO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO CONSTITUCIONAL

NATHÁLIA DAMASCENO VICTORIANO

AXÉ, GÊNERO E RESISTÊNCIA: VOZES FEMININAS DO TERREIRO FRENTE AO  
RACISMO RELIGIOSO NO DIREITO

Niterói/RJ

2025

NATHÁLIA DAMASCENO VICTORIANO

AXÉ, GÊNERO E RESISTÊNCIA: VOZES FEMININAS DO TERREIRO FRENTE AO  
RACISMO RELIGIOSO NO DIREITO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Direito Constitucional. Linha de Pesquisa: Teoria e História do Direito Constitucional e Direito Constitucional Internacional e Comparado.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Andrade Almeida

Niterói/RJ

2025

Ficha catalográfica automática - SDC/BFD  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

V642a Victoriano, Nathália Damasceno  
AXÉ, GÊNERO E RESISTÊNCIA: : VOZES FEMININAS DO TERREIRO  
FRENTE AO RACISMO RELIGIOSO NO DIREITO / Nathália Damasceno  
Victoriano. - 2025.  
221 f.: il.

Orientador: Fernanda Andrade Almeida.  
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Faculdade de Direito, Niterói, 2025.

1. Liberdade religiosa. 2. Direito e gênero. 3.  
Epistemicídio. 4. Teoria do direito. 5. Produção  
intelectual. I. Almeida, Fernanda Andrade, orientadora. II.  
Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Direito. III.  
Título.

CDD - XXX

NATHÁLIA DAMASCENO VICTORIANO

AXÉ, GÊNERO E RESISTÊNCIA: VOZES FEMININAS DO TERREIRO FRENTE AO  
RACISMO RELIGIOSO NO DIREITO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Direito Constitucional.

Aprovada em 26 de maio de 2025

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Fernanda Andrade Almeida (Orientadora)  
Universidade Federal Fluminense – UFF

---

Prof. Dr. Enzo Bello (Membro interno)  
Universidade Federal Fluminense – UFF

---

Prof. Dr. Gladstone Leonel da Silva Júnior (Membro externo)  
Universidade de Brasília – UNB

---

Prof. Dr. Philippe Oliveira de Almeida (Membro externo)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Eu dedico a dissertação realizada a todas as forças que me modelaram e construíram o caminho onde ando: à minha mãe Rosangela, à minha avó Elza, ao meu pai Paulo, à minha tia Glória, aos meus avós Zeca, Maria Therezinha e Olegário, à Exu, à Malandragem, à Ibejada, à Iemanjá, à Oxum, à Iansã, à Nanã, aos Caboclos, Pretos-Velhos, boiadeiros, Ogum, Oxossi e Xangô.

## AGRADECIMENTOS

A jornada de crescimento pessoal e acadêmico cuja materialização consiste na dissertação ora apresentada, foi resultado de múltiplos acontecimentos, personagens, sequência de fatores complexos que tornam o ato de agradecer devidamente uma tarefa difícil. Todos merecem muito mais do que essas singelas e resumidas palavras.

À minha espiritualidade, à dos meus ancestrais e à minha casa de Axé que me sustenta, obrigado por manterem a minha cabeça, o meu coração e o meu útero firmes apesar dos mares de emoções que vivem em mim e de acontecimentos repentinos que fazem eu ter medo e até duvidar do chão que eu tenho para pisar.

À minha avó Elza que me alfabetizou e sentou comigo durante as tardes para me ensinar a matéria do dia e fazer o dever de casa. À avó que foi uma mãe e que eu sei que seu brilho brilha em mim esteja onde estiver. Vovó dizia que seria a estrela mais brilhante do céu e quando sinto a sua falta, olho para o céu.

À minha mãe Rosângela que sempre me ensinou a querer mais e ir além, que me deixou muitas memórias que me nutrem diariamente e que são a base da força para dar sempre mais um passo no meu caminho.

À minha tia Glória que assumiu o papel de avó, mãe, irmã, tia, conselheira, depois que eu perdi minhas referências femininas, não me deixando sozinha.

Ao meu pai Paulo que sempre está preocupado comigo, cuidando de mim e que junto com a minha tia Glória me apoiaram na decisão de largar o emprego para fazer o mestrado.

À minha mãe de santo Bianca e à todos do terreiro por terem me auxiliado de mil e uma maneiras diferentes a trilhar essa e outras partes do meu caminho.

À minha orientadora Fernanda que, para além de toda dedicação, preocupação e atenção no desenvolver técnico deste trabalho, sempre me auxiliou reforçando o meu valor e o da dissertação quando eu estava me sentindo incapaz.

Aos professores Gladstone e Enzo por me incluir nas suas caminhadas e projetos.

À Danielle por todo auxílio nessa caminhada e por ser uma pessoa incrível que sempre tem uma palavra quando eu preciso.

Não sabia tudo que essa dissertação ia vir a ser quando começou e ainda não sei o que será agora que terminou.

*Eu vi um retrato na areia*

*Me lembrei da sereia*

*Comecei a chamar*

*Oh Janaína vem ver*

*Oh Janaína vem cá*

*Receber suas flores*

*Que venho lhe ofertar*

(Coral Filhos de Iemanjá, 2022)

## RESUMO

A dissertação tem como raiz que sustenta e possibilita o seu desenvolvimento a pesquisa empírica realizada com 21 mulheres do Terreiro de Umbanda Tenda Espirita Luz de Maria, situado na Baixada Fluminense, Duque de Caxias. A empiria é o ponto chave para resgatar perspectivas da cosmo-percepção da umbanda sob o olhar feminino, saberes que foram demonizados e apagados da construção dos saberes jurídicos. O problema da pesquisa consiste em compreender se a perspectiva monista de direito contribui para o epistemicídio religioso e de que forma isso influencia na efetivação da liberdade religiosa no Brasil. O objetivo geral consiste em analisar esse epistemicídio de saberes relevantes para um coletivo social, mas que se torna inexistente no grupo de conhecimentos considerados jurídicos e nos caminhos adotados pelo Estado. O trabalho é transdisciplinar dialogando com a área da antropologia e sociologia ao trabalhar com autores como Vagner Gonçalves, Muniz Sodré e Clóvis Moura, além de diagramar a dissertação por meio de vivências no campo e adição de imagens descritivas do local. A dissertação é majoritariamente qualitativa, com elementos quantitativos de apoio à compreensão das realidades apresentadas. O desenvolver do trabalho parte de uma perspectiva epistemológica crítica adotando, entre outras teorias latino-americanas, a desobediência epistêmica de Walter Mignolo. A etnometodologia de Harold Garfinkel foi escolhida como abordagem metodológica de análise da pesquisa empírica participante.

**Palavras-chave:** Liberdade religiosa; Direito e gênero; Epistemicídio; Teoria do direito; Racismo religioso.

## RESUMEN

La disertación tiene como raíz que sustenta y posibilita su desarrollo la investigación empírica realizada con 21 mujeres del Terreiro de Umbanda Tenda Espírita Luz de Maria, situado en la Baixada Fluminense, Duque de Caxias. La empiria es el punto clave para rescatar perspectivas de la cosmo-percepción de la umbanda desde una mirada femenina, saberes que fueron demonizados y borrados de la construcción de los conocimientos jurídicos. El problema de la investigación consiste en comprender cómo la perspectiva monista del derecho contribuye al epistemicidio religioso y de qué manera esto influye en la efectivización de la libertad religiosa en Brasil. El objetivo general consiste en analizar ese epistemicidio de saberes relevantes para un colectivo social, pero que se tornan inexistentes dentro del conjunto de conocimientos considerados jurídicos y en los caminos adoptados por el Estado. El trabajo es transdisciplinario, dialogando con las áreas de la antropología y la sociología, al trabajar con autores como Vagner Gonçalves, Muniz Sodré y Clóvis Moura, además de diagramar la disertación por medio de vivencias en el campo y la inclusión de imágenes descriptivas del lugar. La disertación es mayoritariamente cualitativa, con elementos cuantitativos que apoyan la comprensión de las realidades presentadas. El desarrollo del trabajo parte de una perspectiva epistemológica crítica, adoptando, entre otras teorías latinoamericanas, la desobediencia epistémica de Walter Mignolo. La etnometodología de Harold Garfinkel fue elegida como enfoque metodológico para el análisis de la investigación empírica participante.

**Palabras Claves:** Libertad religiosa; Derecho y género; Epistemicidio; Teoría del derecho; Racismo religioso.

## LISTA FOTOGRÁFICA

<i>Fotografia 1 - Imagem da gira no Maracanãzinho em 18 de outubro de 1959.....</i>	<i>36</i>
<i>Fotografia 2 - Imagem da equipe do documentário no final da exibição na sede da Tenda Mirim.....</i>	<i>37</i>
<i>Fotografia 3 - Imagem da Cabocla Jurema abençoando a obra de expansão do terreiro ...</i>	<i>39</i>
<i>Fotografia 4 – A figura demonstra uma cena inicial da gira de Exú. Na ocasião da festa, trata-se da festividade de Pombagira, na qual a Pombagira Maria Padilha passa por um corredor formado pelos filhos da casa incorporados com Exú, Pombagira, Malandragem ou Marinheiros. A imagem mostra Maria Padilha gargalhando.....</i>	<i>42</i>
<i>Fotografia 5 – A imagem retrata quatro mulheres, posicionadas em primeiro plano, de diferentes idades e com funções diversas no terreiro. A Preta-Velha Tia Maria da Bahia realiza o batismo de uma criança, filha da casa, enquanto outras mulheres, pertencentes à sua família de sangue e de santo, acompanham e auxiliam no rito.....</i>	<i>46</i>
<i>Fotografia 6 – A imagem mostra a criança abraçando a Vovó Tia Maria da Bahia, entidade incorporada pela Mãe de Santo, logo após a realização do batismo.....</i>	<i>46</i>
<i>Fotografia 7 – “Exu de Saia no MAFRO/UFBA”.....</i>	<i>56</i>
<i>Fotografia 8 – Oferendas e altar durante a festividade de Oxumaré no Terreiro estudado.....</i>	<i>60</i>
<i>Fotografia 9 – Na imagem, é possível observar uma médium, mulher, com chapéu de palha, incorporando um Preto-Velho.....</i>	<i>61</i>
<i>Fotografia 10 - Firmeza realizada para a Malandragem, que contempla ambas as manifestações nessa linha de energia.....</i>	<i>62</i>
<i>Fotografia 11 - A figura demonstra a firmeza para os Boiadeiros realizada na festiva para essa linha de trabalho.....</i>	<i>77</i>
<i>Fotografia 12 – A imagem apresenta o Osé/Oxê de Xangô em uma firmeza realizada no terreiro.....</i>	<i>82</i>
<i>Fotografia 13 – A figura mostra um ritual dedicado a Obaluaê, Orixá associado à saúde.....</i>	<i>85</i>
<i>Fotografia 14 – A figura demonstra uma firmeza realizada no terreiro para Obaluaê.....</i>	<i>85</i>
<i>Fotografia 15 - A figura mostra um Preto-Velho riscando o seu ponto, sendo este uma forma de assinatura que tem como função diversos objetivos, como força, proteção, cura, entre outros. O ponto é riscado com a pamba (um giz fabricado de forma ritualística).....</i>	<i>86</i>
<i>Fotografia 16 - A figura mostra duas entidades da linha da malandragem, estando um copo de bebida na mão.....</i>	<i>87</i>
<i>Fotografia 17 - A imagem mostra a ibeji de uma médium brincando com uma criança do terreiro.....</i>	<i>89</i>

<i>Fotografia 18- Uma das fotos tiradas na celebração das crianças do bairro realizada pelo terreiro.....</i>	<i>89</i>
<i>Fotografia 19 - Imagem dos jovens tocando o atabaque na festiva da malandragem.....</i>	<i>90</i>
<i>Fotografia 20 - Imagem do Atabaque na gira da mata.....</i>	<i>90</i>
<i>Fotografia 21 - Oferenda realizada durante a gira na mata.....</i>	<i>107</i>
<i>Fotografia 22 - Gesto ritual de defumação na gira da mata.....</i>	<i>107</i>
<i>Fotografia 23 - Imagem da Cabocla Jurema do comando .....</i>	<i>108</i>
<i>Fotografia 24 - A imagem mostra o pai de santo saudando as oferendas para Nanã.....</i>	<i>120</i>
<i>Fotografia 25 - A imagem mostra uma criança do terreiro na festa de Nanã, segurando uma vela roxa acesa no momento da firmeza.....</i>	<i>121</i>

## LISTA DE GRÁFICOS

<i>Gráfico 1 - Distribuição das respostas sobre ser mulher.....</i>	<i>63</i>
<i>Gráfico 2 - Proporção de menção dos tópicos no terreiro.....</i>	<i>63</i>
<i>Gráfico 3 - Distribuição das situações de intolerância.....</i>	<i>91</i>

## **LISTA DE TABELAS**

<i>Tabela 1 - Distribuição das raças das mulheres entrevistadas e o tempo que estão no terreiro.....</i>	<i>27</i>
<i>Tabela 2 - Perguntas da pesquisa empírica.....</i>	<i>28</i>
<i>Tabela 3 - Energia feminina e energia masculina.....</i>	<i>64</i>

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ADI	Ação Direta de Inconstitucionalidade
ADPF	Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental
ALERJ	Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
CNS	Conselho Nacional de Saúde
IDAFRO	Instituto de Defesa dos Direitos das Religiões Afro-Brasileiras
MAFRO	Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
SEEDUC	Secretaria de Estado de Educação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
As encruzilhadas que compuseram a minha inserção no campo de pesquisa.....	15
Desdobramento da temática e o percurso metodológico.....	17
A opção política pelo uso do termo <i>racismo religioso</i> .....	20
Estado da Arte.....	20
Abordagem metodológica de análise da pesquisa empírica.....	24
A escolha do campo de pesquisa.....	25
Os procedimentos e resultados prévios da pesquisa empírica.....	26
<b>CAPÍTULO 1 - O FEMININO NA DISSEMINAÇÃO DOS SABERES ANCESTRAIS EM FACE À UMA POLÍTICA DE APAGAMENTO</b> .....	33
1.1 - Breves considerações sobre o objeto e o campo de pesquisa.....	33
1.2 - O silenciamento das mulheres e de seus saberes ancestrais.....	40
1.3 - O feminino e o masculino na tradição Africana e no terreiro.....	52
<b>CAPÍTULO 2 - AS CONCEPÇÕES PLURAIS DE DIREITO CONSTITUÍDAS A PARTIR DO FEMININO NO TERREIRO</b> .....	67
2.1 - Introdução às razões místicas descoloniais .....	67
2.2 - O feminino como uma potência em face às ofensivas estatais.....	70
2.3 - Saberes Ancestrais, pluralismo jurídico e política estatal de apagamento: ofensivas estatais comissivas ou omissivas.....	74
2.4 - Casos de racismo religioso no terreiro.....	91
<b>CAPÍTULO 3 - TERREIRO: ESPAÇO DE JURIDICIDADE ALTERNATIVA</b> .....	98
3.1 - O racismo religioso: um olhar por direitos.....	9/
3.2- Abordagens plurais na confecção do direito.....	111
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	125
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	130
<b>APÊNDICE I - ESTADO DA ARTE</b> .....	147
<b>APÊNDICE II - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS</b> .....	155

## INTRODUÇÃO

*“Saravá o Caboclo Mirim!  
 Com sua flecha e o seu bodoque  
 A girar, a girar  
 Oi vem cumprindo a lei que traz a Juremá  
 Penacho lindo eu nunca vi assim  
 Quem vem na umbanda, saravá!  
 É o Caboclo Mirim”<sup>1</sup> (Varanda, 2022)*

*As encruzilhadas que compuseram a minha inserção no campo de pesquisa*

É importante situar os caminhos que me trouxeram até esta produção e como eles influenciam cada percurso, cada palavra, cada ideia a ser desenvolvida neste trabalho. Esta introdução consiste nas lentes de contato que empresto ao leitor para decifrar as vivências aqui relatadas e para estabelecer as perspectivas que possuo, bem como aquelas que fui aprendendo ao longo desta narrativa jurídica.

Um primeiro ponto de legitimação deste trabalho não reside em mim, mas na minha ancestralidade. Minha avó paterna tinha como guias o Caboclo Pena Branca, a Vovó Rosália de Angola e o Joãozinho da Praia. Ela influenciou minha caminhada desde a infância, preparando banhos de sal grosso ao som de cantigas, contando como a Ibejada lhe deu uma netinha, entre outras experiências que me tornaram parte da Umbanda mesmo antes de me tornar formalmente umbandista. Vovó Elza e seu Caboclo Pena Branca foram essenciais na minha trajetória e são a razão pela qual não sei responder à pergunta: “Quando a Umbanda entrou na sua vida?”

Um ponto atribuído à Maria Navalha, hoje reverenciada como uma força feminina na Umbanda, revela o quanto ela compreende a dor que muitas enfrentam.

Eu não vivo com homem porque já fui traída. Além de passar fome, eu apanhava todo dia. Quando chegava em casa tinha o meu maior desgosto. Ele passava uma navalha na maçã do meu rosto. Uma blusa velha, era mulambo pra eu vestir. Quando pedia água, vinagre dava pra eu dormir. Não tenho medo da morte e aquele homem eu matei. A navalha que ele usava a garganta dele eu cortei. Por meu nome de batismo, hoje ninguém me chama, mas foi Maria Navalha o nome que me deu fama. (Ikaro Ogã OFC, 2024)

---

<sup>1</sup> O ponto cantado que inicia a parte textual da dissertação é um dos primeiros cânticos realizados dentro de uma gira no terreiro estudado. Momento no qual *abre a gira batendo cabeça* para o caboclo mirim. De modo figurado, adiciono o ponto no momento inicial desta dissertação.

Ao ouvir cuidadosamente as experiências, dores, fardos e conquistas, percebi que, embora individuais, as vivências compartilham barreiras semelhantes. Sob essa ótica, a comunidade do terreiro se revela para além de uma questão numérica: ela representa também uma conexão entre suas integrantes, decorrente de vivências e cosmo-percepções em comum.

Fui acolhida pelo terreiro no qual a pesquisa se desenvolve durante o processo seletivo para o mestrado. Considero importante ressaltar que, em 18 de outubro de 2023, a Mãe de Santo me disse que nem todos iriam concordar, gostar ou compreender o que eu escrevesse, pois estávamos lidando com dores coletivas e ancestrais que provocam distintas reações.

Ela me disse, inclusive, que estaria tudo bem caso ela não concordasse com o conteúdo da minha escrita. Disse ser uma possibilidade, mas que o importante era haver fundamento na escrita. O importante era que as coisas tivessem os seus respectivos nós.

Durante a primeira sessão de cartas com a Mãe de Santo, fui convidada a participar da organização de um documentário que a Tenda pretendia produzir. No dia seguinte, 19 de outubro de 2023, encaminhei uma mensagem para a filha da Mãe de Santo, que logo me enviou o link do grupo de WhatsApp para integrar a equipe de organização dessa tarefa investigativa da Tenda do Caboclo Mirim.

Havia dois editais em andamento para obtenção de incentivos fiscais voltados à elaboração de um documentário de curta-metragem. Auxiliei na elaboração e submissão do projeto para o Edital 01/2023 (Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, 2023), com base na Lei Paulo Gustavo de incentivo a produções audiovisuais (Lei Complementar nº 195/2022), com o objetivo de buscar apoio financeiro do município de Duque de Caxias para a realização de um documentário sobre a doutrina do Caboclo Mirim.

O projeto foi aprovado pelo município de Duque de Caxias, e todo o processo de elaboração do documentário<sup>2</sup> — desde as entrevistas com importantes nomes da doutrina do Caboclo Mirim até as conversas com Mães e Pais de Santo de diversas casas de Umbanda ligadas ao Caboclo Mirim — foi essencial não apenas para a pesquisa, mas também para a minha construção como pesquisadora e como pessoa.

---

<sup>2</sup> O documentário (2024) está disponível na plataforma do youtube que pode ser acessado pelo link: [https://www.youtube.com/watch?v=M48AX7PFG\\_Y](https://www.youtube.com/watch?v=M48AX7PFG_Y)

*Desdobramento da temática e o percurso metodológico*

Esclareço a opção político-metodológica pelo uso da primeira pessoa do singular, adotando a categoria de desobediência epistêmica, desenvolvida por Walter Mignolo (2008). Trata-se de uma escolha que visa desestruturar as dinâmicas eurocêntricas da pesquisa jurídica e os pressupostos conceituais que a sustentam, ou seja, uma transição da política da identidade para a identidade em política.

O processo de posicionamento da política identitária dominante ocorre em termos abstratos e, caso não haja a adoção de ações políticas a partir das identidades, não será possível desestruturar as personificações coloniais nas quais foram inseridos os indivíduos marcados pelas dinâmicas do Sul Global. Busco, por meio da escrita em primeira pessoa, contribuir para “a racialização dos corpos e das localidades geo-históricas” (Mignolo, 2008, p. 301).

O problema da pesquisa consiste em compreender se a perspectiva monista de direito contribui para o epistemicídio religioso e como isso influencia a efetivação da liberdade religiosa no Brasil.

A pesquisa não trabalha com uma hipótese pré-definida em razão de a propositura da hipótese ser coerente com um modelo de pesquisa fundamentada na teoria de Popper (1972), de elaboração de uma hipótese e a utilização do trabalho acadêmico para confirmar ou negar essa. Essa visão não dialoga com as perspectivas de deixar que o campo guie os caminhos, as escolhas teóricas e as conclusões provindas da dissertação e, conseqüentemente, de compreender que há teoria nos atos sociais e há fatores sociais na teoria, não estabelecendo uma separação entre teoria e realidade conforme posicionamento de Horkheimer (1983), Mignolo<sup>3</sup> (2008), Marcos Nobre (2014) ao tratar da teoria crítica porque entendo a prática como “um momento da teoria” (Nobre, 2014, p. 12).

O objetivo geral é analisar o apagamento dos saberes ancestrais compartilhados por mulheres na formulação do direito e do Estado, em contraposição à relevância desses saberes para as mulheres que os praticam e para a comunidade da qual fazem parte.

Os objetivos específicos versam sobre:

- A. Compreender como a expressão do poder feminino foi atacada e como seus saberes místicos foram excluídos das concepções jurídicas e do campo estatal, resultando em

---

<sup>3</sup> “a distinção moderna entre teoria e prática não se aplica quando você entra no campo do pensamento da fronteira e nos projetos descoloniais” (Mignolo, 2008, p.291)

concepções de direito aceitas que não dialogam com os conhecimentos compartilhados pelos povos de terreiro, mas que se voltam à experiência única do homem branco, europeu e cristão;

- B. Desenvolver a correlação entre os saberes tratados na dissertação e a realidade da América Latina;
- C. Exemplificar de modo crítico como o desenvolvimento da atividade jurídica e estatal, de forma passiva ou ativa, afeta a liberdade religiosa dos povos de terreiro;
- D. Assimilar a contribuição do pluralismo jurídico para a aproximação entre esses saberes renegados e o campo jurídico, catalogando os conhecimentos ensinados pelas mulheres entrevistadas, bem como suas experiências com o racismo religioso;
- E. Estabelecer um paralelo entre a realidade vivida dentro do terreiro e a vida do lado de fora, tendo em mente que, no primeiro espaço, as mulheres entrevistadas estão sujeitas às regras do terreiro, enquanto, no segundo local, estão condicionadas ao direito monista, que não inclui as perspectivas do terreiro.
- F. Analisar as possibilidades abertas pela teoria crítica do direito, em especial o direito achado na rua, para a inclusão desses saberes coletivos no campo da teoria e da prática jurídicas.

Cada objetivo específico será desenvolvido em um capítulo próprio, cuja estrutura segue a ordem apresentada acima. O ponto A será trabalhado no primeiro capítulo, os itens B, C e D no segundo capítulo e, por fim, os itens E e F serão contemplados no terceiro capítulo.

Adotei como corte metodológico, em nível espacial, a pesquisa de campo no terreiro "Tenda Espírita Luz de Maria", localizado na Rua Cananéia, número 77, Bairro Jardim Gramacho, Duque de Caxias, Rio de Janeiro. O recorte temporal é similar ao tempo de existência do terreiro analisado, ou seja, quatro anos. Ainda, foi utilizado um recorte de gênero, sendo analisadas as entrevistas de mulheres médiuns do terreiro.

Esta dissertação é um trabalho coletivo porque é guiada pelo senso comum dessas participantes, em divergência de uma perspectiva de trabalho científico no qual o empírico está sujeito a uma teoria prévia já estabelecida, e no qual o senso comum não possui relevância científica. Uma pesquisa que não se baseia no concreto é “muito parecida com reclamar que, se as paredes de um prédio fossem simplesmente retiradas do caminho, seria possível ver melhor o que estava sustentando o telhado.” (Garfinkel, 2018, p.154)

Adotei uma orientação epistemológica crítica que clama por um modelo de pesquisa que aposta no potencial emancipatório presente nos arranjos concretos (Nobre, 2014),

abordando discussões não meramente teóricas, mas político-situadas. Optar por uma pesquisa empírica baseada em memórias e experiências de vida é proporcionar uma ruptura aos ideais de imparcialidade tradicionalmente adotados pelo direito.

A pesquisa é majoritariamente qualitativa porque “visa explicar comportamentos” (Neto; Barbosa; Paulo Filho, 2023, p. 25) e compreendê-los sobre a perspectiva de um saber territorializado, mas, por não acreditar na possibilidade total de segregar uma pesquisa qualitativa de uma pesquisa quantitativa, em alguns momentos, são utilizados dados percentuais para analisar um maior ou menor compartilhamento de pensamentos dentro do grupo, a fim de ter uma noção mais concreta desse fio condutor coletivo, o senso comum.

A dissertação adota a transdisciplinaridade, que é compreendida por Cunha (2021, p.31) como uma radicalização da proposta da interdisciplinaridade, na qual não há apenas a transferência de conhecimento entre áreas, mas “(...) um movimento onde as disciplinas se perpassam reciprocamente, em absoluto dinamismo.”

Nesse prisma, a pesquisa dialoga com a área da antropologia e sociologia ao trabalhar com autores como Vagner Gonçalves, Muniz Sodré e Clóvis Moura. O olhar antropológico também é referenciado na diagramação do texto, com a inclusão de vivências no campo e imagens descritivas do local.

As fontes de pesquisa consistem nas 21 entrevistas realizadas com as médiuns mulheres, na entrevista com a Mãe de Santo, na experiência pessoal no campo, bem como nos conhecimentos coletados empiricamente na produção do documentário elaborado durante a dissertação.

Proponho um estudo bibliográfico e uma análise histórica de alguns institutos relevantes para a compreensão da formulação do pensamento do Estado Brasileiro. Os referenciais teórico-metodológicos e as respectivas categorias teóricas a serem trabalhadas são autores que adotam uma perspectiva descolonial e contestadora das dinâmicas capitalistas e suas correlações com o feminino, com a raça e com saberes coletivos, como Silvia Federici, Muniz Sodré e Wolkmer.

Adotei uma modalidade de pesquisa empírica de caráter participante em razão da minha inserção no terreiro estudado e participação nas giras, além de desenvolver vínculos interpessoais com o campo.

Miracy Gustin et al. (2006) versam sobre como a pesquisa empírica participante é composta de dois processos: o processo de familiarização, no qual o pesquisador se conecta com o campo, e o processo de distanciamento, que é tido como o mais complicado, no qual o

pesquisador deve olhar para a pesquisa sob uma perspectiva teórica como pesquisador, ou seja, analisar a pesquisa com um olhar diverso daquele que adota como participante.

O processo de familiarização ocorreu durante o processo seletivo para o mestrado em Direito Constitucional na Universidade Federal Fluminense, momento em que adentrei o campo apenas para assistir. Em seguida, iniciei a caminhada no terreiro, estabelecendo vínculos mais profundos com os integrantes do campo.

O processo de distanciamento é uma prática constante no ato de escrever, para preservar o protagonismo das falas colhidas frente aos construtos individuais e relacionais da minha vivência pessoal no campo, que, quando abordados no texto, serão devidamente pontuados.

### *A opção política pelo uso do termo racismo religioso*

Há diferentes maneiras pelas quais podemos nos referir à espécie de violência abordada nesta dissertação. Não obstante essa diversidade, opto pela terminologia "racismo religioso", por destacar a centralidade do fator racial para a materialização da violência.

A alternativa comumente empregada nos meios jurídicos, "intolerância religiosa", por não mencionar o elemento racial, mascara a razão de fundo das violências praticadas, tratando-as como um mero conflito entre crenças. O termo explicita uma falsa neutralidade na tratativa da demanda social, ofuscando a continuidade do apagamento da africanidade brasileira pela violência rotineira contra as religiões de matriz afro-brasileira.

Para além de deixar explícita a essência racial da violência, o termo "racismo religioso" também denuncia o caráter estrutural da prática e a historicidade da violência, enquanto o termo genérico "intolerância religiosa" parece indicar uma dificuldade particular do agressor em lidar com crenças afrocentradas.

Partimos do pressuposto de que as violências religiosas contra religiões de matriz africana são institucionais e intrínsecas à estrutura social, e não atos isolados e particulares de indivíduos intolerantes.

### *Estado da Arte*

O estado da arte apurado revela uma ausência de pesquisas com esse viés. Para além do desenvolvido neste tópico, consta do apêndice I um detalhamento dos trabalhos analisados.

Considerando que a presente dissertação intersecciona dois temas gerais — religião afro-brasileira e gênero —, a seleção das palavras-chave para a busca de trabalhos buscou conciliar ambos os temas. Contudo, devido ao número reduzido de resultados obtidos, ampliei a pesquisa para termos mais genéricos relacionados à questão religiosa.

Além disso, a presente dissertação está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Direito Constitucional na Universidade Federal Fluminense. Por essa razão, considerei relevante fazer uma análise de todas as dissertações defendidas no Programa que possuem conexões, mesmo que tangenciais, ao tema abordado neste trabalho. A seguir, apresento um compilado das explicações dos trabalhos que estão detalhadas no apêndice I.

No levantamento realizado no banco de dissertações do PPGDC-UFF, foram encontradas quatro dissertações relacionadas à temática religiosa. Contudo, nenhuma delas aborda a questão de gênero ou adota metodologicamente uma pesquisa empírica.

- A. “A liberdade religiosa dos povos de terreiro em Codó-MA: violações, atuação e medidas de combate pelas instituições estatais do sistema de justiça em favor dos adeptos do Terecô” (Noronha, 2024) - Essa dissertação analisa historicamente a relação entre Estado e intolerância religiosa, abordando desde a criação do instituto na Constituição dos Estados Unidos, o predomínio do cristianismo na Idade Média e a influência da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão na França até as relações de liberdade religiosa no Brasil nos períodos colonial e imperial. O estudo situa a pesquisa na cidade de Codó-MA e como a religiosidade se desenvolve no local, tratando ainda de casos concretos de intolerância, por meio da análise de processos e documentos.
- B. “Superação do racismo religioso a partir da construção de um direito achado na encruzilhada” (Pinheiro, 2023) - Esse trabalho discute o racismo religioso, abordando temas como epistemicídio e crimes associados, com destaque para o fenômeno dos "traficantes de Jesus" e as influências das igrejas neopentecostais.
- C. “O Estado brasileiro e o dever de acomodação razoável dos servidores públicos que expressam alguma objeção em virtude de religião ou crença no desempenho de suas atribuições” (Spikes, 2024) - Essa dissertação explora os deveres do Estado em relação à objeção de consciência, analisando três casos: um na área médica, outro na área militar e o terceiro na área administrativa.

- D. “Pode o Estado laico definir o que é uma religião? Um estudo em direito comparado” (Silva Júnior, 2023) - Essa dissertação investiga se um Estado laico pode definir o que constitui uma religião, concluindo que tal definição rígida não deve ser imposta pelo Estado.

Todas essas dissertações utilizam os métodos de pesquisa bibliográfica e documental. A primeira dissertação, contudo, adiciona o método do estudo de caso e na última analisada o método do direito comparado.

Na pesquisa realizada no catálogo de teses e dissertações da CAPES<sup>4</sup>, foram utilizadas as palavras-chaves: *Religião e Gênero*, *Mãe de Santo*, *Violência de gênero e religião*, *Feminismo e religião*. Ressalto a utilização do conectivo ‘e’ durante as buscas realizadas no sítio virtual.

Os principais resultados foram:

- A. *Religião e Gênero*: A busca resultou em uma dissertação “Crime e Pecado: o aborto sob os véus da religiosidade, da moralidade, da juridicidade e do feminismo” (Kreuz, 2016) que analisa a influência religiosa na proibição do aborto e seu impacto nas políticas públicas, utilizando análise documental de jurisprudências e revisão bibliográfica.
- B. *Mãe de Santo*: Nenhum dos 283 trabalhos encontrados pertencem à área jurídica.
- C. *Violência de Gênero e Religião*: Dos 31 trabalhos obtidos nenhum apresentava abordagem jurídica ou multidisciplinar envolvendo o direito.
- D. *Feminismo e Religião*: Apenas uma dissertação na área jurídica denominada “Religião e esfera pública: sentidos emancipatórios das evangélicas feministas à luz da teoria feminista deliberativa” (Colen, 2023), que investiga como mulheres evangélicas conciliam discurso religioso e participação no espaço público, adotando pesquisa empírica (questionário online e entrevistas semiestruturadas) e análise bibliográfica.

Com o propósito de alcançar trabalhos que abordam a questão comunitária, optei pela pesquisa com o termo: terreiro e comunidade. Em virtude disso, um trabalho na área jurídica não correlacionado com a temática de gênero, portanto, será tratado no apêndice I o texto “Cadê Oxum no espelho constitucional? Os obstáculos sócio-político-culturais para o

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

combate às violações dos direitos dos povos e comunidades tradicionais de terreiro” (Veleci, 2017).

Na intenção de ampliar o contingente de trabalhos encontrados, optei pela utilização de palavras-chaves mais genéricas: religiões afro-brasileiras.

- A. Religiões afro-brasileiras: O levantamento resultou em oito dissertações na área do direito que não estão conectadas com gênero, razão pela qual o estudo desses trabalhos consta apenas no apêndice I.
- B. Liberdade Religiosa: Houve 143 trabalhos na área jurídica e multidisciplinar, contudo apenas foram analisados os relacionados com gênero que totalizou 3 dos 143 inicialmente obtidos.
  - a. “A reconstrução do conceito de secularização com a participação dialógica da mulher muçulmana a partir da análise das decisões restritivas da corte europeia” (Mattar, 2023) – Examina como a Corte Europeia de Direitos Humanos impõe restrições ao uso do véu islâmico, com base em pesquisa bibliográfica e documental.
  - b. “Choque de civilizações: A proibição do uso do véu islâmico no Ocidente sob as perspectivas da laicidade, da proteção da mulher e da segurança” (Teles, 2017) – Analisa a proibição do véu islâmico a partir da teoria procedimentalista de Jürgen Habermas. Informações colhidas do resumo, já que o texto integral não estava disponível.
  - c. “Liberdade religiosa sob o olhar da mulher muçulmana no Rio Grande do Sul: uma abordagem a partir dos direitos humanos” (Dagash, 2021) – Investiga se as mulheres muçulmanas no Rio Grande do Sul se sentem livres para usar o véu em razão da intolerância religiosa, utilizando survey online e pesquisa bibliográfica/documental.

Após o estudo do estado da arte, algumas decisões relevantes foram feitas com base na elevada produção acadêmica em algumas perspectivas teóricas que não serão implementadas nesta dissertação, a saber: análise histórica dos institutos da intolerância religiosa no período colonial, imperial e republicano no Brasil; análise da codificação desde a revolução francesa e a Declaração do Direito dos Homens e dos Cidadãos até a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988; discussão acerca da natureza da laicidade do Estado.

A presente dissertação foca em um papel crítico do direito, aqui não trabalhado como agente solucionador por meio de uma atuação legislativa ou judiciária específica. A dissertação tem por ponto principal as perspectivas das entrevistas e a vivência pessoal do campo de pesquisa.

### *Abordagem metodológica de análise da pesquisa empírica*

No que concerne ao perfil da pesquisa, a etnometodologia foi escolhida como abordagem metodológica. Desenvolvida por Harold Garfinkel (2018), foca no senso comum como um conjunto de práticas e crenças aceitas e compartilhadas por um grupo, consideradas não científicas por métodos positivistas.

O método tem por fim analisar esse conjunto de saberes do senso comum de um grupo social que são “vistos, mas não notados” (Garfinkel, 2018, p.173), desse modo a complexidade do pensamento da pesquisa está em enxergar um fator produtor da realidade que não está demonstrado a olho nu (Cunha, 2021).

A relevância da escolha de um método que foca no raciocínio sociológico prático decorre da natureza da pesquisa realizada que foca em um trabalho de campo. O terreiro analisado possui dinâmicas intragrupo divergentes das práticas e relações de saberes fora do terreiro. Não obstante os conhecimentos são praticados recorrentemente dentro do grupo, são estranhos ao público externo.

A aplicação do método se mostra relevante porque dentro de um território religioso com bases africanas há uma linguagem e uma ritualística próprias do grupo. Cada terreiro tem a sua especificidade, que é compartilhada dentro do senso comum desenvolvido pelas praticantes mesmo que não tenham consciência da reflexividade das suas ações apesar de saber descrevê-las (accountability) (Bello; Falbo, 2014). Esses etnométodos são específicos de um arranjo social, razão pela qual, as compreensões de um etnométodo não é universal.

Esse processo de formulação dos etnométodos pelos membros de um grupo social é um procedimento ativo e não passivo, ao produzirem, mesmo sem consciência, ações com significado para o grupo. Esses etnométodos são constantemente interpretados e reinterpretados pelos membros do grupo e a sua compreensão varia de grupo para grupo. Deve, portanto, ser examinada com base no que Garfinkel (2018) irá denominar de entendimento sociológico prático e não em concepções teóricas.

Essa produção metódica só ocorre porque os indivíduos do grupo social dominam uma série de componentes linguísticos que produzem um sentido próprio dentro da

linguagem do grupo. Esses componentes indexicais não são apenas verbais, mas também não verbais como a ritualística do terreiro.

Examinar as narrativas dessas mulheres, a influência do território em seu feminino e das suas crenças na qualificação dos abusos e violências sofridos é compreender que há um fio condutor religioso entre essas mulheres que, em algum nível, as conecta e altera as percepções como lidam com as visões externas de mundo.

Por fim, a visão descolonial não é incompatível com a produção de autoras europeias ou com um método inicialmente formulado em território Europeu, mas é incompatível com uma visão teórica única que exclui outros saberes ou os hierarquiza. Desse modo, autores ou teorias que são produzidas em Europa, mas que consideram a multiplicidade de culturas e o convívio mútuo de diferentes culturas e a posição de dependência a que foram subordinadas por conhecimentos europeus acorpóreos e que se consideravam a única verdade, não são incompatíveis com a metodologia descolonial.

#### *A escolha do campo de pesquisa*

O foco da pesquisa é a umbanda, mas alguns contextos e conhecimentos aqui trabalhados abarcam indiretamente saberes e contextos sócio-políticos oriundos de diversas outras práticas da religiosidade afro-brasileira ou afro-territoriais.

A utilização do conceito "afro-territoriais" tem por base a compreensão de que cada forma de religiosidade afro-brasileira apresenta características próprias, a depender da essência e da formação política dos espaços em que foram constituídas, havendo diferenças, por exemplo, entre a religiosidade afro-brasileira praticada na Bahia e a praticada no Rio de Janeiro, em razão da singularidade proporcionada pelo elemento territorial (Melo, 2022).

Nessa perspectiva, é inviável tratar de uma cosmo-percepção sem estar inserida nela, pois, nessas tradições, o contato com o sagrado é mediado pelo coletivo e por práticas comunitárias, e não desenvolvido individualmente. Diante dessa lógica, o estudo se concentra na realidade específica do terreiro em que estou inserida.

Adotando a perspectiva de que “toda e qualquer experiência de campo é singular, pessoal e intransferível” (Silva, 2015, p. 25), a minha comunicação verbal e não verbal, em experiências acadêmicas de entrevista ou no ato de lavar o terreiro, cozinhar ou ao incorporarmos todas em uma gíria, possibilitou uma vivência coletiva de gênero que conecta mulheres diversas por meio de um conjunto de experiências comuns que perpassam não só a metafísica, mas a corporeidade do nosso ser.

### *Os procedimentos e resultados prévios da pesquisa empírica*

Foram realizadas 21 entrevistas com médiuns mulheres do terreiro com graus<sup>5</sup>, idades, raça e tempo aproximado na Tenda Espírita Luz de Maria, variados. 100% do universo da pesquisa de campo respondeu a um pré-formulário<sup>6</sup> informando que se identificava com o sexo feminino. As idades das entrevistadas variaram<sup>7</sup> entre 23 anos e 69 anos. Foram entrevistadas desde de Iniciantes até 7º grau<sup>8</sup>, tendo em vista que o grau varia apenas para médiuns que incorporam, dentre os Iniciantes há uma Chefe dos Cambonos<sup>9</sup> e uma Cerimonial<sup>10</sup>.

O método de amostragem utilizado para selecionar as mulheres a serem entrevistadas foi a amostragem por quotas, em razão de ter seguido o seguinte procedimento: a população estudada foi dividida em grupos referentes aos 7 graus presentes no terreiro e, dentro de cada grau, uma integrante foi selecionada com base na disponibilidade para efetuar a entrevista, tendo em vista que algumas mulheres não realizaram a entrevista, apesar de terem sido chamadas para esse fim, por indisponibilidade de agenda.

Por meio desse método, foi possível garantir que todos os grupos fossem representados e que a pesquisa seguisse o cronograma inicialmente previsto, em razão da adoção do critério da disponibilidade.

Segundo Fávero e Belfiore (2017), a amostragem por quotas é aquela em que há maior rigor em comparação com os outros métodos de amostragem que se enquadram na categoria de amostragens não aleatórias. Essa é definida pela separação da população em

---

<sup>5</sup> A Tenda Espírita Luz de Maria, assim como a Doutrina do Caboclo Mirim, segue a classificação dos médiuns em graus (Iniciante, Banco, Terreiro, 4º grau, 5º grau, 6º grau e 7º grau). Em Tupi-Guarani os graus são denominados: (Iniciante: Bojá-Mirim; Banco: Bojá; Terreiro: Bojá-Guassú; 4º Grau: Abaré-Mirim; 5º Grau: Abaré; 6º Grau: Abaré-Guassú; 7º Grau: Morubixaba). A mudança de graus depende da escolha da Cabocla Jurema, Cabocla da Mãe de Santo Bianca. Os graus variam apenas para médiuns que incorporam.

<sup>6</sup> O pré-formulário solicitava informações acerca do gênero com as opções feminino, masculino e prefiro não dizer, Idade, Grau (Semente [médiuns no processo de entrada na casa, mas que ainda não a integram], Iniciantes, Bantos, Terreiro, 4º Grau, 5º Grau, 6º Grau, 7º Grau), Raça com as opções orientadas pelo IBGE, a saber, Branca, Preta, Parda, Indígena, Amarela, acrescentando as opções de Prefiro não dizer e outro com possibilidade de escrita. Por fim, foi solicitada a informação de Tempo aproximado na Tenda Espírita Luz de Maria.

<sup>7</sup> O universo total das idades das entrevistadas foram: 69 anos, 28 anos, 45 anos (duas entrevistadas apresentaram essa idade), 52 anos, 36 anos, 24 anos (duas entrevistadas apresentaram essa idade), 46 anos (duas entrevistadas apresentaram essa idade), 23 anos, 42 anos (três entrevistadas apresentaram essa idade), 25 anos (três entrevistadas apresentaram essa idade), 38 anos, 30 anos, 49 anos e 54 anos.

<sup>8</sup> O universo total dos graus das entrevistadas foram: duas iniciantes (Uma Chefe dos Cambonos e uma cerimonial), Banco (duas entrevistadas apresentaram esse grau), Terreiro (três entrevistadas apresentaram esse grau), 4º grau (sete entrevistadas apresentaram esse grau), 5º grau (quatro entrevistadas apresentaram esse grau), 6º grau (duas entrevistadas apresentaram esse grau), 7º grau.

<sup>9</sup> A Chefe dos Cambonos auxilia na organização dos Cambonos que são aqueles que auxiliam aqueles que incorporam.

<sup>10</sup> O cerimonial auxilia na organização e fluidez da gira.

variáveis pré-selecionadas (os graus da tenda) e pela proporção mínima de integrantes pré-definida (no mínimo, 1 integrante por grupo).

Quanto a raça<sup>11</sup>, 28,6% se identificou como Preta, 38,1% como Parda e 4,8% como Amarela, totalizando 71,5% de mulheres não brancas entrevistadas, logo, 28,6% se identificaram como brancas. A Tenda Espírita Luz de Maria possui cerca de 4 anos de funcionamento e o tempo das entrevistadas no terreiro variaram<sup>12</sup> entre cerca de 1 ano até 4 anos tendo algumas colaborado com o procedimento de criação do terreiro.

Tabela 1 - Distribuição das raças das mulheres entrevistadas e o tempo que estão no terreiro

<b>Dado</b>	<b>Informação</b>
<b>Raça das entrevistadas</b>	- 28,6% Preta - 38,1% Parda - 4,8% Amarela <b>Total de mulheres não brancas: 71,5%</b> <b>Brancas: 28,6%</b>
<b>Tempo de funcionamento da Tenda Espírita Luz de Maria</b>	Cerca de 4 anos
<b>Tempo das entrevistadas no terreiro</b>	Variou entre 1 e 4 anos Algumas colaboraram com a criação do terreiro

Fonte: da autora, 2025.

Os nomes das mulheres, com a finalidade de preservar a identidade, foram transmutados em cores<sup>13</sup>, formando um arco-íris em homenagem à Oxumaré<sup>14</sup>, as 21 denominações de cores utilizadas foram: Bordô, Dourado, Magenta, Fúcsia, Índigo, Coral, Prata, Lilás, Malva, Terracota, Turquesa, Vinho, Preto-Cintilante, Azul-Celeste, Verde-Mar, Vermelho-Cereja, Amarelo-Ouro, Branco-Floral, Lavanda, Laranja-Fogo e Marrom-Olívia.

<sup>11</sup> Em proporções numéricas: 6 entrevistadas se identificaram como Preta, 08 entrevistadas se identificaram como Parda, 1 entrevistada se identificou como Amarela e 6 entrevistadas se identificaram como Branca.

<sup>12</sup> O universo total do tempo aproximado das entrevistadas na Tenda Espírita Luz de Maria foi: 2 (dois) anos e meio, 1 ano, mais de 2 anos, 3 anos (duas entrevistadas apresentaram essa descrição do período de tempo), mais de 1 ano, 4 anos (três entrevistadas apresentaram essa descrição do período de tempo), menos de 2 anos, 3 anos e meio, 2 anos (duas entrevistadas apresentaram essa descrição do período de tempo), faz 2 anos em outubro, 3 anos e 4 meses, 1 ano e alguns meses, 1 ano e meio.

<sup>13</sup> A escolha das cores teve como base a exaltação do feminino, optando por cores que tivessem um significado popular de empoderamento ou outro atributos edificantes. Para isso foram excluídas da seleção cores como: Salmão, Gelo, Amarelo-Enxofre, Amarelo-Queimado, Aspargo, Azul-Flor de Milho, Azul-Manteiga, Açafraão, Branco-Fantasma, Branco-Fumaça, Caqui, Ferrugem, Feldspato, Mostarda, Púrpura (também é o nome de uma doença), Verde-Grama, entre outros.

<sup>14</sup>“Segundo essa tradição, é símbolo da riqueza, continuidade e permanência, é a serpente-arco-íris, que representa a união entre o céu e a terra, o equilíbrio entre os orixás e os homens. É uma divindade muito antiga, participou da criação do Mundo enrolando-se ao redor da Terra, reunindo a matéria e dando forma ao planeta.” (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2013)

Com o objetivo de atingir os fins desta dissertação foram elaboradas 13 perguntas-bases<sup>15</sup> para direcionar as entrevistas. As perguntas foram divididas em 5 blocos temáticos<sup>16</sup>. Apresento as perguntas e os blocos, a visão inicial da sua utilidade para a pesquisa e a percepção das entrevistadas.

Tabela 2 - Perguntas da pesquisa empírica

<b>Nº do Bloco</b>	<b>Bloco</b>	<b>Nº da Pergunta</b>	<b>Pergunta</b>
1	Definições	1	O que significa ser mulher para você?
		2	O que significa ser mulher dentro do terreiro para você?
		3	O que significa ser uma mulher (branca, parda, negra, amarela, indígena, outro) dentro do terreiro?
		4	Como o terreiro interfere no seu feminino?
2	Gênero e Terreiro	5	Em comparação com outros lugares como casa, trabalho, você sente uma diferença de possibilidade de exercício do seu feminino?
		6	Possui alguma família de sangue no terreiro? (com ramificações conforme a resposta)
		7	Qual a importância de uma mulher na liderança do terreiro?
3	Espiritualidade e Gênero	8	Fale um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino.
		9	Fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino.
		10	Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?
		11	O que entende por sagrado feminino e qual a relevância na sua vida?
4	Intolerância Religiosa e Comunidade	12	Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa? (com ramificações)
5	Adicionais	13 (adicional)	Deseja acrescentar algo não perguntado?

Fonte: da autora, 2025.

<sup>15</sup> O termo “perguntas-bases” advém da diferenciação entre as perguntas formuladas na fase pré-entrevistas das perguntas que foram acrescentadas em algumas entrevistas, buscando elucidar melhor as falas das entrevistadas ou explorar uma relação específica entre a entrevistada e o terreiro estudado. Eventuais bifurcações das perguntas-bases podem ser encontradas na transcrição das entrevistas nos apêndices.

<sup>16</sup> Os blocos temáticos são: Bloco 1- Definições ; Bloco 2 - Gênero e terreiro; Bloco 3 - Espiritualidade e gênero; Bloco 4- Intolerância religiosa e comunidade; Bloco 5 - Adicionais

No primeiro bloco (Definições), há quatro perguntas. A primeira pergunta foi: “O que significa ser mulher para você?”. O objetivo principal foi buscar um direcionamento para a definição do feminino que permeasse os sentidos adotados pelo campo. O questionamento é fundamental para que as teorias escolhidas sejam coerentes com as visões do campo. Sendo assim, a escolha dos marcos teóricos, dos temas a serem abordados e das escolhas metodológicas foi altamente influenciada pelas percepções empíricas. Não houve dificuldade do campo em compreender a questão ou em respondê-la, apesar de acreditarem, no primeiro impacto, que a pergunta era bastante complexa.

Em seguida, foi perguntado: “O que significa ser mulher dentro do terreiro para você?”. Trata-se de uma ramificação da primeira pergunta, com o recorte espacial de compreensão do feminino no espaço do terreiro. A indagação foi bem compreendida e respondida sem grande dificuldade, sendo a resposta obtida de modo mais fácil e rápido do que a primeira pergunta.

O próximo recorte realizado na terceira pergunta foi em relação à raça, e a pergunta foi adaptada de acordo com a resposta da participante no pré-formulário acerca da sua autoidentificação racial. Algumas participantes demonstraram divergências de compreensão sobre como se enxergam racialmente e a definição de raça definida na certidão de nascimento. Nesses casos, foram devidamente orientadas a permanecer com o critério de autoidentificação, apesar de ser diferente da definição constante no documento oficial.

Houve uma participante (Laranja-fogo) que permaneceu em dúvida em relação à sua raça, pois não sabia definir se a sua autoidentificação era como branca ou parda. Então, a pergunta mencionou as duas raças.

Dessa forma, a indagação “O que significa ser uma mulher (branca, parda, negra, amarela, indígena, outra) dentro do terreiro?” tinha como objetivo principal compreender as influências de raça, interseccionada com o gênero, na compreensão e expressão da espiritualidade. Contudo, a pergunta foi compreendida pela maioria das entrevistadas como a existência ou não de preconceito racial na sua experiência pessoal no terreiro. A alteração no sentido revela a imprecisão da estrutura desenvolvida na referida pergunta, bem como a relevância da comunidade para as entrevistas, já que automaticamente não compreenderam o terreiro de modo abstrato ou como sinônimo de seus saberes, mas como o espaço em que ocupam, a comunidade em que estão inseridas.

Apresento uma breve contextualização necessária para situar o cenário da entrevista, no qual uma mulher branca indaga mulheres acerca de um tema racial. Conquanto pudesse

haver algum desconforto no tratamento do tema, seja por já me conhecerem ou por outra razão implícita, tal constrangimento não ocorreu.

A última pergunta do primeiro bloco (Definições) dialoga com a segunda pergunta, trazendo o elemento da “interferência”. Enquanto a segunda pergunta trata de como a entrevistada se sente como mulher no terreiro, a quarta pergunta, “Como o terreiro interfere no seu feminino?”, investigou como a relação com o campo influenciou a compreensão do feminino. Algumas entrevistadas entenderam a pergunta como a possibilidade de ser feminina dentro do terreiro, apontando limitações com base no ritual, mas ambas as compreensões auxiliaram o desenvolvimento da dissertação.

A pergunta que necessitou de algumas adaptações e explicações foi a quinta pergunta, que inicia o segundo bloco (gênero e terreiro). A pergunta foi formulada como: “Em comparação com outros lugares, como casa, trabalho, você sente uma diferença de possibilidade de exercício do seu feminino no terreiro?”. A intenção era averiguar se a entrevistada se sentia mais livre ou mais restrita para ser mulher na Tenda Espírita Luz de Maria quando comparada com espaços externos, como nas dinâmicas da sua casa, no trabalho ou na rua. Essa dinâmica teve que ser explicada em algumas ocasiões utilizando a dicotomia “mais livre ou mais restrita”, o que auxiliou a compreensão da pergunta.

A sexta pergunta, “Possui alguma família de sangue no terreiro?”, se bifurca em duas. Em caso positivo, era seguida de “Quais são as diferenças e semelhanças com a família de santo?” e, em caso negativo, “Qual a sua compreensão da família de santo?”. Inicialmente, o objetivo era seguir para a próxima questão caso a resposta fosse negativa, mas, durante as entrevistas, percebi que acrescentar a pergunta acima em caso negativo poderia auxiliar na obtenção de respostas que cumprissem o objetivo geral da pergunta: saber a compreensão do grupo estudado acerca do sentido de comunidade.

A indagação de número sete foi a que se mostrou mais frutífera, com sentidos para além do planejado. Buscava apenas entender a relevância de uma figura feminina em uma posição de poder; contudo, foi desvelado, por meio dessa pergunta, um senso de comunidade, e que muitas mulheres apenas escolheram ser cavalos<sup>17</sup> nesse terreiro em razão de haver uma figura feminina no comando, o que será analisado melhor ao longo da dissertação.

A oitava e a nona pergunta do terceiro bloco (espiritualidade e gênero) procuram decifrar o impacto da vivência com as entidades no florescer do ser mulher. A oitava pergunta foca na repercussão no feminino do contato com as entidades femininas, com a seguinte

---

<sup>17</sup> O termo "cavalo" refere-se ao que seria entendido como médium em religiões espíritas.

formulação indagatória: “Fale um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino”; enquanto a nona pergunta focaliza a intervenção das entidades masculinas, com o texto a seguir: “Fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino.” A assimilação do campo foi similar ao propósito planejado.

“Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?”, a pergunta de número 10 propõe captar o entendimento do campo acerca de um termo amplamente utilizado nas diversas áreas místicas, com a finalidade de que, quando trabalhado no texto da dissertação, não seja exposto de modo divergente da interpretação do campo.

Todas as respostas para a pergunta dez foram positivas (acreditam que há uma diferença) e foram seguidas da seguinte ramificação: “Qual seria essa diferença e qual o papel que essas energias exercem na sua experiência?” para aprofundar o desenvolvimento das explicações.

A décima primeira pergunta possui o mesmo objetivo da questão anterior, mas com um objeto diferente. O Sagrado Feminino foi indagado: “O que entende por sagrado feminino e qual a relevância na sua vida?”. Essas indagações foram amplamente compreendidas pelo campo, apesar de algumas das entrevistadas informarem não conhecer muito sobre o Sagrado Feminino para desenvolver uma resposta.

O quarto bloco (intolerância religiosa e comunidade) foi formulado com apenas uma pergunta (décima segunda) com algumas ramificações: “Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?”. Por meio desta, foram catalogados alguns empecilhos do campo no exercício da sua religiosidade. As derivações tinham a meta de compreender melhor o senso de comunidade, aprofundando a questão desenvolvida no segundo bloco sobre a família de santo (sexta pergunta). Foi perguntado em seguida se “o caso foi compartilhado com alguém da tenda?”, “Qual a atitude?” e “Alguém da tenda já compartilhou algum caso de intolerância religiosa com você?”.

O último bloco (adicionais) segue um procedimento padrão em pesquisas empíricas, que é indagar à participante se acredita haver necessidade de adicionar algum dado não perguntado. A maioria das entrevistadas não disse nada além do indagado, mas algumas apresentaram respostas sobre temas relevantes. Algumas optaram por responder a essa pergunta pedindo que fosse realizada uma nova pergunta mais específica, momento no qual foram adicionadas perguntas básicas com base no que já havia sido elaborado pela participante na entrevista.

Perguntas residuais, para além das planejadas e aqui informadas, foram desenvolvidas a partir da necessidade, constatada de maneira subjetiva pela pesquisadora no momento das entrevistas.

## 1. O FEMININO NA DISSEMINAÇÃO DOS SABERES ANCESTRAIS EM FACE À UMA POLÍTICA DE APAGAMENTO

O primeiro capítulo estuda a perseguição ao feminino pelos aparatos estatais e a correlação entre os saberes ancestrais e mágicos e o deslocamento da figura feminina como inimiga do Estado. Essas mulheres resistiram — e ainda resistem — ao apagamento institucional de seus corpos e conhecimentos.

Ressalto que todas as entrevistas mencionadas constam na íntegra no apêndice II e foram realizadas em agosto de 2024, razão pela qual as citações diretas e indiretas serão referenciadas apenas com base na cor.

### *1.1 - Breves considerações sobre o objeto e o campo de pesquisa*

A Umbanda foi fundada em 16 de novembro de 1908 (Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, 2024), no Rio de Janeiro, por Zélio de Moraes, que iniciou sua trajetória no espiritismo judaico-cristão, mas foi rejeitado por este após passar a incorporar o Caboclo Sete Encruzilhadas e o Pai Antônio (Preto-Velho), em razão de esses guias terem sido considerados espíritos “inferiores” pelo comandante do centro espírita.

No dia 15 de novembro de 1908, um dia antes do que ficou conhecido como a “fundação” da Umbanda, o Caboclo Sete Encruzilhadas se manifestou na Tenda Espírita de Niterói, para onde Zélio foi levado, aos 17 anos, por estar com um grave problema de saúde. Nesse dia, diversos médiuns da Tenda Espírita incorporaram Pretos-Velhos e Caboclos, tendo sido silenciados e impedidos de se comunicar ali pelo dirigente da casa, que acreditava na inferioridade desses espíritos (Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, 2024).

Nessa ocasião, Zélio de Moraes incorporou o Caboclo Sete Encruzilhadas e informou que, se ali não havia espaço para os Pretos-Velhos e os Caboclos desta terra, esse espaço seria inaugurado no dia seguinte, em sua própria casa (Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, 2024). Posteriormente, Zélio de Moraes, fortemente influenciado pelo espiritismo, inaugurou a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, em Cachoeiras de Macacu. Antes disso, as sessões ocorriam em sua residência.

Antes de seu falecimento, em 1975, Zélio transferiu a direção espiritual para sua filha, Zélia, quando os trabalhos já estavam sendo realizados na Rua Dom Gerardo, no Rio de Janeiro (Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, 2024).

Foi estabelecido um espaço com uma missão clara: dar voz àqueles que eram considerados incapazes de ensinar e que haviam sido rejeitados em outros espaços. Diversas ramificações foram sendo desenvolvidas ao longo do tempo, com diferentes graus de aproximação com o candomblé, o espiritismo, as religiões judaico-cristãs e as cosmovisões indígenas, estendendo-se para outros países da América Latina, como o Uruguai.

(...) Pero los rituales umbandistas tuvieron la influencia de elementos de origen católico, del kardedismo, de las traiciones indígenas y también africanas. A esta conjugación de rituales, creencias, ritos y prácticas también se le puede sumar -según Nascimento- algunos elementos de origen hindú y chino<sup>7</sup>. Por lo tanto, cuando miramos a la Umbanda como religión de influencia africana, si bien es así, aún es necesario precisar que surge de su influencia en la población brasileña, pero que tiene un origen plenamente brasileño. (Rios, 2020, p.118-119)

Apesar de a Umbanda ser composta por muitas falanges, as que predominam são as dos Caboclos e dos Pretos-Velhos. Portanto, compreender a origem da Umbanda vai além da história de quem a fundou e de seus alastramentos, envolvendo também as vozes ancestrais indígenas e africanas que fundamentam a necessidade de um grupo religioso estabelecer contato com seus ancestrais, os donos dessa terra, e com sua linha ancestral, que remonta à época da escravidão ou a períodos próximos a ela. Assim, “é preciso entender que os povos africanos podem ter até 140 mil anos de existência, e os povos indígenas, mais de 12 mil anos (...)” (Pinto, 2022, p. 16).

Contudo, esse povo possui saberes filosóficos, medicinais, científicos, éticos, culturais e ambientais que lhe possibilitaram viver por anos, mantendo uma forma de organização social que não conhecia a fome, a miséria, a desigualdade, a violência contra a mulher e o abandono de crianças (...) Permita que seus ancestrais se comuniquem com você de acordo com a tradição étnica deles, não apenas dentro de um formato-padrão absurdamente distante das culturas indígenas e africanas. (...) (Pinto, 2022, p.18)

A pluralidade de falanges na Umbanda demonstra a possibilidade de cruzamentos entre visões e experiências concretas de mundo, sem a exclusão de concepções. Entre as falanges estão os Caboclos, Pretos-Velhos, Exú, Pomba-Gira, Malandros, Ciganos, Ibejis, Boiadeiros (como a Linha dos Mineiros, a Linha dos Baianos, etc.), Marinheiros, entre outras.

A doutrina de Umbanda que se desenvolveu na cidade do Rio de Janeiro, ao contrário da Umbanda desenvolvida em São Paulo por Rubens Saraceni, optou por incorporar na sua denominação o nome daquele grupo que os rejeitou, sendo, por isso, denominada o Terreiro

do Caboclo Mirim de “Tenda Espírita” ou Tenda Mirim, doutrina adotada no campo de pesquisa empírica desta dissertação.

O Caboclo Mirim, por meio do médium Benjamim, passou as orientações para a criação do que ficou conhecido como Umbanda do Caboclo Mirim. No entanto, primeiro Benjamim deveria ser preparado, razão pela qual se dirigiu à Tenda de Zélio de Moraes, onde se preparou por quatro anos. A fundação da Tenda Mirim ocorreu no dia 13 de outubro de 1924, sob o Estatuto nº 16.576, registrado no Livro C-7 do Cartório do 1º Ofício de Registro de Títulos do Distrito Federal (Teixeira, 2015, p. 17). Benjamim Gonçalves Figueiredo tinha como entidade ancestral o Caboclo Mirim.

A doutrina de Mirim também ficou conhecida como *Escola da Vida*, uma concepção que entende a vida como dinâmica, onde "só se aprende lutando, levantando e se aprimorando". Nesse sentido, os ensinamentos do Caboclo Mirim eram: "Tá com problemas? Roupa branca e terreiro" (Teixeira, 2020, p. 8).

Em razão disso, o documentário sobre a Doutrina de Mirim, elaborado pela Tenda Espírita Luz de Maria e idealizado pela Morubixaba Mãe Bianca, com financiamento do Município de Duque de Caxias, por meio do Edital 1/2023 (Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, 2023), com a Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195/2022), é denominado "A Doutrina de Mirim na Umbanda: A Escola da Vida Ontem, Hoje e Amanhã".

Toda religião é reflexo da sua comunidade, e as comunidades são uma amostra da sociedade em que estão inseridas. Não é a toa que o primado de Umbanda liderado por Benjamim tenha alcançado enorme sucesso no período pós-2ª guerra mundial, em especial nos anos 1960, auge também de grandes movimentos sociais nos anos 1960, auge também de grandes movimentos sociais do século XX. Naqueles tempos a juventude ganhou voz, havia um idealismo latente por um futuro de paz, com mais igualdade e justiça social, e milhares se uniam em torno de causas como a luta pelos direitos civis dos negros, ou o fim das guerras, por exemplo. A visão de um mundo melhor passava necessariamente pelo bem-estar de toda a coletividade, algo bem diferente do “cada um por si” dos dias de hoje. O individualismo exacerbado, característico dos dias atuais, é um fenômeno recente, do final dos anos 1970 e início dos anos 80, assentando na cultura de consumismo desenfreado. (...) (Teixeira, 2020, p.9)

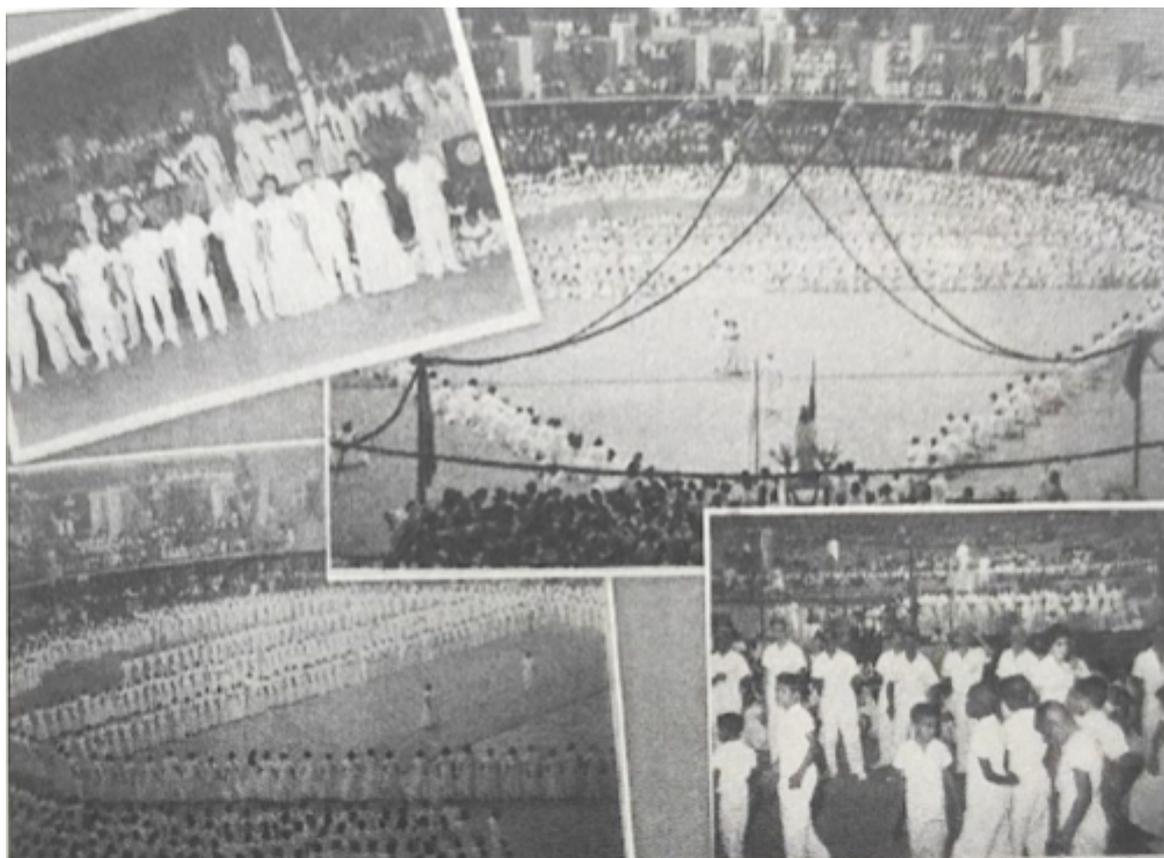
Na minha concepção, como Benjamim veio de uma perspectiva do espiritismo judaico-cristão, ele buscou aproximar ao máximo as perspectivas tupi-guarani e os demais ensinamentos transmitidos pelo Caboclo Mirim a um ideal que lhe era familiar e já reconhecido na sociedade. Por essa razão, nesses espaços tradicionais, Exú e os Ciganos ainda não encontrariam um lar.

Teixeira (2020) deixa claro que não havia gira de Exú e de Ciganos nos primórdios da Tenda Mirim tradicional, o que demonstra certa repulsa e preconceito em alguns momentos, de acordo com a explicação de como deveria ser e permanecer, segundo a visão de Benjamim, qualquer tenda que se propusesse a seguir a Escola da Vida de Mirim.

Há pouquíssima literatura sobre a Escola do Caboclo Mirim, mas existem outras fontes de pesquisa, como minha prática empírica e, principalmente, a vivência das entrevistadas. Além disso, a produção do documentário também se configura como uma fonte, tanto direta quanto indireta, de conhecimento sobre essa escola da Umbanda.

Um fato histórico relevante a ser mencionado é que, no dia 18 de outubro de 1959, no Maracanãzinho, Benjamim Figueiredo realizou uma gira com mais de três mil médiuns em comemoração aos 35 anos da Tenda Mirim. Teixeira (2020) colheu fotos com a família de Benjamim e as disponibilizou em sua obra.

Fotografia 1 - Imagem da gira no Maracanãzinho em 18 de outubro de 1959



Fonte: (Teixeira, 2015, p.35)

No dia 29 de setembro de 2024, ocorreu a gira de comemoração dos cem anos da Tenda Mirim, na Casa-Mãe (sede) da Tenda. Nessa ocasião, houve a exibição do documentário para diversos terreiros de Mirim que estavam presentes.

Fotografia 2 - Imagem da equipe do documentário no final da exibição na sede da Tenda Mirim



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2024g)

Na Tenda Espírita Luz de Maria, terreiro de Umbanda onde foi desenvolvida a pesquisa empírica, há predominância feminina, inclusive no comando. Assim, esta dissertação não poderia se situar no campo em que está inserida sem realizar um recorte de gênero.

Apesar de reconhecer e trabalhar com a doutrina do Caboclo Mirim, a Tenda Espírita Luz de Maria não é uma Tenda Mirim stricto sensu, uma vez que o “tempero” da Morubixaba da Tenda inclui gira de Ciganos, de Exu e outros fundamentos que não são típicos da Tenda Mirim em seus primórdios.

Algumas entrevistadas mencionaram aspectos relevantes sobre o terreiro. Por exemplo, Vermelho-Cereja, que participou do processo de criação da Tenda, contou que ela e seu marido eram de outro terreiro, mas estavam há algum tempo sem frequentá-lo, pois o comandante daquele espaço não permitia que levassem suas crianças, e elas não podiam ser

deixadas sozinhas devido à pouca idade. O marido continuou frequentando o terreiro sozinho até que, em uma noite, saiu como de costume, mas demorou a retornar. “Liguei para ele e ele disse: ‘Estou indo para casa, amor, daqui a pouco te conto o que aconteceu.’ Ele só falou que estava com a ‘Alta Cúpula’.” A Alta Cúpula consiste na reunião de comandantes selecionados dos terreiros de Mirim.

Percebendo o clima, no dia seguinte Vermelho-Cereja conversou com a vizinha que estava alugando um terreno ao lado e pediu para tirar fotos do galpão. Posteriormente, a imobiliária passou a impor alguns empecilhos ao aluguel ao descobrir que o espaço seria destinado a um terreiro, sendo o processo finalizado apenas após ameaças de ações judiciais.

Antes de encontrarem um terreno para alugar, Vermelho-Cereja contou que, em certa ocasião, seu marido chegou ao terreiro que frequentava antes do atual Congá e descobriu que havia sido substituído em decorrência de uma enfermidade. A situação o deixou bastante abalado. Assim que o comandante soube que o marido de Vermelho-Cereja havia se retirado, procedeu também com a exclusão automática dela. Após esses eventos, a Mãe Bianca, junto a um grupo de médiuns, fundou a Tenda Espírita Luz de Maria.

Foi. Ele me tirou. Aí quando a gente abriu aqui, pegou as chaves, tudo aqui, aí foi a realização de um sonho muito antigo meu de aqui ser um lugar de caridade. Eu sempre falei para mãe, que aqui até beirando a minha casa aqui, aqui vai ser tudo. Eu tenho fé, que essa mulher vai, vai vender tudo, para abrir uma parada bem maneira aqui. (Vermelho-Cereja)

Marrom-Olívvia contou que também frequentava outro terreiro anteriormente e que, atualmente, enxerga a família de santo como tão potente quanto a família de sangue, percepção que não tinha no terreiro anterior.

E isso não foi o que aconteceu muito, por exemplo, na minha outra casa. Na outra casa era uma casa pequena, tinha mais ou menos 30 pessoas. Só que eram famílias de sangue e uma ou outra que não era família de sangue. Só que as pessoas não se tratavam como família de santo lá dentro. Elas se tratavam como famílias de sangue e os avulsos ficavam avulsos. Então, eu sempre me questioneei sobre... Eu não acho que é assim, eu acho que está errado. Eu acho que não é dessa maneira, que isso aqui deveria ser um coletivo. E aí, quando eu vou para casa, quando eu entro na Luz de Maria, eu vejo muitas questões também que eu não concordo. Mas tenho essa sensação de coletivo, tenho essa sensação de acolhimento, principalmente em relação à figura da mãe. (Marrom-Olívvia)

A Tenda Espírita Luz de Maria conta com cerca de 200 médiuns e, atualmente, está em tratativas para a expansão do espaço físico. A casa é comandada pelo Caboclo Jurema e

pela Preta-Velha Tia Maria. As giras ocorrem todas as quintas-feiras, com gira mensal no primeiro domingo de cada mês e gira de Exú no terceiro sábado do mês.

Fotografia 3 - Imagem da Cabocla Jurema abençoando a obra de expansão do terreiro.



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2025)

Laranja-Fogo menciona que sua filha cresceu dentro do terreiro e afirma que o apoio coletivo e o carinho dedicados à menina foram fundamentais durante a gestação e no dia a dia da maternidade.

Ela vê muitas coisas e é uma criança e a gente fica assim, gente que está acontecendo, sabe e não só de enxergar as crianças, né? Que é o mais próximo dela, mas também de pedir uma bença para Jurema [Cabocla]. Entendeu que a gente fica assim, “gente como que ela tem capacidade de fazer isso? Ela tem 2 anos só”. Mas é muito bom e ela nasceu lá, né? Ela nasceu lá desde a barriga, eu já ia pra gira. E ela sempre se mexeu muito dentro da barriga e tal e lá ela sempre foi muito acolhida. Então, como dizem, ela é muito acolhida na Tenda, então, para mim é um privilégio ter a minha filha ser tão amada lá. Ela é muito amada lá. (Laranja-Fogo)

O terreiro é composto majoritariamente por mulheres, e os relatos das entrevistadas evidenciam a atenção dedicada a essa característica e sua relevância.

## 1.2 - O silenciamento das mulheres e de seus saberes ancestrais

A compreensão da exclusão das mulheres das concepções do direito passa pela segregação do feminino na pauta estatal. As raízes dessa exclusão estão conectadas à ameaça resultante dos saberes tradicionais que as mulheres possuíam e que, em sua essência, contestavam os saberes oficiais escolhidos para compor a política estatal.

Um desses procedimentos político-institucionais ocorreu por meio da "Caça às Bruxas", que se configurou como uma guerra estatal-religiosa contra os conhecimentos culturais transmitidos por mulheres. Para além das questões místicas que assombravam as mentes dos detentores do poder estatal, como o poder que esses saberes conferiam às mulheres dentro de suas comunidades, a perseguição demonstrou a potência desses saberes, dada a força e o aparato estatal mobilizados para derrotá-los.

A relação simbiótica entre Igreja e Estado na Europa, durante o período de colonização, resultou no protagonismo exercido pela figura do diabo, que se tornou uma ameaça que deveria ser combatida pelo Estado. Satã seria o responsável por fazer pactos, concedendo desejos em troca da alma e de atos malignos. Para além das possibilidades de pactos nesse contexto, a pesquisa realizada por Stacy Stiff (2019) na cidade de Salem revela que as confissões tratavam de demandas de donas de casa exaustas e questões relacionadas ao campesinato.

(...) A primeira pessoa a confessar um pacto com Satã havia rezado pedindo seu auxílio em algumas tarefas, e **ele se materializou para limpar a cinza da lareira e trazer os porcos do campo** (...) Os primeiros casos de bruxaria da Nova Inglaterra não falavam em vassouras, reuniões satânicas e meninas em convulsão. Tratavam mais de **porcos enfeitiçados, gado errante e propriedades invadidas. Muitas acusações tinham aspectos de conto de fadas: fiar mais lã que o possível, completar o trabalho doméstico em tempo recorde, perguntar com excesso de solicitude sobre a doença de um vizinho, proferir ameaças venenosas.** (Stiff, 2019, p.60)

Não apenas denuncia o perigo causado por conhecimentos não oficiais para a perpetuação serena do Estado monista, mas também alerta para a exploração do trabalho doméstico feminino, visto que as mulheres pediam ajuda ao diabo para “limpar a cinza da lareira”, bem como para os efeitos sociais do cercamento de terras, pois os pedidos incluíam “trazer porcos do campo”, “porcos enfeitiçados, gado errante e propriedades invadidas” (Stiff, 2019, p. 60).

Na realidade brasileira, com a transposição das ferramentas do Caça às Bruxas para a América Latina, temos a história de Joana Maria, que foi acusada pelo homem que a

escravizava de envenenar a índia Felipa. Joana confessou ter usado a raiz Cipó Pucá para acalmar o coração da índia, bem como do homem que a escravizava, e, em decorrência dos seus saberes naturais, teria impedido a ocorrência de castigos físicos que lhe eram constantes (Silva, 2013).

Embora as realidades europeia e brasileira apresentem necessidades diferentes dessas mulheres para o uso do conhecimento místico como resistência em diversas lutas, a destruição dos laços comunitários e a fabricação da imagem de uma mulher que deveria ser queimada viva — e a que, de outro modo, teria outros destinos (também não muito promissores) — não se restringiu à Europa. Essa imagem de mulher merecedora de vida foi transportada para a colônia, com a agravante do processo de escravidão que se instaurou.

Exponho um dos pontos cantados (modo de oração nas religiões afro-brasileiras) de Maria Mulambo, conhecido como a Lei da Inquisição. O processo de contar histórias, por meio do canto, impede o apagamento pretendido pela tática estatal do Caça às Bruxas, além de proporcionar o compartilhamento de um ponto de vista de quem foi queimada, seja na fogueira, no seu sentido conotativo, seja no sentido denotativo.

O povo queria matar uma mulher  
O padre não concordou e a rezou com muita fé  
O povo queria matar uma mulher  
O padre não concordou e a rezou com muita fé

Ele era pecador e na fogueira morreu junto  
Foi parar lá no inferno aquele casal de defunto  
Ela se juntou às cinzas, gargalhou à luz da Lua  
A mulher virou Mulambo e o padre seu Tranca-Ruas

Foi condenada pela lei da inquisição  
Para ser queimada viva, sexta-feira da paixão  
Foi condenada pela lei da inquisição  
Para ser queimada viva, sexta-feira da paixão

O padre rezava, e o povo acompanhava  
Quanto mais o fogo ardia, ela dava gargalhada  
O padre rezava, e o povo acompanhava  
Quanto mais o fogo ardia, ela dava gargalhada  
(Axé de Aruanda, 2015)

Alguns elementos propagados pelo canto merecem destaque. Vejamos: o desejo popular de queimá-la viva; o fato de o padre não ter concordado e, por isso, ter sido queimado junto com ela; a menção ao dia em que foi queimada — sexta-feira da Paixão, data que remete à crucificação de Jesus Cristo no calendário cristão. Por fim, o caráter de resistência se expressa na frase: “quanto mais o fogo ardia, mais ela dava gargalhada”.

*Fotografia 4 – A figura demonstra uma cena inicial da gira de Exú. Na ocasião da festa, trata-se da festividade de Pombagira, na qual a Pombagira Maria Padilha passa por um corredor formado pelos filhos da casa incorporados com Exú, Pombagira, Malandragem ou Marinheiros. A imagem mostra Maria Padilha gargalhando.*



*Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2024e)*

Na ocasião da pesquisa empírica, as mulheres entrevistadas mencionaram Pomba-Gira como sinônimo de força e amor próprio. O resultado demonstra como o grupo de saberes compartilhados auxiliou as mulheres a associarem o feminino ao elemento de força.

Amarelo-Ouro revelou que a entidade a ensinou a se valorizar, respeitar as nuances do seu corpo e a olhar atentamente para os seus desejos íntimos. Laranja-Fogo também destacou o ensino da autovalorização, enquanto Preto-Cintilante mencionou o incentivo à conexão com a própria feminilidade e Azul-Celeste mencionou o fortalecimento do amor-próprio pela Maria Mulambo do Lixo.

O nome de uma entidade revela suas características de trabalho. Maria é um nome muito comum na sociedade brasileira; Mulambo tem significado associado a um pano velho ou retalhos, ou algo sujo, o que é reforçado pela ideia trazida pela colocação do adjunto adnominal "do lixo". São ideias que remetem ao processo de marginalização e exclusão, mas que, no terreiro, significam força.

Marrom-Olivia mencionou duas Pomba-Giras com quem trabalha: Dona Sete Catacumbas e Maria Mulambo da Lixeira. Ambas têm auxiliado com suas inseguranças, autoestima e sensualidade. Contudo, Maria Mulambo da Lixeira tem trabalhado especificamente em como Marrom-Olivia lida com a própria imagem.

Não foram todas as entrevistadas que mencionaram o nome de suas entidades. Dentre as menções, temos: cinco Maria Padilhas (o sobrenome é de origem portuguesa e espanhola e significa panela, prato ou pá); quatro Maria Mulambo, duas Dona Rosa Caveira (remetendo ao que sobra depois da morte, a caveira); uma Maria Quitéria (Quitéria significa tranquila, bela e a Santa Quitéria na Igreja Católica. Na história brasileira, Quitéria recorda Maria Quitéria de Jesus, uma baiana militar brasileira responsável por vencer a Guerra da Independência de 2 de julho de 1823, em contraposição à história oficial que data de 7 de setembro de 1822); uma Dona Sete Catacumbas e uma Pomba-Gira Figueira. (Dicionário de nomes próprios, 2025; Dicionário de nomes próprios (b), 2025; Brasil Escola, 2024).

Para além das fogueiras, uma das práticas do Caça às Bruxas foi a demonização das inúmeras formas de controlar a natalidade, bem como medidas estatais que promovessem a quebra dos vínculos de solidariedade, acusando mulheres que não denunciavam outras mulheres. “Na França e na Alemanha, as parteiras tinham que se tornar espãs do Estado se quisessem continuar com a prática” (Federici, 2017, p. 177).

Também foi criado um sistema de espionagem com a finalidade de vigiar as mães solteiras e privá-las de qualquer apoio. Até mesmo hospedar uma mulher grávida solteira era ilegal, por temor que pudessem escapar da vigilância pública (...) (Federici, 2017, p.176)

Silvia(2017) trata de como houve a proibição de as mulheres viverem sozinhas ou com outras mulheres e a perda de direitos, o que representou um “processo de infantilização legal” (Federici, 2017, p. 200), como a necessidade de um tutor quando viúvas e a proibição de estabelecer contratos ou se representarem em um tribunal. Nesse sentido, Silvia (2017) informa que foram abolidos os estatutos que limitavam a responsabilidade legal feminina, abrindo caminho para a punição estatal por meio da guerra conhecida como “caça às bruxas”.

A criação de medidas de destruição da solidariedade entre mulheres por meio de políticas estatais e os danos causados por elas não entram em conflito com a crítica ao uso da expressão “sororidade”, realizada por autoras como Oyèrónké Oyêwùmí (2023, p. 14), porque “o problema com o conceito de sororidade é que ele supõe a solidariedade política como um dado, e não como uma meta a ser trabalhada e alcançada”. Logo, mesmo em um

espaço com predominância feminina e no qual há uma cosmovisão relacionada à força feminina, não é automática a existência de laços de sororidade.

Vilma Piedade (2017) também realiza uma crítica ao conceito de sororidade ao adicionar a perspectiva de união pela dor ao conceito, referindo-se ao laço de dor e solidariedade que estaria conectado à experiência feminina negra, denominando-o de dororidade. Já Oyèrónké Oyêwùmí (2023) propõe a utilização do termo mãedernidade, que remete ao ideal de comunidade desenvolvido na África.

Mãedernidade abarca uma concepção de família diversa da família nuclear de bases cristã e euro-estadunidense. Na África, as crianças possuem muitas mães, e a família/comunidade gira em torno da figura materna: “A primeira coisa que você precisa saber não é se você é um menino ou uma menina, mas quem são seus irmãos/suas irmãs-omoyas com quem você compartilha a mesma mãe” (Oyêwùmí, 2023, p. 25).

Em muitas sociedades africanas, não há ‘irmandade’ sem a maternidade. As relações fraternas mais profundas entre mulheres se dão na maternidade compartilhada, a essência da construção da comunidade (...) (Oyêwùmí, 2023, p.25)

A Mãe de Santo Flávia Pinto<sup>18</sup> (2020) conta que era costume, em algumas tribos, que os caçadores ou guerreiros, antes de irem para a guerra, tivessem que bater a cabeça no chão, ao pé de uma árvore onde teria sido derramado o sangue de sua mãe durante o parto. Esse gesto fortalecia a conexão não apenas com a linhagem matriarcal ancestral do indivíduo, mas também com a natureza.

A autora (2020) também menciona que, em sociedades com essa configuração, a posse da terra era determinada pelo feminino, pois apenas a descendência da Mãe era possível de comprovação. Contudo, com o advento do patriarcado e a imposição do domínio da Terra pelo homem, houve a desconsideração da potência feminina, a fim de garantir a posse masculina da terra. A família passou a ser compreendida como uma instituição relevante para a perpetuação da propriedade dentro de um grupo conectado por laços sanguíneos, além de garantir a reprodução constante da força de trabalho.

Flávia (2020) define o matriarcado como a igualdade das mulheres em relação aos homens no que tange à importância e ao respeito dentro do sistema, tratando ainda da dessacralização da mulher com o advento do capitalismo, momento em que ela deixou de ser

---

<sup>18</sup> Adotando uma perspectiva feminista, com o fim de valorizar o nome das autoras referenciada, opto por denominá-la pelo primeiro nome (Flávia) nas referências futuras relacionadas à sua obra.

considerada sagrada e portadora de saberes ancestrais para ser reduzida a mão de obra não reconhecida e não remunerada.

Segundo a socióloga (2020), “a matrifocalidade é entendida como princípio organizador da sociedade”, por considerar a relevância da mulher na estrutura social. Essa perspectiva dialoga com outro princípio importantíssimo para a ordem comunitária: a senioridade.

Na pesquisa empírica realizada, todas as mulheres entrevistadas ressaltaram a importância da presença feminina no comando, sendo esse um tópico unânime. Conforme já mencionado, o terreiro Tenda Espírita Luz de Maria é comandado pela Mãe de Santo Bianca.

A Mãe de Santo, conforme os depoimentos colhidos, possui uma compreensão das alegrias e desafios associados à feminilidade, sendo um suporte para as demais mulheres do terreiro. Branco-Floral expressou: "Maravilhoso, maravilhoso, porque eu sinto que ela passa e passou pelas mesmas coisas que nós, mulheres." E ainda: "O respeito dentro da nossa casa é muito maior quando a gente tem uma Mãe de Santo que também é uma mulher."

Muitas afirmaram que a presença da Mãe de Santo Bianca foi essencial para a decisão de participarem do terreiro. Amarelo-Ouro afirmou: "A gente sabe que ainda encontra muita resistência masculina, e é estrutural, já fincado na nossa sociedade, então se o comando dessa casa fosse masculino, eu talvez não teria entrado." Fúcsia complementa: "Pode ser coisa da minha cabeça, mas se fosse com o Pai [nome do Pai de Santo omitido pela pesquisadora] na frente, pelo menos eu não teria tanta liberdade para falar às vezes. Por ser homem."

Sob o olhar desenvolvido nas entrevistas, a posição de destaque feminino exercida pela Mãe Bianca foi essencial para que hoje possamos tratar o terreiro Tenda Espírita Luz de Maria como um espaço de predominância feminina. Essa atração e permanência de mulheres se deve à função exercida pela Mãe de Santo. Índigo afirma esse contraste entre a figura feminina e a figura masculina na seguinte declaração: "Bem mais tranquilo. Eu já estive em um terreiro sob o comando de um homem, e o tratamento, o diálogo, o discurso, as normas, as éticas têm uma grande diferença, tanto no andamento do terreiro quanto nas nossas relações pessoais que construímos ali."

Estendendo-se além da representatividade e da capacidade de dialogar com o feminino, resta clara a existência de um vínculo de afetividade entre a Mãe de Santo e as filhas de santo, que ocupa um espaço fundamental na estruturação das relações comunitárias. Azul-Celeste destaca essa característica: "Então, ela consegue estar na frente, com carinho, colo quando a gente precisa."

*Fotografia 5 – A imagem retrata quatro mulheres, posicionadas em primeiro plano, de diferentes idades e com funções diversas no terreiro. A Preta-Velha Tia Maria da Bahia realiza o batismo de uma criança, filha da casa, enquanto outras mulheres, pertencentes à sua família de sangue e de santo, acompanham e auxiliam no rito.*



*Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2023e)*

*Fotografia 6 – A imagem mostra a criança abraçando a Vovó Tia Maria da Bahia, entidade incorporada pela Mãe de Santo, logo após a realização do batismo.*



*Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2023e)*

Outro aspecto relevante é como a presença feminina no comando do terreiro inspira as filhas de santo a acreditarem em seu próprio potencial. Isso pode ser observado no depoimento de Dourada:

"E saber que uma mulher faz isso muito bem é esperançoso, você acaba tendo esperança de que uma hora você também vai conseguir ser essa pessoa, essa mulher que consegue gerenciar, que consegue fazer as coisas bem, porque você acaba tendo um exemplo lá dentro de uma pessoa que faz isso." (Dourada)

O impacto não se limita apenas às filhas de santo. Lavanda destaca como a presença feminina no comando também colabora para a desconstrução de padrões nos filhos de santo: "Essa força feminina está contribuindo para a mudança na forma como os homens veem o mundo, influenciando como tratam suas esposas e filhas."

A relevância da existência de um espaço onde se estabelece um sentimento comunitário é reforçada por Silvia (2017, p. 47-49), que estabelece um parâmetro entre as classes sociais no regime de servidão (predominante no feudalismo) e no sistema capitalista. No sistema de servidão, havia a possibilidade de o servo receber uma parcela de terras para o plantio de sua própria subsistência, e os julgamentos ocorriam por meio de "acordos consuetudinários", com um sistema de júri constituído por seus pares, entre outras medidas. Em outras palavras, havia uma coletividade que dificultava ao senhor feudal a imposição de certas medidas com base na ameaça de privação da capacidade de subsistência, o que, segundo Silvia (2017, p. 50), ocorreu poucas vezes. "A força dos 'servos' provinha do fato de que o acesso à terra era para eles uma realidade."

A utilização dos espaços comunais pela economia dos servos feudais proporcionava alimentos e bens de consumo, como lenha dos bosques e peixes do mar, sendo esses espaços essenciais para a sobrevivência. Contudo, a terra era, majoritariamente, posse masculina, e as mulheres não podiam ocupar cargos destinados aos camponeses, que possuíam um status social mais elevado em comparação aos outros membros do mesmo grupo social. As relações de gênero eram determinadas pelo senhor feudal, que detinha a palavra final sobre o casamento, as atividades sexuais permitidas e proibidas. O direito socialmente aceito estabelecia uma prerrogativa conhecida como *ius primae noctis*, na qual o senhor feudal poderia ter relações sexuais com a esposa do servo durante a lua de mel. (Federici, 2017)

Diferente da dinâmica que se estabeleceu com a consolidação do capitalismo, as atividades domésticas possuíam status de trabalho, pois faziam parte das ações necessárias para a produção do que era essencial à sobrevivência. Outro ponto ressaltado por Silvia (2017) é que esse trabalho era subdividido socialmente.

Se também levarmos em consideração que, na sociedade medieval, as relações coletivas prevaleciam sobre as familiares e que a maioria das tarefas realizadas pelas servas (lavar, fiar, fazer a colheita e cuidar dos animais nos campos comunais) era realizada em cooperação com outras mulheres, nos damos conta que a divisão sexual do trabalho, longe de ser uma fonte de isolamento, constituía uma fonte de poder e de proteção para as mulheres. (Federici, 2017, p.53)

A inserção do elemento dinheiro e a restrição da posse da propriedade resultaram não só no aumento da submissão ao senhor feudal e da exploração, mas também na perda de direitos pelas mulheres, como a *tercia* que existia na Itália, permitindo à mulher herdar um terço da propriedade do seu marido. Isso resultou na exclusão, principalmente, de mulheres solteiras ou viúvas (Federici, 2017).

Com essa alteração, muitas mulheres saíram do campo para as cidades, onde havia menor subordinação, mas piores condições de sobrevivência devido ao uso remunerado da força de trabalho. Esse ganho de espaço nas áreas urbanas resultou, segundo Silvia (2017, p. 68 e 70), em um aumento da agressividade do discurso contra as mulheres dentro das igrejas. Nos confrontos contra as estruturas econômicas que se consolidaram e os paradigmas impostos pela Igreja Católica, os movimentos religiosos hereges tiveram um protagonismo importante, sendo “uma tentativa consciente de criar uma sociedade nova”. Essas seitas religiosas cresceram nas classes sociais mais baixas e representaram “uma estrutura comunitária alternativa de dimensão internacional”.

(...) As principais seitas hereges tinham um programa social que reinterpretar a tradição religiosa e, ao mesmo tempo, eram bem organizadas do ponto de vista de sua disseminação, da difusão de suas ideias e até mesmo de sua autodefesa. Não foi por acaso que, apesar da perseguição extrema que sofreram, persistiram durante muito tempo e tiveram um papel fundamental na luta antifeudal. (Federici, 2017, p.64)

Silvia (2017) estabelece um marco entre os movimentos religiosos hereges e a teologia da libertação, afirmando que a luta travada pelos hereges não foi exclusivamente religiosa, mas também política. Combater o modo de vida e as concepções formuladas pelo poder feudal significava, na prática, combater a Igreja oficial, que era a maior detentora de terras e participava ativamente da exploração do campesinato. A Igreja, utilizando a força estatal, realizou cruzadas contra os hereges, seguidas pela Santa Inquisição.

Quando Silvia (2017) menciona os cátaros e os bogomilos, ela destaca como esses grupos de hereges religiosos eram contra a natalidade, pois gerar vida significava trazer mais um servo para o mundo. No entanto, não havia restrição ao ato sexual. A autora também ressalta que as mulheres desempenhavam um papel importante nessas seitas. Esses grupos

tinham influências de contatos interculturais com religiões asiáticas e usavam a natalidade como uma forma de resistência política contra a exploração.

Silvia (2017) ainda afirma que, entre os hereges religiosos, as mulheres podiam exercer cargos de sacerdotisas, podendo pregar e batizar, além de dividir a casa com um homem sem estar casada. Durante a peste negra, não havia uma grande diferença salarial entre homens e mulheres. Devido à alta taxa de mortalidade resultante da praga, que se agravou com a Grande Fome — que fragilizou a saúde do camponês —, houve uma sobra de terras, o que proporcionou maior acesso aos bens e reduziu a subordinação às ferramentas de poder.

Nesse cenário, Silvia (2017) aborda o surgimento do Estado, que se consolidou por meio de medidas que geraram um antagonismo entre os sexos. Dentre essas medidas, destaca-se a institucionalização da prostituição, com a criação de bordéis municipais. Contudo, tempos depois, por volta de 1631, quando as mulheres passaram a garantir sua subsistência por meio da prostituição, esta começou a receber uma série de restrições, até ser criminalizada.

Enquanto isso, na França do século XVI, o estupro de prostitutas deixou de ser um crime. Em Madri, também foi decidido que as vagabundas e as prostitutas não estavam autorizadas a permanecer e a dormir nas ruas ou sob os pórticos; se fossem pegas em flagrante, deveriam receber cem chibatadas e, depois, ser banidas da cidade por seis anos, além de ter a cabeça e as sobrancelhas raspadas. (Federici, 2017, p.187)

Em seguida, a prostituição foi regulamentada pela Igreja. Segundo Silvia (2017, p. 106), "até mesmo a Igreja chegou a ver a prostituição como uma atividade legítima. Acreditava-se que o bordel administrado pelo Estado provia um antídoto contra as práticas sexuais orgiásticas das seitas hereges."

Silvia (2017) ainda destaca que houve a destruição dos laços de solidariedade por meio de uma série de legislações que criaram empecilhos "contra todas as formas de sociabilidade e sexualidade coletivas - incluindo esportes, jogos, danças, funerais, festivais e outros ritos grupais que haviam servido para criar laços e solidariedade entre os trabalhadores" (Federici, 2017, p. 162).

Essa prática foi apoiada por mudanças nas práticas religiosas oficiais, nas quais foram encerrados festividades e cantos. Além disso, foi inserida a confissão individual em detrimento da coletiva. Nas crescentes práticas religiosas provenientes da Reforma Protestante, a relação com Deus passou a ser compreendida como individual e privada.

o cercamento físico operado pela privatização da terra e o cercamento das terras comunais foram ampliados por meio de um processo de cercamento social: a reprodução dos trabalhadores passou do campo aberto para o lar, da comunidade para a família, do espaço público (a terra comunal, a igreja) para o privado. (Federici, 2017, p.163)

O número de bruxas queimadas cresceu substancialmente após a conquista da América Latina. No México, a Inquisição teve como um dos objetivos a eliminação dessas crenças heréticas religiosas e mágicas, que teciam o tecido social e eram maleáveis às mudanças oriundas dos encontros de tradições das diferentes civilizações. Portanto, eram contrárias à perspectiva colonial de saber único e verdadeiro. “Os testemunhos que recolheu revelam, no entanto, a existência de numerosos intercâmbios entre mulheres sobre temas relacionados a curas mágicas e remédios para o amor (...)” (Federici, 2017, p. 219).

Um sistema cultural diverso do que regia no México foi transplantado para a comunidade mexicana, no qual as mulheres passaram a ser propriedade dos homens e as crianças deveriam respeitar a autoridade masculina (sistema de *compadrazgo*).

Nessa lógica, Silvia (2017) trata da ideia que prevalecia entre os povos tradicionais e na Idade Média na Europa de que o corpo era um vaso no qual se frutificavam poderes mágicos, que necessitou ser combatida e transformada em crime, para que a formação do Estado e, nessa lógica tradicional, do direito nas colônias ocorresse conforme e sob domínio do sistema do colonizador e segundo a sua verdade.

O corpo deveria ser visto como uma máquina, e para isso foi necessário “a destruição, por parte do Estado, de uma ampla gama de crenças pré-capitalistas, práticas e sujeitos sociais (...)” (Federici, 2017, p. 257).

Desde a quiromancia até a adivinhação, desde o uso de feitiços até a cura receptiva, a magia abria uma grande quantidade de possibilidades (...) a erradicação destas práticas era uma condição necessária para a racionalização capitalista do trabalho, dado que a magia aparecia como uma forma ilícita de poder e como um instrumento para *obter o desejado sem trabalhar* - que dizer, aparecia como a prática de uma forma de rechaço ao trabalho. (Federici, 2017, p.257-258).

A compreensão da natureza e do tempo criava empecilhos para a jornada de trabalho. Silvia (2017) cita a contraposição entre hábitos constantes e disciplinados de trabalho, convivendo com a crença de que haveria dias de sorte, dias de azar, horários em que deveriam ficar em casa, e dias certos para casar. “A incompatibilidade da magia com a

disciplina do trabalho capitalista e com a exigência de controle social é uma das razões pelas quais o Estado lançou uma campanha de terror contra a magia.” (Federici, 2017, p. 261).

Contudo, segundo a autora, a possibilidade de se interessar na atualidade por questões conectadas à bruxaria e à magia (previsão legal de um respeito às mais variadas crenças) estaria relacionada ao fato de que a disciplina do trabalho está tão enraizada nas mentes que essas crenças não seriam mais um risco para a consolidação da rotina de trabalho. “Também se admite que a astrologia apareça, com a certeza de que até mesmo o consumidor mais assíduo de cartas astrais consultará automaticamente o relógio antes de ir para o trabalho.” (Federici, 2017, p. 259).

As mulheres que detinham conhecimento de ervas e outros saberes ancestrais foram perseguidas, estabelecendo um conhecimento oficial, científico e aceito, que não estava disponível para as classes mais baixas. Silvia (2017) ressalta que, nas colônias, a caça às bruxas e as perseguições não foram capazes de destruir os conhecimentos empíricos mágicos. A conexão dos povos originários com a terra e com a sabedoria ancestral persistiu “devido principalmente à luta das mulheres, proporcionando uma fonte de resistência anticolonial e anticapitalista” (Federici, 2017, p. 382).

Silvia (2019) trata, como exemplo na realidade brasileira, das consequências forjadas pelo Estado com o discurso fundante da ‘caça às bruxas’ formulada no desenvolvimento do capitalismo, o caso de Fabiana Maria de Jesus, em São Paulo, no ano de 2014. Ela foi linchada por mais de 100 pessoas que acreditaram que ela seria responsável por sequestrar crianças para rituais.

Outro exemplo que chamou a atenção de Silvia (2019) ocorreu em 2017, na região da Baixada Fluminense, mais especificamente em Nova Iguaçu. Sete homens armados adentraram um terreiro e exigiram que a Ialorixá destruísse as guias e os demais objetos, enquanto urinavam nas estátuas e divulgavam a atitude na internet, alegando que a Ialorixá seria o ‘demônio-chefe’.

Sob outra perspectiva, dialogamos com o papel da mulher como protagonista desse saber e detentora de uma magia peculiar dentro dessa epistemologia renegada. Ou seja, ao trazer à tona uma epistemologia afro-orientada, coloca-se, na forma como foi construída a realidade brasileira, a mulher em uma posição de destaque, o que afeta as bases fundantes do atual modelo de Estado.

Não basta uma afirmação legal de laicidade enquanto a cultura jurídica e as ferramentas teóricas que a sustentam não têm como pilar a perspectiva corporal e geoposicionada, como Silvia (2019, p. 23) destaca: “Hoje, na maioria dos países onde as

mulheres são agredidas e assassinadas como bruxas, o governo não reconhece esse crime”. Contudo, o fato de a violência não estar atualmente respaldada por uma lei não significa que ela não ocorra com a ciência do Estado.

### *1.3 - O feminino e o masculino na tradição Africana e no terreiro*

Trabalhar conceitos com profundidade gera a possibilidade de compreender com mais clareza as realidades concretas de violência. A ausência de transmissão adequada de uma mensagem pode perpetuar ou criar uma dinâmica agressiva. Esse processo pode ocorrer de maneira involuntária, por meio de uma transmissão ingênua, ou por meio de um movimento deliberado de destruição e recriação de uma realidade conceitual que será imposta do mundo das ideias (inventada) para a realidade.

Esse último caso é tratado por Oyèrónké Oyěwùmí (2021), ao defender como o conceito de gênero foi inserido pelo colonizador britânico nas sociedades iorubás, constatando que, antes da colonização pelo Reino Unido vitoriano, nessas comunidades, a velha Oyó (como a autora denomina esse território antes da colonização) não era estruturada por meio de gênero. O critério base da Velha Oyó era as diferenciações de papéis com base na senioridade.

O gênero seria um elemento estranho àquela população, não porque não houvesse diferenciação entre homens e mulheres, mas porque essas diferenciações corporais ou "bio-lógicas" não eram estruturantes de papéis a serem assumidos na vida política e na vida comunal.

“(…) Se o gênero é uma construção social, então devemos reconhecer que vários atores localizados (agregados, grupos, partes interessadas) faziam parte da construção. Devemos ainda reconhecer que, se o gênero é uma construção social, então houve um tempo específico (em diferentes locais culturais/arquitetônicos) em que foi “construído” e, portanto, um tempo antes do qual não o foi. Desse modo, o gênero, sendo uma construção social, é também um fenômeno histórico e cultural. Consequentemente, é lógico supor que, em algumas sociedades, a construção de gênero não precise ter existido.” (Oyěwùmí, 2021, p.39)

Ocorre que essas diferenciações com base no corpo eram relevantes para o império britânico e precisavam ser traduzidas na realidade da colônia. Oyèrónké Oyěwùmí (2021) denunciara que, mesmo quando o gênero passou a ser compreendido no Ocidente como uma forma de construção social, a "bio-lógica" estava implícita nessa construção, quando não era fundante desta.

Para a autora, mesmo quando as teorias feministas focam na construção social do gênero, não abandonam uma perspectiva de "bio-lógica" que entende as distinções e atribuições de poder e categorias sociais em características físicas que remontam a um corpo considerado feminino e a um corpo considerado masculino. Essa *bio-lógica* é uma compreensão corporal de gênero que não se traduz na Velha Oyó.

Houve diversos mecanismos políticos de inserção do gênero na cultura iorubá, sendo um deles as traduções realizadas do iorubá para o inglês, que inseriram categorias de gênero em palavras africanas que não eram estruturadas por esse requisito.

Estabelecendo um diálogo entre Oyèrónké Oyěwùmí (2021) e Silvia (2019), entende-se por que a estruturação das dinâmicas sociais e, em especial, as dinâmicas de poder, no critério da senioridade, seria prejudicial para o programa de colonialidade que estava sendo implementado na África.

“(...) Na verdade, as idosas podiam atrair as mais jovens para seus hábitos perversos e tendiam a transmitir conhecimentos proibidos, como aqueles referentes às plantas indutoras de aborto, e levar adiante a memória coletiva de sua comunidade. Como Robert Muchembled nos lembrou, as idosas eram as que se lembraram das promessas feitas, da fê traída, da extensão da propriedade (especialmente em terras), dos acordos consuetudinários e de quem foi responsável por violá-los” (Federici, 2019, p. 71)

“(...) Isso fica evidente quando consideramos a crueldade das punições, ainda mais alarmante na medida em que são infligidas a mulheres idosas **em comunidades em que a velhice sempre impôs grande respeito.** (...)” (Federici, 2019, p. 125, grifos nossos)

O perigo do conhecimento e das memórias trazidas pela população idosa resultou não apenas na troca do sistema de senioridade para o de gênero, mas também proporcionou uma violência estrutural contra a velhice.

Em duas de suas obras, *Calibã e a Bruxa* e, em especial, *Mulheres e a caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais*, Silvia (2019) desenvolve as consequências para as mulheres mais velhas da implementação do projeto neoliberal na África. Silvia (2019) denuncia um projeto político na África de renovação das caças às bruxas contra mulheres detentoras de saberes comunais, que estavam contrapondo um projeto de “modernização” da África, o qual se traduz na submissão a um modelo de economia ocidental, o neoliberalismo. Silvia (2019, p.25) demonstra: “a relação entre esses novos ataques contra as mulheres e as mudanças promovidas pela neoliberação das economias africanas, o que, em muitos aspectos, representa um processo de recolonização. (...)”

Essa leitura de uma nova caça às bruxas atingindo mulheres africanas idosas como um processo de recolonização reforça o argumento de Oyèrónké Oyěwùmí (2021), no sentido de que a destruição dos laços sociais de senioridade e a implementação do conceito de gênero e suas dinâmicas na Velha Oyó foi um processo político necessário para enfraquecer os vínculos comunais naquela sociedade e promover um processo de colonialidade..

“(...) Entretanto, concentro-me nos cercamentos ingleses porque estes demonstram mais claramente como a comercialização da terra e o crescimento das relações monetárias afetou, de formas diferentes, mulheres e homens. No uso que faço aqui, os cercamentos incluíam ocupação da terra, introdução de aluguéis extorsivos e novas formas de tributação. Em todos os modelos, porém, esse foi um processo violento, que **provocou profunda polarização no que tinham sido, até então, comunidades estruturadas com base em vínculos recíprocos.** (...)” (Federici, 2019, p.48, grifos nossos)

Claudia Alexandre<sup>19</sup> (2023) desenvolve uma abordagem similar a esses fatos em território brasileiro, tendo como base as dinâmicas de gênero que foram assumidas no Brasil em relação a Exú, o que contradiz a complementaridade não corpórea que Exú representa na África.

Como pode Exú ser cultuado como sendo ao mesmo tempo homem e mulher na África e, no Brasil, apenas a sua imagem e qualidade masculina foram amplamente desenvolvidas, sendo pouco abordada a sua qualidade feminina? Claudia (2023) demonstra como as dinâmicas coloniais no Brasil e a demonização de Exú pelo colonizador resultaram no apagamento de sua essência feminina.

Exigiam-se estratégias por parte dos povos de terreiro para desviar as proibições intolerantes e cultuar Exú em território brasileiro. Mais complicado ainda era demonstrar que Exú também tem uma qualidade feminina. Claudia (2023) demonstra que o colonizador encontrou imagens que remetiam a um lado feminino de Exú, contudo, achou um ultraje ao ideal feminino ocidental, tendo se horrorizado com as imagens de Exú masculino. Trouxe esse para as Américas como representativo do demônio judaico-cristão, mas as imagens femininas de Exú seriam um absurdo tão grande diante das noções de gênero ocidentais que sequer foram trazidas oficialmente.

Claudia (2023, p. 21) refaz um “processo de resignificação de um passado no qual as mulheres tomaram o centro do poder, mas abandonaram a parte feminina do poderoso Orixá”.

---

<sup>19</sup> Adotando uma perspectiva feminista, com o fim de valorizar o nome das autoras referenciada, opto por denominá-la pelo primeiro nome (Cláudia) nas referências futuras relacionadas à sua obra.

Assim, resta questionar como as opressões patriarcais foram determinantes para que as mulheres negras no comando dos primeiros grupos de culto aos orixás ocultassem essa relação, desprezando o princípio feminino do orixá e tornando impossível a presença da Exu-Mulher. (Alexandre, 2023, p. 21)

Há outros Orixás do panteão africano que ora são vistos como mulheres, ora como homens, e que, em alguns territórios da África, são cultuados como homens, enquanto em outros, como mulheres, o que demonstra também a fluidez dos conceitos não corporais de feminino e masculino desenvolvidos na tradição africana.

Oyèrónké Oyěwùmí (2021) aponta como é difícil, senão impossível, compreender qual seria o gênero de alguns Orixás, tendo em vista que, na linguagem predominante na Velha Oyó, não havia distinção de gêneros. Muitas vezes, essas traduções são feitas ora para o masculino, ora para o feminino, o que aponta mais um processo de compreensão psicológica de poder daquele que traduz o idioma do que uma expressão genuína da linguagem na Velha Oyó.

A natureza feminina de Exú provoca muitas controvérsias no âmbito das religiões de base africana. Desse modo, “[...] a demonização e a masculinização do Orixá Exú são resultados das opressões patriarcais ocidentais, que compreenderam equivocadamente a percepção africana de mundo a partir de seu próprio sistema de gênero” (Alexandre, 2023, p. 22).

A dificuldade de compreensão social, política e jurídica do conceito de Exú-mulher tem como um dos fundamentos às diferenças na compreensão de gênero nas sociedades africanas e na sociedade brasileira.

Quando Exú é reinterpretado na realidade brasileira, inicialmente sob a perspectiva do colonizador, que foi mantida por alguns terreiros por bastante tempo e permanece realidade em alguns até a presente data, Exú foi compreendido como o demônio e o ser do objeto fálico, o que contrapunha uma imagem idealizada de mulher, na qual a nudez, seja nos indígenas, seja nas imagens encontradas de Exú-mulher, chocaram a comunidade europeia (Alexandre, 2023).

Essa linha de pensamento acabou sendo reproduzida, em termos, nas práticas do Candomblé, como uma tentativa de evitar ou reduzir as ações de repressão estatal, fundadas em um racismo religioso explícito contra esses terreiros. Como consequência, a existência de Exú-mulher foi excluída das práticas religiosas ou tida como segredo entre os praticantes (Alexandre, 2023).

As imagens encontradas representam a figura de Exú com elementos fálicos, representando a energia masculina do Orixá, e, do lado, outra estátua de Exú, desta vez com elementos de seio, podendo vir ou não com um bebê sendo carregado, o que demonstra a energia feminina de Exú (Alexandre, 2023).

Claudia (2023) afirma que a imagem denominada *Exú de Saia* não estava na exposição do museu Mafro<sup>20</sup> sobre Exú, mas estava escondida, tendo sido apresentada a ela por um funcionário do Museu, com o qual conversou sobre a sua pesquisa.

Fotografia 7 – “Exu de Saia no MAFRO/UFBA”



Fonte: (Alexandre, 2023, p.182)

Outro aspecto denunciado pela autora (2023, p. 17) foi a “estratégia colonial cristã de atribuir um espírito demoníaco a Exú e de afirmar o masculino como vetor de poder”. Sob essa perspectiva europeia de dinâmica e poder atribuído ao diabo e a associação de Exú ao

---

<sup>20</sup> Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia.

diabo, não caberia espaço para trazer para as Américas a existência da Exú-mulher, porque, na concepção europeia, assumir atributos como: artiloso, capaz de enganar aqueles de coração fraco, entre outros, significava poder e habilidade de transtornar o sistema. Tamanho poder não poderia, com a lógica colonialista, ser atribuído a uma mulher, ainda mais a uma mulher negra, razão pela qual Exú-mulher precisava ser ocultada das Américas (Alexandre, 2023).

Desse modo, um dos elementos coloniais atribuídos a Exú, além de sua demonização, ou em razão desta, foi sua masculinização. Houve o apagamento da energia feminina de Exú por não estar em consonância com a visão europeia de mulher e com o projeto político racista que se pretendia impor utilizando o culto a Exú. Assim, “a demonização e a masculinização do Orixá Exú são resultados das opressões patriarcais ocidentais, que compreenderam equivocadamente a percepção africana de mundo a partir de seu próprio sistema de gênero” (Alexandre, 2023, p. 22).

Diferentemente do que se predominou no Brasil, “em alguns lugares, Exú é cultuado exclusivamente por mulheres e está associado não apenas à fertilidade, como à fecundidade e à maternidade” (Alexandre, 2023, p. 25).

Claudia (2023, p. 174) afirma que, na Umbanda, o feminino de Exú e sua complementaridade com o masculino serão resgatados e louvados em razão da forte presença do culto à Pomba-Gira. Nesse sentido, “(...) há entre o masculino e o feminino uma relação complementar e não de oposição, podendo ser marido-esposa, rei-rainha, companheiro-companheira, ou, simplesmente, o homem e a mulher”.

Observa-se que o processo de apagamento e masculinização do que é considerado poderoso não foi um movimento exclusivo do deliberado ‘esquecimento’ da Exú-mulher e do seu culto, mas persiste com a renovação da perseguição às bruxas, que são mulheres que, por meio de sua resistência e força, se tornam empecilhos para uma política estatal.

Cláudia (2023, p. 17) estabelece uma conexão entre o lugar ocupado pela mulher negra nas relações sociais brasileiras e o lugar no qual o colonizador reservou para Exú-mulher, de esquecimento e demonização. Haveria uma “estratégia colonial cristã de atribuir um espírito demoníaco a Exú e de afirmar o masculino como vetor do poder (...)”.

A perspectiva colonial estabeleceu uma contradição na qual, em Lagos e Ibadan, cidades da Nigéria, Exú é representado tanto como feminino quanto masculino. Contudo, no Brasil, o Orixá assume, majoritariamente, a imagem de figura masculina, fálico e associado ao Diabo.

Cláudia (2023) afirma que Exú assume um papel duplo nessa lógica colonial. Além de ser demonizado e representar o apagamento epistemológico de uma cultura de saberes, também se transformou em um “elemento demonizante”, no sentido de que é por meio dessa imagem colonial construída que outros corpos são associados ou não ao mal e, em razão disso, relegados a determinadas realidades.

Em razão dessas interferências coloniais, alguns terreiros de Candomblé tradicionais começaram a realizar a troca de Exú por Ogum nos casos de iniciação. Nessa hipótese, caso o jogo de búzios indicasse que a pessoa era filha de Exú, seria iniciada para Ogum. Isso causou confusão na época, quando uma mulher, Sophia, foi iniciada para Exú.

Mestre Didi, filho de Mãe Senhora, do Opô Afonjá, revelou que trocar Exu por Ogum, contrariando o jogo de búzios, era uma estratégia para manter a negociação com a repressão da sociedade em relação aos cultos afro-brasileiros. (Alexandre, 2023, p. 83)

Esse preconceito estendeu-se sobre o próprio povo de Candomblé, levando as filhas de santo a se envergonhar da ancestralidade de Exu. Isso levou ao quase desaparecimento de seus filhos e a um total silêncio sobre a natureza do Orixá. (Alexandre, 2023, p. 97)

(...) o ritual de iniciação de Exu passou por um processo de “negação”, que começou a ser revertido com a luta do movimento negro, a partir da década de 1980, e com o “povo de terreiro” empreendendo pesquisas e buscas à África. (Alexandre, 2023, p. 97)

A autora (2023) afirma que a Umbanda traz a questão da complementariedade entre Exú e Pombagira, no sentido de que a concepção de Exú formulada em África convive com a associação complementar entre o poder masculino e o poder feminino.

Umbanda é o campo no qual não se questiona o lugar do Exu Feminino, que exerce protagonismo individual, sendo nomeado como Pombagira ou Exu Mulher. Ela teria o seu domínio nas ruas em formato de “T” e o cetro formado por um garfo de duas pontas. Há entre o masculino e o feminino uma relação complementar e não de oposição, podendo ser marido-esposa, rei-rainha, companheiro-companheira, ou, simplesmente, o homem e a mulher (Alexandre, 2023, p.174)

Exú é um princípio dinâmico da existência humana, e a vida se movimenta em razão do equilíbrio entre o feminino e o masculino. “Foi assim, como um Exu Feminino, que por muito tempo a Pombagira representou o avesso da feminilidade aceitável, carregando o estereótipo da desagregação (...)” (Alexandre, 2023, p. 216).

Uma exemplificação das consequências desse processo de exclusão social é que “No Terreiro do Gantois, a famosa Mãe Menininha sempre afirmou ser católica” (Alexandre, 2023, p. 79).

A existência de fundamentos secretos em alguns rituais estaria associada à necessidade de proteção desses povos. Nesse sentido, diante de tanta represália, a instituição do ‘segredo’ e a necessidade de tempo de pertencimento na comunidade para o aprendizado de determinados rituais ocorre devido à confiança que deve existir na pessoa a qual será exposto o segredo, por medo. “Em meio às transformações e diante da intolerância religiosa, o segredo no terreiro, se revelado, pode se constituir em algo que torna o grupo vulnerável” (Alexandre, 2023, p. 109).

Renato Nogueira (2018), doutor em filosofia e autor da obra *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*, analisa alguns mitos/Itãs gregos, Iorubás, judaico-cristãos e guaranis para tratar da representatividade da mulher e como essas cosmovisões foram importantes para a construção do feminino.

No que se refere aos Itãs Iorubás - foco do presente subcapítulo - Nogueira (2018, p. 66-69) conta que a primeira missão dos Orixás foi criar o mundo. O mundo deveria ser parecido com o Orun (morada dos Orixás) e agregar os três poderes: “existir (iuá), ser (abá) e realizar (axé)”, mas com a potência de cada um reduzida.

Inicialmente, a tarefa foi concedida a seu filho Obatalá, solicitando que ele não bebesse nenhuma bebida fermentada durante o processo. Oduduá ficou confusa sobre qual seria a sua participação na criação do mundo e foi conversar com a mãe Olokun, que disse: “minha filha, o mundo será sua criação, não esqueça que a paciência de esperar evita susto e surpresa” (Nogueira, 2018, p. 66-69). Por fim, Obatalá não conseguiu criar o mundo porque não seguiu as orientações passadas e agiu com orgulho. Desse modo, Exu conversou com Olorun, que passou a tarefa de criação do mundo para Oduduá, que cumpriu a tarefa brilhantemente. Desse modo, o feminino (Oduduá), representado pela terra, criou o mundo, e o masculino (Obatalá), representado pelo sol, acabou ficando responsável, em seguida, pela criação dos seres humanos.

Segundo Nogueira (2018), o Itãn aponta algumas considerações sobre o masculino e o feminino: o feminino é responsável por delegar; a ruína dos homens é oriunda do seu orgulho; o feminino cria e mantém o mundo; “o surgimento da vida e do mundo, assim como sua gestão, só é possível se as mulheres e os homens entrarem em acordo” (Nogueira, 2018, p. 7).

Claudia (2023, p. 161) explica que “(...) na cultura iorubá não existe oposição binária entre os atributos masculino e feminino, ou seja, não existe concepção de que homens são uma coisa, e mulheres, o oposto.” Oxumarê é um exemplo dessa cosmo-percepção.

“A Autora [Oyèwùmí] ressalta que o próprio Olodumarê, o Ser Supremo, não representava o Deus cristão, tampouco era um ser masculino. Os orixás (divindades) eram manifestações dos atributos do Ser supremo e eram considerados seus mensageiros para os humanos, independentemente de sexo” (Alexandre 2023, p.163)

Fotografia 8 – Oferendas e altar durante a festividade de Oxumarê no Terreiro estudado.



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2024b)

Diferentemente do conceito que trabalhamos sobre Exu e Exu-mulher, no qual Exu é simultaneamente masculino e feminino, Oxumarê apresenta uma representação diferente: esse/essa Orixá passa metade do ano como feminino e a outra metade como masculino.

“[...] O que nos interessa é pensar um pouco a respeito de uma aparente ambivalência. Oxumarê é masculino ou feminino? Em algumas ocasiões, uma coisa; noutras, o inverso. **Efetivamente não importa aqui definir de modo cabal o “caráter sexual” de tal Orixá.** O arquétipo em jogo é um emaranhado de possibilidades. **Oxumarê pode ser visto como a possibilidade das mulheres, assim como a dos homens, assumirem uma identidade que não esteja restrita ao sexo biológico.** (...)” (Nogueira 2022, p.110, grifos nossos)

Os Itãs/mitos são partes fundamentais da cultura oral dos povos africanos e, por meio dos contos difundidos nas religiões afro-brasileiras, transmitem uma perspectiva de gênero não colonial. Embora o conceito de gênero possa não ter existido na África antes do processo colonizatório, e apesar de a cosmo percepção africana refletir essa cultura, a colonização deixou marcas profundas. Atualmente, o conceito de feminino/masculino tem efeitos tanto na sociedade africana quanto na sociedade brasileira.

Flávia (2022) afirma que o patriarcado eurocristão provocou um desequilíbrio entre as forças femininas e masculinas, que passaram de uma relação complementar para uma hierarquia. Nesse novo arranjo, o domínio da força masculina sobre a força feminina foi utilizado pelo sistema capitalista e patriarcal para construir os valores fundantes da Idade Moderna.

“É fortalecido o poder patriarcal e a mulher tribal passa a ser vista como suja, como bruxa, e tem todo o seu conhecimento ancestral reduzido a nada, justamente porque essa era a condição que permitia a ela o domínio do próprio corpo e da própria existência, inviabilizando, assim, qualquer forma de dominação. O apagamento do poder feminino é a ferramenta que sustenta sua submissão, além de retirar o direito da mulher sobre o próprio corpo, a própria vida e sua titularidade da terra.” (Pinto, 2021, p.27)

A complementaridade entre o feminino e o masculino é constante na Umbanda. Em toda a faixa de energia trabalhada, há a incorporação de entidades relacionadas ao gênero feminino e ao gênero masculino. Essa incorporação independe do fato de o médium (denominado cavalo na Umbanda) ser do sexo feminino ou masculino.

*Fotografia 9 – Na imagem, é possível observar uma médium, mulher, com chapéu de palha, incorporando um Preto-Velho.*



*Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2024h)*

*Fotografia 10 - Firmeza realizada para a Malandragem, que contempla ambas as manifestações nessa linha de energia.*



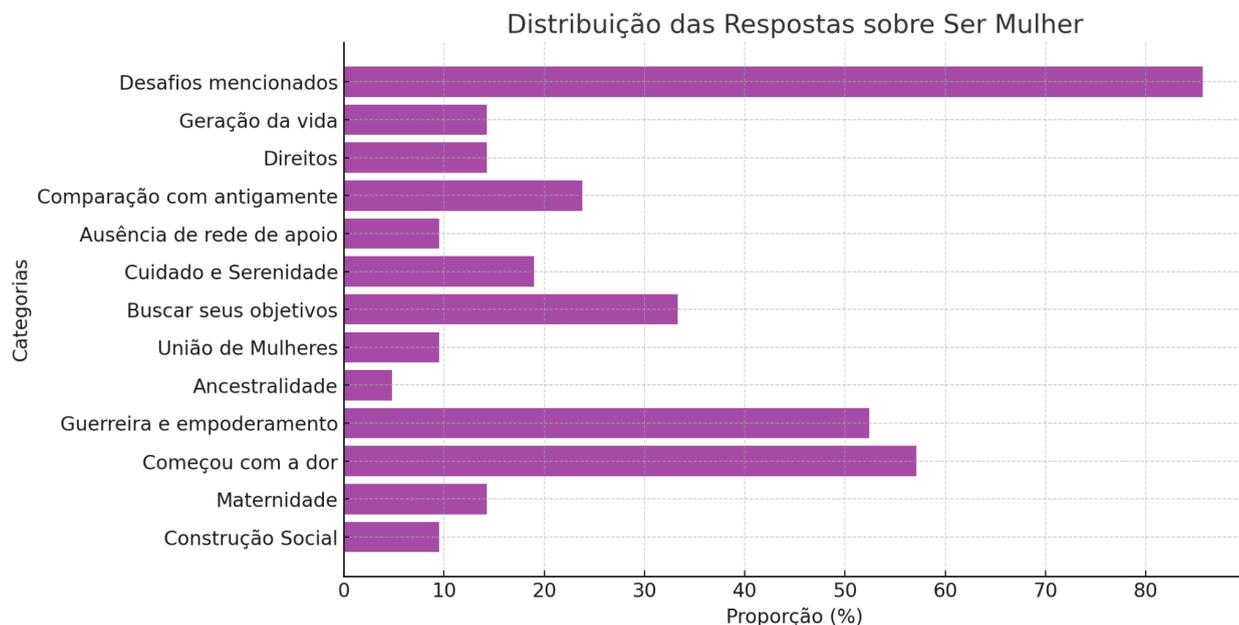
Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2024a)

Quando indagadas sobre o que significa ser mulher, durante as entrevistas, muitas mencionaram que é um caminho repleto de desafios. Falaram sobre a capacidade de gerar vida, a conquista de direitos na sociedade e, em alguns casos, compararam a realidade atual com a de tempos passados.

As entrevistadas também apontaram a ausência de uma rede de apoio como um problema frequentemente associado ao feminino. Outras destacaram qualidades como o cuidado, a serenidade e a importância da constante união entre mulheres. Ressaltaram ainda a conexão feminina com a ancestralidade, denunciaram a necessidade de ser guerreira no dia a dia, relataram a dor de viver nesta sociedade e a constante luta para alcançar seus objetivos. Algumas afirmaram que a maternidade as redefiniu, destacando que o feminino está intrinsecamente ligado a uma construção social.

A fim de quantificar as informações colhidas, elaborei um gráfico que demonstra que a maioria das entrevistadas mencionou os desafios, a dor e a necessidade de ser guerreira como aspectos centrais da experiência de ser mulher.

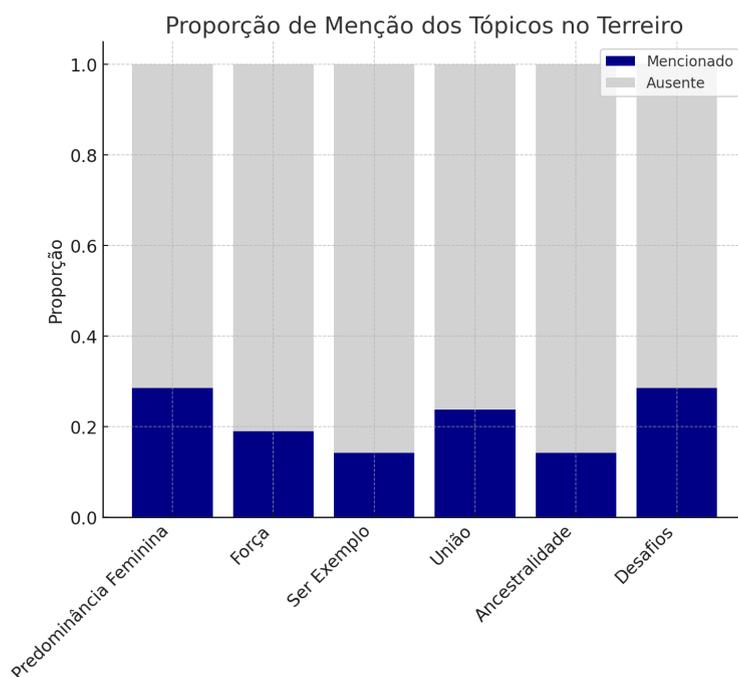
Gráfico 1 - Distribuição das Respostas sobre ser mulher



Fonte: Da autora, 2025

Ao se considerar a variante do terreiro nas respostas sobre o que é ser mulher, ainda foram mencionados tópicos semelhantes aos anteriores, com predominância da referência aos desafios enfrentados e à presença majoritária de mulheres no espaço do terreiro.

Gráfico 2 - Proporção de menção dos tópicos no terreiro



Fonte: Da autora, 2025

Há diferenças entre as afirmações sobre os desafios de ser mulher dentro e fora do terreiro. Em relação ao espaço físico externo ao terreiro, Amarelo-Ouro afirma que, infelizmente, as primeiras ideias que lhe vêm à mente sobre o tema são negativas, como ser considerada o sexo frágil — tanto na sociedade quanto na vida conjugal e familiar. Diante disso, define ser mulher como um ato de bravura e coragem.

Azul-Celeste mantém a mesma linha de raciocínio ao descrever a experiência de ser mulher como uma necessidade diária de superar desafios e limites pessoais, “especialmente quando enfrentamos tudo sozinhas”.

No que diz respeito aos desafios dentro do terreiro, as entrevistadas ressaltam a necessidade de saber exercer autoridade — ou ter "pulso firme", conforme a terminologia utilizada — especialmente ao se posicionar diante de demandas envolvendo homens. Essa questão foi destacada por Índigo e Magenta, mas também foi abordada por outras participantes.

Diante desse cenário, Marrom-Olivia evidencia a importância de estar em um espaço com predominância feminina: “na outra casa em que eu estava também era a mesma situação, mas quando eu consigo ver mulheres nesse espaço e tomando conta dele, eu consigo me sentir um pouco mais acolhida, com essa sensação de que dá para fazer diferente, sabe?”

Há, no campo de pesquisa, a compreensão de que todo indivíduo, independentemente do gênero com o qual se identifica, possui o que se convencionou chamar de energia feminina e energia masculina, sendo necessário haver um equilíbrio entre ambas.

Nesse sentido, a energia feminina estaria profundamente conectada à magia e às compreensões internas do ser, bem como à mediunidade, enquanto a energia masculina se associaria mais ao plano físico e à ação.

Os principais pontos abordados pelas participantes são:

*Tabela 3 - Energia feminina e energia masculina*

<b>Entrevistadas</b>	<b>Energia feminina</b>	<b>Energia masculina</b>
<b>Amarelo-Ouro</b>	Assertiva e mais inteligente	Força e lida com densidades
<b>Azul-Celeste</b>	Força de caminhada	Força "levanta e vai" e coragem, protege quando sente medo
<b>Bordô</b>	Mais leve e tranquila	Tranquila
<b>Branco-Floral</b>	Empoderamento	Encorajamento
<b>Coral</b>	Cuidado e Sabedoria	Luta
<b>Dourada</b>	Acolhimento, conforto e aconchego	disse que ainda considera mais forte do que a feminina
<b>Fúcsia</b>	Empoderamento, te deixa feliz e bonita	Força e caminho

<b>Índigo</b>	Sutileza nas palavras e no tratamento	Um pouco mais brutas
<b>Laranja-fogo</b>	Acolhimento e inspiração	Força, pé no chão e peso
<b>Lavanda</b>	Doce, branda, carinhosa, sutil, serena e acolhedora.	Rígida, austera e séria, força protetora, defensiva e ativa
<b>Lilás</b>	Delicadeza e Sabedoria	Não define
<b>Magenta</b>	Acolhedora e palavra de apoio	"pau é pau, pedra é pedra" e correção
<b>Malva</b>	Delicadeza e Acolhimento	Ação e encorajamento
<b>Marrom-Olívia</b>	Mexe com as emoções, as relações, a sensibilidade e a imagem.	Ação, estratégia, pensar e distanciamento
<b>Prata</b>	Não define	Não define
<b>Preto-Cintilante</b>	Trata do coração e dos sentimentos internos	Trabalha o exterior: limpeza, pensamentos ruins e trabalhos astrais
<b>Terracota</b>	Mexe com o interno: emoções, sentimentos, força e vontade	Mostra o externo e como lidar com este
<b>Turquesa</b>	Empoderada	Forte
<b>Verde-Mar</b>	Aspectos internos: maternidade, sexualidade, amor próprio e segurança	Movimento de enfrentar o mundo, externo
<b>Vermelho-Cereja</b>	Demonstra a diferença de amor e paixão, aspecto emocional e afetivo.	Cuidados práticos
<b>Vinho</b>	Sensibilidade, delicadeza e potência interior	Questões externas, vida profissional e firmeza

Fonte: Da autora, 2025

Todas as entrevistadas apontaram haver diferenças entre as energias feminina e masculina e destacaram a importância de manter o equilíbrio entre ambas. Afirmaram que uma pessoa não deve ter uma energia masculina exacerbada a ponto de apagar sua energia feminina, nem o contrário.

Em relação à energia feminina, os pontos mais frequentemente mencionados ressaltam a capacidade de acolhimento (5 menções), o desenvolvimento da força e do empoderamento em ambos os sexos (5 menções), além da sutileza como uma característica marcante (4 menções).

Quando bem trabalhada, a energia feminina proporciona sabedoria (3 menções), sensibilidade para lidar com as emoções (4 menções) e amplia a visão sobre questões internas e de identidade (3 menções). A associação entre a energia feminina e a capacidade de auxiliar com demandas relacionadas à imagem e à autoestima foi pouco mencionada nas entrevistas.

No que tange à influência da energia masculina sobre o indivíduo — independentemente do sexo com o qual se identifica —, houve associação com a força (7 menções), a capacidade de enfrentar situações (5 menções), o desenvolvimento de

mecanismos de proteção (3 menções), a elaboração de estratégias (2 menções) e o impulso para agir em demandas da vida externa (3 menções).

As entrevistadas também relacionaram à energia masculina os seguintes aspectos: rigidez (3 menções), encorajamento (2 menções), auxílio na definição de caminhos (2 menções), promoção da tranquilidade (1 menção) e o ato de cuidar (1 menção).

Para além da denominação “energia feminina” e “energia masculina”, utilizadas nas religiões de matriz africana e no espiritualismo, outras tradições religiosas apresentam terminologias distintas. No Taoísmo, por exemplo, as energias são denominadas Yin e Yang; no Hinduísmo, são conhecidas como Shakti e Shiva. Nessa correlação, o Yin e Shakti estariam associados à energia feminina, enquanto o Yang e Shiva representariam a energia masculina. (Antarayame, 2025; Maha Lilah Jogo, 2022)

## 2. AS CONCEPÇÕES PLURAIS DE DIREITO CONSTITUÍDAS A PARTIR DO FEMININO NO TERREIRO

O segundo capítulo estabelece uma correlação entre os saberes produzidos no terreiro, a origem latino-americana desses conhecimentos e a sua marginalização, associando-os às atitudes estatais — passivas, por omissão, ou ativas, por meio da repressão —, evidenciando como a forma de atuação (ou de omissão) do Estado afeta a efetividade da liberdade religiosa em um cenário brasileiro marcado pelo racismo religioso.

### *2.1 - Introdução às razões místicas descoloniais*

A desestruturação e o redirecionamento do conceito de modernidade, propostos por Dussel (2020), a partir da negação da relação exclusiva do termo com a cultura e as estruturas político-econômicas do modelo europeu, possibilitam a existência de múltiplas compreensões do moderno, de acordo com distintas perspectivas culturais.

Sob esse olhar, a modernidade não pode ser tratada como um conceito a-histórico, desvinculado das implicações da concretude e do posicionamento místico que influenciam o modo de agir e as consequências dos gestos praticados pelos integrantes de um determinado grupo social.

Dussel (2020, p. 29) aborda a criação da dicotomia entre modernidade e tradição, na qual se compreende como moderno a realidade advinda do desenvolvimento segundo o modelo europeu, enquanto a tradição passa a representar costumes considerados atrasados ou relegados a segundo plano. O autor propõe, portanto, a reinversão do caminho interpretativo adotado, tratando o conceito de tradição como “la permanencia de las prácticas y teorías de una cultura en la historia”, reconhecendo, em seguida, que essa modernidade foi formulada a partir de conhecimentos tradicionais.

Europa (especialmente desde el siglo XVIII la del Norte) tuvo la habilidad de informarse sobre todos los saberes de las culturas frecuentemente desconectadas entre sí y, como se opera hoy en las computadoras, leyó los archivos de otras grandes culturas más desarrolladas que las de Europa (que desde ese momento funcionaron como periféricas), asimilando o aprendiendo sus saberes, ciencias y tecnologías dispersas, y desde una situación desigual, mediante el manejo (management) de esa nueva centralidad (ahora mundial, incluyendo a América, y no solo al continente eurasiático), desconectó dichos archivos primero, ocultó su origen después y, por último, juzgó negativamente a las culturas originarias coloniales y sus descubrimientos (Dussel, 2020, p.27)

Para Dussel (2020, p. 33), o debate filosófico na América Latina deveria iniciar com “la recuperación de los fundamentos éticos de sus propias culturas (...) recuperar la valoración de la propia tradición, y desde ella, dialogando con la única Modernidad posible, que es la europea, adoptar las invenciones que no contradicen éticamente nuestras tradiciones”.

Essa conscientização frente à modernidade pode ser dividida, segundo o autor, em cinco gerações, sendo a quinta delas resultado da teoria da epistemologia descolonial desenvolvida por pensadores como Aníbal Quijano, Walter Mignolo, Ramón Grosfoguel, entre outros.

A epistemologia descolonial tem como base a corporeidade, ou seja, a teoria e seu desdobramento são compreendidos a partir do posicionamento dos corpos no Sul Global e das reações às categorias de gênero, raça e prática religiosa nos contextos em que esses corpos estão inseridos. Nesse percurso descolonial, “a condição do ser é primordial à manifestação do saber” (Rufino, 2019, p. 9).

Para Dussel (2013, p. 13–14), deve-se compreender a política como um conjunto de fatores: “una casa no es sólo una puerta, ni sólo una pared, ni un techo, etc.”, ou seja, as questões políticas devem ser analisadas em sua totalidade, sem recorrer a generalizações universalizantes. Todo exercício de poder, portanto, tem como referência o “poder de la comunidad política”, ou seja, o poder do povo.

A prática religiosa da Umbanda constitui um campo político situado em um território essencial, pois suas práticas ritualísticas dependem de um espaço físico para se desenvolverem. A singularidade da compreensão espiritual de cada entrevistada, bem como a força necessária para resistir à exclusão e aos preconceitos sociais diante da vivência religiosa, configuram um verdadeiro campo político de resistência.

Todo *campo político* es un ámbito atravesado por fuerzas, por sujetos singulares con voluntad, y con cierto poder. Esas voluntades se estructuran en universos específicos. No son un simple agregado de individuos, sino de sujetos intersubjetivos, relacionados ya desde siempre en estructuras de poder o instituciones de mayor o menor permanencia. Cada sujeto, como *actor* es un *agente* que se define en relación a los otros. (Dussel, 2013, p. 16)

A segunda tese elaborada por Dussel (2013, p. 9, 24–25), denominada “el poder político de la comunidad como *potentia*”, compreende como uma característica essencialmente humana o viver em comunidade, o que o autor denomina como uma

“voluntad”. Trabalha, portanto, com o conceito de “voluntad-de-vida”, que se traduz nessa tendência natural à convivência comunitária.

A união dessas “voluntades”, para além de interesses individuais conflitantes e voltadas ao bem coletivo, resultaria no aumento da potência da comunidade, na medida em que “sus miembros pueden darse razones unos a otros para llegar a acuerdos (...) pueden ser relatos míticos, expresiones artísticas como el teatro, o hasta las más abstractas formulaciones explicativas científicas.” Nesse sentido, uma das facetas do poder político é justamente “la convergencia de las voluntades hacia un bien común”.

Ao tratar da política da libertação, Dussel (2020, p. 193–194) cita autores como Badiou, Benjamin, Deleuze, Vattimo, Laclau e Guattari para defender a possibilidade de uma fundamentação ético-metafísica que, aliada ao princípio da materialidade e à “metafísica de la exterioridad”, impede que a argumentação “se pierda en elucubraciones matemáticas, subjetivistas o formalistas”, permitindo, assim, atribuir a um povo o protagonismo de seu próprio movimento de libertação. A consideração da materialidade metafísica de um povo representa, portanto, a negação do princípio da totalidade fetichizada e “se enmarca, además, en principios estratégicos de factibilidad, formales de legitimidad y núcleos ético-míticos que lo nutren de sentido”.

Abordando a Umbanda desenvolvida no Uruguai, Diego Pereira Rios (2020, p. 117) afirma que a presença da religião no território é frequentemente apagada em virtude de uma herança colonial. Partindo de uma “teología negra de la liberación”, com o objetivo de eliminar os preconceitos “que impiden la aceptación de la Umbanda como religión propia de nuestras tierras del sur”, o professor uruguaio de filosofia e religião defende que a Umbanda é fruto de um processo de luta por libertação no contexto político do país, já que foi introduzida por africanos escravizados transferidos do Brasil para o Uruguai.

En Uruguay la llegada de estos primeros cultos de matriz africana datan del siglo XVIII, haciéndose presente en Montevideo hacia 1793 por ser una de las ciudades principales de la Banda Oriental donde también existía el comercio de esclavos. Los sistemas religiosos de los cuales se influncian los primeros contingentes negros llegados a nuestro país proceden de la tradición Bantú y Yoruba, de Angola, el Congo y Mozambique, la primera, y de Nigeria y Sudán, la segunda. Pero a esto debemos sumarle el sujeto autóctono de estas tierras: las tribus Tupí-Guaraní. Con ellos se completa un rico entramado religioso donde se conjuga el elemento celebrativo centrado en la invocación de espíritus de los pueblos africanos, con la religiosidad chamanística de los Guaraníes. (...) Hacia 1930 la frontera noreste de nuestro país, lindante con Brasil, ha sido una zona que propició un pasaje de la tradición umbandista a otros puntos alejados de la capital. Hacia el norte, se fueron configurando los primeros grupos umbandistas que comenzaron a reunirse en los “terreiros” (centros de culto) para llevar adelante sus rituales. (...) Esto facilitó la transnacionalización afro-brasilera a nuestro pueblo, facilitado por la cercanía del

lenguaje y las costumbres sociales. Incluso, quizá la poca presencia de la Iglesia Católica en esas zonas tan despobladas, fue sedimentando un terreno para el florecimiento de la religión Umbandista. (Rios, 2020, p.119)

Rios (2020), ao tratar da teologia da libertação, explica que essa teoria tem como fundamento defender sujeitos sociais oprimidos com base na teologia cristã libertadora ou, nos termos utilizados por Dussel (2020, p. 196), por meio da denominada “acción mesiánica”. Contudo, o processo de raciocínio implementado por Dussel (2020, p. 196) pode ser utilizado por meio de outro sistema de crenças para posicionar a Umbanda e outras religiões afro-brasileiras sob uma perspectiva política. Assim, “es una anterioridad metafísica porque antes que la Ley y la Totalidad, están las personas y su corporalidad viviente. Ningún orden se fundamenta en sí mismo, siempre hay un más allá, una exterioridad a partir de la cual dicho orden puede ser posible y legítimo”.

Para Rufino (2019, p. 11), “por mais contundente que venha a ser o processo de libertação, é também um ato de ternura, amor e responsabilidade com a vida”, envolvendo, portanto, mais do que a teoria, mas a prática de viver uma vida desafiadora das imposições coloniais.

## *2.2 - O feminino como uma potência em face às ofensivas estatais*

A partir da perspectiva da América Latina e com a possibilidade revolucionária de praticar rituais que remetem à cosmologia indígena e africana, constantemente ameaçada, adiciono o ato de resistência e luta na preservação desses saberes quando ensinados e difundidos por mulheres. Nessa perspectiva, trago os dizeres de Veronica Gago (2020) ao abordar diferentes organizações de greves trabalhistas, porque, apesar das perspectivas de luta diferentes, ainda se trata de um grupo de mulheres combatendo uma prática estatal.

“Mas, de tudo o que eu aprendi, ser mulher é uma potência, é ser uma fortaleza”, como destaca Vinho. A frase que inicia este tópico é resultado da pergunta “o que significa ser mulher para você?”, e a fala de Vinho possui pontos similares com a fala de outras entrevistadas na identificação do Axé feminino.

Trato de dores e lutas que, anexadas a uma perspectiva descolonial, traduzem possibilidades de interferências mútuas entre religião, gênero e raça, que sejam constitutivas da vida política e contestadoras do Estado. Quando trabalhamos o feminino como potência, estamos tratando de uma “teoria alternativa de poder [...] como desenvolvimento de um

contrapoder” (Gago, 2020, p. 10), oriundo de uma reação coletiva frente às dinâmicas consolidadas de um poder hegemônico.

Há um mecanismo circular entre ação e reação que reformula a significação política de experiências. Essa correlação é relevante porque os conceitos trabalhados nesta dissertação são forjados nos movimentos de resistência, portanto voláteis, pois novos caminhos traçados na efervescência e incertezas da vida social agregarão ou retirarão informações antes catalogadas nesses conceitos. “É um registro aberto de um processo político que continua aberto” (Gago, 2020, p. 10).

Gago (2020) irá tratar de uma relação dual da manifestação do poder, que ocorre pelas forças que emanam do poder constituído, hegemônico, patriarcal, neoimperialista e capitalista, em face de forças constituídas pela reação dos grupos afetados por esse poder, trazendo o recorte de gênero, que constitui um poder reacionário, portanto, um contrapoder.

A fala de Lavanda situa o feminino na oposição àquilo que está posto; há um constante processo de agregar diversas forças e diferentes personas para cumprir papéis de luta diversos no dinamismo da vida.

“Significa ser mulher para mim? Não é algo fácil de ser esse ser humano não, tão cheio de dúvidas, inseguranças, de medos. Não é fácil ser mulher. Um ser humano que tá ao contrário de tudo, de tudo, né? De padrões, que seja o que for, de culturas, o caramba, porque a mulher ela tem que viver e sobreviver. Ela tem que fazer tantas coisas que ela não é. É como se diz, ela não se apega mais em questões de padrões de cultura e tudo mais. Então a mulher é um ser que luta muito. Pensa muita coisa, se movimenta bastante por ela, pelos filhos, se tiver pelo marido, se tiver pela companheira, pelo companheiro. A mulher, para mim é várias pessoas em uma só. Ela não é um ser somente ela é várias pessoas em uma só ela é várias forças de uma vez, né, em uma só. Então a mulher é um ser pensante, é um ser que movimenta é um ser que chora, que rir, depressão, ansiedade, há muita coisa ao mesmo tempo. Uma mulher para mim é isso tudo. Não é pouca coisa, não?” Lavanda

Dentro desse contexto da contraofensiva, Gago (2020) trata da reação de autores da extrema direita e da criação de um projeto político da cruzada religiosa de ataque às conquistas dos movimentos feministas na América Latina, por meio de ferramentas como a criação do termo ‘ideologia de gênero’. Em suas palavras, “(...) a contraofensiva é um chamado à ordem, e sua agressividade se mede pela percepção da ameaça a que a contraofensiva acredita estar respondendo. (...)” (Gago, 2020, p. 249)

A manifestação do contrapoder pela desobediência às regras políticas-religiosas, que garantem a firmeza de uma estrutura do poder constituído, limitando ideologicamente a autonomia e a amplitude do ser mulher com ideais coloniais, inaugura o que Gago (2020)

denomina como contraofensiva eclesiástica, que está diretamente correlacionada com a manutenção de saberes coloniais.

A contraofensiva eclesiástica é resultado de uma nova cruzada religiosa da Igreja Católica, que resultou na elaboração de um conceito para enfrentar os avanços das conquistas feministas e do movimento LGBTQIAPN+ na América Latina.

Gago (2020) cita Eric Fassin para determinar que o desgosto da Igreja Católica com o termo gênero se iniciou em 1990, como uma resposta de uma ala da extrema direita católica contra a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento das Nações Unidas e a IV Conferência Mundial sobre a Mulher: Igualdade, Desenvolvimento e Paz. Um dos primeiros movimentos desta cruzada foi o lançamento do livro “The Gender Agenda”, de Dale O’Leary, católica, conservadora e estadunidense, onde argumentava, segundo Gago (2020), que o termo gênero seria uma estratégia colonial.

Há, portanto, a utilização de uma categoria conceitual relevante para lutas descoloniais, com a função de atacar os instrumentos de mobilização dessas lutas. Em razão da elevada preocupação com o crescimento dos movimentos feministas na América Latina, há o movimento de apropriação do conceito de colonial para produzir um ataque a essas frentes de luta. Um ano antes da escolha de um Papa latino-americano, a Corte Suprema de Justiça da Argentina havia se manifestado no sentido de pretender legalizar o aborto (Gago, 2020).

“(…) Francisco representa um giro tático ao combate: a ideologia de gênero passa a ser associada pelo papa argentino a uma ‘ideologia colonizadora’[...] o papa vem do ‘Terceiro Mundo’ mobiliza uma retórica pseudoanti-imperialista para empreender a batalha contra os direitos das mulheres e LGBTQ+” (Gago, 2020, p.257)

Outra obra extremamente eficaz para a perpetuação da cruzada foi o livro *O Sal da Terra*, do Papa Joseph Ratzinger. Com base nessas situações concretas, Gago (2020, p. 251) argumenta que a disputa sobre o significado político do termo gênero, bem como a criação da terminologia ‘ideologia de gênero’, foram “(...) campanhas impulsionadas a partir de cima (...)”, ou seja, não vieram de uma revolta popular, mas de nomes relevantes da extrema direita da Igreja Católica.

“A disputa é enorme. Segundo a Igreja católica, **o que está em jogo é a natureza humana**, porque se está questionando o binarismo de gênero que constitui a base da reprodução heteronormativa - isto é, a família. Por isso, nessa cruzada ganharão também progressiva relevância as identidades trans e as tecnologias dedicadas à reprodução. Ambas as “questões” são representadas como uma etapa posterior da ideologia de gênero, **a consagração do desacoplamento entre sexo e gênero e, portanto, uma ameaça à teoria antropológica-teológica cristã da**

**complementaridade entre o masculino e o feminino. (...)**” (Gago, 2020, p.253, grifos nossos)

Esse jogo é fruto da preservação de uma teoria que auxilia as relações atuais de funcionamento do Estado, em face de concepções de vida compartilhadas por uma comunidade que representa um contrapoder diante dessas estruturas consolidadas.

Em contraposição a essa cosmovisão que funda o Estado e o direito por meio da compreensão rígida, baseada em um fundamento religioso cristão, de quando um indivíduo é considerado homem e quando é considerado mulher, as variações de definições e a forma como a sexualidade é compreendida nas experiências na África e nas religiões afro-brasileiras ameaçam a perpetuidade desse sistema de opressões. Buscou-se a exaltação e legalização de uma única voz, com base cristã, que poderia definir o que é ser mulher e quais atitudes e práticas não seriam recrimináveis. Quanto às outras expressões culturais de feminilidade, restou a demonização.

Os Calundus consistiam na primeira forma de organização mágica promovida pelos africanos em território brasileiro. Eram clandestinos, e suas práticas eram essencialmente rurais, mas havia encontros em casas. (Silva, 2013)

As mulheres que comandavam os Calundus eram chamadas de ‘calunduzeiras’ ou ‘pretas-mestres’. “Muitas mulheres tiveram seus nomes registrados no Tribunal do Santo Ofício da Inquisição devido a essas práticas” (Alexandre, 2023, p. 309).

Alguns ‘senhores’ aproveitavam a prática dos Calundus para lucrar com a magia dos escravizados. Por exemplo, a calunduzeira denominada Angolona Branca possuía uma chácara que foi disponibilizada pelo senhor Pedro Siqueira apenas para esse fim. Ele cobrava pelas curas e demais resoluções de casos de saúde praticadas por Angolona Branca. “Era comum que, entre os ‘escravos de ganho’, alguns fossem curandeiros e oferecessem serviços terapêuticos por ordem de seus senhores” (Alexandre, 2023, p. 309).

Em um espaço colonial no qual os meios oficiais e científicos de lidar com problemas de saúde eram de difícil acesso para a população de baixa renda, os Calundus serviam como a única possibilidade diante de uma doença. “Eles acabaram por constituir certo poder nas cidades em desenvolvimento, ao mesmo tempo legítimo e alternativo, prestando à população urbana serviços essenciais, de que ela, de outro modo, dificilmente disporia” (Alexandre, 2023, p. 323).

Outros casos ocorreram na Costa da Mina, em Minas Gerais, com o grupo denominado ‘Dança da Tunda’ ou ‘Okó Tunda’, comandado por Josefa Maria, no qual há

relatos de que, além dos indivíduos escravizados, também havia presença constante da classe operária branca.

Cláudia (2023) narra que, nas leituras dos casos dos tribunais inquisitoriais contra a magia no Brasil, o caso de Luzia Pinta se destaca. Luzia era Angolona, conseguiu comprar sua carta de alforria e comandava um Calundu em Vila de Sabará, Minas Gerais.

Luzia foi condenada pela Inquisição, sendo encaminhada para Lisboa, onde foi obrigada a ficar por 2 anos, sendo interrogada e torturada pelo Santo Ofício. Luzia se negava a abandonar sua fé e foi condenada a permanecer 4 anos em uma cidade onde havia uma luta estatal contra o Islamismo, Cidade de Castro Marim, não tendo mais notícias dela após esse evento (Alexandre, 2023).

Luzia foi presa por praticar sua magia como liberta, enquanto não há história de condenação de Angolona Branca, que praticava, mas gerava renda para o senhor Pedro Siqueira (Alexandre, 2023).

### *2.3 - Saberes Ancestrais, pluralismo jurídico e política estatal de apagamento: ofensivas estatais comissivas ou omissivas*

A organicidade da vida no terreiro e suas epistemologias próprias são formas de exercício de um poder político que, para além de outras frentes de luta, tem sua existência, por si só, exalada como resistência política, tendo em consideração a perseguição aos saberes afrocentrados e ao protagonismo feminino no poder.

Sendo cada terreiro um universo próprio, esses saberes são localizados, sendo impossível estabelecer um conjunto de regramentos que esteja, em sua totalidade, inserido na realidade de todos os terreiros do Brasil ou mesmo de uma localização geográfica mais restrita.

Essa dinâmica reforça como esses saberes possuem relevância por serem inseridos no dinamismo político e jurídico do Estado. Wolkmer (2015, p. 190) defende que um dos elementos do pluralismo é o “localismo”, que busca reforçar características locais e regionais desenvolvidas “no âmbito da família, vizinhança, igreja, comitês de bairro, associação local e comunidade restrita”. Isso porque é relevante o reconhecimento da riqueza desenvolvida a partir da oralidade e da conexão de culturas diversas que se manifestam de maneira distinta dentro de seus Congás<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> O termo refere-se ao local onde os cultos ocorrem.

“O pleno funcionamento de uma sociedade constituído por núcleos dispersos e não similares efetiva-se com a permanente participação não só das diversas instâncias sociais complexas e autônomas, como também da participação dos elementos integrantes de pequenas unidades e de corpos setoriais” (Wolkmer, 2015, p.190)

O estado monista, por ser formulado em profundas “contradições estruturais de teor socioeconômico e político-étnico-cultural” (Wolkmer, 2015, p. 17), opta pela prevalência de um conjunto de saberes em detrimento de todas as demais coletividades produzidas no interior do Estado e, nesse sentido, cria um cenário no qual “o que é segurança para todos passa a ser violência para muitos” (Wolkmer, 2015, p. 17).

Os conhecimentos reforçados no terreiro de comunidade, conexão com a natureza, base afrocentrada dos saberes, entre outros, não são os fundamentos do estado liberal burguês e, portanto, por não estarem representados na fórmula oficial escolhida pelo estado monista burguês, passam a estar situados na marginalidade do poder, sendo vítimas de violência ora estatal, ora incentivadas pelo Estado.

Para Wolkmer (2015, p. 127), “a juridicidade emerge das diversas formas do agir comunitário, mediante processos sociais autorreguláveis advindos de grupos voluntários, comunidades locais, associações profissionais, representações étnico-culturais, organizações populares, corpos intermediários, etc.”. Com base nessa lógica, a juridicidade advém da concepção de feminino e de poder desses sujeitos coletivos. O processo de homogeneização da identidade nacional (Melo de Sousa, 2013) tem por consequência a segregação entre o que é validamente brasileiro e, portanto, apto a ingressar e alterar os campos institucionais de poder e as características raciais, de gênero e de saberes que deveriam ser eliminadas, pelo menos do Estado, tendo em vista a impossibilidade de erradicar das dinâmicas societárias nacionais.

Conforme relembra Lima Jr., Schwarcz e Stumpf (2022), no ano de 2022, o governo brasileiro comemorou o bicentenário da independência do Brasil, ressaltando a falácia da história da independência, aos moldes europeus. Em um trecho do comunicado oficial, afirmou:

“O feito da independência não foi uma batalha de um homem só: o chefe da nação era também o seu coração. Em seu ímpeto, estava a impulsão de sua esposa, o clamor de seus conselheiros, a virtude da gente brasileira e a aspiração das futuras gerações. A conquista permitiu que escrevêssemos a própria história, e esta premiou-nos com a nossa identidade” (Brasil, 2022)

O ideal de sociedade reproduzido pelo governo brasileiro se traduz em um homem vencendo uma batalha porque teve o apoio e a serenidade da esposa, única qualidade em que

a mulher entre nessa narrativa forjada oficialmente, com os seus conselheiros o clamando e o exaltando e graças às virtudes e moralidade mantidas pela população.

Nesse discurso que não se fez verdade no momento em que primeiro foi produzido e que continua não sendo verdade quando continua sendo reproduzido pelas instituições brasileiras na comemoração de 200 anos de uma data que, embora oficial, também não é indicativa da independência do Brasil. No discurso oficial do governo temos a nossa identidade como um prêmio dentro da cadeia de consequências oriunda da conquista advinda da bravura europeia, “premiou-nos com a nossa identidade”. (Brasil, 2022)

Continua afirmando que “assim como até a espada de um príncipe se desgasta e demanda nova forja, a identidade de uma nação requer cuidados para se manter rija” (Brasil, 2022). O governo apontava a necessidade de cuidados constantes, um eufemismo para uma série de violências cotidianas, para cumprir a finalidade de manter a identidade rígida. Resta claro nesse discurso o lugar de subalterno frente à oficialidade das instituições estatais, das inúmeras identidades, também brasileiras, que contribuíram, senão construíram por si só, o Brasil, mas que não possuem espaço institucional nesse modelo rígido de identidade cultural da nação brasileira.

Um ponto do Boiadeiro, linha de trabalho que representa o saber daqueles que exerceram atividades no campo cuidando do gado, trata como alguns teriam identidade enquanto outros não.

Me chamaram de mineiro  
Eu não sou mineiro não  
Sou de amansador de burro bravo  
Mineiro é meu patrão

O Mineiro Ê, O Mineiro Â  
Macumba boa como a de Minas não sei (Vem na fé, 2011)

Ele é carreiro  
Na estação da Leopoldina  
Tava carreando boi  
Para salvar banda de minas (Vem na fé, 2017)

*Fotografia 11 - A figura demonstra a firmeza para os Boiadeiros realizada na festiva para essa linha de trabalho.*



*Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2024e)*

Essa rigidez também vincula valores religiosos aceitos e não aceitos dentro da lógica institucional. Vejamos:

“nas artes das campanhas do Bicentenário, usamos uma versão estilizada da Cruz da Ordem de Cristo por ser um símbolo presente de forma constante na identidade brasileira desde o início de sua história até hoje e por resentar os valores religiosos em que os brasileiros se fundamentam” (Brasil,2022).

Lima Jr., Schwarcz e Stumpf (2022) apontam que o trecho divulgado pelo governo desconsidera o fato de que a identidade brasileira está baseada em um multiculturalismo religioso, com altos graus de sincretismo e reformulações religiosas conforme as regiões e os espaços em que se manifestam. Ressalta-se, assim, a reprodução de uma relação compulsória entre identidade brasileira e cristianismo, prática que remonta à época da invasão do território.

Para além das manifestações advindas do Poder Executivo, em 2002, o partido de extrema-direita Partido Social Liberal (PSL) propôs a Ação Direta de Inconstitucionalidade

nº 2076, em razão de o Estado do Acre não ter mencionado o nome de Deus no preâmbulo de sua Constituição Estadual. (Brasil, 2003)

O preâmbulo da Constituição Estadual do Acre optou por reforçar o protagonismo do povo, em vez de destacar a atuação de seus representantes. Exaltou o processo histórico do Acre e não mencionou a expressão “sob a proteção de Deus”, nos mesmos moldes em que aparece no preâmbulo da Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil, 2003). Vejamos o preâmbulo da Constituição do Acre:

A Assembleia Estadual Constituinte, usando poderes que lhe foram outorgados pela Constituição Federal, obedecendo ao ideário democrático, com o pensamento voltado para o Povo e inspirado nos heróis da Revolução Acreana, promulga a seguinte Constituição do Estado do Acre. (Brasil, 2003)

O Supremo Tribunal Federal entendeu que o preâmbulo não constitui norma de reprodução obrigatória. Outro argumento utilizado pelo partido na ADI<sup>22</sup> 2076 foi o de que o preâmbulo da Constituição do Acre violaria o princípio da generalidade, pois, sendo o único preâmbulo que não invoca a proteção de Deus, os cidadãos acreanos seriam os únicos privados dessa proteção divina (Brasil, 2003).

Com os mesmos resquícios jesuíticos, Cabo Daciolo, atualmente filiado ao partido Patriota — anteriormente conhecido como Partido Ecológico Nacional, que mudou de nome em 2018 — representa uma legenda de extrema-direita, de orientação religiosa e conservadora. Daciolo foi eleito pelo PSOL<sup>23</sup> até que o diretório nacional do partido decidiu por sua expulsão, com 54 votos a favor e apenas 1 contra. Uma das razões para a expulsão foi a apresentação, enquanto deputado federal pelo PSOL, da chamada “PEC<sup>24</sup> dos Apóstolos” (Brasil, 2021), que sugeria a alteração do parágrafo único do artigo 1º da Constituição Federal que viria a constar:

Parágrafo único: Todo o poder emana de Deus, que o exerce de forma direta e também por meio do povo e de seus representantes eleitos, nos termos desta constituição. (Brasil, 2021)

Uma das poucas justificativas que não se baseavam em argumentos bíblicos, mas sim em uma observação da realidade, mencionava uma outra práxis institucional além da presença da expressão “sob a proteção de Deus” no preâmbulo da Constituição Federal: a entrega de todos os trabalhos do Congresso a Deus (Brasil, 2021).

---

<sup>22</sup> Ação Direta de Inconstitucionalidade

<sup>23</sup> Partido Socialismo e Liberdade

<sup>24</sup> Proposta de Emenda Constitucional

No final, Cabo Daciolo acaba por levantar a seguinte lógica, que revela uma problemática: se a expressão está presente no preâmbulo, se está presente no início de toda sessão do Congresso, só falta estar oficialmente na Constituição como norma.

Na Câmara e no Senado, é praxe que os presidentes declarem a seguinte frase antes de abrir a sessão:

“Na Câmara e no Senado, é praxe e regimental os presidentes dizerem a seguinte frase antes de declararem aberta a sessão: *‘Sob a proteção de Deus iniciamos os nosso trabalho’*

Percebe-se, sem sombra de dúvidas, que a presença de Deus é reconhecida pelos Congressistas. Porém, há de se afirmar um lapso na redação do parágrafo único do artigo 1º da Constituição Federal” (Brasil, 2021)

Souza (2013) afirma que a identidade é uma produção sócio-histórica-discursiva, e que as narrativas históricas penetram no ideário social, perpetuando uma identidade rígida e europeia do que seria o Brasil, sustentada pelo mito da democracia racial e pelo “mito da brasilidade inclusiva e aberta”, os quais acabam por excluir a complexidade e o multiculturalismo que expressam a totalidade do Brasil por meio da pluralidade de suas individualidades.

Ao passo que a doutrina jurídica, pensando a nação brasileira tende a formulá-la como uma identidade política exclusiva, o nomos jêje (mas também nagô/iorubá, como da Casa Branca, ou angola/bantu, como no Tumba Junsara) pensando e imaginando oceonicamente sua comunidade (por nascimento de santo) a entendem como situacional e polivalente, podendo ser vivida em paralelo ou em composição com a nacionalidade brasileira que se adquire por direito de solo, pelo nascimento num território. (hoshino, 2020, p.83)

Brandão (2015) afirma que as constituições são consequências de representações elitistas e coloniais. Enquanto movimentos constitucionais historicamente recentes, como o neoconstitucionalismo, focam na perspectiva judiciária, movimentos como o novo constitucionalismo latino-americano impulsionam a participação popular nas instituições, ora engessadas e rígidas de poder, conforme experiências concretas de reformulação estatal por meio da convivência e distribuição de poder entre as múltiplas perspectivas culturais-históricas.

Brandão (2015) aponta que a mera previsão de direitos indígenas na Constituição brasileira de 1988 não foi suficiente para empoderar as comunidades indígenas devido à constante predominância de políticas neoliberais. A prática jurídica e institucional de um país deve ser analisada em sua complexidade, e não apenas com base na letra da lei. A previsão da liberdade de crenças não é compatível com a prática política e institucional e, portanto, não empodera o povo de Santo, além de não ser suficiente para incluir seus saberes.

Colocar as práticas afrodescendentes diante do Supremo Tribunal Federal, sob a ameaça de que o ritual de abate de animais para o culto seja proibido em nome de uma possível violação da moralidade e da norma estatal, é uma violência institucional de alto nível, demonstrando o risco de que, a qualquer momento, nossas práticas sejam desconsideradas em um sistema que não as considera parte integrante do jogo político e jurídico.

Algumas falas do Procurador do Ministério Público do Rio Grande do Sul, no recurso extraordinário 494.601/RS (Brasil, 2019), demonstram esse cenário: "Esse é um debate que terá que ser travado hoje sobre a questão da necessidade de abate para o ritual religioso." (Brasil, 2018, sem p.). A frase é problemática porque explicita o desejo de que o Supremo Tribunal Federal decidisse ou não acerca da necessidade de um ritual para uma religião, competência que o órgão do poder judiciário não possui, uma vez que cabe apenas aos líderes religiosos de suas respectivas religiões decidir se um ritual é ou não necessário em determinada ocasião.

Estava em discussão a existência ou não de violação a regulamentos ambientais, com o Procurador afirmando que a religião afro-brasileira "também deve, em alguma medida, se adaptar à nova realidade constitucional que nos foi trazida em 1998." (Brasil, 2018, sem p.). Não são as práticas milenares e transatlânticas de expressão religiosa e cultura que devem se adaptar a um regramento estatal, mas sim o Estado que deve abrir espaço para que todas as práticas possam ter sua voz em uma nação segura para exercê-las.

O Estado de Mato Grosso do Sul tornou obrigatória a existência de Bíblias nas bibliotecas e nas escolas públicas do Estado, com custeio pelo ente público, por meio da Lei 2.902/2004 (Brasil, 2004). A lei foi objeto da Ação Direta de Inconstitucionalidade 5656 (Brasil, 2017), ajuizada em 2017 pelo Procurador Geral da República, por violar a laicidade e ser uma forma do Estado promover a religião cristã. Os artigos 1º, 2º e 4º da Lei foram considerados inconstitucionais.

Artigo 1º - Fica o Poder Público Estadual obrigado a manter exemplares da Bíblia Sagrada, tanto da edição católica como evangélica, revistas e atualizadas nos acervos de suas bibliotecas e de suas unidades escolares.

Parágrafo Único: A obrigatoriedade prevista no caput não implica restrição ou impedimento para a manutenção nos acervos públicos de livros sagrados de outras comunidades religiosas. (Brasil, 2004)

O artigo 1º da Lei Estadual esclarece, de forma escrita, uma realidade política institucional que revela a manutenção dos agentes políticos de que os objetos religiosos da

religião cristã seriam obrigatórios, enquanto há um discurso de "não impedimentos" para outros objetos rituais pertencentes a outros agrupamentos religiosos. (Brasil, 2004, sem p.)

As frases escritas no artigo e no parágrafo único demonstram a manutenção da mentalidade de oficialidade das religiões cristãs e de marginalidade para as outras religiões. Segundo esse regramento, as práticas de outras religiões "não estariam impedidas" (Brasil, 2004, sem p.), mas, sob a perspectiva desenvolvida na lei, não caberia ao Estado promover ou garantir a sua presença.

O artigo 2º previa que o Estado deveria garantir que os exemplares da Bíblia estivessem sempre em "local visível e de fácil acesso" e que "deveriam ser colocados à disposição de alunos, professores e demais usuários", ressaltando no artigo 4º que "as despesas decorrentes da execução desta lei correrão à conta das dotações consignadas no orçamento vigente." (Brasil, 2004, sem p.)

Apesar de a lei ter sido declarada inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal, a necessidade de uma Ação Direta de Inconstitucionalidade para solucionar a problemática, bem como a aprovação da lei na sessão legislativa estadual e o sancionamento da lei pelo prefeito, são ações preocupantes que denunciam uma mentalidade colonial impregnada nos entes públicos.

A mentalidade de "ausência de impedimentos" perpetua a exclusão das práticas religiosas afro-brasileiras, pois entende que uma atitude passiva do Estado é suficiente para proporcionar igualdade de espaço para diferentes cosmo-percepções com epistemologia negra.

O racismo religioso decorre do epistemicídio de saberes ancestrais negros trazidos e reformulados no Brasil. A violência contra o povo de terreiro é uma violência de cunho racial porque rejeita o fato de que o terreiro é um dos únicos espaços, junto com os quilombos, onde os saberes produzidos em África podem ser revividos e ter uma influência ativa na estruturação e no regramento.

A Procuradoria Geral da República também defendeu a inconstitucionalidade do ensino religioso confessional em escolas públicas, argumentando que o ensino religioso em escolas públicas não deveria estar vinculado a uma religião específica. Com o voto vencido do ministro Luís Roberto Barroso na Ação Direta de Inconstitucionalidade 4439 (Brasil, 2010), sendo o único a defender que esse ensino religioso deveria ser não confessional, o Supremo Tribunal Federal entendeu pela constitucionalidade do ensino religioso confessional em escolas públicas.

A escolha de qual religião ensinar nas escolas públicas têm ocorrido por meio de demandas do corpo discente, com matrícula facultativa. A Secretaria de Estado de Educação (Seeduc) do Rio de Janeiro, durante uma audiência pública realizada em outubro de 2024 na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), informou que apenas 10 mil alunos, dos 588 mil matriculados nas escolas públicas da rede estadual, teriam optado pelo estudo religioso (Alerj, 2024).

Outro dado apresentado pela Seeduc é que, dos 428 professores que ministram ensino religioso confessional no Rio de Janeiro, 56,48% são católicos, 31,48% evangélicos e 12,04% são espíritas ou de religiões afro-brasileiras (Manchete Jornal, 2024).

O modo de organização dos dados quantitativos pela Seeduc me parece equivocado. Agregar religiões de base filosófica tão distintas na mesma categoria impede a averiguação precisa da atual ausência de representatividade das religiões de matriz afro-brasileira nas escolas públicas. O espiritismo é uma religião cristã fundamentada na Bíblia, enquanto as religiões de matriz africana, mesmo quando mencionam Deus, Jesus e Maria em decorrência do sincretismo, não possuem base epistemológica cristã.

Optar pelo ensino religioso de caráter confessional e inscrição optativa demonstra uma atitude passiva e de pretensa neutralidade por parte do Estado brasileiro, que poderia ter optado pelo ensino não confessional de caráter obrigatório, ensinando sobre a cultura e a história das religiões no Brasil, como uma questão ativa frente ao preconceito. Isso se justifica especialmente porque um estudo da Prova Brasil (Uol Educação, 2017), com diretores de escolas públicas, revelou que 55% das escolas não tinham outras atividades disponíveis para os alunos que não optaram pelo ensino confessional.

Em 2024, o Supremo Tribunal Federal decidiu, no Recurso Extraordinário 1249095, que a presença de crucifixos em prédios públicos da União não seria inconstitucional, em razão de ser um símbolo utilizado em reconhecimento ao "aspecto histórico-cultural presente na construção da sociedade brasileira" (Brasil, 2024a), complementando que "a formação moral e cultural da sociedade brasileira teve influência histórica do cristianismo católico, com traços marcantes no cotidiano social" (Brasil, 2024a). É importante decidirmos, como nação, qual história do Brasil e quais as suas múltiplas ou únicas influências culturais consideraremos, e se queremos que a nossa identidade seja interpretada como rígida ou plural pelo Estado.

Tese: A presença de símbolos religiosos em prédios públicos, pertencentes a qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira,

não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade. (Brasil,2024a)

O julgamento ocorreu em 27 de novembro de 2024, e a publicação foi feita em 27 de fevereiro de 2025, um mês após a decisão. Contudo, antes da publicação, no dia 19 de dezembro de 2024, o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro recebeu o Osé/Oxê de Xangô, um Orixá associado à justiça. É muito significativo que, um mês depois de o Supremo Tribunal Federal decidir que não havia inconstitucionalidade na presença de símbolos religiosos, em razão da relevância histórica, o Osé/Oxê de Xangô tenha obtido um espaço no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (Pai Paulo de Oxalá, 2024).

*Fotografia 12 – A imagem apresenta o Osé/Oxê de Xangô em uma firmeza realizada no terreiro.*



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2023g)

Como já mencionado, a decisão do Recurso Extraordinário 1249095 foi publicada em 27 de fevereiro de 2024 (Brasil, 2024a). No mesmo mês, o Instituto de Defesa dos Direitos das Religiões Afro-Brasileiras (Idafro) encaminhou um pedido ao Supremo Tribunal Federal solicitando a inclusão do Osé de Xangô no plenário da Corte, ao lado do crucifixo. O documento referente ao pedido não está disponível ao público, e até o momento em que esta dissertação foi finalizada, não havia informações sobre uma resposta do órgão (Veja, 2024).

A agilidade e a esperteza na inclusão do Osé de Xangô refletem como devemos estar sempre prontos para agir diante de brechas no sistema que possam ser exploradas a fim de garantir o pluralismo religioso. Quando o pássaro Irókó das Iyá Mi estava aterrorizando Ketu, diversos caçadores tentaram atingi-lo com flechas, mas ele só foi alvejado por Oxóssi, que lançou apenas uma única flecha. Isso só foi possível porque, antes de Oxóssi atirar, Iemanjá fez uma oferenda ao pássaro, que abriu as asas para recebê-la, sendo então flechado por Oxóssi, que passou a ser conhecido como o rei de Ketu. Conforme a explicação da Mãe de Santo Bianca, Oxóssi havia se preparado e estava pronto para agir no momento certo, acertando sua flecha com precisão (Urucaia, 2025).

No dia 18 de março de 2025, a Prefeitura do Rio de Janeiro publicou uma resolução reconhecendo práticas tradicionais das religiões afro-brasileiras no âmbito do Sistema Único de Saúde. Contudo, a Prefeitura revogou a resolução sem apresentar justificativas, por meio do Decreto 55.824/2025 (Brasil,2025).

Em julho de 2023, o Conselho Nacional de Saúde (CNS), por meio da Resolução nº 715, recomendou o reconhecimento das práticas de cura dos terreiros como uma das orientações para o Plano Plurianual e o Plano Nacional de Saúde (Brasil, 2023).

46. (Re)conhecer as manifestações da cultura popular dos povos tradicionais de matriz africana e as Unidades Territoriais Tradicionais de Matriz Africana (terreiros, terreiras, barracões, casas de religião, etc.) como equipamentos promotores de saúde e cura complementares do SUS, no processo de promoção da saúde e 1ª porta de entrada para os que mais precisavam e de espaço de cura para o desequilíbrio mental, psíquico, social, alimentar e com isso respeitar as complexidades inerentes às culturas e povos tradicionais de matriz africana, na busca da preservação, instrumentos esses previstos na política de saúde pública, combate ao racismo, à violação de direitos, à discriminação religiosa, dentre outras. (Brasil,2023)

Embora as práticas afro-brasileiras tenham sido aceitas no Rio de Janeiro apenas por um curto período de seis dias, diversas práticas espiritualistas, não associadas às religiões de matriz africana, são aceitas no Sistema Único de Saúde desde 2006, em decorrência da Política Nacional de Práticas Integrativas. Entre essas práticas, destacam-se o Reiki, a terapia com cristais, a medicina tradicional chinesa, a aromaterapia e a fitoterapia (que possui semelhanças com o uso de ervas nos terreiros). No entanto, as práticas de matriz africana não estão incluídas nessa política.

*Fotografia 13 – A figura mostra um ritual dedicado a Obaluaê, Orixá associado à saúde.*



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2023a)

*Fotografia 14 – A figura demonstra uma firmeza realizada no terreiro para Obaluaê.*



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2024c)

Em 2014, o processo 0004741-33.2014.4.02.5101 ficou conhecido devido a uma decisão na qual o juiz da 17ª Vara Federal do Rio de Janeiro afirmou que as religiões de matriz africana não poderiam ser consideradas religiões porque "não contêm os traços necessários de uma religião, a saber, um texto base (Alcorão, Bíblia, etc.), ausência de estruturas hierárquicas e ausência de um Deus a ser venerado" (Brasil, 2024b; Migalhas, 2014).

Para além das questões filosóficas e sociológicas sobre o que seria necessário para definir um conjunto de crenças como religião, o juiz Eugênio Rosa de Araújo negou-lhes a definição para negar-lhes direito e proteção estatal.

A ausência de um texto base decorre da tradição oral, ao invés da escrita. Adotar a oralidade como ferramenta de transmissão de conhecimento exalta a essencialidade da coletividade, pois o conhecimento não poderá ser obtido de forma individual e solitária.

A oralidade impõe uma estruturação hierárquica, apesar da alegação do magistrado de que essa não existiria. O conhecimento é transmitido pelos mais velhos dentro do terreiro, conforme o grau de evolução espiritual e a posição que ocupa no espaço.

Nas religiões afro-brasileiras, os conhecimentos não devem ser apenas informados de forma passiva; deve-se aprender de forma ativa, por meio da participação nos rituais religiosos e da conexão com as entidades, obtendo auxílio dos mais velhos para isso e auxiliando os mais novos.

A afirmativa "ausência de um Deus a ser venerado" (Brasil, 2024b; Migalhas, 2014) também não é verídica, uma vez que essas religiões são politeístas, com uma variedade de Orixás e entidades cultuadas. Na Ação Civil Pública, o Ministério Público Federal pedia a exclusão de vídeos que ofendiam as religiões de matriz africana e as associavam ao diabo, elaborados pela Igreja Universal (Brasil, 2024b; Migalhas, 2014).

As manifestações religiosas afro-brasileiras não se constituem em religiões, muito menos os vídeos contidos no Google refletem um sistema de crença- são de mau gosto, mas são manifestações de livre expressão de opinião.

(...)

Não há, do mesmo modo, perigo de irreversibilidade, posto que as práticas das manifestações afro-brasileiras são centenárias e não há prova inequívoca que os vídeos possam colocar em risco a prática cultural profundamente enraizada na cultura coletiva brasileira (Brasil (b), 2024; Migalhas, 2014)

É uma forma de violência sistêmica alegar que o teor de "mau gosto" dos vídeos não causaria danos irreversíveis às práticas das "manifestações afro-brasileiras" porque são

"centenárias", ou seja, já persistem apesar de situações mais ou menos gravosas do que as expostas no processo.

*Fotografia 15 - A figura mostra um Preto-Velho riscando o seu ponto, sendo este uma forma de assinatura que tem como função diversos objetivos, como força, proteção, cura, entre outros. O ponto é riscado com a pamba (um giz fabricado de forma ritualística).*



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2024h)

Em Caratinga, Minas Gerais, foi expedido o alvará de funcionamento nº 2762 para um terreiro de umbanda, com uma série de restrições. Inicialmente, aponto que a prefeitura classificou as atividades como "centro espírita" e não como um terreiro de umbanda, como efetivamente o era. (Rodrigues, Ferreira, 2023)

Vejamos o conteúdo das informações complementares do respectivo alvará:

ENCERRAMENTO ÀS 21:50 HS  
 PROIBIDOS BEBIDAS ALCOÓLICAS;  
 MENORES DE 14 ANOS;  
 SOM DO ATABAQUE MAIS BAIXO;  
 PROIBIDO LINHA DE EXÚ;  
 PROIBIDO EMBRIAGUÊS;  
 Deverá ser fixado no estabelecimento em lugar visível” (Rodrigues, Ferreira, 2023)

São limitações extremas e gravíssimas ao culto. Bebidas alcoólicas são consumidas por algumas entidades incorporadas em cavalos maiores de idade e pertencentes a um grau

mais elevado, em razão de a entidade trabalhar com a matéria-prima da bebida, seja a cana-de-açúcar, seja a cevada.

*Fotografia 16 - A figura mostra duas entidades da linha da malandragem, estando um copo de bebida na mão*



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2024a)

A proibição de menores de 14 anos viola os direitos dos pais de educar seus filhos conforme suas crenças e ignora o fato de que o terreiro é, por essência, um espaço familiar. O Axé das crianças, seja as terrenas, seja a ibejada, é essencial para uma casa de Axé.

Amarelo-Ouro disse que, nessa linha de trabalho, aprendeu a sorrir mais, e Branco-Floral afirma que a estrelinha lhe ensinou a ser alegre. Para Coral, a Joanhina foi essencial para aprender sobre simplicidade e alegria. Vinho ensina que a Ibejada traz o conhecimento de que as coisas podem ser simples e bonitas.

Pedrinho da Praia, nas palavras de Lavanda, a ensinou a voltar a brincar, a se aproximar das pessoas e trouxe luz e alegria para a sua vida.

*Fotografia 17 - A imagem mostra a ibeji de uma médium brincando com uma criança do terreiro.*



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2023h)

A Tenda Espírita Luz de Maria, assim como muitos terreiros, realiza festas para as crianças do bairro e distribui os saquinhos de São Cosme e Damião. Vejamos:

*Fotografia 18- Uma das fotos tiradas na celebração das crianças do bairro realizada pelo terreiro.*



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2023f)

Dourada informou, em entrevista, que foi durante uma gira de Ibejada que decidiu começar a trabalhar no terreiro.

Ah foi um dia que eu cheguei. Na verdade eu já estava frequentando o terreiro há um tempo, assim, de vez em quando e como aqui em casa a minha família a gente é, foi criada, eu fui criada muito na igreja, então eu tinha a visão que todo mundo tinha que era ruim, que para entrar... as coisas ruins que a gente escuta falar. E aí foi um dia que eu cheguei lá muito triste, muito mal, como várias vezes eu entrei muito triste, muito mal dentro de uma igreja só que dentro da igreja parecia que eu entrava e saía péssima, tô mesmo jeito que eu entrava eu saía, 99% das vezes e nesse dia, foi um dia que eu tava muito mal e em vez de ir para igreja, eu fui para o terreiro e aí chegando lá a entidade da criança da [nome da médium omitido pela pesquisadora] é falou comigo que era para eu parar de chorar que eu chorava muito, que eu ria pouco e se eu queria receber alegria. E aí eu disse que sim, não entendia nada de entidade, de terreiro, de nada. Ela acabou chamando a minha criança e aí foi a primeira vez que eu incorporei também, foi nesse dia. E eu incorporei a minha criança e fiquei uns 5 minutos com ela e logo depois ela já subiu, só que quando eu voltei e sentei lá no banco de novo era como se 90% daquela tristeza que eu tava tivesse ido embora com a minha criança e esse foi o dia que eu ví que aquele lugar não era ruim, que aquilo não era demônio, que aquilo não ia me fazer mal, pelo contrário aquilo ia me ajudar e aí foi quando eu vi que era bom e aí eu resolvi entrar. (Dourada)

A proibição da linha de Exu e a restrição ao som do atabaque evidenciam interferências estatais na condução espiritual do terreiro. O atabaque é um instrumento religioso essencial para o chamado das entidades.

*Fotografia 19 - Imagem dos jovens tocando o atabaque na festiva da malandragem.*



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2024a)

*Fotografia 20 - Imagem do Atabaque na gira da mata.*



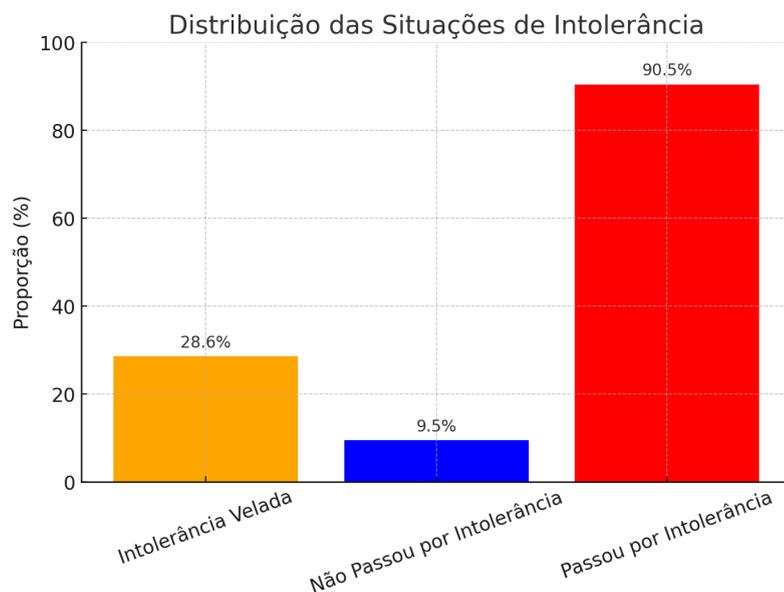
Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2023d)

A administração municipal de Caratinga informou que se tratava apenas de um modelo antigo, que nunca havia sido atualizado, pois não houve questionamentos a respeito do conteúdo até o presente momento. (Rodrigues, Ferreira, 2023)

#### *2.4 - Casos de racismo religioso no terreiro*

O presente tópico apresenta os casos de racismo religioso colhidos nas entrevistas. É relevante compreender se as entrevistadas sofreram ou não experiências de racismo religioso e, em caso afirmativo, de que forma essas experiências ocorreram, permitindo entender como essas violências se manifestam, na prática, sobre o corpo feminino. Com base nas entrevistas, foi possível constatar as seguintes informações:

Gráfico 03 - Distribuição das situações de intolerância



Fonte: Da Autora, 2025

Amarelo-Ouro relatou que a intolerância religiosa que sofre é muito velada. Não há falas explícitas, mas sim comportamentos sutis, como o constante afastamento de pessoas que antes conviviam com ela. Segundo suas palavras: “Pessoas que você tinha um carinho imenso e que te amavam profundamente já não amam mais tanto, já não respondem mais uma mensagem que você coloca no grupo dos amigos antigos, você percebe na sutileza.”

Azul-Celeste afirmou que sofreu intolerância religiosa e que, no início, teve dificuldades em aceitar a religião. Foi sua filha quem a levou para o terreiro, onde também frequentava a atual Mãe de Santo. A filha insistia diariamente para que rezassem juntas à noite, e Azul-Celeste costumava responder: “A salvação é individual, me deixa dormir.” Apesar disso, a filha sempre a convidava para acompanhá-la ao terreiro.

Bordô declarou que nunca passou por nenhuma experiência de intolerância religiosa. Atribui isso ao fato de que ser umbandista é a primeira característica que apresenta às pessoas, não deixando espaço para reações adversas. Relatou que a maioria de suas amigas são evangélicas e que todas compareceram ao seu casamento realizado na umbanda.

Branco-Floral informou já ter passado por situações de intolerância religiosa por ser mãe de uma criança que também participa das atividades no terreiro. Mencionou dois episódios de intolerância ocorridos na escola da filha, o que a levou a tomar a medida drástica de transferi-la para outra instituição. No entanto, a situação voltou a se repetir na nova escola.

Branco-Floral contou que teve o apoio da Mãe de Santo, que cuidou da filha e ajudou a lidar com a situação. Disse ainda que só não ingressou com uma ação judicial porque estudou na escola anterior e possui grande carinho pela dona da instituição, que atualmente não está mais na direção.

Na nova escola, a filha enfrentou problemas com adolescentes de 12 e 13 anos. Diante disso, Branco-Floral afirmou que processaria os pais, caso a situação voltasse a acontecer.

“A minha filha hoje faz terapia, sofre de crise de ansiedade, já teve episódios muito mais graves na vida dela, né? É... A ponto de querer desistir de tudo, entendeu? Por conta dessa intolerância religiosa. Mas ela foi uma pessoa que me deu muita força em todo momento, a ponto de dizer para mim que ela não sabia o que seria da vida dela. A gente não sabia como a gente agiria dali para frente, mas a única certeza que ela tinha era que ela não abandonaria o terreiro, de forma alguma. E isso me deu uma fortaleza muito grande. Uma menina de 10 anos de idade. O posicionamento com relação à religião muito bom. Então assim, a fé no sagrado que a gente confia é tão grande que a gente tinha certeza que a gente não tava fazendo nada de errado e que valeria a pena lutar pra continuar onde a gente estava.” (Branco-Floral)

Coral relatou ter vivido experiências de intolerância religiosa tanto com motoristas de aplicativo (Uber) quanto dentro da própria família. Disse se considerar "a ovelha colorida" da família. O lado paterno de sua família é italiano e católico, não admitindo nenhuma possibilidade religiosa além do catolicismo. Desde cedo, Coral escondia a mediunidade que manifestava e só conseguiu se aproximar da umbanda após seu pai entrar em coma.

A maior parte das experiências de intolerância vividas por Coral teve origem na família paterna. Como exemplo, ela relatou que, dois anos após o falecimento de seu pai, sua tia — irmã dele — foi até sua casa tirar satisfações por ela ter se tornado umbandista, utilizando a palavra "macumbeira" de forma pejorativa.

“Eu falei que sim e ela falou, “você sabia que você sabe que o que o [nome do pai ocultado pela pesquisadora para proteger a identidade], que era o meu pai, que o [nome do pai ocultado pela pesquisadora para proteger a identidade] estaria está muito decepcionado com você, né?”

Estava dentro da minha casa e aí eu só olhei para ela e falei, “eu acho que meu pai estaria decepcionado com muita gente, né?” Então, assim, agora há pouco tempo, um irmão do meu pai, que mora aqui do meu lado, colocou uma imagem de Jesus Cristo virada pro meu quintal, como se tivesse repelindo os demônios, né? Então, assim, preconceito o tempo todo, o tempo todo, principalmente na família.” (Coral)

A família materna de Coral não toca no assunto. Sua mãe, embora evangélica, aceitou a escolha da filha. Tanto a mãe quanto a filha de Coral demonstram apoio à sua decisão, pois perceberam um progresso pessoal nela depois que ela se envolveu com a umbanda.

Dourada explicou que, em sua família, todos são da Igreja, mas nas conversas sempre surgem piadas ou comentários indiretos sugerindo que a escolha dela é errada. Ela disse: “É sempre um dedo apontado de que é tudo ruim, é tudo demônio e o que estou fazendo está errado.”

Fúcsia mencionou que, embora não haja uma intolerância explícita, ela prefere não se identificar como umbandista em algumas situações. Revelou que, antes de se tornar umbandista, compartilhava a mesma visão das pessoas sobre a religião.

Índigo relatou que enfrenta dificuldades para conseguir emprego, pois sua religião faz parte do seu portfólio. Da mesma forma, Magenta também encontrou obstáculos no trabalho devido à sua religião.

Eu já passei de maneira sutil, às vezes por mostrar o portfólio de vídeo e tem ali muita coisa da religião e aí eu não sou chamada para o trabalho depois, é tratamento diferente de alguns amigos que não sabiam a religião passam a saber e se afasta um pouco ou naquelas pregações gratuitas no trem, no metrô que a pessoa vem direto para você “você tem igreja?”, eu digo: “eu sou umbandista”, e a pessoa: “você vai encontrar Jesus ainda” então bastante racismo religioso sim. (Índigo)

Malva, por ser negra, sofreu racismo religioso antes mesmo de ingressar na religião, pois associavam a cor de sua pele às doutrinas da umbanda.

Fui alvo de comentários pesados sobre mim, coisas que eu nem entendia na época porque desconhecia o assunto. Depois que me aprofundei na umbanda, entrei na religião com firmeza e segurança sobre o que eu queria. Hoje em dia, não dou abertura para esse tipo de situação. Pode até acontecer, mas agora eu sei me posicionar. Não sou espírita nem kardecista; eu sou umbandista. Quando falam de mim como macumbeira, eu respondo com orgulho, porque a umbanda é responsável por tudo que eu sou hoje. Não sinto vergonha nem medo. Se algum preconceito aparece, geralmente é mais velado, porque as pessoas sabem que, se se dirigirem a mim, eu vou rebater. (Malva)

Marrom-Olívica conta que trabalha como professora e, no ano passado, foi a única a não atrasar as correções de redação, enquanto todos os demais professores homens entregaram com atraso. Neste ano (2024), Marrom-Olívica torceu o pé e ocorreu a seguinte situação:

(...) o diretor me chamou em uma reunião assediada, dizendo que eu estava fazendo um péssimo trabalho, que eu tinha que ter ido trabalhar com a perna daquela maneira. Ele viu no meu Instagram que eu tinha ido na festa de Ogum, e aí ele jogou isso em cima, falando, porque para ir para lá, para sua macumba, você teve perna para ir, para vir para cá, você não teve. A minha sensação é de que não é nunca suficiente. Não adianta o que eu vou fazer, nesses espaços que vão ser suficientes para eu ter uma imagem consolidada. E olha que hoje eu já sou uma pessoa que, dentro do mercado, já me posiciono, já passei por muitos lugares, já tenho uma oral mais alta, corrijo redação do Enem, corrijo redação da UERJ, sou de

banca de concurso. Então, se for olhar o currículo, pura e simplesmente, tenho muito mais coisas do que uma gente que está lá. Mas não é suficiente, porque a questão de ser mulher está sempre à frente disso.

(...) Essa aluna pegou, uma aluna do terceiro ano, tirou um print da minha foto indo para o terreiro, com a perna machucada, e mandou para o diretor. Eu não sei qual é o objetivo. Eu imagino qual tenha sido, principalmente em relação a... Eu não estou tendo aula, mas ela está lá se divertindo, sei lá. Mas eu não sei se isso teria acontecido, se tivesse sido num culto, se isso tivesse sido numa igreja. Eu não sei, sinceramente. Eu acho que intrinsecamente está ligado, sabe? E aí, nesse dia, o diretor vem e fala para mim, falou, ah, porque você teve perna para ir lá para o seu terreiro e você não teve perna para vir trabalhar. E aí, eu falo para ele assim, bom, primeiro que... Não te cabe. Não te cabe você trazer isso aqui. Não te cabe você trazer a minha religião aqui. Não, não estou trazendo a sua religião porque eu já fui a Macumba. Não, não te cabe. Você jamais deveria estar me questionando aonde é que eu estou indo no meu terreiro. Você não tem nada a ver com isso. Aí não, mas você foi lá. Você sabe o que é eu ir lá? O que para mim significa eu, com uma perna quebrada, ir ao meu terreiro? Você sabe o que isso pode significar? Quando você está doente, você não vai a um hospital? Isso para mim pode ser a mesma coisa, para mim pode significar a mesma coisa. Então, não te cabe você vir falar isso para mim. Até porque você está comparando um trabalho em que eu tô, inclusive, de atestado, não poderia jamais estar trabalhando com a perna quebrada e você tá comparando com o meu terreiro. Não tem nada a ver com isso. Você não sabe nem como eu fui. Você não sabe quem me levou. Você não sabe se eu fui obrigada. Você não sabe, então não te cabe ali, não. Mas eu não tô falando do seu terreiro. Aí entrou numa lógica, assim, de não, não é nada disso. O que é isso? Deixa disso. Tem até uma discussão, sabe? E assim, as pequenas intolerâncias do dia a dia. Eu tenho algumas tatuagens e aí os alunos ficam perguntando e torcendo o nariz. Quando eu uso, por exemplo, um colar que tem uma figurinha da preta velha, eu reparo os olhares. Mas eu acho que o mais recente, que foi mais grotesco, foi esse... Foi esse caso mesmo.” (Marrom-Olivia)

Prata contou que, quando morava com a filha, frequentava outro terreiro e nunca se deu muito bem com o genro, sendo a religião um dos motivos para isso. Um dia, ela saiu da casa onde a filha morava, pois estava de mudança. Quando Prata voltou para pegar o restante de suas coisas, o genro havia jogado os utensílios de trabalho de sua Preta-Velha fora.

Preto-Cintilante relatou que, muitas vezes, quando está a caminho do terreiro de Uber ou de ônibus e usa uma blusa que remete à Umbanda, percebe olhares desconfortáveis. Contou que, em uma ocasião, pediu um Uber após a gira para voltar para casa e o motorista chegou na porta do terreiro, mas se recusou a levá-la. “A moça afirmou que tinha muita gente para entrar no Uber, mas só tinham três pessoas.”

Terracota não se lembra de ter passado por nenhum caso de intolerância religiosa, enquanto Turquesa informou que enfrentou resistência e piadas por parte da família e do ex-marido, sendo essa uma das razões que contribuiu para o fim do casamento. A única pessoa que aceitou sua escolha religiosa foi sua mãe. “Outras pessoas, incluindo amigos e familiares, fazem piadas e demonstram desconfiança quando veem elementos da minha prática espiritual, como firmes ou velas acesas.”

Verde-Mar contou uma história relacionada a preconceito dentro de relações familiares e as dúvidas sobre a criação de sua filha por uma mãe umbandista:

A família do meu marido é protestante, e a minha filha mais nova, que é filha dele, frequenta a casa dos meus sogros e da minha cunhada, que moram juntos. Quando comecei a frequentar o terreiro, não achava que precisava dar explicações sobre minha vida em relação a isso. No entanto, minha cunhada começou a falar muito sobre religião com a minha filha, que tem apenas 4 anos. Em um momento, minha filha contou que viu uma mulher na cachoeira e falou sobre isso naturalmente, como se não houvesse nada de errado.

Minha cunhada reagiu dizendo que aquilo não era de Deus, que não era Jesus, e a minha filha me contou sobre isso. Eu senti a necessidade de me posicionar, então marquei uma conversa com minha cunhada, minha sogra e meu sogro para falar sobre o terreiro e explicar minha visão.

Durante a conversa, minha cunhada começou a discutir, dizendo que não achava certo e que, se eu tomasse essa atitude, teria que impedir a minha filha de frequentar a minha casa. Eu sempre respeitei todos e nunca tratei ninguém de maneira desrespeitosa. Só estava pedindo respeito. Não estou pedindo para que me amem ou aceitem minha religião, não sou missionária.

Foi uma situação bastante desconfortável, a única situação clara de intolerância religiosa que vivi com minha família. É mais difícil quando você compartilha esses casos com pessoas do terreiro. Já contei sobre isso para outras pessoas do terreiro e também ouvi histórias de intolerância religiosa. Muitas vezes, essas histórias vêm da internet, onde as pessoas parecem se achar donas da verdade e se sentem autorizadas a falar qualquer coisa.”

“Por outro lado, uma coisa que me incomoda é quando homens incorporam entidades masculinas e, durante a incorporação, fazem avanços sobre mulheres. Nesses casos, fico me perguntando até que ponto é a entidade ou a pessoa que está no controle. A incorporação é uma experiência consciente, é uma dupla que age ali, e a pessoa tem certo controle sobre o que a entidade faz ou diz, especialmente no contexto social em que está inserida. Então, até que ponto a pessoa pode estar se aproveitando da incorporação para dizer ou fazer algo inapropriado? Isso me incomoda porque me faz sentir invadida, e acredito que isso atravessa o feminino nesse sentido. (Verde-Mar)

Vermelho-Cereja relatou que fez um curso de corte e costura e, ao descobrirem que ela era umbandista, começaram a tratá-la muito mal. Algumas pessoas, inclusive, saíram do curso, já que a maioria dos participantes era Testemunha de Jeová.

Ah, você é filha do demônio.' Eu respondi que não, que sou filha de Oxalá, que para eles é como Jesus. Na minha casa, a imagem que está em destaque é a de Oxalá. Após isso, mais de 10 pessoas saíram do curso. Dos 20 Testemunhas de Jeová restantes, só ficaram 2, um casal e uma menina. Fiquei surpresa com a reação deles. Tive até uma discussão com a professora, que era cristã e frequentava uma igreja que usa véu. Ela falou algo sobre 'padê', dizendo que hoje é visto como oferenda para o diabo. Expliquei que, na verdade, padê era comida para os escravos e que a visão dela era equivocada. Respondi que o verdadeiro 'diabo' era a língua dela, que falava mal dos outros. Ela apenas me olhou em silêncio. (Vermelho-Cereja)

Vermelho-Cereja relatou ainda que alguns vizinhos fizeram um abaixo-assinado para que o terreiro saísse do local onde está, alegando barulho.

Eu disse: 'E se fosse uma igreja? Não seria a mesma coisa?' Até uma vizinha veio falar comigo, dizendo que era muito barulho. Eu respondi: 'Então, vá morar perto da balada lá da Vila São Luiz, onde o barulho é a noite toda.' Ela riu. Eu falei: 'Isso que vocês estão fazendo é intolerância religiosa. (Vermelho-Cereja)

Vinho contou que tinha uma chefe que era pastora e sabia que ela era umbandista. A chefe começou a fazer vários comentários na sala onde trabalhavam.

Quando eu saía mais cedo, ela fazia comentários do tipo: “Ah, lá vai ela, vai ficar girando, pegando espíritos ruins.” Eram sempre comentários velados, mas com esse tom. Até que eu fiz um confronto e falei: “Olha, eu não gostei, não faça mais isso. Eu não quero esse tipo de comentário.” Ela se sentiu ameaçada e acabou me demitindo. Então, sim. (Vinho)

Lavanda relatou duas situações: uma violência psicológica doméstica relacionada à sua religião, vinda do pai de seus filhos, além de situações constrangedoras no ambiente de trabalho.

Sobre outras questões, teve um caso com o pai dos meus meninos. Quando ele viu meu uniforme todo arrumadinho pela primeira vez, ele disse: 'Tira isso daqui'. E eu falei: 'Não, não vou tirar, porque eu cheguei, o quarto é meu também e eu durmo aqui'. E pronto, acabou. Ele ficou meio incomodado, olhando para o outro lado, e disse: 'Se você não tirar, eu vou queimar o teu vestido'. E eu respondi: 'Tenta queimar o vestido para ver se você não queima a tua mão'. Ele nunca mais mexeu no meu vestido, nunca mais falou nada, mas sempre me provocava sobre eu ir ao terreiro. Ele falava muita bobagem, muita grosseria.

Teve uma vez que ele me disse que no trabalho as pessoas me viam no Facebook e perguntavam, fazendo comentários maldosos. Eu falei que era muito simples resolver isso: bloqueiei ele e o resto do mundo. E não me chatee mais com isso. (Lavanda)

Laranja-Fogo sofre com o fato de seu pai, que não segue nenhuma religião, tê-la criado para ser católica. Ela disse que, às vezes, prefere não mencionar para ele que está indo para a gira.

A íntegra dos relatos de intolerância religiosa sofridos pelas entrevistadas pode ser encontrada na transcrição das entrevistas. No entanto, os breves relatos expostos neste capítulo revelam a dificuldade de exercer livremente a fé de matriz afro-brasileira.

### 3. TERREIRO: ESPAÇO DE JURIDICIDADE ALTERNATIVA

O presente capítulo aborda como a vivacidade do espaço está nas relações sociais, nas construções políticas e organizacionais formuladas em um território pelas pessoas que o frequentam e, a partir dessa realidade, cria-se uma forma de juridicidade que contrasta com o protagonismo concedido às formas jurídicas dos tribunais e da elite estatal.

#### *3.1 - O racismo religioso: um olhar por direitos*

Concluí o último capítulo trazendo histórias de violências sofridas pelas entrevistadas em razão da escolha por serem umbandistas. Também lhes foi perguntado se esses casos haviam sido compartilhados com outras pessoas no terreiro e qual foi o resultado desse compartilhamento. As respostas obtidas revelam como o terreiro é um espaço comunitário, onde o vínculo de irmandade serve tanto como impulso para enfrentar as dificuldades do mundo externo quanto como indicativo de que a recorrência dessas violências acaba por gerar sua naturalização.

Bordô relatou que uma menina do terreiro contou ter sido questionada por estar usando uma guia, ouvindo de alguém que "isso era uma palhaçada". Branco-Floral mencionou que compartilhou sua situação com a Mãe de Santo, que lhe ofereceu apoio. Vinho relatou ter recebido acolhimento ao contar que foi demitida por conta de sua religião. Índigo observou que algumas pessoas tendem a normalizar essas situações, especialmente quando se trata de filhos da casa que foram criados em outra base religiosa.

“As pessoas tendem a enxergar como algo normal.. “ah faz parte”, é tem uma minoria que às vezes vem de outra religião e fala “ah, mas também você está se expondo demais”, tem uma galera que vem e fala “ah mas tira do seu portfólio”, mas é um sentimento de resignação na maior parte do tempo.” (Índigo)

Magenta afirma que, às vezes, as pessoas não precisam pedir ajuda — apenas um abraço e um consolo já são suficientes. Marrom-Olivia diz que sentiu consolo ao comentar sobre o assunto, pois estava com muita raiva: “mas é engraçado porque nenhuma delas ficou indignada, sabe? Então, só configura que aquilo ali é muito naturalizado, né? É muito comum na nossa realidade.”

Retomando a ideia desenvolvida no Capítulo 1, na qual a associação da mulher com elementos mágicos e um conjunto de saberes ancestrais contrários à lógica produtiva e estatal resultou na desvalorização da humanidade feminina e em sua subjugação por meio de mecanismos jurídicos e estratégicos, Sodré (2019) desenvolve a concepção de que as relações com o sagrado e com o espaço passaram a ser reformuladas para o exercício de um projeto colonial, cuja missão era:

“ordenar, através da fé cristã, do conhecimento científico e do liberalismo econômico, o resto da terra (...) novas palavras ou noções (cultura, civilizações), novos espaços construídos (palácios, monumentos, avenidas) justificaram sempre novas figurações do poder”. (Sodré, 2019, p.31 e 39)

O autor (2019, p. 39) desenvolve o conceito de "território do corpo", definido como a combinação entre o espaço pessoal e o espaço adjacente. Essa interação resulta na capacidade de elementos corporais ampliarem o alcance dos espaços ao redor, permitindo que o indivíduo atue em regiões mais amplas.

Por outro lado, quando há uma limitação nesse alcance, o espaço adjacente se reduz, o que implica menor influência nas dinâmicas sociais — e, por que não, jurídicas e políticas — vigentes. Em outras palavras, as características marcadas no corpo do indivíduo influenciam diretamente no espaço que lhe é disponível para se desenvolver.

A violência religiosa, além de envolver elementos étnicos e de gênero, é uma violência essencialmente racial, pois representa uma forma de agressão que, como já demonstrado ao longo do texto, está necessariamente associada à negação e à recusa de um conjunto de saberes negros.

Essa violência também expressa a rejeição a um modelo de estrutura organizativa comunitária formulado no continente africano e adaptado ao dinamismo social desenvolvido pela população negra brasileira, mesmo diante da repressão e do racismo institucional.

Quando a violência racial religiosa chega às instituições do direito, costuma ser tratada como meras “brigas de vizinhos” ou enquadrada em outras categorias, que não a racial ou religiosa. Em Manaus, por exemplo, o povo de santo conseguiu ministrar um curso de aperfeiçoamento nas agências policiais com o objetivo de explicar como o racismo religioso opera e como pode ser identificado (Ramos, 2019).

Em um país onde a população não se reconhece como racista (Bonilla-Silva, 2003), mesmo diante de realidades extremas como o extermínio físico de corpos negros pelo Estado,

como desenvolver uma segurança jurídica e uma expectativa legítima de que a população, o Estado e o Judiciário saberão reconhecer e tratar corretamente os casos de racismo religioso?

Luciana Ramos (2019, p. 56) defende que “dar um bori no Direito Achado na Rua” significa propor um novo projeto político de direito a partir da encruzilhada. Nessa perspectiva, garantir direitos e liberdades — previstos ou não constitucionalmente — pode, muitas vezes, exigir o enfrentamento do direito já constituído por meio dos mecanismos oficiais.

A autora propõe uma reconfiguração da noção de justiça a partir da justiça de Xangô, sob o reinado simbólico de Oyá (Iansã) e Xangô. Vaz e Chiara Ramos (2021), na obra *A justiça é uma mulher negra*, propõem a representatividade de Iansã com sua espada levantada, pele negra e olhos abertos — e não vendados — como um ideal de justiça não universalista e não cega, fundamentado na experiência da diáspora.

Há, portanto, um desvio da narrativa jurídica oficial, que desloca os saberes afro-diaspóricos e a população do Axé da posição passiva de tutelados para uma posição ativa e produtora de conhecimento e resistência. Como afirma Ramos (2019, p. 43): “Espera-se somente que o ex-colonizado/colonizado seja tão dócil quanto grato, não podendo, portanto, sair do seu lugar petrificado de escravo, inferior e infantilizado.”

A confiança no alcance social da produção legislativa e das ações do Estado e do Direito — criados a partir da exclusão desses grupos — reforça a expectativa de gratidão do colonizado, mesmo diante da perpetuação de estruturas excludentes. Afinal, “a raça e o racismo, portanto, constituem-se como princípios organizadores da acumulação de capital em escala mundial e das relações de poder do Sistema-mundo” (Ramos, 2019, p. 49).

Wolkmer (2015, p. 191) aborda que o pluralismo jurídico deve ultrapassar o que chama de “princípio liberal da tolerância”. Para ele, o pluralismo pressupõe o espírito de cooperação e a prática do diálogo intercultural, rompendo com o modelo assimilacionista e unilateral das estruturas jurídicas ocidentais.

A Mãe de Santo Flávia (2021), na obra *Salve o Matriarcado: Manual da Mulher Búfala*, explica que há um contraste entre a posição da mulher nos terreiros e aquela assumida em outros espaços sociais. Tal contraste é fruto do desmantelamento da relevância social e política da mulher, causado pela imposição do modo de vida europeu.

Dessa forma, é possível expandir o conceito de lugar para além de uma noção estática e puramente física. O espaço não se resume a um pedaço de terra com componentes orgânicos e inorgânicos, ou a uma área passível de compra, venda ou apropriação. É

necessário formular uma compreensão do espaço e das suas relações sociais e jurídicas como algo vivo, relacional e dinâmico.

Sobre esse olhar, o lugar é um ser político e jurídico que estrutura as relações ali existentes. É na vivacidade presente nas dinâmicas territoriais e nas expressões corporais que as violências se estruturam. Vagner Gonçalves (2023, p. 121) apresenta um caso em que o terreiro Asé Ilê Olá Omi Asé Opô Aràkà, em São Paulo, realizou um fundamento externo para Exú perto de um poste de energia elétrica localizado na rua. “A comunidade chama esse fundamento de Exu do Poste, incorporando, de forma jocosamente, a ‘modernidade’ às suas práticas tradicionais, já que, assim como a energia elétrica gera movimento, o próprio Exú pode ser representado por ela.

O afastamento da teoria do direito das cosmo-percepções afro-brasileiras, repletas de influências indígenas, não se dá pela impossibilidade de existência de valores em um ramo da ciência, mas por escolhas políticas que priorizam determinados valores, os quais contrastam e excluem outras perspectivas e cosmo-percepções que não as suas.

Em outras palavras, estou tratando de uma reprodução de valores nos quais os conhecimentos dos povos originários e os que aqui se estabeleceram são considerados ultrapassados e contraproducentes para a construção teórica e estatal, que depende de estruturas de saberes europeias e estadunidenses. Isso, portanto, desenvolve o imperialismo das ideias, que acabam sendo reproduzidas pelo próprio colonizador.

Sodré (2019) entende o território como uma força propulsora que ultrapassa os limites do espaço físico. A cultura que se opera em uma localidade e as simbologias ali presentes têm a capacidade de provocar modificações no comportamento humano, como os pontos riscados das entidades, os firmamentos realizados no terreiro, a vestimenta das entidades, entre outras simbologias, que possuem uma dinâmica tanto nos cultos quanto na organização da sociedade.

Quando as entrevistadas foram indagadas se, em comparação com outros lugares, como a casa e o trabalho, sentiam uma diferença nas possibilidades de exercício do seu feminino no terreiro, 66,7% responderam que sentem diferença, enquanto 33,3% disseram que não sentem.

Amarelo-Ouro não sente dificuldade, pois há uma predominância feminina no terreiro. Ela afirma: “Eu sinto um conforto pelo comando e pela predominância feminina do terreiro em comparação com outros lugares em que transito.”

Bordô diz que não percebe influência, pois acredita que a situação é a mesma em qualquer lugar. Branco-Floral, por sua vez, afirma que não sente diferença, mas que estar

dentro do terreiro a fez se tornar mais dona de si, o que a empodera tanto nas relações dentro quanto fora do terreiro.

Coral afirma que a voz masculina ainda é muito forte dentro do terreiro. Esse predomínio masculino foi ocorrendo ao longo do tempo, e ela acredita que, no passado, "se trabalhava muito mais o feminino, inclusive com os homens, para que eles entendessem o mundo feminino." Por isso, ela não percebe diferença.

Dourada sente diferença e cita como exemplo que, dentro de sua casa, não consegue ser tão mulher quanto gostaria, porque precisaria adotar "um papel um pouco mais masculino". Ela ainda destaca que precisa abrir mão de muitas coisas para trabalhar.

Fúcsia expressa que não há diferença, pois ela não está no terreiro para demonstrar seu fato de ser mulher, mas apenas para buscar a espiritualidade.

Índigo considera o terreiro o momento mais desafiador, pois sente dificuldade de se impor, de ser ouvida e respeitada, mesmo com o comando feminino. Por outro lado, Laranja-Fogo afirma que não há dificuldade e que estar no terreiro não retira a sua feminilidade. Lavanda nunca havia pensado sobre isso, mas afirma que o terreiro proporciona liberdade para ela: "Sou muito respeitada e já compartilham bastante do meu choro, das minhas aflições, medos e ansiedades."

Lilás sente-se mais livre no terreiro, pois lá pode ser quem realmente é. Ela se sente respeitada, e, do lado de fora, é mais difícil encontrar respeito. Ela acrescenta: "Dentro do terreiro, até mesmo os homens têm respeito pelas forças femininas, como a Pomba-Gira e as entidades mais velhas."

Magenta não sente diferença, pois trabalha com muitas mulheres no salão de beleza. Malva, por sua vez, apenas disse que não vê diferença.

Marrom-Olivia sente muita diferença, pois possui dificuldades com o feminino no trabalho. Ela é professora na área de pré-vestibular, um campo majoritariamente masculino, já que não é a "tia do fundamental". Ela ressalta: "Não importa o colégio em que você esteja, não importa o trabalho que você faça, você sempre será mulher. Antes de qualquer coisa, você sempre será mulher."

Prata se sente mais livre dentro do terreiro, pois lá é preciso ser firme e não se pode confundir as coisas. Preto-Cintilante se sente mais mulher no terreiro, especialmente durante as giras de Pombagira, que a empoderam. Terracota se sente mais livre no terreiro, pois sua família tem uma criação muito patriarcal, permitindo-lhe demonstrar quem ela é sem desrespeito no terreiro.

Turquesa pode expressar seu feminino de forma mais completa dentro do terreiro. Ela trabalha em um time de futebol e é a única mulher em um espaço composto por cerca de 70 homens. Ela comenta: “Muitas vezes, sinto que, por ser mulher, não tenho todas as portas abertas e enfrento desafios adicionais apenas por estar em meio a tantos homens. No terreiro, no entanto, sinto que tenho a oportunidade de ser mais autêntica e de explorar meu feminino de maneira mais plena.”

Verde-Mar afirma que, em cada lugar, assume uma persona, mencionando Jung, e que o feminino se manifesta de maneira diferente em cada espaço.

“No meu trabalho, por exemplo, eu represento o feminino como uma mulher que está na luta, que precisa se mostrar e se empoderar para se colocar e não deixar os outros passarem por cima de mim. Já no terreiro, é diferente. Lá, há uma hierarquia muito bem estabelecida, e eu estou em uma posição mais baixa, diferente da posição que ocupo no trabalho. No terreiro, eu me coloco mais como uma filha, do que como mulher, dona de casa ou mãe. É uma persona que, dentro do meu feminino, está mais ligada ao cuidado e ao trabalho interno. Eu vejo o terreiro quase como uma terapia na minha vida, um lugar de autocuidado e crescimento pessoal. Em casa, é completamente diferente. Aqui, tenho várias personas também. Sou esposa, filha—minha mãe mora aqui embaixo—e mãe, porque tenho dois filhos. E dentro desse papel de mãe, preciso ser respeitada, mas também quero ser um espelho para elas, porque sou a referência de mulher para elas. Então, há muitas diferenças em relação ao terreiro no que diz respeito ao feminino, mas acredito que o terreiro tem um lugar especial de cuidado e de trabalho interno, o que considero muito positivo.”  
(Verde-Mar)

Vermelho-Cereja se sente mais livre no terreiro, apesar das limitações sobre o que pode ou não ser feito dentro de um espaço religioso. Ela acredita que existem alguns posicionamentos machistas em sua casa, com a família, e afirma: “É um lugar onde realmente me sinto livre, muito mais do que na rua, onde, por exemplo, se você usa um shortinho, as pessoas acabam olhando e falando coisas desagradáveis.”

Para Vinho, o ambiente do terreiro é mais confortável. Ela menciona ser a única mulher em seu ambiente de trabalho e que, apesar de trabalhar com homens, não sofreu preconceito. No entanto, ela destaca que não é tão confortável quanto na tenda, onde a maioria é mulher e a comandante é mulher.

Sodré (2019, p. 16-17) defende a existência da "heterogeneidade dos espaços", pois um mesmo espaço físico pode apresentar uma multiplicidade de sentidos. Quando tratamos em termos culturais, a identidade de uma comunidade está estritamente vinculada ao espaço que ocupa, sendo também um sujeito. "O território aparece, assim, como um dado necessário à formação da identidade grupal/individual, ao reconhecimento de si por outros (...). Desse modo, uma expressão cultural é dotada de uma 'dimensão territorial/lógica do lugar'."

O autor (2019, p. 21) desenvolve, então, a linha de raciocínio de que o terreiro "é um lugar originário de forças ou potência social para uma etnia que experimenta a cidadania em condições desiguais."

Em sentido semelhante ao conceito de "heterogeneidade dos espaços" desenvolvido por Sodré (2019), Michel Foucault (1967), na conferência denominada "De outros espaços", trata do espaço heterogêneo e da heterotopia. Foucault (1967) argumenta que as dicotomias estão muito presentes na compreensão dos espaços, seja na diferenciação entre espaços públicos e privados, seja em outros contrastes. Essas oposições denunciam a ausência de dessacralização dos espaços, que são constantemente alterados pela compreensão do Sagrado.

Esses lugares não seriam totalmente concretos no sentido de que não são compreendidos apenas com base na sua fundação e nas suas especificidades técnicas, mas também não seriam utópicos, pois existem, são reais e são repletos de significados em uma determinada cultura. Foucault (1967) denomina esses espaços de heterotopias.

“Há também, provavelmente em todas as culturas, em todas as civilizações, espaços reais - espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade - que são algo como contra-sítios, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nos quais são, simultaneamente, representados, contestados e investidos. Este tipo de lugares está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar a sua posição geográfica na realidade. Devido a estes lugares serem totalmente diferentes de quaisquer outros sítios, que eles reflectem e discutem, chamá-lo-éi, por contraste às utopias, heterotopias.” (Foucault, 1967, p.3)

Foucault (1967, p.4) associa o conceito ao exemplo de um espelho que ao refletir uma imagem transforma o local que apesar de não ser real também não é absolutamente irreal, mas “para nos apercebermos desse espaço real, tem de se atravessar esse ponto virtual que está do lado de lá”.

Henri Lefebvre (2006) menciona a existência de “espaços de representação”<sup>25</sup> Que seriam alterados pela imaginação e por um conjunto de símbolos. Trata-se de um espaço vivido que é alterado pela compreensão dos seus habitantes bem como um espaços criados por escritores, filósofos e artistas.

---

<sup>25</sup> “c) Os espaços de representação, ou seja, o espaço vivido através das imagens e símbolos que o acompanham, portanto, espaço dos “habitantes”, dos “usuários”, mas também de certos artistas e talvez dos que descrevem e acreditam somente descrever: os escritores, os filósofos. Trata-se do espaço dominado, portanto, suportado, que a imaginação tenta modificar e apropriar. De modo que esses espaços de representação tenderiam (feitas as mesmas reservas precedentes) para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais.” (Henri Lefebvre 2006, p.66)

Clóvis Moura (2019, p.62) associa as primeiras compreensões realizadas por antropólogos sobre os ritos das religiões afro-brasileiras como uma “ciência auxiliar de uma estrutura neocolonizadora” em razão de terem estabelecido uma hierarquização entre diferentes culturas religiosas. Ao invés desses cientistas terem compreendido o sincretismo como uma forma de resistência e capacidade de diálogo com diferentes lógicas culturais, eles compreenderam como sendo a prevalência de uma “doutrina superior” em “doutrinas inferiores”.

“A concepção de Exú como ‘diabo’ e ‘escravo’ é certamente tributária da visão católica sobre a religiosidade africana e a escravidão. Mais, a concepção de Exu relacionado ao mundo do trabalho, geralmente do trabalho pesado, braçal ou ‘sujo’ (feitiços relacionados ao mal), reflete um aspecto importante do imaginário brasileiro, em que o trabalho é visto como uma tarefa desqualificante destinada preferencialmente às classes baixas, em geral às populações negras e pobres.” (Gonçalves, 2023, p.130)

O espaço do terreiro também é um ambiente agregador, acolhedor e pluricultural. Sodré (2019) aborda como a diferença entre nações ou etnias era utilizada pelo sistema escravista para promover divisões e evitar rebeliões contra esse sistema. Ocorre que, ao contrário do que pensavam os defensores do sistema escravista, essa divisão entre nações e etnias de forma segregada e conflituosa não existia de forma acentuada no Brasil, onde prevalecia a solidariedade.

Vagner Gonçalves (2023, p. 73) discute como Exú pode ser representado segurando uma chave e uma vassoura, sendo a chave um símbolo do reinado de Exú sobre os caminhos, e a vassoura "provavelmente indicando sua relação com a bruxaria europeia e, ainda, com a cosmologia africana, que associa símbolos de poder a instrumentos que varrem ou enviam doenças, como o xaxará de Obaluaiê".

O terreiro se organizou nessa dinâmica de doravante e promoveu intercâmbios culturais no Brasil a partir do fato de que agregou diversas nações ou etnias em manifestações diversas e inclusivas de rituais.

“(…) ao Axexê (ritual funerário) de Mãe Aninha, do Axé Opô Afonjá, em 1938, compareceram as figuras principais de todos os terreiros, inclusive o próprio Alufá (chefe supremo) dos muçurumim ou malês, aos quais se costuma atribuir forte rivalidade com os nagôs. (...) Não vige aí o princípio lógico do terceiro excluído, da contradição: os contrários atraem-se, banto também é nagô, sem deixar de ser banto.” (Sodré, 2019, p.57-59)

Além de perpetuar a cultura e o patrimônio africano, os saberes indígenas foram agregados à dinâmica dos terreiros. Isso porque, da mesma forma que a comunidade negra na

África homenageia os antepassados — os eguns —, a população negra que desenvolveu os terreiros no Brasil compreendeu o índio como o dono original da terra brasileira e, portanto, para que se realizem atos em solo nacional, cultua-se o Caboclo, que Sodré (2019, p. 59) explica como sendo “uma reelaboração nacional do culto negro aos ancestrais”.

“O terreiro é a África reterritorializada, é o núcleo civilizatório onde a constituição filosófica parte de alguns elementos importantes de compreensão desta ontologia, que tem na espacialidade a raiz do Iroko” (Ramos, 2019, p. 108). Pensar o espaço é essencial para a perspectiva da diáspora, pois um povo desterritorializado precisou se apropriar e reterritorializar espaços para o desenvolvimento de sua visão de mundo e, consequentemente, de seu ser — espaços seguros, de resistência e de poder.

Esses estudos científicos, segundo Moura (2019), não decorrem da existência de inferioridade ou superioridade em matéria religiosa, mas sim da existência de “religiões dominadoras e dominadas”, considerando a relevância do cristianismo na instauração da realidade colonial. Moura (2019, p. 65) propõe a seguinte indagação: “Até que ponto os antropólogos brasileiros, ou principalmente aqueles influenciados por um culturalismo colonizante, analisam e interpretam a influência dessas religiões a partir dos padrões da religião dominadora?”. E até que ponto o direito não faz o mesmo?

Apenas durante a pandemia, e com o objetivo de impedir a proliferação do vírus da COVID-19, foi impedida pela Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 709/2020 (Brasil, 2020) a entrada de terceiros em áreas indígenas isoladas, mediante a adoção de barreiras sanitárias. Até então, missões religiosas em territórios indígenas eram permitidas, o que ameaçava a continuidade das práticas religiosas desses povos, tal como ocorria desde 1500. A Umbanda e o Candomblé são importantes ferramentas — entre outras — para a valorização e a permanência da cultura indígena.

*Fotografia 21 - Oferenda realizada durante a gira na mata*



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2023d)

*Fotografia 22 - Gesto ritual de defumação na gira da mata.*



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2023d)

Durante as entrevistas, Branco-Floral mencionou que a Cabocla Jurema das Matas lhe traz fortaleza. O elemento da força proveniente das Caboclas também foi destacado por Lavanda, que disse que a Cabocla Flecheira lhe dá força para se erguer após a queda e a ajuda a cuidar do seu caminho.

Lilás definiu sua Cabocla como exigente, firme e séria, ressaltando que ela a ajuda a não desistir. Por fim, para Magenta, a Cabocla Jupira lhe dá força para consertar aquilo que deseja mudar, e Vinho mencionou que a Cabocla Sete Espadas lhe ensina a ter coragem, perseverança e a importância de agir com garra e ímpeto.

*Fotografia 23 - Imagem da Cabocla Jurema do comando*



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2023d)

Marrom-Olívvia relata que não compreende seu caboclo como sendo feminino ou masculino, apenas que atua na linha da cura, sem adentrar em questões de gênero. Amarelo-Ouro afirma que seu caboclo é rígido, mas afetuoso, e lhe ensina a ter disciplina. Coral disse que o Caboclo Tupinambá é muito sério e lhe transmite força. Já o caboclo de Verde-Mar a auxilia em momentos de dificuldade emocional.

Malva, Turquesa e Vermelho-Cereja trabalham com o Caboclo Pena-Branca. Malva relatou que ele a ajuda a ter firmeza e a agir mesmo diante do medo; Turquesa destacou sua

atuação na linha da cura; enquanto Vermelho-Cereja enfatizou como ele lhe ensina a ter força e coragem.

Clóvis Moura propõe a necessária conexão entre teoria e práxis. Nesse sentido, “conhecer” não se resume à análise das produções e críticas oriundas do meio acadêmico, mas implica estar atento aos saberes produzidos por grupos afro-brasileiros, seus movimentos e políticas. Trata-se da produção de uma “ciência da diáspora africana” que se contrapõe à “ciência consular e colonial produzida nas torres de marfim dos espaços científicos legitimados pelo poder dominante da branquitude” (Queiroz; Gomes, 2021, p. 737). A branquitude seria, portanto, “o lugar da efetividade dos direitos”, que difunde uma “ideologia da negação do negro” (Queiroz; Gomes, 2021, p. 743).

Essa lógica é fundamental para reverter a ideia do estudo da população negra como objeto de uma ciência à parte, observada por um olhar externo. Trata-se de colocá-la no centro da produção dos caminhos epistemológicos e criativos a serem desenvolvidos. Uma metodologia do saber tipicamente afro-diaspórica nega essa tendência “de se falar de seres humanos como objeto de investigação (...)” (Queiroz; Gomes, 2021, p. 737).

Clóvis Moura desenvolve ainda a necessidade de reconhecer o protagonismo das categorias de raça, branquitude e supremacismo branco na formulação dos caminhos da modernidade, inclusive na constituição do poder instituído. Ele critica a tendência reducionista de vincular exclusivamente o capitalismo à escravidão, como se essa fosse a única via para compreender as raízes do capitalismo na negação dos saberes negros — exclusão que também se manifesta sempre que lhes é negado o acesso à terra (Queiroz; Gomes, 2021).

**Ao reconhecer a importância da resistência negra, não somente na forma de comunidades de fugitivos**, a obra de Clóvis Moura permite compreender o direito como fenômeno contraditório, ou seja, como instrumento de dominação e como mecanismo de liberdade. (...) Assim, o direito deve ser lido na contradição e diante da dialética entre opressão e resistência, que faz do mundo jurídico um campo de batalha. A leitura dinâmica da sociedade e da história informa uma compreensão do direito em movimento, o qual é mobilizado tanto como tática dos poderes constituídos, como instrumento de contestação do status quo. (Queiroz; Gomes, 2021, p.740, grifos nossos)

Para Clóvis Moura, o quilombo é um elemento vivo de reinterpretação de categorias jurídicas por meio de uma essência política. Trata-se, portanto, de uma concepção territorial que ressignifica conceitos e valores como família, trabalho, propriedade e cidadania (Queiroz; Gomes, 2021).

Os quilombos promoveriam ainda uma nova hermenêutica jurídica e uma reorganização da tradicional dialética senhor-escravizado. Além disso, podem ser compreendidos como “uma matriz das lutas por direito da população negra” (Queiroz; Gomes, 2021, p. 744).

Assim, a centralidade dada por Clóvis ao quilombo impele três deslocamentos hermenêuticos: **a) o rechaço dos vínculos entre cultura jurídica e a ideia oficial de “brasilidade”; b) a ética quilombola como horizonte semântico para as instituições e interpretações jurídicas; c) a denúncia do medo branco como elemento constitutivo da prática jurídica brasileira.** (Queiroz; Gomes, 2021, p.746)

Clóvis Moura defende que o direito foi, e ainda é, um instrumento de produção da desigualdade racial e de mortificação das pessoas negras, sendo necessária uma reconstrução do que é compreendido como história jurídica (Queiroz; Gomes, 2021, p. 746-747). Esse epistemicídio dos saberes quilombolas e de sua contribuição histórica permite a perpetuação de um modo único de visualizar a terra, fundamentado nos interesses econômicos do mercado externo. Hoshino (2020, p. 93) afirma que o Candomblé e outras perspectivas afro-diaspóricas de vida se aproximam do quilombismo, tratado por Abdias do Nascimento como uma alternativa política afro-brasileira.

Para Sueli Carneiro (2023), o processo de epistemicídio dos saberes ultrapassa a hierarquização e o apagamento dos conhecimentos provenientes de grupos subjugados, provocando, além disso, a indigência cultural. Há uma correlação direta entre esse apagamento dos saberes e a desqualificação do grupo responsável por difundir-los. Trata-se de um processo que se retroalimenta: a destruição dos saberes provoca a segregação do grupo, a impossibilidade de falar por si e a destruição da coletividade, o que, por sua vez, destrói os saberes ao longo do tempo.

O processo de epistemicídio não resulta apenas do apagamento, mas também da imposição de saberes estranhos à comunidade e ao coletivo, “subtraindo-lhe aquele conjunto de características definidoras do ser pleno: autocontrole, cultura, desenvolvimento, progresso e civilização” (Carneiro, 2023, p. 91).

Em um Itan, Oxum queria muito aprender a ler os búzios. No entanto, Ifá havia concedido a Exu o conhecimento dos búzios, e Exu não queria transmitir esse saber para Oxum. Então, ela foi à floresta e encontrou as feitiças sãs. Quando Exu se aproximou das mãos de Oxum, muito curioso, ela abriu a mão e soprou o pó no rosto de Exu. Exu, sem conseguir enxergar nada devido ao pó, perguntou: “Onde estão meus búzios?”. Oxum fingiu

querer ajudar e perguntou: “Eu posso te ajudar. Quantos búzios são?”. Exu respondeu: “São 16 búzios”. Oxum, então, indagou: “Tem certeza de que são 16? Por que seriam 16?”. Exu respondeu: “Claro que tenho certeza. São 16 os Odus e cada um deles fala 16 vezes, totalizando 256”. (Batuque de Lei, 2025).

Para traçar esse caminho de preservação e valorização desses saberes dentro de uma cultura de homogeneização do conhecimento, com prevalência dos saberes europeus, precisamos da astúcia e da inteligência de Oxum para aprender e manter vivos esses saberes.

### *3.2 - Abordagens plurais na confecção do direito*

Quando observamos o lado da teoria e a influência que a prática, a organicidade da sociedade exerce sobre a teoria, estamos falando de uma proposta acadêmica que abre as janelas para respirar os ares do real, daquilo que sempre foi ocultado.

Bernardino Costa, Diehl, Lemos e Veras (2021) desenvolvem a compreensão do conceito formulado pelo humanismo dialético de Roberto Lyra Filho, por meio da redefinição do fenômeno jurídico, agregando-lhe uma essência social, além da compreensão abstrata. Para isso, consideram a pluralidade de ordens jurídico-sociais, indo além da linha de raciocínio tradicionalmente desenvolvida pelo direito estatal. Assim, “o Direito não se confunde com a norma, mas se exprime normativamente (no sentido costumeiro ou legal)” (Bernardino Costa, Diehl, Lemos e Veras, 2021, p. 205), sendo necessário destacar que os direitos humanos, enquanto direito, não se limitam às declarações escritas, conforme a doutrina de Lyra Filho (2000).

Partindo também de uma abordagem crítica, Herrera Flores (2009) sugere que os direitos humanos devem ser trabalhados de modo a atender às necessidades oriundas da materialidade da sociedade, e não às exigências de estabilidade das instituições jurídicas liberais. Para Herrera Flores, é necessário retirar da teoria dos direitos humanos a ideologia do mercado e a visão jurídica formal e abstrata.

De acordo com Herrera Flores (2009), os direitos humanos partem de duas perspectivas: a visão abstrata e a visão localista.

- A visão abstrata: Fundada em uma racionalidade jurídico-formal, adota práticas universalistas que focam na realidade sócio-histórica europeia.

- A visão localista: Fundada em uma racionalidade material/cultural, essa visão dá predominância a uma única perspectiva cultural, que se autointitula como “valor da referência”. Cria-se uma hierarquização que inferioriza outras práticas culturais.

Diante dessas duas visões sobre os direitos humanos, Herrera Flores (2009) propõe a adoção de uma visão complexa. A visão complexa está centrada em uma racionalidade de resistência, por adotar uma prática intercultural. Enquanto a visão abstrata e a localista se situam em uma dimensão centro-periferia (zona do ser e zona do não-ser), a visão complexa nivela as múltiplas vozes presentes na sociedade, exigindo um processo constante de interpretações e um diálogo aberto.

Com base nessas visões, Herrera Flores (2009) descreve três espécies de universalismo: o universalismo de partida, o universalismo de retas paralelas e o universalismo de chegada ou de confluências:

- Universalismo de partida: Fundamentado em um juízo pré-formulado, exige que a realidade se adapte a essas concepções abstratas. Herrera Flores argumenta que o formalismo é um tipo de determinismo que exige que a realidade seja moldada e pensada dentro dessas estruturas, desconsiderando a complexidade da realidade que vai além da lógica jurídica positivada. Esse formalismo tem uma racionalidade interna, mas uma irracionalidade externa quando analisado fora do sistema jurídico que se retroalimenta.

Aqui, podemos dialogar com Lynn Hunt (2007), quando ela reforça em sua obra *A invenção dos direitos humanos* que a compreensão de que esses direitos são inatos ou atemporais é errônea, e que devemos sempre reforçar a sua historicidade. Ela destaca o papel do Iluminismo e de autores como Rousseau, Locke e Voltaire na formação do conceito de universalidade, mas observa que a universalidade acaba por justificar o colonialismo e promover a exclusão de corpos não-brancos, não-masculinos e não-heteronormativos dessa proteção, além da própria essência dos direitos positivados. Chimamanda Adichie (2019), em seu livro *O perigo de uma história única*, também dialoga com essa perspectiva de isolamento epistêmico provocado pelo universalismo.

Essa dualidade entre aqueles que estão na zona do ser (Carneiro, 2023), reconhecidos e cujas visões de mundo são contempladas na formulação dos direitos humanos, e aqueles que estão na zona do não-ser (Carneiro, 2023), que sofrem com o racismo epistêmico na

produção jurídica desses direitos, remete à história contada por Chimamanda Adichie, no sentido de que acreditamos que o mundo se resume ao que conhecemos, se conhecermos apenas uma história. Adichie relata como, quando criança, escrevia histórias baseadas nos personagens brancos e estadunidenses dos livros infantis que lia, mesmo que essa não fosse a sua realidade. Esse processo também se aplica às religiões, às figuras femininas nas religiões e aos corpos negros, indígenas e outras identidades que compõem essa zona de exclusão. Cria-se um arquétipo do que significam esses termos, uma imagem mental que dissocia esses termos de outras realidades de vida, diferentes da imagem "vendida" juridicamente.

- Universalismo de retas paralelas: Esse tipo de universalismo, baseado na visão localista, universaliza um particularismo cultural. Para Herrera Flores, o entendimento de que existem diferentes concepções culturais não é suficiente para desenvolver uma perspectiva plural, pois esse universalismo não considera que todas as culturas possuem igual relevância e podem integrar o diálogo no mesmo nível. Por isso é denominado "universalismo de retas paralelas", pois as culturas reconhecidas nunca se encontram, sendo uma considerada o padrão a ser seguido.
- Universalismo de chegada ou de confluência: Esse tipo de universalismo baseia-se na visão complexa e na racionalidade de resistência, entendendo que a universalidade é alcançada por meio da pluralidade. Não estamos mais tratando de sobreposição de propostas, mas de um entrecruzamento entre elas. Existe uma tensão constante entre particularismo e universalismo, na qual nenhum dos dois se impõe.

Herrera Flores (2009,p.18) entende o direito como uma “técnica procedimental que estabelece mecanismos para ter acesso aos bens”. Logo, não podemos reduzir os direitos humanos às normas de direitos humanos. Se partirmos do pressuposto de que essa técnica procedimental não é neutra (como propõe a teoria tradicional, que associa neutralidade à cientificidade), passamos a compreender que ela está inserida dentro de um conjunto de valores selecionados, favoráveis ao capitalismo

Seguindo essa linha de raciocínio, Roberto Lyra Filho, na obra *O que é o direito?* (2000), faz uma diferenciação entre Direito e Antidireito. O Direito seria o direito propriamente dito, que não pode se isolar em uma prática legislativa e não é propriedade do Estado, enquanto o Antidireito é aquele “influenciado pelos interesses de classe e pelo poder

estabelecido”. Não podemos confundir a legalidade do direito dentro dos parâmetros estabelecidos pelo sistema jurídico com a legitimidade social do direito.

Neste momento, pretende-se tratar de algumas teses desenvolvidas por Costas Douzinas (2009). Em primeiro plano, Douzinas (2009) defende que o conceito de humanidade não possui uma definição fixa, o que impede que este conceito sirva como fonte de normas legais ou morais. O autor elabora a ideia de que, em razão da utilização do termo "humanidade", as pessoas foram classificadas em categorias como: plenamente humanas, menos humanas e inumanas.

Esse raciocínio revela que o conceito de humanidade é politicamente construído. Embora o termo tenha sido incorporado pelos direitos humanos com o intuito de promover uma defesa universal das pessoas, ele convive com a contradição explícita de que o mesmo conceito foi utilizado, ao longo de diferentes contextos históricos, para justificar processos de exclusão e genocídio por meio de práticas de desumanização. Estabelece-se, assim, um conceito de humanidade que, paradoxalmente, resulta na desumanização de outras perspectivas e corpos. Algumas pessoas seriam mais humanas do que outras. Exemplos dessa lógica podem ser encontrados no processo de colonização, na escravidão, no nazismo e na caça às bruxas durante a Inquisição, sendo que Silvia (2017, 2019) demonstra que esse processo de caça às bruxas representou uma verdadeira guerra estatal contra as mulheres. Ao se definir um conceito de humanidade que contempla um grupo (zona do ser), desumaniza-se outros corpos (zona do não-ser) (Carneiro, 2023).

Esse processo de desumanização também foi evidente na caça às bruxas. Os julgamentos inquisitoriais das mulheres consolidaram uma atmosfera de aversão ao feminino, criando uma imagem social da mulher que perdura até os dias atuais, mesmo que, teoricamente, os direitos positivados tenham sido conquistados e o modelo atual de julgamentos siga o princípio do contraditório. A perpetuação dessa dinâmica estatal é evidente no caso de Marisela Escobedo (*Las tres muertes de Marisela Escobedo*, 2020), que, após dois anos de protestos pela condenação e pela prisão de Sérgio Rafael Barraza, assassino de sua filha Rubí, foi assassinada em frente ao palácio do governo, em 2010. Dias depois, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (2010) publicou uma nota repudiando o assassinato da ativista, mencionando que o informe de 2007 sobre o Acesso à Justiça para Mulheres Vítimas de Violência nas Américas (Comissão Interamericana de Direitos Humanos, 2007) estabelece o direito à devida diligência nos casos de violência doméstica, bem como o direito à proteção judicial plena.

O caso de Marisela não é um acontecimento isolado, mas sim uma realidade cotidiana, sempre presente. Um exemplo disso é o assassinato de Marielle Franco (Garcia, 2018), ocorrido em março de 2018, motivado por sua atuação política de enfrentamento das estruturas de poder dominantes. A política estatal de extermínio das mulheres, descrita por Silvia, retrata a história de inúmeras Mariselas e Marielles.

Dessa maneira, é possível concluir que, em razão do termo "humanidade" ser forjado politicamente e ideologicamente, ele não pode ser utilizado como fonte moral de normas jurídicas. Costas Douzinas (2009) propõe a substituição do conceito de humanidade pelo conceito de antropos, que visa respeitar as singularidades e diferenças, trazendo à tona a ideia de uma espécie humana.

Stacy Stiff (2019) analisou os processos jurídicos das bruxas de Salem, no contexto do genocídio das mulheres ocorrido em Salem, mas que representou, na realidade, um movimento mundial contra o feminino. "A bruxa mais jovem tinha cinco anos, a mais velha quase oitenta." Stiff (2019, 9.20). As mulheres mais velhas, além de não se adequarem à escravidão produtiva no lar — papel atribuído à mulher na transição sangrenta do feudalismo para o capitalismo — possuíam conhecimentos de ervas e outros meios de cura ancestrais, os quais não eram compatíveis com as ciências em expansão. As mais jovens, por sua vez, corriam o risco de crescer e tornar-se tão rebeldes quanto as mulheres que já conheciam, e o capitalismo em ascensão não poderia permitir tal risco. Esse mundo, que assassinava crianças sob a justificativa da bruxaria, é o mesmo que, décadas depois, exigiria de forma paternalista a quebra do direito de autonomia indígena, com o pretexto de proteger as aldeias indígenas contra o infanticídio (Vicente, Silva, 2018). Nesses exemplos, observamos claramente o manejo político do termo "humanidade" conforme interesses específicos.

Costas Douzinas (2009) afirma que as declarações de direitos humanos também desempenharam um papel na construção do conceito de humanidade. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (França, 1789), no artigo 3º, associou o conceito de humanidade ao conceito de nação. Sob essa perspectiva, o estrangeiro, por não ser cidadão, seria considerado um "bárbaro moderno". Dentro do Estado-Nação, o direito seria aplicado ou não a determinados corpos, com base em uma graduação da cidadania. Assim, algumas pessoas seriam tratadas como cidadãos de primeira classe, enquanto outras seriam consideradas cidadãos de segunda classe.

A visão de Herrera Flores (2009) propõe uma inversão da lógica tradicional, na qual os direitos passam a ser efetivamente reconhecidos apenas quando positivados dentro de uma ordem legal estabelecida. Neste caso, inverte-se a direção: trata-se de direitos que emergem

de "baixo" para "cima", respeitando o protagonismo de organismos sociais que não pertencem exclusivamente ao campo jurídico.

Outro ponto desenvolvido por Costas Douzinas (2009) é a associação entre capitalismo neoliberal e humanitarismo. Após a queda do Muro de Berlim, o neoliberalismo teria estruturado um sistema que, em sua essência, promove desigualdades, mas se articula com uma ideologia jurídico-política de igualdade e dignidade. Essa contradição resulta na ideia de que igualdade e dignidade não passam de um discurso ideológico.

Como exemplo dessa dinâmica, Silvia (2019) discute uma onda de violências contra as mulheres que se intensificou na África após a adoção de políticas econômicas neoliberais propostas pelo FMI. As mulheres idosas, e aquelas que não se adequavam às novas políticas, passaram a ser perseguidas e acusadas de bruxaria, semelhantemente às práticas ocorridas durante a Inquisição.

Em *Calibã e a bruxa*, Silvia (2017) analisa como o capitalismo se estruturou, em parte, por meio da destruição dos laços comunitários e da criação de um discurso que institucionalizou a classe feminina como "inimiga do progresso". Um marco desse movimento foi a legalização do estupro, que teria institucionalizado a violência contra as mulheres, tornando-a "comum" e "socialmente aceitável". Esse processo culminou na criação da ideia de que havia mulheres que "adoravam o diabo" e deveriam ser queimadas vivas em nome da proteção de "todos".

Silvia (2017, 2019) e Veronica Gago (2020) discutem como, para o regime capitalista, a discriminação contra as mulheres e a discriminação racial são fundamentais. Se o sistema é baseado na discriminação, como pode manter um discurso jurídico-político de igualdade?

Costas Douzinas (2009) afirma que, nas sociedades capitalistas, o reconhecimento formal dos direitos humanos acaba por despolitizá-los, uma vez que a luta política passa a ser encapsulada em fórmulas jurídicas. O efeito da positivação é a impossibilidade de uma mudança radical, já que essa prática oculta a raiz do problema, limitando-se a resolver apenas casos individuais.

Douzinas (2009) também aponta que os direitos humanos prometem garantias, como o direito à felicidade e à fraternidade. Contudo, a efetivação empírica desses direitos depende de estruturas sociais e individuais que o direito, por si só, não é capaz de proporcionar.

Seguindo essa linha de raciocínio, Thula Pires (2016) argumenta que o próprio conjunto de direitos escolhidos revela a manutenção de um modo de vida e de uma estrutura escravagista, evidenciada nos princípios de liberdade, igualdade e propriedade.

Nancy J. Hirschmann (2003) no texto *The Subject of Liberty: Toward a Feminist Theory of Freedom*, afirma que o significado da liberdade está intimamente relacionado ao que a política considera importante. Em razão de os valores feministas não serem hierarquicamente priorizados nas discussões políticas, o conceito de liberdade não passa pelos sujeitos que representam, de maneira prioritária — senão exclusiva — o homem branco heterossexual.

Hirschmann (2003) destaca que muitos conceitos de liberdade ainda estão correlacionados com as ideias de liberdade negativa e liberdade positiva. Ela menciona um texto de Charles Taylor (1985), intitulado *What's Wrong With Negative Liberty*, no qual Taylor (1985) argumenta que a liberdade negativa é frequentemente vista de forma restrita, seja como a ausência de restrição física, conforme tratado por Hobbes, ou como a ausência de restrição legal, conforme Bentham. Para a liberdade negativa, liberdade seria simplesmente o que não é restringido pelo Estado.

Taylor (1985) defende que, sem a liberdade positiva, a liberdade negativa não seria suficiente. A liberdade para agir não teria valor se a pessoa não se sentisse segura para agir ou não tivesse as condições materiais para tanto. A liberdade negativa não poderia florescer sem a liberdade positiva. Hirschmann (2003) e Taylor (1985) criticam a visão de que a liberdade negativa seja o auge da liberdade, associando a liberdade positiva aos governos comunistas. Esse pensamento teria sido influenciado pela Guerra Fria, na qual a defesa da liberdade negativa foi ligada à defesa dos valores estadunidenses e a liberdade positiva à defesa de regimes comunistas.

Hirschmann (2003) também menciona um exemplo de Tirana, capital da Albânia, durante o processo de democratização, quando foi permitido à população comprar veículos automotores, o que antes era proibido (liberdade negativa). Contudo, esse direito não garantia que a população fosse livre para comprar e dirigir carros, pois a liberdade negativa não assegura a liberdade plena. Apesar de não haver a proibição estatal para a aquisição de um carro, a população ou não tinha condições financeiras para comprá-lo, ou não sabia dirigir e sequer possuía uma cultura de direção (liberdade positiva). Dessa forma, embora houvesse a não proibição (liberdade negativa), a plena possibilidade de exercer o direito (liberdade positiva) estava restrita pelas condições sociais e culturais.

Costas Douzinas (2009) defende a necessidade de afastar os direitos humanos dessa perspectiva liberal, que está presente desde a sua fundação, e propõe, como alternativa, o cosmopolitismo, entendendo-o como um encontro constante de múltiplas singularidades.

Se tratarmos do "surgimento", entre aspas, dos direitos humanos na esfera internacional, Herrera Flores (2009), nos primeiros capítulos de sua obra *A Reinvenção dos Direitos Humanos*, explora a construção dessa discussão. Luciano Góes (2020), em sua obra *Direito Penal Anti-Racista*, trata da necessidade de desestruturar a ideia de que os direitos humanos são uma invenção europeia proveniente do pós-Segunda Guerra Mundial, argumentando que se trata de um conceito que só foi legitimado quando moldado de acordo com os padrões europeus.

Thula Pires (2016) discute como foi estabelecido um padrão de sujeito soberano que se reflete na corporeidade europeia, heteronormativa, cristã e branca. Os direitos humanos passaram a defender a forma de vida desses sujeitos, que detêm os meios de produção.

Pires também aborda como a categoria de "amefricanidade" e o conceito de "pretoguês", desenvolvidos por Lélia Gonzalez (2020), ajudam a romper com o isolamento epistêmico dos direitos humanos em relação às culturas não brancas, permitindo o reconhecimento da juridicidade dos conhecimentos afrocentrados.

Dialogando com o pensamento de Luciano Góes (2020) e Thula Pires (2016), é possível questionar a posição supranacional dos direitos humanos após o Holocausto. Isso ocorre porque, diante de experiências como o racismo e o genocídio dos povos indígenas, a questão dos direitos humanos só se torna um problema mundial quando ameaça a raça branca, conforme argumenta Cida Bento (2022).

Essa dinâmica se explica pela hegemonia branca nas instituições jurídicas, nas quais as pautas resgatadas como defesa da humanidade seguem, em grande parte, a lógica de preservação do pacto da branquitude. A Declaração Universal dos Direitos Humanos (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948), por exemplo, foi um instrumento de reconstrução da dignidade da humanidade branca após os eventos da Segunda Guerra Mundial, estabelecendo direitos definidos pela branquitude e para a segurança dessa. Luciano Góes (2020) discute como o corpo da branquitude é elevado a uma fonte normativa.

No entanto, ao dialogarmos com o saber afrodiaspórico, podemos desenvolver uma perspectiva de racismo epistemológico, fundamentada na história oficial dos direitos humanos. Isso se deve ao fato de a Europa ter se apropriado de conceitos que já existiam em experiências na África. Um exemplo disso é a Carta Mandinga (Maiê, 1998), tombada pela UNESCO (2009) em 2009, que já tratava de direitos humanos no século XIII, e o Juramento da Irmandade dos Caçadores (Cissé, 1998), do século XI, que abordava questões de liberdade, igualdade e fraternidade, sendo parte da formação do Império Mandinga. No entanto, esses exemplos foram desconsiderados em favor de uma historicidade centrada na

experiência europeia da raça branca, o que remete ao "perigo de uma história única". (Góes, 2020)

A partir dessa perspectiva, bell hooks(2013) defende que, quando a teorização está conectada aos processos de libertação coletiva, não é possível separar teoria e prática, pois a teoria se comprometeria a ser anti-hegemônica. Assim, ao lidarmos com a teoria crítica, devemos também refletir sobre como os direitos humanos são abordados no meio acadêmico.

Jacques Távora Alfosín (2021), no artigo *O Direito Achado na Rua, Garantido pela Sua Eficácia Mística*, ressalta a relevância das virtudes coletivas para a configuração do direito. Apesar das noções de amor, justiça, solidariedade e comunidade serem fundamentais para ações concretas na realidade, elas não são consideradas válidas dentro de um sistema jurídico que se afirma objetivo, mas que possui suas próprias definições e compreensões desses sentimentos. Nesse sentido, Alfosín (2021) afirma:

abre chance para se estudar como o direito achado na rua se garante pela eficácia mística do amor e da justiça, a intrínseca relação existente entre um e outro, as raras cogitações de que essas duas virtudes são consideradas em decisões judiciais e administrativas do direito positivado em lei (Alfosín, 2021, p.121).

Alfosín (2021, p.125) acrescenta, ainda, que as relações humanas reguladas pelo direito não estão apenas sujeitas à "autoridade e sanção", mas também aos sentimentos que surgem na convivência humana em sociedade. Esses sentimentos, visões de mundo e perspectivas estão sujeitos à interferência do coletivo em que as pessoas estão inseridas.

Na oração cantada "Cordeiro de Nanã", da banda "Os Tingoãs", percebe-se como a religiosidade é um instrumento de força diante do racismo institucionalizado.

Cordeiro de Nanã  
Os Tingoãs

Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê (x2)

Fui chamado de cordeiro mas não sou cordeiro não  
Preferi ficar calado que falar e levar não  
O meu silêncio é uma singela oração  
Minha santa de fé

Meu cantar (meu cantar)  
Vibram as forças que sustenta o meu viver (meu viver)  
Meu cantar (meu cantar)  
É um apelo que eu faço a Nanaê

Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
 Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
 Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
 Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê

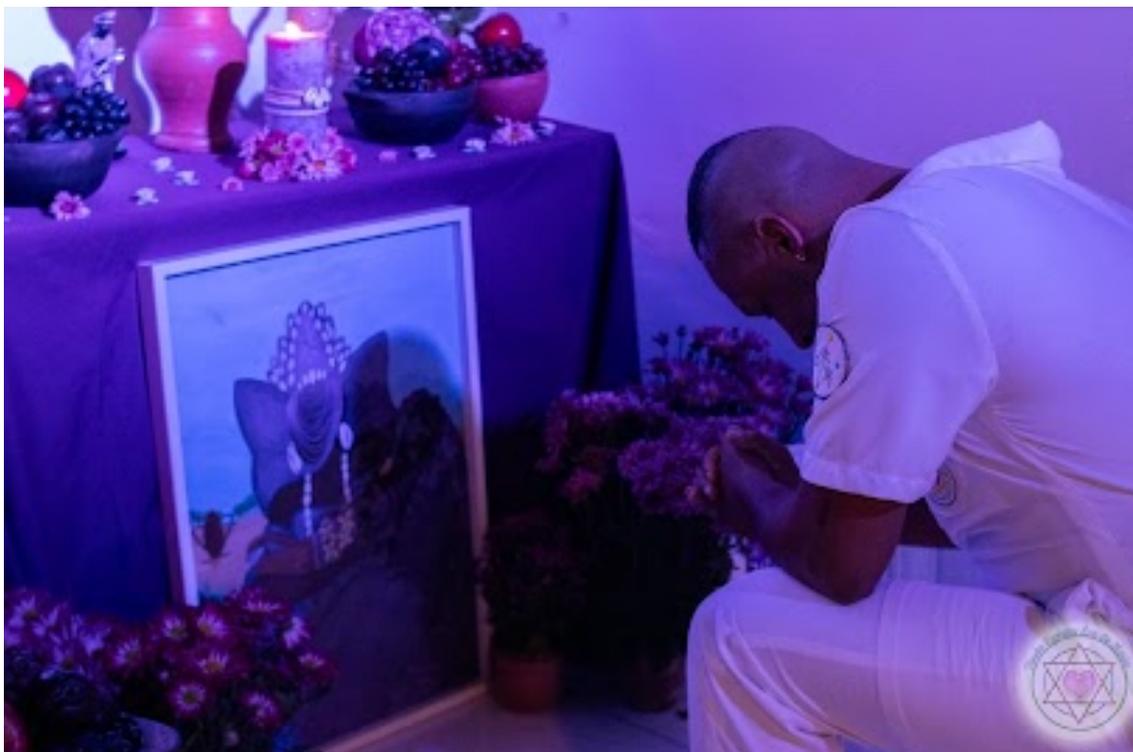
O que peço no momento é silêncio e atenção  
 Quero contar o sofrimento que eu passei sem razão  
 O meu lamento se criou na escravidão  
 Que forçado passei

Eu chorei (eu chorei)  
 Sofri as duras dores da humilhação (humilhação)  
 Mas ganhei, pois eu trazia Nanaê no coração

Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
 Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
 Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê  
 Sou de Nanã, euá, euá, euá, ê (x2) (Os tincoãs, 2019)

Como pode ser analisado no cântico, a cosmovisão afro-brasileira é um ponto de força diante das ofensivas estatais, sendo relevante para enfrentar o racismo estrutural. Por isso, elevar o grau de penetração das cosmovisões afro-brasileiras no ordenamento jurídico brasileiro é diretamente proporcional à efetivação real da liberdade religiosa, que se encontra estruturada em preceitos externos, tipicamente europeus, e dentro de uma visão de mundo cristã.

Fotografia 24 - A imagem mostra o pai de santo saudando as oferendas para Nanã.



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2024d)

*Fotografia 25 - A imagem mostra uma criança do terreiro na festa de Nanã, segurando uma vela roxa acesa no momento da firmeza.*



Fonte: (Tenda Espírita Luz de Maria, 2023b)

Lavanda relata que nunca foi valorizada durante sua infância, tendo sido humilhada devido à sua cor de pele e às características de seu cabelo. Ela percebeu o preconceito de forma mais intensa nas décadas de 70 e 80, quando estava crescendo, e lembra de ouvir frases como “sai daqui, neguinha”. Afirmar: “Embora eu não seja negra de fato, não tenha aquela pele preta que acho bonita para caramba, ainda assim era muito humilhante.”

Ela conta que sua mãe era empregada doméstica e que, para se proteger, era obrigada a se esconder debaixo do balcão na casa onde a mãe trabalhava. Lavanda permanecia sob o balcão toda vez que voltava da escola, onde estudava e fazia o dever de casa. Só saía debaixo do balcão para comer e logo voltava, pois sua mãe dizia que assim a mantinha protegida da família da casa. Relata também os abusos sexuais que sofreu dentro do ambiente familiar, além de abusos em um relacionamento e em um casamento ainda muito jovem, aos 18 anos.

Vamos dizer assim, era uma cozinha bem grande, e esse balcão, um balcão de mármore enorme, foi feito por aquela família apenas para colocar massa, fazer macarrão, e outras coisas. Esse balcão de mármore lindo, branquinho, era só para isso, e eu ficava embaixo dele. Minha mãe colocava uma toalha embaixo, e eu ali ficava, escrevia, fazia caligrafia. Eu passava o dia inteiro ali embaixo, levantava para ir ao banheiro e depois voltava. Não era mais uma criancinha, mas com 11 anos ainda me mantinha ali embaixo. Quando eu tentava entrar na cozinha para brincar ou fazer algo, voltava chorando, e minha mãe dizia: "Eu falei para você não ir lá.". Então, essa questão do valorizar me machucou muito, porque eu tive abuso

também.. sexual dentro da minha família. Eu tive um abuso enorme com relação ao relacionamento com o pai dos meus filhos, eu me casei muito nova com 18 anos, sofri todos os tipos de abuso. (Lavanda)

Ela disse que o terreiro foi a melhor oportunidade de sua vida, pois tem lhe fortalecido e ensinado a se enxergar de uma maneira diferente: “Quero continuar participando, me fortalecendo e acreditando que eu não sou mais aquele sofrimento do passado.” Acrescenta que ainda chora de vez em quando.

Magenta afirmou: “É representar toda a minha ancestralidade, que veio de muito longe, e poder estar trabalhando com todo amor e com toda caridade. Isso é ser uma mulher negra no terreiro.”

“Enquanto mulher, o ato de resistir faz parte da nossa jornada, e ser mulher negra é resistir em dobro”, diz Malva. Ela afirma que é um desafio constante e, mesmo estando em um espaço onde há o culto ao Sagrado Feminino e à cultura africana, percebe a presença de elementos de embranquecimento — especialmente na doutrina do Caboclo Mirim. Embora reconheça que essa doutrina foi essencial em sua trajetória, acredita que ainda carrega traços de um “passado mais racista e machista”. Ressalta, no entanto, que a Mãe de Santo tem se posicionado ativamente para romper com esses paradigmas ainda presentes na doutrina.

A nossa Mãe, apesar de ser branca, é muito aberta ao novo e à escuta, o que representa um progresso significativo. Contudo, ainda percebo que o ambiente do terreiro precisa evoluir mais para se tornar verdadeiramente inclusivo e representativo da nossa negritude. (Malva)

Marrom-Olivia relatou que costuma conversar com outras mulheres brancas sobre o tema, afirmando que se trata de uma questão "punk", ou seja, complexa e desafiadora. Ela mencionou que enfrentou mais dificuldades relacionadas a essa questão na outra casa em que trabalhava do que no terreiro Luz de Maria.

(...) eu, como uma mulher branca, estando num espaço que é de resistência preta, de resistência indígena, eu preciso me colocar muito numa posição de pertencimento e, ao mesmo tempo, entender qual é o meu limite. Então, tem determinadas situações que me colocam para refletir sobre isso. Por exemplo, quando a gente tem que usar pano de cabeça, Quando tem que usar pano de cabeça, nossa, é uma puta questão pra mim. Porque eu fico assim, cara, é apropriação cultural. Ao mesmo tempo, outro dia eu tava conversando com uma amiga minha que é preta do candomblé, e aí eu tava conversando sobre isso. Ela é antropóloga, ela falou assim, Leticia, mas esse é seu espaço também. Porque ainda que seja de herança preta, você tá dentro de uma religião, que cultua e que uma das práticas é você colocar o pano de cabeça. Num dia, por exemplo, uma sexta-feira só. Então, por quê? Por que você se sente tão assim, né? Nesse desencaixe e tal. Na outra casa, eu me sentia mais, porque era uma casa de predomínio branco. E pouquíssimo se discutia sobre matriz indígena, sobre matriz africana. Então, eu acho que não tinha

muita... muito cuidado. E, na minha concepção, a gente precisa discutir sobre, a gente precisa pensar sobre, pensar sobre nossos lugares e tal na tenda. E aí, quando chego na Luz de Maria, ainda que eu tenha uma mãe de santo que é branca, que é mãe loira, eu vejo ela muito consciente desse lugar. Então, eu consigo ali me ver um pouco nesse lugar assim de é possível você ser uma mulher branca dentro da Umbanda, por exemplo, né? tendo as suas responsabilidades, inclusive raciais, e sabendo se colocar, inclusive, às vezes, numa posição de, eu não sei sobre isso porque eu nunca sofri isso, eu estou aqui para ouvir vocês, mas eu não sei sobre isso, eu não sou uma mulher preta do axé, eu sou uma mulher branca, que foi muito do que eu vi já em alguns estudos dela, e como eu tenho ficado mais próxima dela nesses estudos também, Eu estudo muito com a [nome omitido pela pesquisadora para preservar a identidade]. E aí, ouvindo as coisas que ela fala, então hoje eu consigo me sentir um pouco mais pertencente, mas eu estou sempre muito atenta. Eu acho que eu corro muito atrás assim, tipo, eu vou estudar muito, eu vou fazer isso, eu vou fazer aquilo. Eu estou sempre correndo atrás para não... Como se eu estivesse tomando cuidado para não reproduzir algum tipo de pensamento racista, que eu possa reproduzir ainda que de forma naturalizada. (Marrom-Olívica)

Índigo, mulher negra de pele clara, relata a dificuldade de ser reconhecida como negra pelas pessoas. Ela afirma: “Acho que é uma batalha um pouco maior ser uma mulher negra dentro do terreiro, porque eu já estou lutando para me posicionar, e tenho que lutar duas vezes para que as pessoas também me reconheçam”.

Branco-Floral, mulher parda, destacou quatro pontos importantes em sua experiência:

1. O fato de ser mulher parda a aproxima mais da realidade da mulher negra do que da mulher branca;
2. Em um primeiro momento, estranhou o fato de a Mãe de Santo ser branca;
3. Percebe a predominância da espiritualidade sobre a questão da cor da pele;
4. Nota ser mais comum encontrar mulheres negras e pardas dentro do terreiro do que mulheres brancas.

Em suas próprias palavras:

1) De onde vem essa ancestralidade nossa, da África, né? Eu me sinto muito mais próxima da realidade de uma mulher negra do que da realidade de uma mulher branca (Branco-Floral)

2, 3 e 4) Mas eu te confesso que a primeira vez que eu fui ao nosso terreiro me espantou ver uma mãe de Santo branca, porque não é uma coisa normal, né? Eu acho que é muito mais que as questões de pele, né? Eu acho que é mais comuns os tons mais escuros e da cor parda estar mais presente de dentro dos terreiros do que da cor branca. Efetivamente. (Branco-Floral)

Bordô relata que nunca sentiu um incômodo pessoal por ser negra, o que, segundo ela, se deve ao fato de sempre ter sabido “se colocar”. Pelo exemplo mencionado, “se colocar” significa se posicionar diante de situações de preconceito racial como um instinto de sobrevivência e autodefesa.

(...) Eu lembro que há 50 anos atrás quando eu casei com o pai da minha filha nós fomos morar no Amazonas, daí eu fui a Manaus em um salão e uma mulher virou para mim e falou assim. Primeiro que já chocou né, eu negra dentro do salão em Manaus, aquela coisa toda e elas queriam puxar assunto, mas não sabiam como. Aí uma lá desavisada virou e falou assim “Ai, nossa, você é tão assim diferente”. Eu falei: “diferente como?”. “Não, você me lembra alguém”, eu disse “uma babá que você teve né?”. Não, eu já fui com o pé na porta porque eu já sabia que vinha coisinhas assim. Dai ela falou assim “Não, é que você é diferente né, você tá aqui no salão”. Na época eu alisava o cabelo né que eu desfilava antes de casar então a gente mudava muito o cabelo. Nessa época eu estava com o cabelo alisado. (Bordô)

Bordô (negra/preta) relata que nunca teve nenhum incômodo relacionado à questão racial dentro do terreiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O Seu Mirim vai embora  
 Vai para sua cidade  
 Lá na Juremá  
 Abraços prá seus filhos deixa  
 Embora com saudades  
 E Ele vai girar  
 Ele vai embora  
 Ele vai girar  
 Ele vai embora  
 Mas torna a voltar”<sup>26</sup>  
 (Tenda Espírita Caboclo Sucuri, 2008)

À luz do que foi apresentado, conclui-se que a liberdade religiosa transcende uma postura meramente passiva do Estado. Quando a prática jurídica e política deixar de promover um constante epistemicídio dos saberes de coletivos religiosos de matriz afro-brasileira, abre-se-á espaço para a integração ativa de modos de vida e crenças diversas, o que, de fato, torna possível a efetivação da liberdade. Desse modo, os saberes religiosos de matriz afro-brasileira possuem juridicidade mesmo quando não são reconhecidos formalmente pelo Estado monista.

A análise da trajetória da Umbanda apresentada no primeiro capítulo demonstrou a existência de uma prática ativa de resistência no gesto de cultivar saberes contra-hegemônicos. A estrutura da Umbanda, como a conhecemos hoje enquanto religião, foi construída a partir da exclusão de entidades marginalizadas, como os pretos-velhos e os caboclos, rejeitados pelo espiritismo kardecista. A união de práticas milenares de grupos historicamente oprimidos no que passou a ser conhecido como Umbanda emerge, desde sua origem, como resposta a uma tentativa de epistemicídio. Trata-se de uma religião brasileira nascida da pluralidade de tradições presentes neste território.

O campo empírico da pesquisa situa-se na Tenda Espírita Luz de Maria, que ampliou as linhas de trabalho tradicionalmente aceitas pela Umbanda do Caboclo Mirim. Isso demonstra que o terreiro é um espaço que, de tempos em tempos, se atualiza, abrindo caminho para que outros povos e saberes rejeitados também possam reinar no terreiro — como ocorre, por exemplo, com a presença dos ciganos.

A Tenda Espírita Luz de Maria apresenta uma característica ressaltada em diversos momentos das entrevistas: trata-se de um terreiro de predominância feminina, liderado por

---

<sup>26</sup>Assim como foi adicionado um ponto cantado que inicia a gira na introdução, representando de modo figurado o momento inicial da dissertação, nas considerações finais adiciono um ponto cantado que encerra os trabalhos, para que, também de modo figurado, represente o término desta dissertação.

uma mulher. Aproveitando essa especificidade, a dissertação articulou os saberes historicamente segregados às questões de gênero, por meio da escuta de 21 mulheres que compõem a Tenda.

Também foi possível desenvolver uma conexão entre a exclusão histórica das mulheres dos espaços jurídicos e políticos e a prática estatal recorrente de perseguição aos saberes naturais e mágicos por elas detidos. O Estado europeu desenvolveu, ainda na Europa, uma estratégia estatal-religiosa de epistemicídio de saberes contra-hegemônicos, que posteriormente foi transplantada para as Américas.

Episódios como os julgamentos em Salem (Stiff, 2019) e os registros, escassos, mas muito informativos, sobre a realidade de mulheres negras na colônia brasileira, como no caso de Joana Maria (Silva, 2013), demonstram como essas mulheres foram punidas pelo poder que possuíam ao acessarem formas de conhecimento que contrariavam a ordem dominante.

A memória coletiva desses saberes, resgatados e vivenciados pela Umbanda, mantém ativo o processo de resistência, sustentado pela força do conhecimento das tradições dos povos marginalizados e de sua espiritualidade. O fogo, que antes representava apagamento e morte, hoje simboliza a potência da ancestralidade feminina, diante da gargalhada firme de Maria Mulambo em meio às chamas.

As entrevistas revelaram a centralidade da figura da Mãe de Santo na construção de um espaço seguro e livre para outras mulheres da Tenda. Essa sororidade, contudo, não é dada apenas pela relação hierárquica entre mãe e filhas de santo, mas é tecida no cotidiano, a partir dos laços da vivência compartilhada.

Silvia (2017; 2019) aprofunda essa reflexão ao demonstrar como as mulheres perderam poder e espaço a partir da destruição dos vínculos comunitários e de processos de epistemicídio. Entre outros fatores, esse apagamento ocorreu por meio da demonização de saberes coletivos que não compunham a realidade político-jurídica aceita pelo Estado moderno.

As práticas femininas de cura e espiritualidade foram intensamente atacadas por estruturas estatais, o que reverbera, ainda hoje, em episódios de racismo religioso. A repressão histórica a esses saberes não se desvincula das estratégias coloniais e patriarcais de controle dos corpos e das subjetividades femininas.

Nesse contexto, a forma organizativa dos terreiros, especialmente na Tenda Espírita Luz de Maria, marcada pelo comando feminino e pela predominância de mulheres, estabelece uma conjuntura própria de poder e saber. Essa configuração contrapõe-se aos discursos estatais excludentes e à lógica eurocentrada que marginaliza epistemologias ancestrais.

As reflexões de Oyèrónké Oyèwùmí (2023), ao afirmar que, antes da colonização britânica na Velha Oyó, não havia uma estrutura social e política fundada na hierarquia entre os gêneros, dialogam com as denúncias de Cláudia (2023). Esta aponta que o processo de colonização no Brasil afetou profundamente a representação de Exu, promovendo o apagamento de sua dimensão feminina, aspecto que contrariava o ideal de feminino imposto pelo colonizador.

Por isso, viver o terreiro é também um ato de resistência anticolonial. O processo de demonização e de masculinização de Exu faz parte de uma estratégia colonial cristã que visava suprimir a presença feminina e negra dos espaços de poder simbólico e religioso.

O impacto dessa repressão chegou inclusive aos próprios terreiros. Em algumas casas, há ocultamento da figura de Exu-mulher (Alexandre, 2023), além da substituição de Exu por Ogum em determinadas iniciações. Na Umbanda, no entanto, a face feminina de Exu é evidenciada por meio da Pombagira, que ocupa um papel central na dinâmica ritual e simbólica da religião.

A Umbanda constitui, portanto, um espaço de valorização da complementaridade entre o masculino e o feminino. Essa dinâmica se manifesta, por exemplo, nas duplas Zé Pelintra e Maria Navalha, ou entre Caboclos e entidades femininas. Nessa tradição, gênero não é concebido como oposição binária, mas como coexistência harmônica.

Oxumarê é um exemplo disso: entidade que expressa simultaneamente energias masculinas e femininas. Da mesma forma, o itan sobre Oduduwá e Obatalá (Noguera, 2018) revela a importância da energia feminina na criação do mundo, reafirmando a centralidade do feminino nos processos cosmogônicos iorubanos.

No entanto, essa lógica de complementaridade é constantemente tensionada por uma racionalidade colonial que busca revertê-la em uma hierarquia entre gêneros. A resistência da comunidade de terreiro, muitas vezes exercida pelo simples ato de viver sua verdade, impacta diretamente essa lógica persistente de epistemicídio dos saberes marginalizados.

Essa resistência também desafia a herança colonial presente nas estruturas políticas, estatais e jurídicas do Brasil, que perpetuam um cenário de constante desvalorização do feminino e dos conhecimentos por ele produzidos. As entrevistas, por meio das falas das mulheres da Tenda, reforçaram essa busca por valorização de suas experiências e de sua ancestralidade.

A dissertação desenvolveu ainda a crítica de Dussel (2020) acerca do conceito de modernidade, no qual o moderno é associado ao modelo de vida e à tradição de saberes europeus, enquanto as demais culturas são consideradas atrasadas e, portanto, excluídas desse

conceito. Rufino (2019), por sua vez, destaca como a prática da religiosidade subalterna contribui para a reformulação dessa lógica excludente.

Nesse mesmo sentido, Verónica Gago (2020) denuncia a existência de uma contraofensiva eclesiástica, impulsionada pela atual aliança entre a extrema-direita católica e o Estado, que atua contra a força social e política conquistada por mulheres e pela população LGBTQI+. O Estado e o Judiciário brasileiros apresentam, ora omissões, ora práticas que comprometem a efetividade da liberdade religiosa e a continuidade dos saberes ancestrais, frequentemente sustentados por mulheres, saberes esses que vêm sendo perseguidos desde o período colonial, como nos casos dos calundus (Alexandre, 2023).

Exemplos como a comemoração do bicentenário da Independência (Brasil, 2022) e a tentativa de institucionalização de valores cristãos na Constituição de 1988 (Brasil, 2021) evidenciam a profunda correlação entre os ideais europeus e cristãos e a construção da identidade nacional. Essa realidade revela como a liberdade religiosa, no Brasil, é frequentemente concebida a partir de uma perspectiva cristã e europeia, marcada por uma permissividade ou tolerância discursiva em relação a outras visões de mundo.

No entanto, a efetiva inserção da pluralidade religiosa no desenvolvimento político-jurídico do país é ausente, sobretudo em razão do racismo religioso. Essa perspectiva é corroborada pela análise de Wolkmer (2015), ao afirmar que o verdadeiro pluralismo requer o reconhecimento dos diversos “localismos”, ou seja, das múltiplas formas de vida e de saberes que compõem a realidade brasileira.

A penetrabilidade de assuntos associados à realidade cristã no sistema judiciário e em questões governamentais (Brasil, 2004, 2010, 2017, 2019, 2021, 2022, 2023, (a) 2024, (b) 2024; Rodrigues; Ferreira, 2023) demonstra que o Estado ora se omite, ora é chamado a responder acerca de supostas violações a valores cristãos ou imposições desses mesmos valores.

Essas questões evidenciam como o modo de vida afro-brasileiro ainda não está plenamente integrado ao regime jurídico e político do Brasil, apesar de constituir parte ativa da sociedade e da identidade nacional. Nesse sentido, a inserção do Osé/Oxê de Xangô no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro representa uma abertura simbólica significativa para o processo de ocupação do espaço público e jurídico pelas cosmo-percepções afro-brasileiras.

No que se refere ao espaço do terreiro e à comparação de sua estrutura organizacional e juridicidade com o espaço externo, as entrevistas realizadas revelaram que o terreiro é um ambiente de escuta, acolhimento e construção de comunidade.

A relevância desse espaço é trabalhada por diversos autores mencionados ao longo do texto. Por exemplo, Sodré (2019) introduz o conceito de “território do corpo”, enquanto Luciana Ramos (2019) propõe uma reformulação da justiça a partir da encruzilhada de Exu.

Por ser um espaço onde prevalece um saber afrocentrado e contra-hegemônico, o terreiro oferece a possibilidade de repensar concepções de direito e justiça a partir de grupos de conhecimento historicamente excluídos da estrutura jurídica e política dominante.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p. ISBN 978-85-359-3253-9.

ALERJ. *Menos de 2% dos alunos da rede estadual optam pelo ensino religioso, diz Secretaria de Educação em audiência pública da Alerj*. 11 out. 2024. Disponível em: <https://www.alerj.rj.gov.br/Visualizar/Noticia/70050>. Acesso em: 16 abr. 2025.

ALEXANDRE, Claudia. *Exu-Mulher e o matriarcado nagô: sobre masculinização, demonização e tensões de gênero na formação dos candomblés*. Rio de Janeiro: Editora Aruanda / Selo Fundamentos de Axé, 2023. 464 p. ISBN 978-65-87708-19-5.

ALFOSÍN, Jacques Távora. O direito achado na rua, garantido pela sua eficácia mística. In: SOUSA JÚNIOR, José Geraldo de (org.). *O direito achado na rua: introdução crítica ao direito como liberdade*. Brasília: OAB Editora; Editora Universidade de Brasília, 2021. v. 10, p. 119-130.

ANTARAYAME. Yin-Yang: La elección entre lo masculino y lo femenino. Disponível em: <https://www.antarayame.com/yin-yang-la-eleccion-entre-lo-masculino-y-lo-femenino/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

AXÉ DE ARUANDA. *Lei da Inquisição*. YouTube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PDCKd4QSYuM>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BATUQUE DE LEI. *Oxum enganou Exu!*. 2025 Disponível em: <https://batuquedelei.com.br/oxum-enganou-exu/>. Acesso em: 17 abr. 2025.

BELLO, Enzo; FALBO, Ricardo Nery. Questões etnometodológicas para pensar o direito: um estudo empírico das ocupações dos movimentos sociais de luta pela moradia na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Quaestio Iuris*, v. 7, p. 683-709, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/quaestioiuris/article/view/13429/10297>. Acesso em: 9 set. 2024.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 152 p. ISBN 978-65-5921-232-3.

BONILLA-SILVA, Eduardo. *Racismo sem racistas: o racismo da cegueira de cor e a persistência da desigualdade na América*. Tradução de Silvio Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.

BRANDÃO, Pedro Augusto Domingues Miranda. *O novo constitucionalismo pluralista latino-americano*. 2. tir. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2023.

BRASIL ESCOLA. *Maria Quitéria: história, importância, morte*. 2024. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/maria-quiteria.htm>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Justiça Federal – 2ª Região. Processo nº 0004741-33.2014.4.02.5101. 17ª Vara Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2024b.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 715, de 20 de julho de 2023. Aprova a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Pessoas Intersexos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 jul. 2023. Seção 1, p. 123. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2023/Reso715.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Decreto nº 55.824, de 24 de março de 2025. Cancela a Resolução Conjunta SMAC/SMS nº 02, de 18 de março de 2025. Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, 24 mar. 2025. Disponível em: [https://doweb.rio.rj.gov.br/apifront/portal/edicoes/imprimir\\_materia/1147500/7038](https://doweb.rio.rj.gov.br/apifront/portal/edicoes/imprimir_materia/1147500/7038). Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Estado de Mato Grosso do Sul. Lei nº 2.902, de 2004. Dispõe sobre a obrigatoriedade de manutenção de exemplares da Bíblia Sagrada, tanto nas edições católicas como nas evangélicas, revistas e atualizadas, nos acervos das bibliotecas e das unidades escolares públicas do Estado de Mato Grosso do Sul. Diário Oficial do Estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2004. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ms/lei-ordinaria-n-2902-2004-mato-grosso-do-sul-dispoe-sobre-a-obrigatoriedade-de-manutencao-de-exemplares-da-biblia-sagrada-tanto-nas-edicoes-catolica-s-como-nas-evangelicas-revistas-e-atualizadas-nos-acervos-das-bibliotecas-e-das-unidades-escolares-publicas-do-estado-de-mato-grosso-do-sul>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Governo Federal. *Bicentenário da Independência*. Governo Federal, 2022. Disponível em: [https://www.gov.br/pt-br/campanhas/bicentenario./copy\\_of\\_bicentenario-da-independencia](https://www.gov.br/pt-br/campanhas/bicentenario./copy_of_bicentenario-da-independencia). Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Lei Complementar nº 195, de 8 de julho de 2022. Institui a Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano 160, n. 129-A, p. 1, 8 jul. 2022. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lcp/lcp195.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp195.htm). Acesso em: 12 abr. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4439*. Relator: Min. Roberto Barroso. Tribunal Pleno, ajuizada em 2010. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/portal/jurisprudencia/listarJurisprudencia.asp?s1=4439>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 5656*. Relator: Min. Edson Fachin. Tribunal Pleno, ajuizada em 2017. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/portal/jurisprudencia/listarJurisprudencia.asp?s1=5656>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental nº 709/2020*. Relator: Luís Roberto Barroso. Brasília, DF: STF, 2020. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/portal/processo/verProcessoAndamento.asp?incidente=5946991>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Pleno – Suspenso julgamento sobre sacrifício de animais em rituais religiosos*. YouTube, 8 ago. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I93qKI3Yzro>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Recurso Extraordinário com Agravo nº 1.249.095*, São Paulo. Relator: Min. Cristiano Zanin. Tribunal Pleno, julgado em 26 nov. 2024a. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/portal/jurisprudencia/listarJurisprudencia.asp?s1=1249095>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Recurso Extraordinário nº 494.601*, de 28 mar. 2019. Relator: Min. Marco Aurélio. Tribunal Pleno, julgado em 28 mar. 2019. Diário de Justiça

Eletrônico, Brasília, 19 nov. 2019. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/portal/jurisprudencia/listarJurisprudencia.asp?s1=494601>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Congresso Nacional. *Proposta de Emenda à Constituição nº 14*, de 25 de maio de 2021. Altera o art. 198 da Constituição Federal para estabelecer o Sistema de Proteção Social e Valorização dos Agentes Comunitários de Saúde e Agentes de Combate às Endemias, a aposentadoria especial e exclusiva, e fixar a responsabilidade do gestor local do SUS pela regularidade do vínculo empregatício desses profissionais. Brasília, DF, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2284555&fichaAmigavel=nao>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2076. Relator: Min. Carlos Velloso. Tribunal Pleno, julgado em 15 ago. 2002. Diário de Justiça Eletrônico, Brasília, 8 ago. 2003. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/jurisprudencia/listarJurisprudencia.asp?s1=2076>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CISSÉ, Youssouf Tata. *Donsolu Kalikan: Juramento da Irmandade dos Caçadores dos povos mandinga*. 1998. Disponível em: [https://www.academia.edu/87079765/A\\_carta\\_mandinga](https://www.academia.edu/87079765/A_carta_mandinga). Acesso em: 21 abr. 2025.

COLEN, Karen de Sales. *Religião e esfera pública: sentidos emancipatórios das evangélicas feministas à luz da teoria feminista deliberativa*. Orientação: Prof. Dr. Eder Fernandes Monica. Coorientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Fernanda Pontes Pimentel. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2023. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7604727](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7604727). Acesso em: 20 ago. 2024.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS (CIDH). *Acesso à Justiça para Mulheres Vítimas de Violência nas Américas*. OEA/Ser.L/V/II. Doc. 68. Washington, D.C.: Organização dos Estados Americanos, 20 jan. 2007. Disponível em:

<https://www.cidh.org/pdf%20files/Informe%20Acceso%20a%20la%20Justicia%20Espanol%202020507.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2025.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS (CIDH). *CIDH condena assassinato de defensora de direitos humanos Marisela Escobedo*. 21 dez. 2010. Disponível em:

<https://cmdpdh.org/2010/12/21/cidh-condena-asesinato-de-defensora-de-dh-marisela-escobedo/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

CORAL FILHOS DE IEMANJÁ. *O balanço do mar*. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AkG-XCbj9-g>. Acesso em: 05 mai. 2025.

COSTA, Alexandre Bernardino; DIEHL, Diego Augusto; LEMOS, Eduardo Xavier; VERAS, Mariana Rodrigues. A trajetória teórica e prática de O Direito Achado na Rua no campo dos Direitos Humanos: humanismo dialético e crítica à descartabilidade do ser humano. In: SOUSA JÚNIOR, José Geraldo de (org.). *O Direito Achado na Rua: introdução crítica ao direito como liberdade*. Brasília: OAB Editora; Editora Universidade de Brasília, 2021. v. 10, p. 203–215.

CUNHA, José Ricardo. A complexidade como paradigma epistemológico. In: CUNHA, José Ricardo. *Epistemologias Críticas do Direito*. 1. ed. Rio de Janeiro: *Lumen Juris*, 2016. p. 19-38.

DAGASH, Najwa Mohamad Nasser. *A liberdade religiosa sob o olhar da mulher muçulmana no Rio Grande do Sul: uma abordagem a partir dos Direitos Humanos*. Orientador: Prof. Dr. João Paulo Kulczynski Forster. 2021. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Direito do Centro Universitário Ritter dos Reis. Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=10651650](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10651650). Acesso em: 26 ago. 2024.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS (b). *Quitéria*. 2025 Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/padilha/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. *Padilha*. 2025 Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/padilha/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

DOUZINAS, Costas. *O fim dos direitos humanos*. Tradução de Luzia Araújo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009. 417 p. ISBN 978-85-7431-333-7.

DUSSEL, Enrique. *20 Tesis de política: Obras selectas 24*. Spanish Edition. Buenos Aires: Docencia, 2013. Edição do Kindle.

DUSSEL, Enrique. *Siete ensayos de filosofía de la liberación: Hacia una fundamentación del giro decolonial*. Spanish Edition. Editora Trotta, 2020. Edição do Kindle.

ESCOLA DA VIDA. *Doutrina de Mirim na Umbanda: a escola da vida – ontem, hoje e sempre*. YouTube, 2024. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=M48AX7PFG\\_Y](https://www.youtube.com/watch?v=M48AX7PFG_Y). Acesso em: 12 abr. 2025.

FÁVERO, Luiz Paulo; BELFIORE, Patrícia. *Manual de análise de dados: estatística e modelagem multivariada com Excel, SPSS e Stata*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017. ISBN 978-85-352-8360-6.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. *Mulheres e caça às bruxas*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOUCAULT, Michel. *De outros espaços*. 1967. Disponível em: <https://www.architectural-review.com/essays/critical-architecture/foucaults-heterotopias>. Acesso em: 16 abr. 2025.

FRANÇA. *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*. 1789. Disponível em: <http://www.mdh.gov.br/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GAGO, Verónica. *A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo*. Tradução de Igor Peres. São Paulo: Editora Elefante, 2020. 256 p. ISBN 978-85-9311-565-3.

GARCIA, Dantielli Assumpção. *O caso Marielle e o discurso jornalístico*. In: *INRevista*. Universidade de Ribeirão Preto, 2018. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/inrevista/article/download/1451/1376/5965>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GARFINKEL, Harold. Estudos de etnometodologia. Rio de Janeiro: *Editora Vozes*, 2018. Edição do Kindle.

GÓES, Luciano. *Direito Penal Anti-Racista*. São Paulo: Editora PUC-SP, 2020. 381 p. ISBN 978-65-86258-00-2.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 375 p. ISBN 978-85-7110-973-9. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003107970>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GUSTIN, Miracy B. S.; DIAS, Maria Tereza Fonseca; NICÁCIO, Camila Silva. (Re)Pensando a pesquisa jurídica: teoria e prática. 2. ed. Belo Horizonte: *Del Rey*, 2006.

HERRERA FLORES, Joaquín. *A (re)invenção dos direitos humanos*. Tradução de Carlos Roberto Diogo Garcia, Antônio Henrique Graciano Suxberger e Jefferson Aparecido Dias. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009. 232 p. ISBN 978-85-7840-012-5.

HIRSCHMANN, Nancy J. *The Subject of Liberty: Toward a Feminist Theory of Freedom*. Princeton: Princeton University Press, 2003. 308 p. ISBN 978-0-691-09625-4.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 283 p. ISBN 978-85-469-0140-6.

HOSHINO, Thiago de Azevedo Pinheiro. *O direito virado no santo: enredos de nomos e axé*. 2020. 388 f. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/71405>. Acesso em: 16 abr. 2025.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 288 p. ISBN 978-85-359-1459-7.

IKARO OGÃN OFC. *Ponto de Maria Navalha - Eu não vivo com homem*. Youtube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=beXDACUcb8g>. Acesso em: 02 de out. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Ilê Axé Oxumarê – Salvador (BA)*. Brasília: IPHAN, 2013. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1635/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

KREUZ, Leticia Regina Camargo. *Crime e pecado: O aborto sob os véus da religiosidade, da moralidade, da juridicidade e do feminismo*. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eneida Desiree Salgado. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Setor de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3620928](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3620928). Acesso em: 25 ago. 2024.

LAS TRES MUERTES DE MARISELA ESCOBEDO. Direção: Carlos Pérez Osorio. Produção: Scopio; Netflix Studios. México: Netflix, 2020. 1 vídeo (109 min), son., color. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81002192>. Acesso em: 21 abr. 2025.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: fev. 2006. Disponível em: [https://gpect.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/06/henri\\_lefebvre-a-producao-do-espaco.pdf](https://gpect.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/06/henri_lefebvre-a-producao-do-espaco.pdf). Acesso em: 16 abr. 2025.

LIMA JUNIOR, Carlos Rogério; SCHWARCZ, Lilia Moritz; STUMPF, Lúcia Klück. *O sequestro da Independência: uma história da construção do mito do Sete de Setembro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LYRA FILHO, Roberto. *O que é Direito*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. 96 p. (Coleção Primeiros Passos; v. 62). ISBN 8511010629.

MACHETE JORNAL. *Menos de 2% dos alunos da rede estadual optam pelo ensino religioso, diz Secretaria de Educação em audiência pública da Alerj*. 11 out. 2024. Disponível em: <https://www.manchetejornal.com.br/menos-de-2-dos-alunos-da-rede-estadual-optam-pelo-ensino-religioso-diz-secretaria-de-educacao-em-audiencia-publica-da-alerj>. Acesso em: 16 abr. 2025.

MAHA LILAH JOGO. Shakti e Shiva. Disponível em: <https://mahalilahjogo.com.br/2022/11/22/shakti-e-shiva/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

MAIÊ, Mo. *A carta mandinga*. Tecituras de 1998. Disponível em: [https://www.academia.edu/87079765/A\\_carta\\_mandinga](https://www.academia.edu/87079765/A_carta_mandinga). Acesso em: 21 abr. 2025.

MATTAR, Daniela Costa Soares. A reconstrução do conceito de secularização com a participação dialógica da mulher muçulmana a partir da análise das decisões restritivas da corte europeia. Orientador: Prof. Dr. Marcio Eduardo Senra Nogueira Pedrosa Morais. 2023. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de Itaúna. Minas Gerais, 2023. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=14003239](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14003239). Acesso em: 26 ago. 2024.

MIGALHAS. Juiz do Rio reconsidera decisão e reconhece cultos afro-brasileiros como religiões. Migalhas, 19 maio 2014. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/201287/juiz-do-rio-reconsidera-decisao-e-reconhece-cultos-afro-brasileiros-como-religioes>. Acesso em: 16 abr. 2025.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, 2008, p. 287-324. Disponível em: [https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf). Acesso em: 05 set. 2024.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. 320 p. (Coleção Palavras Negras). ISBN 978-85-273-1158-8.

NETO, José Mário Wanderley Gomes; BARBOSA, Luis Felipe Andrade; PAULO FILHO, Alexandre Moura Alves de. O que nos dizem os dados?: uma introdução à pesquisa jurídica quantitativa. Petrópolis, RJ: *Editora Vozes*, 2023.

NOBRE, Marcos. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: *Zahar*, 2004. ISBN 978-85-7110-802-8.

NOGUERA, Renato. *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018.

NORONHA, Frank Lúcio Dantas. A liberdade religiosa dos povos de terreiro em Codó-MA: violações, atuação e medidas de combate pelas instituições estatais do sistema de justiça em favor dos adeptos do Terecô. Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Lagreca Casamasso. 2023. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2023. Disponível em: <https://ppgdc.uff.br/wp-content/uploads/sites/681/2023/12/FRANK-LUCIO-DANTAS-NORONHA.pdf>. Acesso em: 01 set. 2024.

OS TINCOÃS. *Cordeiro de Nanã*. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dIRETOPmt2M>. Acesso em: 21 abr. 2025.

OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. *Mulheres africanas e feminismo: reflexões sobre a política da sororidade*. Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2023. ISBN 978-85-326-6528-7.

PAI PAULO DE OXALÁ. *Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro recebe o Machado Sagrado de Xangô*. Extra, 18 dez. 2024. Disponível em: <https://extra.globo.com/blogs/pai-paulo-de-oxala/post/2024/12/tribunal-de-justica-do-estado-do-rio-de-janeiro-recebe-o-machado-sagrado-de-xango.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2025.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. 1. ed. São Paulo: Editora Nós, 2017. ISBN 978-85-69020-25-7.

PINHEIRO, Emanuel de Oliveira. *Superação do racismo religioso a partir da construção de um direito achado na encruzilhada*. Orientadora: Profa. Dra. Roberta Duboc Pedrinha. 2023. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2023. Disponível em: <https://ppgdc.uff.br/wp-content/uploads/sites/681/2024/01/Emanuel-de-Oliveira-Pinheiro.pdf>. Acesso em: 01 set. 2024.

PINTO, Flávia. *Salve o Matriarcado – Manual da Mulher Búfala*. Rio de Janeiro: Aruanda, 2020.

PINTO, Mãe Flávia. *Umbanda Preta: raízes africanas e indígenas*. Rio de Janeiro: Editora Fundamentos do Axé, 2022.

PIRES, Thula Rafaela de Oliveira. *Criminalização do racismo: entre política de reconhecimento e meio de legitimação do controle social sobre os negros*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Brasília: Brado Negro, 2016. 302 p. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/107/10760418003/>. Acesso em: 21 abr. 2025. [Redalyc](#)

PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS. *Edital nº 01/2023 - Audiovisual I da Lei Paulo Gustavo em Duque de Caxias*. Publicado no *Boletim Oficial do Município* nº 7352, de 09 out. 2023. Disponível em: [https://smct.duquedecaxias.rj.gov.br/paulo-gustavo.html#editais\\_lpg](https://smct.duquedecaxias.rj.gov.br/paulo-gustavo.html#editais_lpg). Acesso em: 05 ago. 2024.

QUEIROZ, Marcos Vinicius Lustosa; GOMES, Rodrigo Portela. A hermenêutica quilombola de Clóvis Moura. *Revista Culturas Jurídicas*, Niterói, v. 8, n. 20, p. 733–754, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/article/view/733-754>. Acesso em: 17 abr. 2025.

RAMOS, Luciana de Souza. *O direito achado na encruzilhada: territórios de luta, (re)construção da justiça e reconhecimento de uma epistemologia jurídica afro-diaspórica*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019.

RÍOS, Diego Pereira. *Umbanda como religião: uma mirada desde a teologia negra de la liberación*. *Revista Identidade!*, v. 25, n. 2, jul.-dez., 2020, p. 27-41. ISSN 2178-437X. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/4181/3626>. Acesso em: 10 set. 2024.

RODRIGUES, Cristiane; FERREIRA, Gabriel. *Proibido linha Exu: Prefeitura impõe restrições religiosas ao renovar alvará de terreiro de Umbanda em MG*. G1. 5 abr. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2023/04/05/proibido-linha-exu-prefeitura-impoe-restricoes-religiosas-ao-renovar-alvara-de-terreiro-de-umbanda-em-mg.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2025.

SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga, traição e histeria em Salem*. Tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SILVA JÚNIOR, Lauro Henrique de Carvalho Monteiro da. *Pode o Estado laico definir o que é uma religião? - Um estudo em direito comparado*. Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Lagreca Casamasso. 2023. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2023. Disponível em: <https://ppgdc.uff.br/wp-content/uploads/sites/681/2023/12/LAURO-HENRIQUE-DE-CARVALHO-MONTEIRO-DA-SILVA-JUNIOR.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2024.

SILVA, Carolina. *O sabá do sertão: feiticeiras, demônios e jesuítas no Piauí colonial (1750-58)*. 2013. 222 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Exu: um deus afro-atlântico no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2023. 672 p. ISBN 9786557850152.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2006.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

SOUSA, Joelma Melo de. Reflexões para construção de uma identidade constitucional brasileira: para além da identidade nacional. In: COSTA, Alexandre Bernardino (org.). *Direito Vivo: leituras sobre constitucionalismo, construção social e educação a partir do Direito Achado na Rua*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. p. 17–41.

SOUSA, Marília Nascimento de. A perspectiva descolonial. *Revista Videre*, Dourados, v. 13, n. 26, jan./abr. 2021. ISSN 2177-7837. Disponível em: [https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/155096/perspectiva\\_descolonial\\_sousa.pdf](https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/155096/perspectiva_descolonial_sousa.pdf). Acesso em: 22 out. 2024.

SPIKES, Paola Goulart de Souza. *O Estado brasileiro e o dever de acomodação razoável dos servidores públicos que expressam alguma objeção de consciência em virtude de religião ou crença no desempenho de suas atribuições*. Orientador: Prof. Dr. André Saddy. 2024.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2024. Disponível em: <https://ppgdc.uff.br/wp-content/uploads/sites/681/2024/04/O-ESTADO-BRASILEIRO-E-O-DEVER-DE-ACOMODACAO-RAZOAVEL-DOS-SERVIDORES-PUBLICOS-QUE-EXPR-ESSAM-ALGUMA-OBJECAO-DE-CONSCIENCIA-EM-VIRTUDE-DE-RELIGIAO-OU-CRENCA-NO-DESEMPENHO-DE-SUAS-ATRIBUICOES.pdf>. Acesso em: 01 set. 2024.

TAYLOR, Charles. *What's wrong with negative liberty*. In: \_\_\_\_\_. *Philosophical papers: Volume 2, Philosophy and the Human Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 211–229. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/389482450/What-s-Wrong-With-Negative-Liberty-Charles-Taylor>. Acesso em: 21 abr. 2025.

TEIXEIRA, Sérgio Navarro. *Aluno de Mirim*. Rio de Janeiro: Editora do Conhecimento, 2020.

TEIXEIRA, Sérgio Navarro. *Reflexões sobre a escola de Caboclo Mirim*. Rio de Janeiro: Editora do Conhecimento, 2015.

TELES, Jessica Fonseca. Choque de civilizações: a proibição do uso do véu islâmico no Ocidente sob as perspectivas da laicidade, da proteção da mulher e da segurança. Orientador: Prof. Dr. Saulo José Casali. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2017. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5016360](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5016360). Acesso em: 26 ago. 2024.

TENDA ESPÍRITA CABOCLO SUCURI. Nosso mestre Cabolo Mirim. Rio de Janeiro, 7 ago. 2008. Disponível em: <https://tendaespiritacaboclosucuri.blogspot.com/2008/08/nosso-mestre-cabolo-mirim.html>. Acesso em: 19 abr. 2025.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *A gira agora é do malandro! Salve a Malandragem, Salve Zé Pilintra, Salve Maria Navalha!* 13 fotos. Duque de Caxias, 27 ago. 2024a. Instagram: @tendaespiritalluzdemaria. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_Lz-mvxccl/?igsh=dWVoa3MyNjJ0d2I0](https://www.instagram.com/p/C_Lz-mvxccl/?igsh=dWVoa3MyNjJ0d2I0). Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Arroboboi Oxumaré! Salve a grande serpente que liga os mundos, senhor da continuidade da vida.* 10 fotos. Duque de Caxias, 25 ago. 2024b. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_GVhONJ\\_0Y/?igsh=ZDRnYmh2ODJqODBm](https://www.instagram.com/p/C_GVhONJ_0Y/?igsh=ZDRnYmh2ODJqODBm). Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Em agosto celebramos o grande orixá das palhas e pedimos silêncio! Obaluaê está presente em nosso dia a dia trazendo curas profundas que, às vezes, só vem depois do contato com a doença, deste modo toda doença liberta o espírito...* 10 fotos. Duque de Caxias, 30 ago. 2023a. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CwIDLcIRaOm/?igsh=dDA4YzZ2MDY3aWd0>. Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Gira Festiva em louvor a Maria Padilha - Jun/24.* 10 fotos. Duque de Caxias, 07 ago. 2024c. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C-YD9I0pp9h/?igsh=MTVIMDdpMzg5cTk4eg==>. Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Neste último final de semana marcamos presença no centenário de fundação da Tenda Espírita Mirim.* 09 fotos. Duque de Caxias, 30 out. 2024g. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuXU99up4ZT/?igsh=a2FqeXZuNWpycWkw>. Acesso em: 10 mai. 2025.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Nosso dia das crianças! Uma grande celebração para nossa comunidade, trocamos experiências, diversão, distribuimos kits de higiene e, é claro, brinquedos.* 10 fotos. Duque de Caxias, 27 nov. 2023b. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C0Jysdgs62F/?igsh=MW9hM2RtZHlhZW8xbQ==>. Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *O dia 14 de maio de 1888 é o dia mais longo da nossa história, porque nos atinge até hoje, nas ruas, nas esquinas, nas cadeias...* 08 fotos. Duque de Caxias, 14 mai. 2024d. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C685lZOuEHN/?igsh=d29obHp6M2NqeWQ=>. Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Oni Beijada! Salva as crianças!* 10 fotos. Duque de Caxias, 21 nov. 2023c. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cz6m5-NORtk/?igsh=MTk4b2Yxa2ttNGdiYO==>. Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Para ser rainha não é só sentar no trono, para ser rainha tem que saber governar. Laroyê Maria Padilha! Salve a Dona da Casa.* 04 fotos. Duque de Caxias, 06 jul. 2023d. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuXU99up4ZT/?igsh=a2FqeXZuNWpycWkw>. Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Para que possamos continuar os nossos trabalhos espirituais e sociais é muito importante, neste momento, finalizarmos a reconstrução de nossa tenda. Para ajudar nossa causa contribua através do pix, toda doação ajuda em nossa grande corrente de luz!* 03 fotos. Duque de Caxias, 30 jan. 2025a. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuXU99up4ZT/?igsh=a2FqeXZuNWpycWkw>. Acesso em: 10 mai. 2025.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Saluba Nanã.* 08 fotos. Duque de Caxias, 10 ago. 2023e. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CvxwxtlJ03o/?igsh=YmJqZG1vd3h1OHlt>. Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Saluba Nanã Buruquê! Que a senhora vida, das águas lamacentas, continue a iluminar a coroa de todos os filhos da luz.* 10 fotos. Duque de Caxias, 08 ago. 2024e. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C-a5STvpZeJ/?igsh=dDQwbWluaGk5cDJs>. Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Saravá o Rei Nagô! Que Xangô traga equilíbrio e justiça em nossas relações! Kaô Kabecilê!* 10 fotos. Duque de Caxias, 23 nov. 2023f. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Cz\\_h2yrs7SW/?igsh=MW9iZjE5YWZhdnVkJmW==](https://www.instagram.com/p/Cz_h2yrs7SW/?igsh=MW9iZjE5YWZhdnVkJmW==). Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Senhor da terra, senhor da vida, senhor da chaga, senhor da partida. Seu nome santo me faz refletir da vida o que levo e o que deixo aqui... Silêncio, Atotô... Salve nosso pai Obaluaê!* 10 fotos. Duque de Caxias, 16 ago. 2024f.

Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C-vLfx7JuWv/?igsh=MWZ5dGd1MzJhOGQ5OQ==>. Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Soltei minha cabocla de pena. Soltei lá nas mata. Para trabalhar. Pra ver a força que a Jurema tem. Pra ver a força que a Jurema dá. Saravá os Caboclos de Umbanda!* 10 fotos. Duque de Caxias, 05 dez. 2023g. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C0e\\_2m4JHkK/?igsh=MTR2MjJpMm56YTA4Yg==](https://www.instagram.com/p/C0e_2m4JHkK/?igsh=MTR2MjJpMm56YTA4Yg==). Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA LUZ DE MARIA. *Em novembro realizamos o Batismo em nossa casa. Para nós este ritual simboliza a entrada oficial dos médiuns à egrégora da Luz de Maria...* 07 fotos. Duque de Caxias, 02 dez. 2023h. Instagram: @tendaespiritualuzdemaria. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C0W8E1HrOzp/?igsh=c3NudjI5NGOyc3Jv>. Acesso em: 15 set. 2024.

TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE. *Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.* Cachoeiras de Macacu, RJ. Disponível em: <https://www.tensp.org/>. Acesso em: 4 jul. 2024.

UNESCO. *La charte du Mandé, proclamée à Kurukan Fuga.* 2009. Disponível em: <https://ich.unesco.org/es/RL/la-carta-del-manden-proclamada-en-kurukan-fuga-00290>. Acesso em: 21 abr. 2025.

UOL Educação. *Uma em cada 5 escolas do Brasil não oferece ensino religioso.* 28 set. 2017. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2017/09/28/uma-em-cada-5-escolas-do-brasil-nao-oferece-ensino-religioso.htm>. Acesso em: 16 abr. 2025.

URUCAIA. #1 - *Oxóssi e a semente da vida.* Spotify, 16 abr. 2025. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0JuE11kQLFIR77GI91MTtk?si=bAc2p0bBSMaRIKqIwkdBMA>. Acesso em: 16 abr. 2025.

VARANDA, Marcelo. *Caboclo Mirim*. Musixmatch, 2022. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/pt/letras/Marcelo-Varanda/Caboclo-Mirim>. Acesso em: 12 abr. 2025.

VAZ, Livia Sant'Anna; RAMOS, Chiara. *A justiça é uma mulher negra*. São Paulo: Editora Letramento, 2021.

VEJA. Idafro pede para STF fixar Oxê de Xangô ao lado de crucifixo no plenário. Radar, 29 nov. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/idafro-pede-para-stf-fixar-oxe-de-xango-ao-lado-de-crucifixo-no-plenario/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

VELECI, Nailah Neves. *Cadê Oxum no espelho constitucional? Os obstáculos sócio-político-culturais para o combate às violações dos direitos dos povos e comunidades tradicionais de terreiro*. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rita Laura Segato de Carvalho. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília. Brasília, 2023. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5711147](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5711147). Acesso em: 20 ago. 2024.

VEM NA FÉ. *Ele é Carreiro na estação da Leopoldina*: YouTube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IHd5jZE6dFI>. Acesso em: 16 abr. 2025.

VEM NA FÉ. *Ponto de Boiadeiro - Me chamaram de Mineiro*: YouTube, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oSqWtC-hKeI>. Acesso em: 16 abr. 2025.

VICENTE, Cynthia Thayse Vieira; SILVA, Gabriel Martins da. Infanticídio indígena: Conflitos entre tradição cultural e direitos humanos. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, [S.l.], v. 23, p. 1–16, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/18312>. Acesso em: 21 abr. 2025.

WOLKMER, Antonio Carlos. *Pluralismo jurídico: fundamentos de uma nova cultura no Direito*. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2015.

## APÊNDICE I - ESTADO DA ARTE

A análise do Estado da arte ultrapassa a mera pesquisa por palavras-chaves, portanto, no presente anexo apresento uma tabela com categorias de análise das obras que perpassam o tema principal em amplo senso e ao final estabeleço um diálogo entre os estudos realizados no campo acadêmico e o estudo que se elabora nessa dissertação.

- **Banco de dissertações do PPGDC-UFF**

A pesquisa foi realizada analisando os títulos de cada dissertação existente no programa, ou melhor, não foi utilizada nenhuma ferramenta de busca por palavras-chaves.

<b>Título do trabalho</b>	<b>Modalidade/ Orientador/ Ano de defesa</b>	<b>Pontos principais trabalhados na dissertação</b>	<b>Metodologia de Pesquisa</b>	<b>Bibliografia utilizada</b>
A liberdade religiosa dos povos de terreiro em CODÓ-MA: violações, atuação e medidas de combate pelas instituições estatais do sistema de justiça em favor dos adeptos do Terecô (Noronha, 2023)	Minter/ Prof. Dr. Marco Aurélio Lagreca Casamasso/ 2021	O Autor faz uma análise histórica da relação Estado e Intolerância religiosa, dialogando com a criação do instituto na Constituição dos Estados Unidos, o predomínio do cristianismo na Idade Média, a influência da Declaração dos Direitos dos Homens e dos Cidadãos na França, bem como as relações de liberdade religiosa no período colonial e imperial no Brasil. Trata em um tópico do preconceito, relacionando com esses períodos abordados anteriormente, como advindo da colonialidade do poder, tratando de	Estudo de caso e pesquisa documental. Multidisciplinar	Robert Alexy, Roger Bastide, Norberto Bobbio, Paulo Bonavides, Canotilho, Edson Carneiro, Cassamasso, Dussel, Sergio Ferretti, Aníbal Quijano, Arthur Ramos, Scampini, entre outros.

		algumas dinâmicas na época da colônia e influência em códigos, como por exemplo, no Código Penal e na Constituição Imperial. Trata em seguida, da cidade de Codó, da sua religiosidade e de casos que ocorreram na cidade, analisando os processos e demais documentos.		
Superação do racismo religioso a partir da construção de um direito achado na encruzilhada (Pinheiro, 2023)	Mestrado/Profª. Drª. Roberta Duboc Pedrinha/ 2023	A pesquisa foca na questão do racismo religioso, tratando de epistemicídio e crimes cometidos tendo como exemplo a existência dos traficantes de Jesus, influência das igrejas neopentecostais.	Pesquisa Bibliográfica e documental. Multidisciplinar	Roger Bastide, Guilherme Borges, Pierre Bourdieu, Sueli Carneiro, Enrique Dussel, Frantz Fanon, Silvia Federici, Michel Foucault, Sigmund Freud, Immanuel Kant, Fábio Carvalho Leite, Siddharta Legale, Gladstone Leonel Júnior, Roberto Lyra Filho, Edir Macedo, Karls Marx, José Geraldo Sousa Júnior.
O Estado brasileiro e o dever de acomodação razoável dos servidores públicos que expressam alguma objeção de em virtude de religião ou crença no desempenho de suas atribuições (Spikes, 2024)	Mestrado/ Prof. Dr. André Saddy/ 2024	Trabalha os deveres do Estado quando se trata de objeção de consciência, trabalhando com três casos sendo um na área médica, outra na área militar e, por fim, na área administrativa	Análise documental de jurisprudências e análise bibliográfica. Vertente jurídico-dogmática. Investigação jurídico-descritivo. Multidisciplinar	Bíblia, Robert Alexy, Humberto Ávila, Luís Roberto Barroso, Paulo Bonavides, José Joaquim Gomes Canotilho, Emerson Garcia, Gilmar Ferreira Mendes, Guilherme Peña de Moraes, John Rawls.
Pode o Estado laico definir o que é uma religião? Um estudo em direito comparado (Silvia Júnior, 2023)	Mestrado/ Prof. Dr. Marco Aurélio Lagreca Casamasso/ 2023	A dissertação busca compreender se o Estado se declara laico poderá ou não definir uma religião, à princípio	Pesquisa bibliográfica e análise documental de Acórdãos do STF e de decisões da Suprema Corte	Barroso, Berman, Becker, Campbell, Canotilho, Casamasso, Dworkin, Boris Fausto, Habermas,

		aponta ser essencial distinguir o que é religioso ou não, concluindo que o Estado não deve determinar o que é religião de forma rígida.	dos Estados Unidos. Trabalha com Direito Constitucional Comparado.	Haberle, Kant, John Locke, Montesquieu, Nietzsche, Rousseau, Tocqueville, Tushnet
--	--	---	--	---

- **Banco de teses e dissertações da CAPES**

A pesquisa ocorreu por meio de palavras-chaves, em todas as utilizadas foi restringida para pesquisas de mestrado e doutorado apenas, sendo excluída da análise mestrado profissional ou profissionalizante. Na área de conhecimento foram selecionadas todas as opções relacionadas ao direito: Direito, Direito Constitucional e Teoria do Direito.

### Com abordagem de gênero

Palavra-Chave: Religião e Gênero - 01 (uma) dissertação de mestrado.

<b>Título do trabalho</b>	<b>Modalidade/ Orientador/ Ano de defesa/ Instituição</b>	<b>Pontos principais trabalhados na dissertação</b>	<b>Metodologia de Pesquisa</b>	<b>Bibliografia utilizada</b>
Crime e Pecado o aborto sob os véus da religiosidade, da moralidade, da juridicidade e do feminismo (Kreuz, 2016)	Mestrado/ Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Eneida Desiree Salgado/ 2016/ Universidade Federal do Paraná	Trata da influência religiosa na proibição do aborto e o impacto da religião nas escolhas públicas.	Análise documental da Ação Direta de Inconstitucionalidade de n. 3510 e da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental n. 54, bem como análise bibliográfica.	Daniel Sarmento, Magda Guadalupe dos Santos, John Rawls, Jorge Miranda, John Stuart Mill, Gilmar Ferreira Mendes, Dulce Xavier, Barroso, Kant, Ronald Dworkin, Enrique Dussel, Simone Beauvoir, Maria Betania de Melo Ávila, entre outros.

Palavra-Chave: Mãe de Santo - 283 trabalhos e nenhum na área do direito.

Palavra-Chave: Violência de gênero e religião - 31 trabalhos e nenhum na área do direito

Palavra-Chave: Feminismo e religião - 1 (uma) dissertação de mestrado

<b>Título do trabalho</b>	<b>Modalidade/ Orientador/ Ano de defesa/ Instituição</b>	<b>Pontos principais trabalhados na dissertação</b>	<b>Metodologia de Pesquisa</b>	<b>Bibliografia utilizada</b>
Religião e esfera pública: sentidos emancipatórios das evangélicas feministas à luz da teoria feminista deliberativa (Colen, 2019)	Mestrado/ orientação do Prof. Dr. Eder Fernandes Monica e coorientação da Prof. <sup>a</sup> Dra. Fernanda Pontes Pimentel/ 2019/ Universidade Federal Fluminense - PPGSD	Utiliza a teoria feminista deliberativa para discutir sentidos de modernidade, laicidade e liberdade religiosa. Trata de como as mulheres evangélicas equilibram discurso religioso e espaço público.	Pesquisa empírica (questionário pela plataforma facebook no grupo virtual da referida rede social denominado Feministas Cristãs/RJ e 06 entrevistas semi-estruturadas) e abordagem bibliográfica	Bíblia, Maria Clara Bingemer, Pierre Bourdieu, Emerson Roberto da Costa, Angela Davis, Sérgio Costa, Nancy Fraser, Alexandre Fonseca, Habermas, entre outros

### Com abordagem da comunidade

Palavra-chave: Terreiro e comunidade

<b>Título do trabalho</b>	<b>Modalidade/ Orientador/ Ano de defesa/ Instituição</b>	<b>Pontos principais trabalhados na dissertação</b>	<b>Metodologia de Pesquisa</b>	<b>Bibliografia utilizada</b>
Cadê Oxum no espelho constitucional? Os obstáculos sócio-político-culturais para o combate às violações dos direitos dos povos e comunidades tradicionais de terreiro (Veleci, 2017)	Mestrado/ Prof. Dra. Rita Laura Segato de Carvalho/ 2017/ Universidade de Brasília	Dificuldade do exercício da liberdade de crença nas instituições de ensino de influência cristã	O trabalho não possui divulgação autorizada na CAPES.  Não há informações de metodologia no resumo do trabalho disponibilizado no site da CAPES	O trabalho não possui divulgação autorizada na CAPES. As informações foram colhidas do resumo presente na plataforma

## Temas mais genéricos

Palavra-chave: Religiões afro-brasileiras

<b>Título do trabalho</b>	<b>Modalidade/ Orientador/ Ano de defesa/ Instituição</b>	<b>Pontos principais trabalhados na dissertação</b>	<b>Metodologia de Pesquisa</b>	<b>Bibliografia utilizada</b>
Direito e religião: a intolerância às religiões afro-brasileiras (Lima, 2020)	Mestrado/ Prof. Dr. Ari Marcelo Solon/ 2020/ Universidade de São Paulo	O trabalho não possui divulgação autorizada na CAPES. As informações foram colhidas do resumo presente na plataforma.  O resumo afirma que o objetivo do trabalho é compreender a relação entre direito e religião na modernidade, bem como quais os motivos da perseguição religiosa no século XXI.	Não disponível pelo resumo.  O trabalho não possui divulgação autorizada na CAPES. As informações foram colhidas do resumo presente na plataforma	O trabalho não possui divulgação autorizada na CAPES. As informações foram colhidas do resumo presente na plataforma
Orixás, senzala e casa grande: a discriminação das religiões de matriz africana e a teoria da (de)colonialidade nas decisões do supremo tribunal federal' (Bordalo, 2021)	Mestrado/Prof. Dr. George Sarmiento Lins Júnior/ 2021/ Universidade Federal de Alagoas	Reconhecimento da liberdade religiosa como direitos humanos, Análise quantitativa dos casos de intolerância religiosa, trata da religião na história mundial, na do Brasil e na de Alagoas. Análise teórica da colonialidade do saber e do poder, conectando com a casa grande e Senzala de Gilberto Freyre.	Análise teórica, método lógico-dedutivo, Análise documental de decisões do STF	Silvio Almeida, Barroso, Roger Bastide, Norberto Bobbio, Sueli Carneiro, Émile Durkheim, Enrique Dussel, Ronald Dworkin, Fanon, Gilberto Freyre, Leila Gonçalves, John Locke, Ponte de Miranda, Walter Mignolo, entre outros.
Religião, Racionalidade e Representatividade	Mestrado/ Profa. Dra. Fabiana de Menezes Soares/	Analisa a influência entre comportamento	metodologia sistemática analítica de	Marta Vinagre, Nadia Urbinati, Fabiana de

<p>e: uma Análise do Comportamento Normativo Perante as Religiões Afro-brasileiras (Magalhães, 2021)</p>	<p>2021/ Universidade Federal de Minas Gerais</p>	<p>normativo do legislativo e a influência religiosa, concluindo pela necessidade de representatividade na elaboração legislativa.</p>	<p>investigação do comportamento legislativo.</p>	<p>Menezes Soares, Vagner Gonçalves Silva, Arthur Ramos, Miguel Reale, Reginaldo Pranti, Habermas, Emerson Giumbelli, Florestan Fernandes, Émile Durkheim, Pierre Bourdieu, Norberto Bobbio</p>
<p>A liberdade religiosa dos povos de terreiro em codó-ma: violações, atuação e medidas de combate pelas instituições estatais do sistema de justiça em favor dos adeptos do Terecô' (Noronha, 2023)</p>	<p>Dissertação já analisada no gráfico "Banco de dissertações do PPGDC-UFF"</p>	<p>Dissertação já analisada no gráfico "Banco de dissertações do PPGDC-UFF"</p>	<p>Dissertação já analisada no gráfico "Banco de dissertações do PPGDC-UFF"</p>	<p>Dissertação já analisada no gráfico "Banco de dissertações do PPGDC-UFF"</p>
<p>A Laicidade do Estado e a ocupação do espaço público: uma análise a partir da perspectiva das religiões afro-brasileiras (Rinck, 2019)</p>	<p>Tese/ Profª. Dra. Gislene Aparecida dos Santos/ 2019/ Universidade de São Paulo</p>	<p>O trabalho não possui divulgação autorizada na CAPES. As informações foram colhidas do resumo presente na plataforma.</p> <p>Busca compreender como o arranjo da laicidade do estado afeta as religiões afro-brasileiras.</p>	<p>Pesquisa bibliográfica, a Análise da jurisprudência e pesquisa de campo semi-estruturado sobre o sentido que compreendem a laicidade, o que entendem por tombamento e outras compreensões sobre institutos jurídicos.</p>	<p>O trabalho não possui divulgação autorizada na CAPES. As informações foram colhidas do resumo presente na plataforma.</p>
<p>Uma cachoeira para Xangô: impactos da urbanização sobre os direitos das comunidades tradicionais de matriz africana na grande aracaju (Lima, 2017)</p>	<p>Dissertação/ Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Jeane Helfemsteller Coelho Dornelles/ 2017/ Universidade Tiradentes</p>	<p>Impactos da urbanização e a dificuldade de preservar o espaço de vegetação necessário para as práticas religiosas.</p>	<p>Pesquisa bibliográfica, entrevista empírica semi-estruturada com perguntas sobre a prática religiosa no território</p>	<p>José Flávio Pessoa de Barros/ Roger Bastide/ Edson Carneiro/ Émile Durkheim/ Enrique Dussel/ Habermas/ Reginaldo Prandi/ Arthur Ramos/ Boaventura de Sousa Santos/ Milton Santos/ Daniel Sarmento/</p>

				Rita Segato/ Vagner Gonçalves Silva/ Muniz Sódre/ Nancy Mangabeira Unger/
O direito virado no santo: enredos de nomos e axé (Hoshino, 2020)	Tese/ Profa. Dra. Vera Karam de Chueiri/ 2020/ Universidade Federal do Paraná	Alterações no estilo jurídico de pensamento trabalhando processos de multiplicidade do direito por meio de compreendê-lo na sua multiplicidade	Antropologia jurídica	Muniz Sodré, Luiz Rufino, Vagner Gonçalves da Silva, José Afonso da Silva, Rita Segato, Carls Schmitt, Thula Pires, Abdias do Nascimento, Charles Miils, Ruth Landes, Grada Kilomba, Leila Gonçalves, Michel Foucault, Silvia Federici, Fanon, Silvio de Almeida, Judith Butler, Roger Bastide, entre outros
Sim, sim! Não, não! A demonização das religiões afro-brasileiras à luz do Supremo Tribunal Federal. (Mendonça, 2019)	Dissertação/ : Prof. Dr. Evandro Charles Piza Duarte/ 2019/ Universidade de Brasília	A partir do julgamento do Habeas Corpus 134.682/Ba do STF analisa se atos de violência simbólica podem ser considerados racismo religioso	Pesquisa bibliográfica e documental	Vagner Gonçalves da Silva, Boaventura Santos, Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Anibal Quijano, Marcelo Neves, Clóvis Moura, Leila Gonçalves, Dussel, Fanon, Evandro Duarte, Barroso,

Palavra-Chave: Liberdade religiosa - 143 resultados

Dos 143 resultados apenas 03 versa sobre gênero, logo, apenas estes serão analisados.

<b>Título do trabalho</b>	<b>Modalidade/ Orientador/ Ano de defesa/ Instituição</b>	<b>Pontos principais trabalhados na dissertação</b>	<b>Metodologia de Pesquisa</b>	<b>Bibliografia utilizada</b>
A reconstrução do conceito de secularização com a participação dialógica da mulher muçulmana	Tese/ Prof. Dr. Marcio Eduardo Senra Nogueira Pedrosa Moraes/ 2023/ universidade de Itaúna	Trata como a Corte Europeia de Direitos Humanos impõe restrições ao uso do véu islâmico	Pesquisa bibliográfica e documental, método dedutivo	O trabalho não possui divulgação autorizada na CAPES. As informações foram colhidas do

a partir da análise das decisões restritivas da corte europeia (Mattar, 2023)				resumo presente na plataforma
Choque de civilizações: A proibição do uso do véu Islâmico no ocidente sob as perspectivas da laicidade, da proteção da mulher e da segurança (Teles, 2017)	Mestrado/ Prof. Dr. Saulo José Casali Bahia/ 2017/ Universidade Federal da Bahia	Por meio da teoria procedimentalista de Jürgen Habermas analisa a teoria dos direitos humanos no ocidente dialogando com a proibição do uso do véu Islâmico.	Não disponível pelo resumo  O trabalho não possui divulgação autorizada na CAPES. As informações foram colhidas do resumo presente na plataforma	O trabalho não possui divulgação autorizada na CAPES. As informações foram colhidas do resumo presente na plataforma
Liberdade religiosa sob o olhar da mulher muçulmana no rio grande do sul: uma abordagem a partir dos direitos humanos (Dagash, 2021)	Mestrado/ Prof. Dr. João Paulo Kulczynski Forster/ 2021/ Centro Universitário Ritter dos Reis	Busca analisar se as mulheres do Rio Grande do Sul sentem ou não livres para utilizar o véu devido à intolerância religiosa	Pesquisa bibliográfica e documental, bem como pesquisa com survey por meio da utilização de questionário online.	O trabalho não possui divulgação autorizada na CAPES. As informações foram colhidas do resumo presente na plataforma

## APÊNDICE II - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### AMARELO-OURO

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Amarelo-ouro: Ser mulher, infelizmente, a gente começa falando pelo ponto negativo em que a mulher ainda é tida como um sexo frágil, como um elo frágil no casal, na família. Ser mulher é um ato de muita bravura, coragem, de muitos desafios tá. E tem o lado positivo, na geração de vida, nós estamos cada vez rompendo mais barreiras, alcançando lugares que é nosso também por direito, por reconhecimento, então ser mulher é uma dádiva, apesar de muitos, apesar disso, muitos desafios ainda nos atravessam.

Nathália: O que significa ser mulher dentro do terreiro para você?

Amarelo-ouro: Ser mulher dentro do terreiro... assim, a gente está falando de um terreiro onde a maioria... a predominância é feminina né e o comando é feminino então é um lugar muito tranquilo de atuação para mim, muito confortável. E se fosse uma liderança masculina teria um outro cenário de orientação, de encaminhamento, então é muito confortável ser mulher em um terreiro comandado por mulher.

Nathália: O que significa ser uma mulher negra dentro do terreiro para você?

Amarelo-ouro: Mulher preta no terreiro tá. Eu não vejo, por se tratar de um princípio religioso, a questão racial ela fica secundária né porque é um ambiente em que todos estão inseridos em uma caminhada de melhoria então eu não consigo discernir para você a mulher preta da mulher branca nessa caminhada religiosa.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Amarelo-ouro: Pode repetir, por favor.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Amarelo-ouro: Ah sim, o terreiro ele contribui, as ações educacionais e práticas da espiritualidade contribuem para a minha conscientização enquanto mulher e as suas tarefas atribuídas mãe, mulher, filha, amiga, então eu consigo ser. O terreiro consegue me provocar a ser melhor como mulher não esquecendo a minha força, a minha fragilidade quando necessário e o meu papel dentro da comunidade como um todo.

Nathália: Em comparação com outros lugares como casa, trabalho, você sente uma diferença na possibilidade de ser mulher no terreiro?

Amarelo-ouro: Não, eu não sinto dificuldade, pelo contrário eu sinto uma facilidade pela predominância feminina do terreiro, especificamente no terreiro que eu frequento. Eu sinto um conforto pelo comando e pela predominância feminina do terreiro em comparação com outros lugares em que eu transito.

Nathália: Possui alguma família de sangue no terreiro?

Amarelo-ouro: Sim, minha filha. Além do meu esposo né.

Nathália: Quais são as diferenças e semelhanças com a família de santo?

Amarelo-ouro: A diferença da família de santo é porque a família de santo eu convivo em terreiro. O convívio fora do terreiro é opcional né. Já a minha família consanguínea não, a minha família consanguínea é, quer queira quer não, uma convivência mais acirrada. Foi desejado isso, tanto o meu casamento, quanto a minha maternidade. O convívio, o estilo de convívio, eu consigo moldar para a minha família de terreiro, coisa que eu não consigo fazer com a minha família consanguínea.

Nathália: Qual a relevância para você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Amarelo-ouro: Ah é.. Eu acho que provavelmente foi o fator primordial, foi o fator principal que me fez escolher essa caminhada tá. É a gente ainda vê a sociedade, apesar de querer avançar muito nessa valorização

feminina e nos postos femininos e nas variadas áreas dos sistemas da sociedade. A gente sabe que ainda encontra muita resistência masculina e é estrutural tá, já fincado na nossa sociedade, então se o comando dessa casa fosse masculino eu talvez não teria entrado. O feminino foi fundamental. O comando feminino. Além das trocas serem muito mais assertiva porque somente uma mulher para entender outra. Eu acho que inclusive o sucesso de busca pelo nosso terreiro tem haver com isso. Uma comandante feminina com a maioria do terreiro feminino. Eu acho que isso é um lugar de acolhimento muito importante para a gente. E foi fundamental para a minha chegada e permanência.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Amarelo-ouro: Certo. Eu vou começar falando pela mais velha, pela Preta-velha. É uma ancestral minha que provavelmente veio da época da escravidão ou algo em torno disso e antes disso até. Ela me traz a sabedoria em um mundo tão acelerado é, a gente quer tudo para ontem e cada vez mais as mulheres estão sofrendo de ansiedade ou de doenças, patologias relacionadas ao emocional e a essa pressa toda e a essa tecnologia que está ao nosso redor e a preta-velha traz para mim essa calma, essa paciência de respirar de “calma, não presta atenção tanto em volta, presta atenção em você sabe? Se respeite, respeite o seu momento, tome uma decisão com brandura.” Então ela me traz essa calma que a vovó gostaria de ensinar pro neto “olha eu já passei pelo o que você está passando e é necessário calma para você lidar com esse mundo que muita das vezes é cruel”. A preta-velha me traz isso, para o meu feminino inclusive. A sabedoria e a paciência de que tudo tem jeito.

A Pomba-Gira vem na sequência, ela vem me valorizando, ela vem me trazendo a valorização. Olha eu sou mulher mesmo, eu sou isso aqui, quer queira quer não, eu tenho meu valor e ninguém há de tirá-lo. Isso para mim assim foi um divisor de águas na minha vida porque eu não tinha apesar de mulher e empoderada eu não tinha muita familiarização com a energia feminina, nem com a cor rosa, lilás, roxo, enfim ser mulher é muito difícil. Então quando a Pomba-gira entra na minha vida, ela me mostra, ela me coloca de frente para o espelho para eu me enxergar como mulher. As nuances do meu corpo, os meus desejos mais íntimos e essa valorização que se eu deixar para terceiros, para o outro não acontece. Então eu aprendi a me amar mais, a me respeitar mais no meu feminino.

Por fim, eu cito, por fim não. Eu cito a cigana né que vem nessa mesma pegada da Pomba-Gira, mas com uma dose de amor maior, além do meu amor próprio eu posso amar as pessoas e eu posso entregar um pouco desse amor pro ser humano que tá tão carente e que está tão na batida do dia a dia que não se solidariza com o outro. A cigana traz isso, o poder do abraço, o poder de segurar a mão, isso é muito bonito. Então não só o amor próprio como o amor pelo outro.

Por fim, agora de verdade, a criança, uma menina que mora dentro de mim praticamente que as minhas memórias mais puras, mais genuínas. Uma criança que me traz a capacidade de sorrir. De novo, como mulher a gente se depara com tantos desafios no dia a dia que o sorriso muitas vezes some e a gente se acostuma com essa selva nossa de pedra, nos afazeres do nosso dia-a-dia a gente se esquece de sorrir e de ver beleza nas coisas mais simples e a criança, a menina traz isso que mesmo mais nova que eu me traz essa beleza “olha o mundo ao seu redor”, “você consegue enxergar, você consegue andar e falar quando tantos não conseguem mais”. Então é um aprendizado muito forte que fortaleceu a minha veia feminina.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Amarelo-ouro: Certo, é eu vou começar falando do Caboclo tá que é um guia muito importante para mim, ele é muito sério, a forma dele de conduzir é muito preto e branco e apesar disso eu consigo ver nele uma pitada de afeto afinal de contas a gente trabalha com ancestrais nossos então muito provavelmente ele já esteve na linha da minha família então eu percebo apesar da forma dele de atuação muito dura, muito seca, eu percebo um fio de afeto e isso me remete ao pai que faleceu eu ainda era muito criança é eu não tive uma figura paterna para lidar durante o resto da minha infância e da minha adolescência então o Caboclo ele me trás aquela sensação de proteção e disciplina, eu vou te ensinar “você pode ser quem você quer ser e eu vou te ensinar sobre disciplina e certo e errado”. Me lembra muito isso na ausência do meu pai.

Na sequência eu vou falar do Malandro que é o meu guia principal. É uma grata surpresa descobrir isso, foi uma grata surpresa descobrir isso e o Malandro não só também ocupa esse lugar de pai ausente, preenche meu coração nesse lugar, como me traz a proteção, mais do que o Caboclo até porque o Caboclo me ensina o certo e o errado e me traz disciplina. O Malandro me diz assim “ninguém vai mexer com você”, “você tem alguém que te proteja”. Ser mulher não é fácil e muitas vezes o homem, a figura masculina abandona a gente. “Você não quer ser independente?” a gente ouve isso no dia a dia. “Você não quer ser independente?”, “você não quer ter salário igual?, mas na hora disso você quer ser protegida”. Então o Malandro ele me traz essa sensação de proteção, vai lá e eu estou te protegendo, isso me traz um acolhimento em ser mulher, sabe, me traz assim “tudo bem eu ser mulher porque eu tenho alguém por mim”, isso é muito bonito, é reconfortante.

O Exú apesar de eu não ter ainda uma afinidade, uma proximidade tão grande como gostaria, é... eu tenho toda uma vida ainda para me aproximar dele. Ele vem nessa pegada de proteção, mas é alguém que foi na frente. Então eu estou aqui tentando atravessar um caminho desconhecido que me amedronta e o Exú foi na frente e só de saber que ele passou antes de mim e que eu só vou conseguir atravessar se ele permitir, isso já me traz uma certa segurança.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Amarelo-ouro: Sim, acredito. É eu acho que a energia masculina ela está muito ligada a força tá. A energia masculina é aquela energia forte e que de repente consegue lidar com densidades. Já a feminina é aquela energia mais assertiva no meu entendimento que é humilde ainda nesse aspecto, mas eu acho que a energia feminina ela é mais inteligente e assertiva. É uma sutileza que vai no local exato em que precisa ser curado. Já a masculina eu entendo que seja algo mais palpável, mais, lida mais com denso. Algo parecido com isso. Eu não consigo me explicar melhor agora.

Nathália: O que entende por sagrado feminino e qual a relevância na sua vida?

Amarelo-ouro: O Sagrado Feminino é.. Eu nesse lugar de mulher empoderada a partir de hoje reconheço que veio alguém antes de mim e que teve uma vida e passou dificuldades para que eu hoje estivesse aqui. Antes de mim veio uma preta-velha que foi subjugada, que foi maltratada, veio um Pombagira que foi queimada, que foi ofendida, que foi apedrejada né. O Sagrado Feminino é honrar quem veio antes de mim para que eu saiba também honrar quem chegou depois, para que eu consiga também construir um solo melhor para quem vem depois, minhas próximas né, minha filha, minhas sobrinhas, minhas netas, minhas bisnetas, então é importantíssimo o Sagrado Feminino, ele influencia na minha vida porque no dia a dia, enquanto eu me visto, enquanto eu ando na rua, enquanto eu converso com uma mulher, eu procuro honrá-la. Eu não esqueço nem de mim e nem dela.

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Amarelo-ouro: É, a intolerância religiosa no meu meio ela é muito velada tá, ela é muito velada, as pessoas não vão deixar de me seguir em redes sociais pela minha religião ter haver com matriz africana ou ser uma religião afro-brasileira. No meu meio não fala, mas aí você percebe algumas pessoas se afastando do seu convívio, pessoas que você tinha um carinho imenso e que te amavam profundamente já não amam mais tanto, já não respondem mais uma mensagem que você coloca no grupo dos amigos antigos, você percebe na sutileza. Na grosseria eu ainda não passei por isso, na marra, no ferro e fogo, mas na sutileza você percebe sim, a mudança de comportamento das pessoas do seu convívio.

Nathália: Você já chegou a falar isso, a compartilhar isso com alguma pessoa do grupo, do terreiro, com a Mãe? Ou alguém do terreiro já chegou a conversar com você sobre alguma questão de intolerância que sofreu?

Amarelo-ouro: Não, na verdade não me ocorre nada agora. A gente sabe que a intolerância ela está aí para todos né. Está bem escancarada, acho que infelizmente é um dos poucos assuntos, até assim a valorização do feminino evoluiu um pouco mais do que isso. Fala-se muito em exterminar a intolerância religiosa e ela existe e existe sério. Tá tão comum que ainda não surgiu debates disso não, mas talvez as pessoas do meu convívio do terreiro passem pelo mesmo que eu. Discriminação velada, a gente coloca uma mensagem no grupo dos amigos “vamos nos ver?” Ninguém responde. Uma foto e ninguém fala nada.

Nathália: Gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não perguntei, mas que você acha importante falar?

Amarelo-ouro: Eu achei que o conteúdo foi muito abrangente, você focou no feminino, na questão racial e na intolerância religiosa. A gente tem um material bom aqui é... não, eu gostaria só de ressaltar que o ambiente religioso ele é, ou pelo menos deveria ser, um ambiente constituído por pessoas que querem melhorar. Evoluir para poder entregar o melhor para a sociedade, a comunidade. Eu acho importante que isso sempre seja dito para as pessoas, porque quem não pratica..., nem todo mundo que... muita gente que pratica a intolerância, não entende e é importante ela entender. Existe muitas pessoas que não seguem religião alguma e tá tudo bem, mas é importante elas compreenderem que o princípio religioso é de melhoria. Eu estou na caminhada da religião não para seguir uma manada, mas sim para evoluir como pessoa e dessa forma contribuir para minha sociedade e para a humanidade. Então essa conversa que a gente tem hoje, essa entrevista de hoje, ela é muito contributiva inclusive para a minha, para a revisão das minhas atitudes em terreiro e fora dele. Só isso.

**AZUL-CELESTE**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Azul-Celeste: Ser mulher é um desafio diário. Todos os dias, precisamos provar nossos limites e superar nossos desafios, porque ser mulher é, de fato, desafiador. Especialmente quando enfrentamos tudo sozinhas, lidando com forças contrárias aos nossos medos e preconceitos. Ser mulher é, acima de tudo, um ato de coragem.

Nathália: E o que significa ser mulher dentro do terreiro para você?

Azul-Celeste: Dentro do terreiro? É também desafiador. O terreiro também é desafiador em todos os sentidos, né? Porque a gente precisa provar pra gente e ser o exemplo. Dá o exemplo. Que cada vez que entram pessoas novas, a gente entende que precisa ser exemplo, né? E é desafiador a gente encontrar o que está errado para tentar melhorar. Está ali evidência isso o tempo inteiro.

Nathália: E o que é ser uma mulher amarela no terreno?

Azul-Celeste: O nome eu acho que é desafiador para todas as Mulheres, né? Não sei, independente de raça, eu acho que estão botando muita cor né assim, eu acho que é uma causa aqui deve ser batalhada, mas então dando muita ênfase e estão perdendo a mão porque o preconceito de cor está em todas as cores, né assim, tipo, tá em todas as raças. O preconceito está dentro da pessoa, não é tipo pessoas que têm essa origem, sofre preconceito. Pessoas que têm Têm vitiligo sofre preconceitos, tem vários tipos de preconceito e esse da raça é um que então puxando uma coisa que foi lá de não sei quanto tempo e a escravidão foi para todo mundo, né? Foi para os negros, indígenas, portugueses, italianos e tem o preconceito de etnia. Sei Lá, eu acho que é muito complicado isso. A minha cabeça ainda é muito confusa com isso.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Azul-Celeste: Eu acho que ajuda.

Nathália: Em comparação com outros lugares como Casa, trabalho, você sente uma diferença da possibilidade de exercício do seu feminino?

Azul-Celeste: Não.

Nathália: Você possui uma família de sangue no terreno?

Azul-Celeste: Tenho sim e tem o [nome omitido pela pesquisadora para preservar a identidade] que é meu cunhado, minha irmã, meu sobrinho, minha mãe.

Nathália: Quais são as diferenças e semelhanças com a família de Santo?

Azul-Celeste: Eu acho que não tem diferença. A gente tem mais liberdade com a família de sangue e aí vai aos pouquinhos.... a gente vai puxando algumas pessoas da família de santo que acabam entrando na nossa família. E, não é todo mundo, né? Assim são pouquinhos.

Nathália: Qual a relevância para você ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Azul-Celeste: Ah... Eu acho que ela tem um coração muito bom, né? Então ela consegue estar na frente, com carinho, colo quando a gente precisa, então.... é... A gente sempre tem aquele colo de mãe, né? Então... é... exatamente isso que faz a diferença num terreiro que tem uma mulher na frente.

Nathália: Fala um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Azul-Celeste: Tem a Mulambo, Maria Mulambo do lixo. Ela me dá força, amor próprio. É.... Exatamente isso, caminho, né? Ela interfere nesse sentido, quando eu sinto que eu estou meio para baixo, ela me dá essa confiança. E têm a Iemanjá, que é a que eu sempre peço, minha mãe que me centraliza. E a minha cigana que ainda não me falou o nome,né? Não se apresentou, mas que me dá exatamente a feminilidade, né? Assim ela gosta que eu pinte o cabelo, essa parte de cuidado, maquiagem essa parte do feminino que eu não tenho muito.

Então, é aquela que quando chega lá, que é que eu pinte o olho que eu use maquiagem, que eu uso brincos, pedras e que me bota bem altiva. E, às vezes é ela que eu preciso, sabe? Para me sentir mais feminina. Nesse sentido.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Azul-Celeste: Não interferiram no meu no meu feminino, diz. Eles conseguem me dar sabedoria. Não interferir nisso, não. Eu acho até que tenho mais masculino do que feminino. Meu Caboclo é homem, é preto velho. O Exú que se apresentou foi um Exú masculino. Acho que é balanceado, né? Então não interfere, eles trabalham junto e de uma maneira que me eleva.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Azul-Celeste: Sim, precisa das duas para equilíbrio, né?

Nathália: Qual seria essa diferença? Qual o papel que essas energias exercem na sua experiência?

Azul-Celeste: O masculino me dá aquela força, né, que se diz. Aquela força bruta, né? Aquela tipo “levanta e vai, não desiste”. A feminina já dá aquela força de caminhada. Mas sutil. Então. O masculino dá mais coragem, é tipo “vai, mas vai com medo mesmo”. Acho que é exatamente isso que eles. Que tem a diferença quando eu preciso de fazer alguma coisa que eu estou com muito medo, é exatamente os masculinos que eu chamo.

Nathália: E o que entende por sagrado feminino? Qual a relevância na sua vida?

Azul-Celeste: Ai.. então.. sagrado feminino? Sagrado feminino. É bem. Eu não vou saber explicar. É uma batalha que a gente está andando atrás para ser reconhecida. É para a gente entender também, que precisa se entender. É... eu não vou saber explicar.

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Azul-Celeste: No início, eu era intolerante religiosa. Para mim foi difícil aceitar a Umbanda. Quem me levou para a religião foi a minha filha, [nome da filha ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade], né?. Ela foi com a [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade], com as crianças, num outro terreiro que a gente frequentava, que a mãe frequentava. E aí, ela toda a noite me chamava e falava, quando ela começou a aprender a rezar. Ela já começou a falar “mamãe, vamos rezar”. E ela sempre teve muito esse sentido religioso que eu não tinha.

E ela me puxava. Eu falava: “[nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade], a salvação é individual me deixa dormir”. Aí quando ela entrou, ela começou a querer me levar para lá. Toda noite, ela pedia “mamãe, vamos lá”. E aí ela tinha eu acho que 6 anos e aí foi quando eu fui para o outro terreiro, tudo porque ela me levou. E eu era preconceituosa e eu falava que não era legal e eu acho que por causa disso, eu tento sempre esclarecer quando eu ouço uma intolerância.

Por exemplo, eu estou trabalhando em um hospital agora que é um hospital católico. E existem ainda muitos mitos assim que a gente precisa quebrar. “Ah, Exu é ruim”. Por exemplo, teve um menino que internou na ala psiquiátrica. E aí ele chamou todos os Exus e tem um rapaz que também é da umbanda e aí ele falou “não chama esse povo não”. Aí eu falei “chama sim”, porque não?. Chama sim, porque é isso que ele está precisando de de que eles venham, que eles mostram o caminho correto, que eles estejam aqui, protegendo, porque é eles que estão na vibração, então é eles que vão tirar ele do vício, né? Então ele está chamando um povo, certo! E vocês têm que parar de pintar um.... Nós da religião tem que parar de ter medo e orientar e mostrar o que é o certo, né?

Porque no meu caso era exatamente cultural, né? Porque as religiões, afro- descendentes, era exatamente só para fazer o mal e quando a gente encontra uma casa onde um líder religioso só prega amor e critica quem fala de fazer o mal, ela bate muito nisso. Então o caráter do líder religioso e assim todas as religiões é o que acontece, porque se você prestar atenção no que o seu líder fala, é o que você vai cumprir e ela prega, amor, ela prega o que é certo, ela prega o que eles fazem de bom, então é exatamente isso que a gente tem que passar para não ter. Então quando eu encontro isso é exatamente o que eu tento modificar no pensamento das pessoas. Que eu tinha esse pensamento que era do mal macumba, só entra quem faz o mal macumba, né? E aí a gente está nesse lugar para mostrar que não é isso. E quebrar esse preconceito, que não é fácil, não é?

Nathália: Gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não perguntei que você acha importante falar?

Azul-Celeste: Acho que não

## **BORDÔ**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Bordô: Significa ser mulher pra mim? Nossa, muita coisa. Haha. Muita coisa. Muita coisa. Ah, eu adoro ser mulher né. Acho que eu nasci para tal. A missão de cuidar, eu gosto dessa coisa de cuidar. É de criar coisas, eu estou sempre buscando, sabe? Eu vou fazer 70 anos e eu estou sempre buscando coisas novas para fazer. Eu gosto de me manter em movimento e sempre gostei de participar de tudo, sabe? Sempre gostei de participar de tudo, sempre gostei de aprender e tô sempre aberta para o novo e às vezes tem coisa nova que não entra muito porque eu sou assim um pouco preguiçosa, mas preguiçosa assim quando eu decido que vou fazer alguma coisa ninguém me remove daquela coisa que eu quero né. Eu gosto de ser mulher porque.. é eu sempre falo assim: quando eu quero conseguir as coisas eu falo, “olha, esse negócio de independência feminina não é para mim, eu quero ser dependente”, mas depende de acordo com as minhas conveniências tá. Isso aí que eu uso... sempre usei desde nova, sempre usei essa frase. Às vezes eu me deixo, faço aquela linha gatinha para conseguir as coisas, mas eu sou muito macho também tá. Eu tenho essa minha parte assim muito macho que eu vou, eu resolvo, eu não gosto de ficar esperando ninguém vir fazer nada para mim. Eu peço, “ah tem que esperar que cada um tem o seu tempo”, beleza, o meu tempo é agora então eu vou lá e resolvo. Mas eu amo ser mulher.

Nathália: O que significa ser mulher dentro do terreiro para você?

Bordô: Ah eu acho que ser mulher dentro do terreiro é foda sabe, até porque a nossa casa é uma casa de mulheres né então eu acho que nós somos mais fortes porque nós somos a maioria como sempre e nós somos mais fortes. Eu acho que deveria haver mais união, menos competição e mais união. Acho que se a gente se unisse, nossa, o céu seria o limite.

Nathália: O que é ser uma mulher negra dentro do terreiro para você?

Bordô: Olha dentro do terreiro não me incomoda. Aliás, nunca me incomodou ser negra, até porque eu sempre consegui, sempre me coloquei entendeu. Eu lembro que há 50 anos atrás quando eu casei com o pai da minha filha nós fomos morar no Amazonas, daí eu fui a Manaus em um salão e uma mulher virou para mim e falou assim. Primeiro que já chocou né, eu negra dentro do salão em Manaus, aquela coisa toda e elas queriam puxar assunto, mas não sabiam como. Aí uma lá desavisada virou e falou assim “Ai, nossa, você é tão assim diferente”. Eu falei: “diferente como?”. “Não, você me lembra alguém”, eu disse “uma babá que você teve né?”. Não, eu já fui com o pé na porta porque eu já sabia que vinha coisinhas assim. Daí ela falou assim “Não, é que você é diferente né, você tá aqui no salão”. Na época eu alisava o cabelo né que eu desfilava antes de casar então a gente mudava muito o cabelo. Nessa época eu estava com o cabelo alisado.

Nathália: Desfilava onde?

Bordô: Eu desfilava para várias etiquetas aqui no Rio, fazia fashion week, o que hoje é fashion week, mas na época era fenice. Fazia moda-rio, entendeu? Desfilei para várias marcas. Desfilei para a Yes Brasil, para várias marcas aqui no Rio e viajava também para trabalhar. Aí ela queria puxar assunto, mas ela não sabia como ai eu falei “bom, tá te incomodando porque uma mulher preta tá aqui dentro do salão”. Ela: “Não, imagina, que isso”. Eu falei: “Olha meu amor meu dinheiro é igual o seu, eu não vou pagar diferente de você. Se você vai pagar 10 reais eu vou pagar 10 reais”. Não era 10 reais, era cruzeiros, sei lá, cruzado, sei lá que porra que era na época. Aí eu falei “dinheiro é o mesmo”. Aí ela falou “Não, não você me desculpe não queria te ofender”. Eu disse “não, que tá toda cheia de milindre eu tô de boa aqui eu fiz fazer a minha unha e vou fazer e vou pagar e vou embora, eu não quero saber o que vocês estão pensando”. E eu sempre me coloquei muito bem, eu trabalhei com política, sabe? Também e era uma coisa assim... Eu nunca fui... As pessoas achavam que eu enquanto negra tinha que ser petista, ai eu falei “cara eu tenho que ser o que me dá grana, eu trabalho porque eu gosto de dinheiro, eu quero ganhar dinheiro, agora se vai ser na direita ou na esquerda que se dane, eu quero que me valorize”. Vou trabalhar no PT por ideologia? Sem grana no bolso não faço ideologia não meu amor porque o que me move é dinheiro, preciso de dinheiro para tudo o que eu quero fazer na vida. Então eu tive assim esses probleminhas porque o pessoal quando a gente se encontrava às vezes em assembleia, uma coisa assim, ficavam aqueles bicudos, homens tudo bicudos que tudo era petista, mas só casavam com mulheres loiras, aqueles coisas todas assim, entendeu? Mas eles queriam que eu mostrasse que eles eram oposição, mas de oposição não tinha nada

porque lá dentro todo mundo comungava na mesma partilha isso que é verdade né. A gente sabe disso, dessa hipocrisia que existe.

Nathália: A senhora participou de algum partido? A senhora concorreu?

Bordô: Não, eu trabalhei, eu fui, eu era secretária na secretaria do PFL na época, eu trabalhei no PFL, eu viajava, eu montava mesas de debate, aquela coisa toda né, conduzia, eu trabalhei muito tempo nessa área.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Bordô: Olha, não interfere no meu feminino porque eu vou te dizer uma coisa enquanto religião eu sempre fui essa que eu sou aqui, eu sempre fiz caridade, eu nunca gostei que dissessem a [nome omitido pela pesquisadora para preservar a identidade] que fez, a [nome omitido pela pesquisadora para preservar a identidade] que deu, não gosto muito dessa coisa, eu faço o que eu posso, eu vou até onde eu posso, eu não faço além, tipo, vou te dar um exemplo, vou te dar um exemplo claro, as festas, eu não participo de todas porque eu não tenho grana para bancar todas, o meu compromisso com o terreiro financeiro é pagar a minha mensalidade, pagar as velas quando pede, aquela coisa toda e as outras coisas é de acordo com o que eu posso fazer. Eu não fico aí eu vou ajudar nisso, vou ajudar naquilo. Cara se eu for ajudar em tudo daqui a pouco quem vai precisar de ajuda sou eu até porque, vou te falar uma coisa Nathália, eu vou fazer 70 anos eu já trabalhei muito nessa vida, eu preciso viver. Eu quero passear, eu quero curtir a minha vida, aquela coisa toda então eu não posso ficar nessa loucura que eu vejo jovens, principalmente, acho bonito, esse engajamento dos jovens, aquela coisa, mas eu vejo gente ali que fica tirando da onde não tem para chegar junto, aí quando chega na hora de pagar a mensalidade, não paga. Aí não dá satisfação, aí acha que “ai mas eu já ajudo nisso, ajudo naquilo”, cara eu acho que é como a Mãe fala “primeiro você tem que cumprir com o seu dever” e o primeiro dever que a gente tem no terreiro fora honrar ela, é pagar a mensalidade porque o terreiro gasta luz, tem aluguel para pagar e mil e uma coisas, não adianta eu querer ficar bancando lá, colocar o meu nome em tudo o que é lista “ah, eu vou levar isso, eu vou dar isso” e na hora de pagar o terreiro não tem o dinheiro para pagar e achar que tá certo porque já ajudou nisso e naquilo. Está totalmente equivocada a pessoa que pensa assim. Como tem várias pessoas que a gente sabe que faz esses movimentos e o que tinha que honrar mesmo não consegue. Que se enrole e que não consegue fazer. E eu adora a minha casa espiritual, adoro, amo de paixão, amo a minha Mãe de Santo lá maravilhosa, sempre amei e o que eu posso fazer para ajudar eu faço dentro das minhas limitações que são muitas hoje né, por causa da idade, por causa das coisas que eu já fiz, então eu tenho muitas limitações, não posso ir lá no terreiro ajudar como o pessoal ajuda para varrer, para não sei o que, não tenho condição de fazer essas coisas, entendeu? Mas eu acho que eu sou bem assim, eu falo isso, nem me envaidecendo não, porque eu sou muito mãezona, aquela mãezona que dá carinho, mas que dá esporro também, mas sei dá o esporro também então eu escuto, isso que eu estou falando são elas as pessoas que falaram “você tem abraço de mãe”, “você tem colo de mãe” e eu acho que eu dou isso para as pessoas, o meu carinho, eu procuro ensinar as coisas para as pessoas dentro do que eu sei, quando eu não sei eu vou buscar com a Mãe e quando não é para eu falar, eu falo “tem que falar com a Mãe”, “tem que falar com outra pessoa que daqui para frente eu não posso ir”. Entendeu? Eu gosto dessa coisa de acolher, de ouvir, de me citar como exemplo, entendeu? De muitas coisas. Eu gosto disso dentro do terreiro.

Nathália: Em comparação com outros lugares como casa, trabalho, você sente uma diferença da possibilidade de exercício do seu feminino?

Bordô: Do meu feminino?

Nathália: Do seu feminino, alguma limitação que não sente no terreiro? Alguma coisa diferente?

Bordô: Não, não sinto não. Até porque eu sou o que eu sou em qualquer lugar eu sou a mesma, eu não tenho essa coisa de ah porque eu estou aqui eu tenho que fazer essa carinha, mas lá eu já posso fazer essa outra. Não, eu sou única, eu sou transparente seja lá onde for.

Nathália: Você possui alguma família de sangue no terreiro?

Bordô: Não, só meu marido né, que não é meu sangue. Minha filha, mas não está lá, acho que você não chegou a conhecer. Chegou a conhecer a [nome omitido pela pesquisadora para preservar a identidade]?

Nathália: Não

Bordô: É, pois é, tá morando fora e ela é uma das fundadoras do terreiro né, ela é uma das fundadoras do terreiro, ela tá no grupão, aquela coisa toda, mas tem uns dois anos que ela não vai.

Nathália: Qual a diferença, por exemplo, na questão do seu marido? De ser família de casamento e de família de santo? Sente alguma diferença?

Bordô: Bom, a família do terreiro é uma família que a gente escolheu né e essa família que a gente tem em casa é a família que a gente construiu né, que a gente construiu, que a gente mantém, porque eu aprendi que família são as pessoas que habitam a mesma casa. No momento que você sai da casa da sua Mãe, ela não vai deixar de ser sua Mãe, mas passa a ser sua parenta. Família são as pessoas que convivem naquele mesmo espaço com você. Que divide a vida dentro da casa. Eu aprendi isso na escola, em casa, foi assim que eu aprendi. As pessoas hoje em dia tem uma comutação “ah, porque a minha família é fulano e ciclano”. Não, eles são sua prima, sua irmã, mas sua família é teu marido, teus filhos, sua irmã que mora com você, se a sua Mãe mora com você é da sua família né e a família do terreiro é uma família legal, tem uns altos e baixos, as diferenças, tem essas coisas todas que a gente sabe, mas a gente tem que saber lidar com isso porque as pessoas estão ali para ensinar a gente alguma coisa. Eu vejo assim: você aprende todo dia com as pessoas e as pessoas aprendem com você mesmo sem saber, as pessoas estão aprendendo com a gente alguma coisa e é uma troca né. A gente está ali para trocar, tem pessoas que são mais rudes, mas elas estão ali porque elas precisam aprimorar aquilo e a gente de repente também está lidando com aquela estupidez daquela pessoa, aquela ignorância, mas aquilo está trazendo aprendizado para a gente também né.

Nathália: Qual a relevância para você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Bordô: Ah é lindo demais, ainda mais essa. Ainda mais essa. Essa menina. Agora eu vou falar uma coisa para você, a Bianca ela, nossa, eu tenho ela como uma filha. Ela e [nome da filha omitido pela pesquisadora para preservar a identidade] são muito amigas né, muito amigas mesmo, a gente já se conhecia antes de tudo isso acontecer, do outro terreiro também e eu tenho um olhar para ela, é muito engraçado, que ao mesmo tempo que eu olho para ela como a minha Mãe de Santo, eu olha para ela como minha filha e eu tenho um carinho por ela de mãe entendeu? Eu tenho um carinho por ela de mãe, mas respeito ela, eu não deixo essa coisa trepar. Quando eu estou dentro do terreiro ela é minha Mãe de Santo e se tem outras pessoas de fora, mesmo que a gente esteja num lugar, numa festa, alguma coisa assim e tem pessoas do terreiro, eu me comporto como tal. Quando a gente está mais na intimidade é gostoso. Como ontem a gente estava junto aí a gente estava sentada no sofá junto eu falei “puxa, não fiz nada, não fiz carinho em você hoje”, aí ela se esticou toda, jogou as pernas para cima de mim. A gente estava junto no mesmo cobertor e a gente ficou ali fazendo carinho. Entendeu? Eu não vou ficar fazendo isso no terreiro até, eu procuro nem ocupá-la. Até porque é chato né, tem gente que vai entender, mas a maioria não vai entender. As pessoas já olham assim: “ih, puxa-saco”. Então se eu consigo ter esse acesso fora dali, ali eu deixo ela livre para lidar com todo mundo. Só lido com ela quando eu tenho alguma coisa mesmo para falar do terreiro, fora isso não me enfio na sala dela, eu não fico passando a frente de ninguém. Se ele tá falando com alguém, se eu preciso falar eu fico de longe aguardando ela percebe que eu quero falar quando dá eu falo. Eu sou incapaz de interromper que isso deveria ser para todo, se ela tá conversando com você, eu tenho que esperar ela terminar, mas as pessoas não esperam, elas te atropelam né, mas isso aí a gente tem que lidar com isso e pronto né, mas eu acho maravilhoso essa coisa assim. Esse feminino tá no poder ali, tá no comando daquela casa, eu acho isso muito lindo, mágico. Eu acho mágico.

Nathália: Como as suas entidades mulheres ou em alguma consulta as entidades mulheres interferiram ou não no sei feminino?

Bordô: Olha vou falar para você uma outra coisa, eu ouço assim delas, eu normalmente não me consulto né, normalmente eu não me consulto, às vezes quando eu tenho que tomar passe eu tomo passe, mas eu só tenho que agradecer. Quando alguma entidade pergunta para mim: a senhora quer falar alguma coisa? Eu digo não, só quero agradecer por tudo, por estar aqui, por mais esse dia. Eu só tenho o que agradecer porque chegar até onde eu cheguei, nossa, tô no lucro. Tô no lucro, muito no lucro. Então eu só tenho que agradecer a vida, eu tenho muito gratidão pela vida e por tudo o que eu aprendi, coisas boas e ruins. Eu passei por várias coisas na minha vida que me fizeram chegar até aqui e eu acho que foi bom ter passado por essas coisas entendeu? E eu precisava ter passado por todas elas. É. Na última Gira de Guardiã uma moça daquelas chegou para mim e falou assim “a senhora tem muita coisa para dizer para esse povo que tá aí. Esse povo tem que ouvir mais a senhora”, aí eu falei: “a mim”, Ela falou “É, tem que ouvir porque olha, não sabem nada”. Aí eu fiquei assim, eu fiquei rindo, eu falei “mas eu tô aqui também aprendendo”. Ela disse: “Tá aqui aprendendo nada, a senhora já sabe tudo”. Eu falei “sei não, não sei não, não fala isso para mim não”. Aí depois, no grupo de mulheres. Aqui na roda de mulheres, alguém falou alguma coisa que a gente tinha que se reunir para conversar e elas queriam

que eu falasse, aí eu comecei a rir, eu falei “gente, vocês estão de sacanagem”. Foi logo, uns dois dias depois da Gira de Guardiã surguiu esse papo na roda de mulheres, aí eu falei: “ah vocês brincando, a Padilha falou alguma coisa com vocês”, porque essa moça que veio falar comigo era uma Padilha. Aí falaram “não falou nada, não sei o quê”, mas normalmente eu não me consulto, não pergunto nada. Não tenho nada para perguntar, só tenho o que agradecer, peço muito pela minha filha né, que guardem ela lá onde ela está e eu tô bem, eu acho que eu. O que eu tenho, o que eu consegui conquistar até hoje tá bom de mais na minha vida.

Nathália: E alguma entidade masculina?

Bordô: Sim, eu tenho uma entidade que ela sempre fala para mim assim: “a senhora, a senhora segura né”. Aí eu falei “não”, aí a entidade falou “segura, a senhora segura”. Aí no outro dia Ele virou para mim e falou assim “como é que a senhora está hoje?”, eu disse “Cheia de dor”, Ele disse “Ah, mas essas dores aí a senhora sabe que é só por mais umas provinhas que a senhora tem que passar, mas essas dores não vão passar disso”. Eu sempre escuto coisa muito boa da entidades, sabe? Sempre, sempre ouço. Eu faço aquele trabalho alí nas bebidas, de servir as bebidas então aquele momento alí é mágico porque eu ouço tanta coisa. As vezes eu estou alí tranquila, aí eles vem me pedem uma bebida “oh, vai enchendo o copo e vai fazendo seus pedidos”. Então é muito legal, eu acho muito legal, eu gosto muito. Eu não incorporo, eu gostaria de incorporar, mas eu não incorporo e eu acho mágico ver as pessoas incorporadas, nossa, eu acho muito lindo, muito lindo.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Bordô: Eu acho a energia feminina mais leve. Eu acho a energia feminina mais leve, com certeza. Tanto nas mulheres que recebem quanto nos homens que recebem essa energia, eu acho elas mais leve.

Nathália: Qual seria o papel dessas energias na sua experiência? Na sua vida?

Bordô: Olha amor, as duas me acalentam muito. As duas me trazem muita tranquilidade sabe? As duas, porque sempre que elas vem falar comigo é tão leve o trato sabe. Assim, para mim, as duas são tranquilas.

Nathália: O que você entende por Sagrado Feminino? E qual é a relevância na sua vida?

Bordô: O que eu entendo por Sagrado Feminino? Eu acho que nada. Eu acho que nada. Eu até hoje não tive a oportunidade de fazer nada em relação ao Sagrado Feminino. Fiz uma vez só que teve uma imersão, não sei se você participou dessa imersão que teve lá com a [nome omitido pela pesquisadora para preservar identidade].

Nathália: Não, não tava não, não tava no terreiro ainda não.

Bordô: Foi muito legal, foi muito legal, mas eu gostaria de fazer esses trabalhos que são feitos lá no terreiro de Sagrado Feminino, mas ainda não, não chegou a hora de fazer. Entendeu?

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Bordô: Não, não.

Nathália: Gostaria de acrescentar mais alguma coisa que não foi perguntada?

Bordô: Se eu gostaria de acrescentar mais alguma coisa? Só essa questão da união, acho que as mulheres tinham que se unir mais né. Eu acho que ainda mais essa mulherada mais nova que tá aí. Eu fico olhando, fica aquela competição, aquela coisa, uma vaidade que eu acho que é uma vaidade fora de hora. Que eu acho que lá no terreiro não é lugar para isso, entendeu?

Nathália: Vaidade assim, com roupa? Essas coisas?

Bordô: Por tudo, por tudo, muita vaidade. Elas querem mostrar, assim, eu já ví isso da pessoa fazer uma roupa para entidade e não ser aquela roupa, não era aquela roupa que tinha que ser feita, entendeu? Porque, por causa da vaidade. Eu já ví pessoas que ainda não sabiam direito que a entidade já tinha roupa. Porque isso? Entidade não quer nada disso, a entidade não quer nada disso, a entidade quer fazer a caridade dela, que cuidar da própria pessoa né, se a pessoa deixar e quer fazer o trabalho dela porque aí a pessoa quer impor à entidade porque você comprou um bracelete dourado então ela quer um maior que o seu, mas aquela entidade não gosta de bracelete, mas ela mete a porra do bracelete no braço. É umas coisas assim muito estranha que eu vejo.

Nathália: Alguém já foi conversar com a senhora sobre alguma questão de intolerância, alguma situação ruim que passou?

Bordô: Ah sim, já teve isso várias vezes de porque tava com a guia, alguém viu e falou “Porque que você tá usando isso?”, “ah, por causa da minha religião”, “ah, mas isso aí é palhaçada”. Já teve um lance desses. Comigo nunca aconteceu nada porque eu falo mesmo que eu sou umbandista, entendeu? E eu vou dizer para você, fora do terreiro 90% dos meus amigos são evangélicos. Eu lembro que quando eu casei com [nome omitido pela pesquisadora para preservar a identidade] na Umbanda, o [nome omitido pela pesquisadora para preservar a identidade] era do cerimonial lá do terreiro aí ele disse assim, “caraca tem muito evangélico, essa macumba vai ter um pastor já já” hahaha, “Bordô, de onde saiu tanto crente?”, eu disse: “ah, meus amigos”. A maioria dos amigos são evangélicos, conheço muitos, muitos mesmo e eu nunca tive problemas com isso não.

## **BRANCO-FLORAL**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Branco-Floral: Desafiador é desafiador na nossa sociedade. Então eu acho que a gente vive numa sociedade muito machista e é difícil a gente se colocar, é difícil a gente ter é... um lugar no mercado de trabalho e ser respeitada é difícil, né? E dentro da própria umbanda eu percebo isso. Na nossa casa, não! Mas o matriarcado feminino dentro da umbanda ainda é muito pequeno, né? A gente tem um quantitativo muito grande de homens que não respeitam esse lugar que nós mulheres ocupamos, né, e que é tão digno quanto o deles, entendeu?

Nathália: E o que significa ser uma mulher dentro do terreiro para você?

Branco-Floral: Mulher dentro do terreiro, eu acho que é justamente isso, é você louvar esse matriarcado, né? Você praticar a umbanda e mostrar que a nossa ancestralidade pode e deve ser cultuada dentro dos terreiros sim, de maneira muito digna, né? E acho que vale super a pena. Eu adoro. Alô?

Nathália: Eu cáí

Branco-Floral: Não, não tem problema não. Você conseguiu gravar a última?

Nathália: Não, você pode repetir o que significa ser mulher dentro do terreiro, por favor?

Branco-Floral: Eu acho maravilhoso ser uma mulher dentro do terreiro. Acho que nós, ao longo dos anos, né, temos ganhado espaço dentro dos terreiros de umbanda, dentro dos terreiros de candomblé. Acho super louvável essa nossa participação. Dos terreiros, acho que é importantíssimo. Acho que como o matriarcado a gente precisa perpetuar a nossa ancestralidade dentro das religiões de matrizes africanas.

Nathália: E o que é ser uma mulher parda no terreiro?

Branco-Floral: Então eu não sinto muito com relação a ser uma mulher parda dentro do terreiro, até porque é, eu sou uma mulher parda, mas eu me vejo muito mais próximo das mulheres negras. De onde vem essa ancestralidade nossa, da África, né? Eu me sinto muito mais próxima da realidade de uma mulher negra do que da realidade de uma mulher branca. Mas eu te confesso que a primeira vez que eu fui ao nosso terreiro me espantou ver uma mãe de Santo branca, porque não é uma coisa normal, né? Eu acho que é muito mais que as questões de pele, né? Eu acho que é mais comuns os tons mais escuros e da cor parda estar mais presente de dentro dos terreiros do que da cor branca. Efetivamente.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Branco-Floral: Ah, eu acho que, de maneira geral, o terreiro foi um grande contribuinte para esse despertar mais feminino meu, porque eu acho que o contato com as entidades femininas me fez ter um pouco mais de consciência do empoderamento que é ser mulher e da importância da mulher dentro da sociedade.

Nathália: Em comparação com outros lugares, como na sua casa, no seu trabalho, na rua, você sente uma diferença da possibilidade de ser mulher dentro do terreiro, comparada a esses outros espaços?

Branco-Floral: Não, não vejo. Principalmente porque eu acho que o trabalho dentro do terreiro me fez muito

mais dona de mim. Esse conhecimento, né? Eu acho que traz um empoderamento dentro e fora do terreiro.

Nathália: Qual a relevância pra você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Branco-Floral: Maravilhoso, maravilhoso, porque eu sinto que ela passa e passou pelas mesmas coisas que nós, mulheres. Então ela tem um entendimento melhor com relação a isso. E o respeito dentro da nossa casa é muito maior quando a gente tem uma mãe de Santo que também é uma mulher.

Nathália: Você já foi de outro terreiro?

Branco-Floral: Então, eu já fui de outro centro, mas não era umbandista. Era um centro espiritualista oriental, mas era coordenado por um homem.

Nathália: E você sente diferença na coordenação?

Branco-Floral: Sinto diferença na coordenação? Sinto. Eu nem fiquei muito tempo nessa casa, mas o pouco que eu fiquei eu sinto diferença, sim.

Nathália: Possui alguma família de sangue no terreiro?

Branco-Floral: Sim.

Nathália: Quais são as diferenças e as semelhanças com a família de Santo?

Branco-Floral: Bom, quais são as diferenças? É difícil essa pergunta. Eu acho que por a minha família de sangue está lá dentro, isso fala muito alto, óbvio, né? Pra mim pelo menos é assim. Mas eu tenho irmãos de Santo, que eu considero como meus irmãos de sangue.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Branco-Floral: Nossa, totalmente, totalmente no meu feminino e no empoderamento, né? A Maria Navalha, por exemplo, que é uma que tá de frente na minha vida sempre. Ela me deu essa questão de empoderamento muito grande, de não aceitar menos do que eu mereço, de não ficar onde não me cabe. E eu percebi que em diversos momentos da minha vida, ela se mostrou presente e até em sonho mesmo. Era como se fosse um filme passando na minha frente, né? Em situações em que eu precisava mostrar esse empoderamento. Ela estava do meu lado, que eu precisava dessa Fortaleza, ela estava do meu lado.

Ao mesmo tempo, eu vejo que a sensualidade das pombagiras, né? Da minha pombagira que é uma Maria Padilha, apesar de não trabalhar efetivamente comigo, né? Nas giras de esquerda eu sinto a presença dela e sinto o quanto ela me empodera. E quando eu preciso desse lado feminino, eu chamo por ela. E eu sinto que ela está do meu lado.

A minha cigana é uma pessoa muito doce, muito fácil de lidar. Eu percebo que é uma pessoa muito carinhosa, bem próxima da minha realidade mesmo da pessoa que eu sou. E eu acho que isso interfere muito na minha vida.

A minha Preta-Velha é maravilhosa, é a Vovó Cambinda, é uma pessoa boa e firme. É aquela firmeza e fortaleza que a gente precisa mesmo, assim como a Cabocla Jurema das matas, que a Cabocla com quem eu trabalho. E a estrelinha que é a minha criança, é o meu xodó, é a minha Alegria, é quem me faz voltar a minha infância e me faz sorrir, me faz acreditar que tudo pode ser melhor, que tudo pode ser diferente e assim, super vale a pena trabalhar com as minhas entidades femininas. Eu amo, amo, amo, amo.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Branco-Floral: Então, entidade masculina, eu só trabalho no momento com o Exu, que é o seu 7 encruzilhadas. Ele é a única entidade masculina no momento que eu trabalho. A gente sabe que a gente tem outras entidades, né? Mas no momento eu trabalho com ele, ele vem muito pouco, ele vem nas giras de esquerda, só por um pequeno tempo que a Navalha dá passagem para ele e depois a navalha volta de novo. Normalmente tem sido assim, todas as giras de esquerda, né? Mas ele é importante até para me mostrar assim, me chamar para realidade, “ó, volta, você precisa olhar isso, isso, isso não tá legal, nesse nesse campo a gente tem que mudar ele”, que é quem me chama para essa realidade. Às vezes de uma forma até mais ríspida, mas necessária, que eu acho que se não fosse isso, talvez eu não não tivesse o entendimento que eu tenho hoje de algumas situações.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Branco-Floral: Então, eu acho que a energia, pelo menos pra mim, né, essa energia feminina me ajuda no meu dia a dia. É claro que é importante a energia masculina no impulsionar no dia, “ó, vamos embora, você precisa disso, vamos embora, levanta e vai”, entendeu? Então, assim, se precisam de encorajamento, eu sinto que é a energia masculina, mas se for empoderamento é a feminina, totalmente.

Nathália: O que entende por sagrado feminino e qual a relevância na sua vida?

Branco-Floral: Bom, sagrado pra mim é tudo aquilo que a gente cultua. Ou não necessariamente, mas que traz um aconchego e te aproxima de Deus, né? De qualquer forma, de Oxalá, em qualquer religião que ele tenha algum outro nome. O sagrado para mim é isso. É aquilo que te aproxima do, todo poderoso de Deus, do supremo e cultuar o sagrado para mim é você louvar, eu, você, agradecer você, ter a certeza de que existe alguma coisa muito maior do que o que a gente aqui e que a vida não é só isso, né? Que a gente tem muitas outras passagens e que vale a pena sempre louvar esse sagrado.

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Branco-Floral: Já muitas experiências, infelizmente, de intolerância religiosa. É, já passei, não no meu trabalho, graças a Deus eu nunca passei por isso no meu trabalho, mas passei enquanto mãe de umbandista, né? Duas vezes já passei por essa situação na escola da minha filha, eu troquei ela de escola e tive problemas novamente na outra escola em que ela estava. Na primeira escola, eu não fui omissa de forma alguma, né? Conversei, fui na escola. A mãe, Bianca, também se posicionou de uma forma muito. Eu acho que de uma forma muito correta, me apoiou muito, apoiou muito a [nome omitido pela pesquisadora para preservar a identidade] e que eu só não tomei uma atitude mais drástica com relação à escola, né? A ponto de realmente levar o caso pra frente, né? Levar pra justiça e tudo mais por ser uma escola onde eu estudei e eu tenho um carinho muito grande pela dona da escola, que hoje não está mais à frente da direção da escola.

É uma escola que eu estudei desde o primário que eu trabalhei nessa escola, que eu cresci dentro dessa escola, né? Eu vivi dentro dessa escola praticamente 40 anos da minha vida, seja como aluna, como professora e depois como mãe de aluna, né? Então, por eu ter esse carinho muito grande pela escola, eu preferi tirar a [nome da filha ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] de lá e não seguir adiante, né? Com o processo contra essa escola, esse ano a gente já passou no início do ano novamente por esse problema. Eu retirei a [nome da filha ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] da escola no ano passado. Esse ano a gente passou novamente, mas o meu comportamento foi diferente. Foi com as crianças mesmo na escola, né? E eu me posicionei e disse que sim, se acontecer novamente eu iria entrar com uma ação contra os pais, porque os filhos, na realidade, eles são todos crianças, adolescentes, 12,13 anos, eles estão simplesmente refletindo um comportamento que eles vem dentro de casa, né? E que isso não seria admitido novamente, porque os traumas que isso causou para minha filha foram muito grandes.

A minha filha hoje faz terapia, sofre de crise de ansiedade, já teve episódios muito mais graves na vida dela, né? É... A ponto de querer desistir de tudo, entendeu? Por conta dessa intolerância religiosa. Mas ela foi uma pessoa que me deu muita força em todo momento, a ponto de dizer para mim que ela não sabia o que seria da vida dela. A gente não sabia como a gente agiria dali para frente, mas a única certeza que ela tinha era que ela não abandonaria o terreiro, de forma alguma. E isso me deu uma fortaleza muito grande. Uma menina de 10 anos de idade. O posicionamento com relação à religião muito bom. Então assim, a fé no sagrado que a gente confia é tão grande que a gente tinha certeza que a gente não tava fazendo nada de errado e que valeria a pena lutar pra continuar onde a gente estava.

Nathália: Gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não perguntei que você acha importante falar?

Branco-Floral: Não acho que não. Acho que você perguntou bastante coisa

## CORAL

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Coral: Caraca, tu já entra com o pé na porta. Mulher... Que significa ser mulher para mim? Representação de uma ancestralidade também feminina. É conseguir dominar, é conseguir equilibrar a serenidade, a suavidade, junto com a luta do dia a dia, com a guerra, com as batalhas que a gente tem aí. Enfrentar preconceitos, mas também ensinar que nem tudo é no grito. Ser mulher pra mim é viver numa grande dualidade. É ser guerreira,

que eu não gosto desse termo, porque por trás de uma guerreira tem muitas dores, e ao mesmo tempo é aprender a ser frágil. Nossa, ser mulher é complexo? É muito complexo. Isso.

Nathália: E o que significa ser mulher dentro do terreiro pra você?

Coral: É...Ser mulher dentro do terreiro? Pra mim é onde a gente tem que praticar, não somente lá dentro, mas lá é um ponto forte, que é a prática da não rivalidade, de quebrar esses paradigmas, sabe? Acabar com isso é olhar para uma mulher e ver uma mulher assim como eu, com dores, com aflições, sem julgamentos. Eu procuro não julgar. Eu procuro olhar para qualquer outra mulher e entender que ela tem a vida dela. E não vejo que seja um lugar para Guerra dos Sexos, por exemplo, né? Eu acho que não tem que ter isso. Então, ser mulher dentro de uma religião, seja ela qual for, é você lutar pela empatia, inclusive pela compaixão. Não julgar o outro, né? Acho que tem muito problemas nas nossa...Eu vou sair falando, tá, Nathi? Acho que tem muitos problemas na nossa sociedade, que é essa rivalidade que existe até hoje em pleno século 21. Gente, por que que eu tenho que olhar para outras mulheres de uma maneira inferiorizada ou por que que elas precisam me olhar assim? Eu acho que a gente já passou disso, isso é coisa do tempo das cavernas. Ser mulher dentro da casa, dentro da tenda, é você trabalhar com uma resistência que não precisaria trabalhar. A gente não precisaria estar lutando por um lugar ou para ser ouvida. Até porque nosso, dentro da tenda, o nosso comando, é feminino. Mas ninguém está ali contra homem e mulher, né? Acho que a primeira coisa. Eu acho também que é você tentar ao máximo dentro do seu desenvolvimento e evolução você deixar, tanto para as mulheres ou para os meninos, para as crianças, né? Macho ou fêmea, É deixar um olhar de respeito, né? Mas sem precisar impor. Que seja natural daqui a alguns anos esse respeito. Sem precisar gritar, né?

Nathália: E o que é ser uma mulher branca no terreiro?

Coral: Você diz no terreiro ou na umbanda, na nossa casa ou na umbanda?

Nathália: Pode responder em ambas?

Coral: Na Nossa casa é algo muito natural, na umbanda não tanto é que agora surgiu o tal do umbanda branca e isso pra muitos pode parecer que é só uma questão de falar que a umbanda virou gourmet, mas por trás disso existe um grande preconceito e é um preconceito racial. Mas dizem que não pode ser considerado um preconceito racial, porque preconceito racial só vem a partir das pessoas. É pretas, né? Ou negras? Não sei. Então na umbanda tem muito preconceito agora no nosso terreiro, não, acho normal, não vejo nada demais. Na nossa casa, nunca percebi nada, nunca mulher branca dentro do terreiro, nunca recebi nada, nem de outras brancas e nem de negras. Também. Nunca fui preconceituosa quanto a isso. Vejo nada demais.

Nathália: E como o terreiro interfere no seu feminino?

Coral: Bom, o terreiro. Eu aprendi a lidar com o meu feminino. Aprendi o que que era o sagrado feminino e o quanto isso, o quanto aprender a trabalhar com ele e a deusa que existe em nós. Isso eu aprendi naquela casa, eu aprendi com a Bianca. Mas fala, repete a pergunta.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Coral: Eu acho que o terreiro ele traz justamente essa ideia, né? De como é que ele interfere? Caramba, cara. Eu acho que é isso, eu acho que é trazer o poder feminino, é me entender como mulher, nas minhas sombras, na minha luz, no meu... no que a sociedade julga como defeito. Mas eu julgo como... faz parte de mim. É é ver... o... é crescer, né? É crescer sabendo o meu valor, coisas que a gente já está massacrada uma vida inteira. Eu sou de um século que a mulher, ela não tinha valor, né? E eu fui. Eu fui educada assim, então o terreiro para mim, ele veio abrir outras portas. Ele veio desconstruir muitas crenças limitantes que eu aprendi durante a vida. Acho que ele veio para tirar o véu de mim. Veio para dizer “olha, você pode ser como você pode ser toda a feminilidade do mundo, como você pode ser toda a masculinidade dentro da sua feminilidade, está tudo bem”

Nathália: Em comparação com outros lugares, como na sua casa, no seu trabalho, você sente que há uma possibilidade maior ou menor de de ser mulher dentro do terreiro em comparação com outros lugares que você frequenta?

Coral: Não, porque a voz masculina ela ainda é muito forte dentro do terreiro. Ela se tornou forte ao longo do tempo. Ela não era, se trabalhava muito mais o feminino, inclusive com os homens, para os homens entenderem o mundo feminino. Mas assim, hoje eu falo que o terreiro ele começou de novo a ir pra um lado mais

masculinizado, mais patriarcal da história. Então isso não, não vejo diferença, não.

Nathália: Possui alguma família de sangue no terreiro?

Coral: Nenhuma, eu sou a única da minha família. Sou ovelha negra da família, minha filha. Eu falo que eu sou ovelha colorida. Eu sou a que saiu de todos os padrões. Você nem tem ideia.

Nathália: O que significa a família de Santo pra você?

Coral: Olha sem romantizar. Acho que como qualquer outro meio social, hoje em dia, eu já romantizei muito um terreiro, já romantizei muito uma família de terreiro. Olho pra todos realmente como meus irmãos, querendo assim, peço oração, assim como eu também rezo por eles. É, mas com as suas falhas, é uma sociedade. Então, onde cabem muitas pessoas, cada um tem um jeito, cada um tem, é. Então hoje eu falo assim, o que que é o terreiro para mim, o que que são os meus irmãos para mim? Ensinamentos, eles são uma parte... Eu não tenho muita vida social, eu realmente não tenho, eu não tenho vida social, na verdade, então a minha vida social é terreiro e eles ali eles me ensinam, me mostram, inclusive. Eu encontro muito as minhas sombras nos meus irmãos. Isso é um ponto de alerta para mim. E aí eu me volto para mim mesma. Eu sou um tipo Nathália, que eu estou aqui em busca de mim mesma. Eu estou aqui em busca do meu aprimoramento, do aprimoramento dessa matéria, dessa alma que me cabe. Então, eu sempre olho para as pessoas que passam na minha vida como realmente passageiros. O que eu puder tirar de aprendizado, eu tiro, o que eu puder dar eu dou. Mas eu não tenho muito apego às pessoas. Eu sou aquariana, amor, eu sou aquariana. Eu gosto de todos, mas não me sento a mesa com todos, eu escolho, entendeu? E qual a relevância? Sentido, cara, eu estou coerente com as com as perguntas? Eu sou péssima nisso.

Nathália: Não, está ótimo.

Coral: Eu sou péssima.

Nathália: Qual é a relevância para você de ter uma mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Coral: Representatividade, força, poder, superação. É... representatividade. É... quando eu olho pra Ela ali e quando eu lembro de como ela estava no começo e olho hoje depois de 4 anos, aquela mulher! É você realmente ter um orgulho do caralho, puta merda. É ter orgulho mesmo, que é uma mulher que não passou por cima de ninguém pra chegar onde está chegando e vai muito mais além então. É uma representatividade.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Coral: Porra, caralho. Porra, vamos lá, eu tenho Padilha. É pra falar assim, eu sou filha de Oxum. Eu sou filha de Oxum, é. Acho que tem um cruzamento com Iansã. Então elas duas me ensinam que mesmo eu podendo ser calmaria, que eu não devo ser calmaria o tempo todo, porque a gente também precisa ter as águas turbulentas pra agir na vida. Oxum ela me ensina, Oxum ela me ensina porque elas sempre ensinam, né? Elas não param de ensinar. Uma grande lição que eu tive com Oxum, o meu lado materno vem de Oxum. Eu sou muito maternal, eu sou muito. Se eu pego minhas filhas, é tudo debaixo da minha asa, eu sou calma, mas eu também sou a queda da Cachoeira. Então ela me ensinou a ser estrategista, ela me ensinou a ser observadora e me ensinou. Pode falar, pode até ressoar isso de uma maneira muito ruim, mas eu vou te falar. Me ensinou que vingança a gente não faz com as próprias mãos. A gente libera e espera, porque uma hora chega a conta, chega, chega pra mim e chega pra todo mundo. Então ela me ensinou assim, é no silêncio, é na observação que você consegue planejar o próximo passo. É nas águas turbulentas, é uma defesa, seja minha ou dos meus. Então ela me ensinou a aceitar essa minha dualidade. Uma hora eu tô legal, a outra hora eu viro. Se você me tirar do Sério, eu viro e viro em questão de segundos. Então ela me ensinou a aceitar, tá tudo bem você ser assim, você só tava se defendendo, que antigamente eu me sentia culpada por isso.

Vamos lá, dona Padilha, puta merda. Eu amo dona Padilha, eu sou apaixonada por essa mulher, vocês não tem ideia. Essa mulher, ela me tirou do fundo do poço, Padilha me ensinou. E me ensina e me dá a força e a coragem dela. Viva dentro de mim. Ela é viva dentro de mim, ela não é. Ela não é uma imagem lá longe, ela não é um Santo entre aspas que desce e pega o meu corpo. Não, Padilha é viva todos os dias, 24 horas dentro de mim. Então a Padilha, ela me ensinou a me amar. Ela me curou da minha ansiedade. Ela curou a minha depressão. Ela me ensinou a ser mais segura de mim mesma. Ela voltou tudo. Toda a força dela, de poder, de empoderamento, ela me ensinou. E o que eu acho mais legal que ela ensinou toda essa potência. Mas ela falou, não precisa ser deselegante. Você pode ter toda essa força, mas seja elegante. Então ela me traz muito isso.

Mulambo é minha bruxa, é o meu lado bruxa de ser, é o meu lado feiticeira, é o lado da magia. Mulambo é tiro, porrada e bomba. Ela é fria, ela é lógica, ela é completamente racional e ela tá me ensinando isso. A gente ainda está no processo de descoberta. Eu e Ela.

A minha ibeijada que é a joaninha, joaninha das almas. Ela me ensina simplicidade, é uma criança que não quer nada, não quer brinquedo, não quer nada. E ela me ensina a contemplar a natureza. E isso vem da joaninha, o sentar e contemplar o céu estrelado que ela ama e me ensina que a Alegria está justamente no mais simples do simples. Vamos lá, Oxum, Mulambo Padilha e a Joaninha, são essas que eu tenho. O restante são masculinos.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Coral: Sumiu.

Nathália: A minha câmera deu ruim. Eu vou tentar entrar pelo celular.

Coral: Ah, tá, fala.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Coral: Não. Não interferiu, não. Eu tenho o caboclo, eu tenho o Exu, mas ele nunca trabalhou. Mas eu sei que eu tenho, mas ele nunca trabalhou, então eu não posso falar dele, é masculino. Eu tenho o caboclo, meu caboclo, ele é tupinambá e o meu caboclo não, não interferiu na minha feminilidade não, porque ele vem numa outro tipo de força. O Tupinambá ele é muito, muito sério. Ele já é um idoso, então ele é muito sério, ele é muito centrado, ele também é muito. Vim pra trabalhar, não vim pra agradar, é, mas ele tem um poder de ver a alma das pessoas muito grande. Ele às vezes não passa. Ele fala umas coisas pra pessoa que a pessoa nem abriu a boca pra falar comigo. Ele fala e de repente a pessoa tá chorando. Então ele tem um poder também de cura muito forte. Mas não, não me influenciou na parte feminina, não. O que o que o meu caboco faz é me dar essa força da inteligência e sabedoria. De é... de perceber o momento certo e como agir. É o que ele sempre fala para mim. É quando se vai para caça. Eu observo. Ele fala, né? Eu vejo o vento, eu vejo a noite, eu vejo as folhas. Então, o que que ele quer me dizer com tudo isso? Primeiro você tem que ir à caça, vai, então, silêncio. Primeira coisa, silêncio, observação, intuição, percepção. É como se ele falasse assim, esquece todo o resto e se concentra só na mata. Então, quando eu estou com alguns problemas, eu lembro muito dele. Aí eu falo assim, não adianta eu ficar maluca aqui, com 1.000 problemas, o que que eu tenho que fazer? Eu sou uma caçadora, então eu preciso silenciar. Quer dizer, silenciar a minha mente, fazer exercícios de respiração, fechar os meus olhos e voltar para dentro de mim pros meus instintos selvagens. São eles que vão me ajudar a achar a saída, entendeu? Então, assim, com o feminino, não.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Coral: Energia.. acredito assim, acredito. A energia feminina é a do cuidado, né? O cuidado interno, cuidado, sabedoria. A energia masculina, não, a masculina, é vamos para luta, mas a gente precisa das duas, tem que ter equilíbrio nos dois, não pode ter só um, não, eu, você, todo mundo. A gente precisa da energia masculina para sobreviver, senão se a gente for ficar só na feminina, a gente vai ficar “Tudo bem, é tudo dói, tudo machuca” Eu acho isso muito interiorizada. A gente precisa da luta, da guerra.

Nathália: O que entende por sagrado feminino e qual a influência na sua vida?

Coral: Então aí é que tá o sagrado feminino me fez despertar para todas as mulheres todas do meu clã, que me fizeram viver. Hoje elas ainda vivem em mim. Elas ainda vivem dentro do meu útero, suas alegrias, suas dores, suas decepções, suas traições, suas raivas. Então isso me trouxe uma consciência de que eu sou muitas em uma só, que atualmente sou eu. Então é honrar. A cada ventre que me fez chegar aqui hoje, então o sagrado feminino me ensinou isso. Honre, louve, respeite todos os ventres anteriores de você, porque foram eles que fizeram você chegar aqui hoje. Então o sagrado feminino é pra mim ... não é só essa coisa de vamos estimular que a gente vai ficar bonita, o que a gente vai ficar feminina. Pra mim é cura, é uma forma. Eu me vejo assim, eu sou um útero desperto que eu tenho o dever de me melhorar para trazer libertação e cura para todas aquelas mulheres que pertencem ao meu útero, entende? Acho que eu vou, gente, tá? Tá coerente, né?

Nathália: Tá, tá sim. Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Coral: De intolerância já há várias, muitas, até com Uber. Uber, minha família, nossa, inúmeras. Minha família.

Ela é o que eu te falei. Eu sou a ovelha colorida da família. Então eu venho de uma família por parte de pai Italiana e completamente católica. Não existe outra religião a não ser catolicismo. Tudo que você for de outra religião, você é demônio. Então, por exemplo, eu tenho esse despertar com a mediunidade desde que eu nasci, desde sempre. E eu tive que esconder isso durante toda a minha vida. Aos 14 anos, eu estudava Allan Kardec escondida, e eu só me libertei e fui para umbanda quando meu pai ficou em coma na minha casa.

O maior preconceito que eu recebi diretamente escancaradamente veio da minha família paterna, ao ponto do meu pai ter falecido e 2 anos depois, uma tia, irmã dele, veio aqui em casa para tirar satisfação se eu tinha me tornado umbandista, se eu tinha me tornado macumbeira, na verdade. Eu falei que sim e ela falou, “você sabia que você sabe que o que o [nome do pai ocultado pela pesquisadora para proteger a identidade], que era o meu pai, que o [nome do pai ocultado pela pesquisadora para proteger a identidade] estaria está muito decepcionado com você, né?”

Estava dentro da minha casa e aí eu só olhei para ela e falei, “eu acho que meu pai estaria decepcionado com muita gente, né?” Então, assim, agora há pouco tempo, um irmão do meu pai, que mora aqui do meu lado, colocou uma imagem de Jesus Cristo virada pro meu quintal, como se tivesse repelindo os demônios, né? Então, assim, preconceito o tempo todo, o tempo todo, principalmente na família.

Na família de parte de mãe, ninguém toca no assunto. A minha mãe fica de boa, tá tudo bem. Minha mãe aceita, adora, minha mãe é evangélica. Minha filha também gosta, porque elas viram muito progresso em mim quando eu fui pra umbanda, mas muitos preconceitos, muitos os que mais doem são familiares. E, Ah, amigos também. Tive amigos que me falaram, é, “você então virou macumbeira?”. Eu falei, eu sou umbandista. “Ah, então tá”, e simplesmente sumiram...nunca foram amigos, né? Então é uma vida muito solitária.

Quem entra na umbanda por que eu acho que o umbandista, quando ele entra pra religião, a maior parte do grupo de amigos dele é dentro da religião e dentro da própria casa, porque o mundo externo primeiro para de fazer sentido. Então aquelas farras, as bagunças, aquilo tudo ali você começa a perder o sentido naquilo segundo. É um clã que tá todo mundo falando a mesma língua, é, as pessoas se afastam da gente, é um ser umbandista, é ser solitário, é você ser um eremita, pra mim ser umbandista, é isso, na vida pessoal, vai ser um eremita. Eu caminho no meu deserto e caminho sozinho. Tenho apoio agora da casa de alguns irmãos, tenho, mas eu não tô falando disso, tô falando da vida particular. É completamente solitária, ainda mais eu que venho de uma, sou cercada pelo catolicismo. Cercada, então é completamente solitário.

Nathália: Você já chegou a compartilhar algu desses casos com alguma pessoa da tenda?

Coral: Já, já. E contei rindo porque eu contei, “cara, tu não sabe o que aconteceu”. Aí contei? Já, já cheguei, sim, eu já falei.

Nathália: Qual foi a atitude, o conselho?

Coral: Como estava num tom assim, de brincadeira, porque assim eu fico triste, eu fico triste, mas é pelo pela ignorância do outro e de pensar que um dia eu também já fui ignorante. Então é a falta de.... Eu tomei muita raiva da igreja católica, muita raiva. Então hoje eu tenho eu assim, é, eu estou falando da igreja católica, sistema, tá. Então hoje eu olho e vejo, cara, isso é um lixo, lixo. E aí o cara que é católico, que é da minha família, que é do meu sangue, me olha como se eu fosse errada. Por quê? Porque em nenhum momento ele estudou e viu quantos de sangue existe dentro da igreja católica. Quantas mulheres a igreja católica matou? Quantas mulheres a igreja católica? Nossa, então assim, eu não é uma coisa que eu fico alegre que eu ou que eu não me importe, mas é algo que eu olho e falo, nossa, quanta ignorância de pessoas que se acham tão superiores. Que Cristo é esse que eles estão seguindo? Porque não é o mesmo Cristo que eu sigo. Então, quando eu contei para pessoa, eu estou falando assim, eu não, eu não procuro fazer disso uma lamentação na minha vida, entendeu? Eu só fico com pena da ignorância e pensar que eu já fui ignorante assim. E aí quando eu contei para a pessoa, a pessoa falou assim, “Sério, isso aí” a pessoa me perguntou, “e como é que você está?” “normal”. Isso não é sobre mim. Isso não é um problema meu e isso é um problema daquela pessoa, É ela quem tem que se resolver, não sou eu. É chato, é, por exemplo, passa por mim pela rua e não fala, mora aqui do meu lado, não fala. Depois que soube nenhum tio meu mais me procura, eu fui totalmente excluída da família. É triste, porque eu passei a minha infância inteira com essa família, mas..... Quando eu falei a pessoa, “nossa, que coisa chata, que ignorância”, eu falei, “pois é”. Só isso também.

Nathália: Alguém da tenda já compartilhou algum caso de intolerância religiosa com você?

Coral: Não que eu me lembre, não.

Nathália: Tem alguma coisa que eu não.... Ah, pode falar

Coral: Eu lembrei, tem, tem uma pessoa que foi com marido, mas depois o marido começou a entender... porque quase chegou uma separação, tipo, “se você continuar indo, a gente vai se separar”. Então a gente vai se separar porque eu vou continuar indo. Não deixa de ser uma intolerância. Depois o caboclo viu que ele tinha que calar a boca. Ele calou a boca e continuou todo mundo casado.

Nathália: Gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não perguntei, mas o que você acha importante falar?

Coral: Não, porque tem muita coisa. Ah, não sei, Natália, eu sou muito. Dizem que eu não sei se eu vivo uma utopia. Não sei, cara. Eu quando entrei, eu vou te falar. Só assim quando eu entrei para a religião eu entrei para salvar uma pessoa porque eu achei que fosse fazer mal para ela, porque por isso que eu estou te falando, a ignorância deles. Eu, eu conheço. Eu reconheço que eu já fui assim. Então sabe o que que eu acho que falta na nossa religião de verdade? Eu acho que está faltando muito... Tá faltando praticar mais o que se prega. Eu acho que a nossa religião, em alguns momentos ela se perde. Eu acho que a religião, acho que o ritual, acho que tudo isso é muito pé no chão. É muito. Tem coisas que eu acho que são desnecessárias, excessos e eu acho que a nossa. Religião virou um, sei lá, todo mundo sabe tudo. Acho que a tendência no futuro é ter templos, porém, muita gente praticando a espiritualidade em casa, a espiritualidade livre, porque qualquer religião, qualquer uma, ela sempre é para doutrinar. Ela sempre é para colocar uma coleira no seu pescoço e te guiar qualquer uma, então ela sempre vai falar diante dos olhos dela o que era ela é errado. E isso vai fazendo com que a gente se enfraqueça e nos tornemos dependentes de um comando. Que pode ter mais sabedoria sobre um assunto do que eu, mas que eu preciso ser ouvida e respeitada também acho que está faltando um pouco mais de pé no chão.

## **DOURADA**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Dourada: Significa para mim que é muito difícil.

Nathália: Porque? Pode explicar um pouquinho?

Dourada: Porque eu acho que é mais responsabilidade, porque para mim que já sou mãe parece que pesa muito mais do que pesaria pro pai e aí eu, por exemplo, acabei de chegar do trabalho [21:56] e o [nome do filho omitido pela pesquisadora] e a [nome da filha omitido pela pesquisadora] já estão dormindo, hoje foi um dia que eu não vi eles, por exemplo. E aí você pensa assim: eu tenho que trabalhar para conseguir dinheiro para eles, só que esse trabalhar para conseguir dinheiro para eles implica que eu vou perder a infância deles porque ou eu trabalho ou eu fico com eles então tipo, para mim é muito mais difícil, talvez se só alguém trabalhasse e eu não precisasse trabalhar e ainda assim eu tivesse dinheiro para isso eu poderia estar com eles. Ou eu faço uma coisa ou eu faço outra e aí eu sempre acho que isso vai gerar 1 milhão de traumas na cabecinha deles porque não teve uma mãe presente porque a mãe precisou sair para trabalhar para conseguir dinheiro para eles e aí não participou da vida deles efetivamente.

Nathália: Várias mães se sentem assim

Dourada: É, mas então, é uma coisa que o pai não acha, por exemplo, para o pai tá tudo certo, tá tudo bem e “saí para trabalhar porque estou conseguindo o sustento de casa”. Eles não se cobram isso, tipo diferente de mulher, diferente de mãe, mãe acaba se cobrando que “ah não vi hoje”, pai, pelo menos, na minha percepção, pai “ah tudo bem, não vi hoje eu vejo amanhã”, para mãe não, tipo, “poxa, hoje eu perdi um dia deles sabe?”.

Nathália: O que significa ser mulher dentro do terreiro para você?

Dourada: No terreiro que eu frequento para mim é muito confortável, assim não tem desconforto até porque o maior exemplo que nós temos, que eu tenho lá é de uma mulher e o segundo maior que eu tenho também é de uma mulher. Então elas me mostram todo dia e todas as vezes no terreiro que a gente é capaz, que eu sou capaz, que eu sou forte, que eu vou conseguir, então lá acaba sendo um lugar de muito acolhimento para mim, principalmente por conta dessas mulheres.

Nathália: O que é ser uma mulher parda no terreiro?

Dourada: Para mim é indiferente, a minha cor lá dentro, para mim não faz diferença alguma, não sou mais aceita ou menos aceita por isso. Para mim sou só eu.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Dourada: Me ajudando, sempre me ajudando. Me fazendo entender que ser mulher apesar de para mim ainda ser difícil, é possível e é bom sabe, por mais que seja difícil eu ainda assim não escolheria vir um homem, eu ainda assim escolheria vir uma mulher.

Nathália: Em comparação com outros lugares como casa, trabalho, você sente uma diferença da possibilidade de exercício do seu feminino?

Dourada: Às vezes, como aqui na minha casa, por exemplo, às vezes eu não posso ser tão mulher como eu gostaria, eu preciso fazer um papel um pouco mais masculino. E até esse de abrir mão de muitas coisas para trabalhar, para às vezes consertar alguma coisa dentro de casa. Para mim dentro da minha casa tem, no meu trabalho interfere pouco.

Nathália: Possui alguma família de sangue no terreiro?

Dourada: Não

Nathália: Qual é a relevância para você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Dourada: De olhar e ver que é uma pessoa assim muito forte que é capaz de comandar várias pessoas né, de gerenciar o lugar que lidar com gente já é muito difícil. E saber que uma mulher faz isso muito bem é esperançoso, você acaba tendo esperança de que uma hora você também vai conseguir ser essa pessoa, essa mulher que consegue gerenciar, que consegue fazer as coisas bem porque você acaba tendo um exemplo lá dentro de uma pessoa que faz isso.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades mulheres ou de alguma consulta que você teve com alguma entidade mulher e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Dourada: De entidade eu acho que eu não tenho, eu acho que o meu primeiro contato com a entidade foi uma médium mulher, mas que foi uma gira de Ibejada que era criança, mas que foi intermediado por uma mulher, a médium era uma mulher e foi o meu principal ponto para eu realmente decidi entrar no terreiro. As minhas entidades eu ainda não conheço, não sei o nome, não sei nada. Acredito, confio que elas me ajudam muito a ter uma estabilidade mental, a cuidar do meu lado de mulher, mesmo que não estando diretamente assim. Eu acho que de mulher, de entidade, só.

Nathália: E o que a ibejada disse que você quis entrar no terreiro?

Dourada: Ah foi um dia que eu cheguei. Na verdade eu já estava frequentando o terreiro há um tempo, assim, de vez em quando e como aqui em casa a minha família a gente é, foi criada, eu fui criada muito na igreja, então eu tinha a visão que todo mundo tinha que era ruim, que para entrar... as coisas ruins que a gente escuta falar. E aí foi um dia que eu cheguei lá muito triste, muito mal, como várias vezes eu entrei muito triste, muito mal dentro de uma igreja só que dentro da igreja parecia que eu entrava e saia péssima, tô mesmo jeito que eu entrava eu saía, 99% das vezes e nesse dia, foi um dia que eu tava muito mal e em vez de ir para igreja, eu fui para o terreiro e aí chegando lá a entidade da criança da [nome da médium omitido pela pesquisadora] é falou comigo que era para eu parar de chorar que eu chorava muito, que eu ria pouco e se eu queria receber alegria. E aí eu disse que sim, não entendia nada de entidade, de terreiro, de nada. Ela acabou chamando a minha criança e aí foi a primeira vez que eu incorporei também, foi nesse dia. E eu incorporei a minha criança e fiquei uns 5 minutos com ela e logo depois ela já subiu, só que quando eu voltei e sentei lá no banco de novo era como se 90% daquela tristeza que eu tava tivesse ido embora com a minha criança e esse foi o dia que eu ví que aquele lugar não era ruim, que aquilo não era demônio, que aquilo não ia me fazer mal, pelo contrário aquilo ia me ajudar e aí foi quando eu vi que era bom e aí eu resolvi entrar.

Nathália: Acredita que há alguma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Dourada: Acho que sim, mas ainda enxergo a energia masculina mais forte do que a feminina.

Nathália: Qual seria essa diferença e qual o papel dessas duas energias na sua experiência?

Dourada: Eu acho que quando a energia é masculina ou quando a gente conversa com uma entidade masculina, parece que ela é sempre mais forte no sentido de talvez ela te falar alguma coisa que vai cuidar de alguma situação para você e parece que aquilo é mais forte do que quando uma mulher fala, do que quando uma entidade feminina acaba falando, eu acho que a entidade feminina acaba sendo mais acolhedora, você acaba encontrando mais conforto, mais aconchego, mas em relação a ser forte eu ainda acho que é a masculina, quando a gente precisa de algo para proteger mesmo ou de simplesmente defender a gente a masculina para mim sempre parece ser mais forte.

Nathália: O que você entende por Sagrado Feminino e qual a relevância na sua vida?

Dourada: É um assunto que eu não entendo muito, que eu nunca busquei saber muito também, tive pouca experiência com isso, acredito que é uma conexão que deve te dar uma outra perspectiva, um outro mental, mas eu ainda não pude ter essa experiência então não tem como falar muito.

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Dourada: Já.

Nathália: Você pode falar um pouquinho?

Dourada: Aqui em casa, a minha mãe, a minha família, como é da igreja é não consegue às vezes conversar comigo sem jogar piada ou sem falar que, indiretamente, que aquilo que eu estou fazendo ou que eu escolhi é ruim. É sempre uma, é sempre um dedo apontado de que é tudo ruim, é tudo demônio e o que eu estou fazendo está errado.

Nathália: Você chegou a compartilhar essa experiência com alguém do terreiro?

Dourada: Não.

Nathália: Gostaria de falar mais alguma coisa que eu não perguntei

Dourada: Não.

## **FÚCSIA**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Fúcsia: Ah ser mulher para mim é coragem, é empoderamento, é força, é uma batalha. Hoje em dia é muito difícil ser mulher. Ainda mais no meu caso, posso dizer por mim, uma mulher independente. Sou eu que trabalho, que pago as minhas contas. Eu sou divorciada então assim é muito mais complicado para uma mulher independente do que ser dependente de alguém. Hoje isso é muito difícil.

Nathália: O que significa ser mulher dentro do terreiro para você?

Fúcsia: Então eu tenho duas visões de mulher no terreiro. A mulher no terreiro quando ela é casada e a mulher no terreiro quando ela é sozinha porque, isso pelo menos é o meu ver, a mulher no terreiro quando ela é casada e o marido acompanha, a família toda acompanha é tudo muito mais fácil. Não que não seja difícil, mas você tem uma rede de apoio. Vou dizer, por mim, eu sou sozinha né. Eu não tenho ninguém. Eu entrei na tenda sozinha, sem conhecer ninguém então eu vou sozinha, eu venho sozinha. Eu não tenho uma rede de apoio para levar uma carona, tem dias que saí de lá muito tarde e eu não consigo uber para vir embora. Uma mulher sozinha no terreiro acho que é mais difícil do que uma que tem uma família, uma rede de apoio, marido. É mais difícil.

Nathália: O que significa ser uma mulher parda no terreiro?

Fúcsia: Eu acho que não significa nada, eu acho que ali no terreiro a gente não tem esse negócio de cor, de negro, de branco, de loiro, pelo menos eu não vejo assim. Eu vejo dos irmãos todos iguais.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino? Do seu entender do feminino?

Fúcsia: Olha, não digo nem no terreiro, eu digo mais as entidades né. Me ajudaram muito porque eu descobri a espiritualidade em um momento em que eu tava muito fragilizada né e foi um porto-seguro, eles me ajudaram muito. Um momento em que eu estava muito sozinha, eu não sabia o que buscar, para onde ir e foi onde eu me encontrei, é onde eu busco a minha força todo dia. É ali no terreiro.

Nathália: Em comparação com outros lugares como casa, trabalho, você sente uma diferença da possibilidade de ser mulher no terreiro? Em comparação com esses outros espaços?

Fúcsia: Eu no meu ver eu não vejo diferença porque eu não tô ali para mostrar que eu sou mulher, que eu sou homem, se eu sou terreiro [grau], eu tô ali como uma pessoa que tá procurando buscar a espiritualidade, é se melhorar como pessoa, como ser humano. A minha intenção de ir ali no terreiro é me melhorar, ser uma pessoa melhor, não é me destacar em nada.

Nathália: Você disse que não possui nenhuma família de sangue no terreiro, como você enxerga a família de santo?

Fúcsia: Ah assim, tem problemas é óbvio, mas é uma família diferente porque eu acho que você é mais acolhida pela sua família do terreiro do que pela sua própria família. A gente é mais acolhido, entendeu? Porque o irmão tá ali, ele sabe da sua dificuldade, ele sabe da dificuldade dele também então a gente procura ajudar né. O irmão de sangue não, ele também não pensa igual a gente. Em ajudar, em dar um conselho, muito difícil família que ajuda, dá um conselho, que conversa e ali no terreiro em qualquer momento que você chegar e você procurar um irmão que você tenha mais afinidade, pedir um conselho, até mesmo pelo WhatsApp, você têm, entendeu? É diferente.

Nathália: Qual a relevância para você de ter uma Mãe de Santo mulher no terreiro?

Fúcsia: Ah eu posso estar sendo feminista, mas eu acho ótimo porque a gente fica muito mais a vontade. Pode ser coisa da minha cabeça, mas se fosse com o Pai [nome do Pai de Santo omitido pela pesquisadora] na frente né, pelo menos eu não teria tanta liberdade para falar às vezes. Por ser homem. Mas isso é coisa da minha cabeça mesmo, sabe, acho que com o tempo isso passasse né. Mas eu fico muito feliz de ser a mãe Bianca, uma mulher.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Fúcsia: Então, a que mais interferiu no meu femininino. Eu tenho uma pombagira a Maria Quitéria que trabalha comigo. Ela é muito empoderada. Ela me ajuda muito porque quando eu estou cansada, quando eu estou cabisbaixa, quando eu não quero me arrumar, eu não quero me maquiar, quando eu me acho feia é ela que me ajuda né. Ela que me ajuda muito em questão disso porque a gente tem que se cuidar né. Nem tudo é um mar de rosas, nem sempre a gente acorda bem, mas eu acho que a gente tem que se cuidar, tem que se olhar no espelho, tem que gostar do que vê porque a gente que tem que se gostar porque ninguém está aqui para gostar da gente. Ninguém é obrigado a gostar de você, ninguém é obrigado a aturar. Pode ser família, pode ser família de santo, ninguém é obrigado né. Primeiro você tem que se gostar porque se você não se gostar, você não tem como gostar de ninguém. E ela me ajudou muito nisso, muito mesmo, a Maria Quitéria.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Fúcsia: Então eu particularmente não, em relação a entidade masculina eu tô meia ainda em evolução. Eu tenho um Exú né, mas eu também não sei se ele chega a ser masculino ou feminino em relação a Exú né. E o meu Malandro também que eu não tenho certeza ainda se é masculino ou feminino. Eu tenho quase certeza que ele é masculino, mas também não sei, ele não me falou, mas na gira de Malandro eu me acho mais masculina, mas até então eu estou em uma evolução ainda em relação ao masculino eu ainda não tenho muito o que falar.

Nathália: Acredita que existe uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Fúcsia: Muita, muita, a energia feminina para mim ela vem para te empoderar entendeu, para te deixar feliz, para frente, te deixar bonita. A energia masculina ela vem para te dar força, te dar caminho, sabe? Te direcionar para onde você tem que ir. Acho que são energias diferentes. Muito mesmo

Nathália: O que você entende por Sagrado Feminino e qual a relevância na sua vida?

Fúcsia: Ah eu entendo que Sagrado Feminino é você se cuidar né, é você cuidar de você, do seu corpo, da sua alma, é ficar bem com você, se sentir feliz. Nem sempre a gente consegue, é difícil as vezes, a gente tem tantos problemas na vida, tanta coisa para resolver, mas você tem que se cuidar. Eu acho que o Sagrado Feminino é você... quando dizem cuidado, eu penso assim: é você tirar um dia para tomar um banho, é você fazer o seu banho de ervas, não que seja para ir para o terreiro não. É você tomar um banho de açúcar, é você fazer um chá né, é você se maquiar. Eu acho que Sagrado Feminino é você cuidar de você, você mulher.

Nathália: Você já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Fúcsia: Então não explico assim “Pá”, né, mas tem muitas das vezes que eu prefiro não falar que eu sou umbandista porque eu até entendo porque antes de eu ser umbandista, há muitos anos atrás eu também tinha essa visão da umbanda. Muitas das pessoas acham, eles falam macumba, macumba para mim é um instrumento, mas muitas pessoas acham que a gente da religião a gente faz maldade, a gente é o... a entidade bebe, a entidade fuma, mas a entidade vai trabalhar sem bebida, sem fumo, ela vai trabalhar com o copo d’água, ela vai trabalhar sem vela, então as pessoas acham que a gente se enche de bebida, se enche de cigarro né e faz maldade para as pessoas e não é isso, até porque a maldade está no coração do ser humano e você não precisa estar em uma igreja, estar em um centro de umbanda, o que quer que seja para fazer maldade para ninguém, a maldade está dentro do coração do ser humano e as pessoas esquecem que tudo o que você pede, volta para você também, o mal é dividido. Então se você está pedindo aquilo dali é certo que você vai ter o seu de volta. E não precisa você estar dentro de religião nenhuma para você pedir o mal.

Nathália: Você já chegou a compartilhar alguma dessas coisas com o grupo ou alguma pessoa do terreiro chegou a compartilhar algum caso que sofreu de intolerância ou alguma situação ruim que passou com você?

Fúcsia: Não, não, nunca falei nada não. Eu tenho mais no meu serviço, eu tenho uma enfermeira lá que ela gosta de colocar louvor. Cara, ela quer ouvir louvor, eu sei cantar várias, sei cantar todos os louvores, eu sei cantar um monte de hino da igreja, do lado da minha casa tem uma igreja. O pastor é meu amigo, apesar de que ele não sabe que eu sou umbandista, mas o pastor é meu amigo, era amigo do meu pai. Meu pai ajudou a construir a igreja né. Então eu não tenho isso, mas as pessoas que tem com a gente. A gente não tem esse tipo de intolerância. Pode ser macumbeiro, pode ser umbandista, candomblecista, mesa branca, a gente não tem isso com eles, eles que tem com a gente. A gente não tem essa maldade ah, porque é da igreja, eu não tenho isso. Mas é igual a essa enfermeira gosta de colocar louvor, mas se eu for colocar um ponto que a gente goste, ela não vai gostar. Com certeza. Então é eles que tem essa intolerância com a gente, então como eu sei que são eles, as vezes também me resguardo, não falo. Às vezes você quer falar da sua religião, da bondade que tem na nossa religião, do carinho com o próximo, que a gente sempre tenta ajudar, que não é isso que eles pensam, que não é essa maldade, mas a gente não pode falar que eles não entendem. Entendeu?

Nathália: Tem mais alguma coisa que eu não perguntei e que você acha importante falar?

Fúcsia: Ah eu posso dizer assim que se todo mundo conhecesse a umbanda como a gente conhece, se todo mundo conhecesse o Sagrado como a gente conhece, da forma como a gente aprendeu a conhecer, aprendeu a amar, vai ver que ali não tem maldade. Que ali não tem esse negócio de fazer maldade pros outros e de acender vela porque tá querendo fazer maldade, a gente não vai no terreiro para buscar a maldade para ninguém, a gente vai no terreiro para buscar conhecimento, para se fortalecer, para evoluir. A gente não vai ali, igual falam, para bater tambor pros outros, a gente não vai ali fazer isso. Eu queria muito que as pessoas entendessem isso. Que a gente vai ali, a gente vai se transformar, a gente vai melhorar como ser humano, a gente está aqui para evoluir né, para melhorar nessa vida para que quando a gente voltar de nova a gente ter um pouquinho evoluído né, mas as pessoas não entendem isso, eu queria muito que elas entendessem.

Nathália: Como você entrou na umbanda? Na tenda?

Fúcsia: Então, foi o que eu te falei. Eu já fui batizada na igreja, eu já fui cristã, batizada nas águas mesmo, só que a minha mãe sempre foi de candomblé, a minha tia também, mas eu era pequena quando elas eram e eu sempre fui muito sensível desde pequena. Eu via as cores, eu sentia as coisas né, mas assim a minha mãe não teve uma boa experiência com o candomblé dela, ela falou que ela só conseguiu ter alguma coisa na vida dela, melhorar financeiramente, como pessoa, quando ela saiu, quando ela largou isso, mas enfim. Eu fui uma vez conhecer um lugar em Jaquarepaguá que era ligado a Tenda Mirim e eu me apaixonei só que era muito longe para mim, ainda mais eu que não tem carro, sozinha, como que eu ia fazer? E eu fiquei por mais de dois anos

procurando aqui por Caxias um lugar que tivesse ligado ao Mirim, foi quando eu conheci a tenda aí eu falei com o meu dindo [padrinho de umbanda] aí eu fui fazer um jogo com a mãe e depois do jogo com a mãe eu comecei a frequentar né. Aí eu perguntei como fazia para entrar e tudo, aí ele falou que tinha que ser 07 correntes, a minha primeira foi na praia, foi lindo a minha primeira gira, foi na praia e desde então eu me apaixonei porque era o que eu procurava.

## ÍNDIGO

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Índigo: É eu acho que ser mulher vai muito além de ter, por exemplo, um útero. E muito mais do que apenas o sexo biológico, mas é essa construção social que a gente passa ao longo da vida a partir do momento que a gente se reconhece em uma sociedade e tem algumas limitações pelo gênero e a gente começa a tomar consciência dessas limitações com as pessoas ao nosso redor, com a nossa família, no grupo que a gente faz parte.

Nathália: O que significa ser mulher dentro do terreiro para você?

Índigo: Eu acho que é mais desafiador ser uma mulher dentro do terreiro do que um homem. Bem mais desafiador porque é muito comum em comunidades de Axé serem lideradas por homens, serem coordenadas por homens ou ter como figura principal figuras masculinas e, especialmente, no contexto do nosso terreiro que tem muito mais, um número maior de mulheres, a gente consegue observar que ainda assim não há tanto respeito, não há tanta, a gente precisa se impor muito mais para que consiga o respeito necessário que às vezes um homem, dentro de um mesmo contexto não necessita tanto.

Nathália: O que é ser uma mulher negra no terreiro?

Índigo: Eu sou uma pessoa negra de pele clara então também é muito comum as pessoas não me identificarem como uma pessoa negra e, invisibilizar, não enxergarem a negritude em mim e nas estruturas que eu falo, nas coisas que eu falo as vezes quando a gente esta em um grupo de estudos ou quando estamos falando sobre pautas raciais ou coisas que de algum modo cercam as questões raciais eu não sou reconhecida por isso então eu acho que é uma batalha um pouco maior ser uma mulher negra dentro do terreiro porque eu já estou lutando para me posicionar e eu tenho que lutar duas vezes para que as pessoas também me reconheçam.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Índigo: A gente vive um contexto do Sagrado feminino dentro do nosso terreiro e apesar de ser mulher eu ainda, por perceber o modo como a gente é enxergado na sociedade, tenho algumas questões com isso. Então hoje o terreiro me possibilita pensar o feminino de outro modo, com menos raiva da sociedade que a gente vive porque ele nos trás uma valorização maior em discurso, não necessariamente dos nossos companheiros.

Nathália: Companheiros você diz, homens? Ou tanto homens como mulheres?

Índigo: Homens, tipo o discurso do terreiro ele trás uma valorização que não necessariamente é vista no cotidiano pelas pessoas ao nosso redor, pelos homens ao nosso redor.

Nathália: Em comparação com outros lugares como casa, trabalho você sente uma diferença de possibilidade de exercício do seu feminino?

Índigo: Eu sinto mais dificuldade, como eu falei de me impor, de ser ouvida, ainda que hoje o meu terreiro seja um comando feminino eu vejo uma dificuldade de ser valorizada, respeitada, de ter a minha voz considerada mesmo nesse contexto. Alguns outros momentos da minha vida não são tão desafiadores como o terreiro.

Nathália: Possui alguma família de sangue no terreiro?

Índigo: Sim

Nathália: Quais são as diferenças e semelhanças com a família de santo?

Índigo: Tô pensando... é a minha família de sangue está muito presente dentro no terreiro e eu sinto que eu sou mais ouvida e mais valorizada por eles até pela convivência que a gente tem fora do terreiro. Então a semelhança seria essa. A diferença seria em relação a eles ou...?

Nathália: A eles e ao grupo em geral que fazem parte da família de santo.

Índigo: Eu acho que a minha família de sangue tende a respeitar, valorizar, sinônimos dessas palavras, mas do que o resto do terreiro por já conviver comigo antes disso.

Nathália: Qual a relevância para você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Índigo: Bem mais tranquilo, eu já estive em um terreiro sobre o comando de um homem e o tratamento, o diálogo, o discurso, as normas, as éticas ela tem uma grande diferença tanto no andamento do terreiro quanto nas nossas relações pessoais que construímos ali.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades mulheres ou consultas que teve com entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Índigo: Eu hoje não trabalho com as minhas entidades femininas ou nenhuma no caso, não trabalho com as minhas entidades. É, mas sinto que conheço mais das entidades femininas, mas não posso responder sobre consulta, nem nada do gênero.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Índigo: Não tenho nem noção de quem são

Nathália: E a das outras pessoas interferiram ou não no seu feminino?

Índigo: No feminino eu acho que não. Assim, eu acho que eles tentam falar uma coisa ou outra para colaborar. Vou te falar é muito complicado, não sei se vai ser relevante pro processo, mas por ser [condição de parentesco omitida pela pesquisadora para preservar o anonimato] as pessoas adoram querer se meter na minha vida. E aí mesmo com a entidade eu vejo que tem muito do que o médium acha que vai resolver meu problema e não necessariamente o que eu tô precisando o que eu estou sentindo, vai muito da opinião da pessoa. As vezes que eu realmente vejo que a entidade vem falar algo válido que pode interferir no feminino, eu sinto que o próprio médium está travando um pouco ali com medo da posição que eu ocupo. Então eu não consigo te falar situações que me ajudaram ou que interferiram de algum modo por que nunca é muito elaborado.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Índigo: Sim

Nathália: Qual seria essa e qual papel que exercem na sua experiência?

Índigo: Isso no contexto de espiritualidade né?

Nathália: Isso, mas se quiser elaborar outro ponto também, fica à vontade.

Índigo: Eu acho que principalmente por observar as entidades femininas... qual palavra que você usou?

Nathália: Energia masculina e energia feminina

Índigo: A energia feminina ela tem um pouco mais de sutileza nas palavras, no acolhimento, no tratamento do que as energias masculinas. As energias masculinas eu sinto que são um pouco mais bruta, atingem o objetivo que tem que alcançar também as duas, mas eu consigo ver muita semelhança da energia feminina com o tratamento de mulheres no nosso contexto real.

Nathália: O que entende por sagrado feminino e qual a relevância na sua vida?

Índigo: Eu não sei responder

Nathália: Tudo bem, não tem problema. Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Índigo: Eu já passei de maneira sutil, às vezes por mostrar o portfólio de vídeo e tem ali muita coisa da religião e aí eu não sou chamada para o trabalho depois, é tratamento diferente de alguns amigos que não sabiam a religião passam a saber e se afasta um pouco ou naquelas pregações gratuitas no trem, no metrô que a pessoa vem direto para você “você tem igreja?”, eu digo: “eu sou umbandista”, e a pessoa: “você vai encontrar Jesus ainda” então bastante racismo religioso sim.

Nathália: Algum desses casos que aconteceu você chegou a compartilhar com alguém do grupo, do terreiro?

Índigo: A grande maioria desses casos ocorreu antes do terreiro do qual eu faço parte hoje, mas, por exemplo, essa questão do trabalho sempre comento, passo por alto, mas não são algo tão agressivo como poderia, são micro-agressões.

Nathália: E quando você fala qual é a reação do grupo, qual é a atitude do grupo?

Índigo: As pessoas tendem a enxergar como algo normal.. “ah faz parte”, é tem uma minoria que as vezes vem de outra religião e fala “ah, mas também você está se expondo demais”, tem uma galera que vem e fala “ah mas tira do seu portfólio”, mas é um sentimento de resignação na maior parte do tempo.

Nathália: Alguém do terreiro já chegou a compartilhar com você alguma questão de intolerância religiosa?

Índigo: Não que eu me recorde

Nathália: Tem alguma coisa que eu não perguntei que você gostaria de acrescentar

Índigo: Não, acho que eu falei muito.

Nathália: Você fica na questão das redes sociais, recebe muita intolerância pelas redes?

Índigo: Por incrível que pareça não, as redes da tenda ainda que, por exemplo, até pela questão dos vídeos a gente se expõe muito, vamo colocar assim. Tem muito alcance e até hoje não teve nenhum comentário intolerante, pelo menos não no nosso terreiro. Já vi se você quiser procurar do comandante do Falangeiros de Aruanda, Seara Falangeiros de Aruanda, eles fazem live no tic tok, no instagram e lá sim tem muito preconceito religioso o tempo inteiro nas lives. É assustador inclusive, tanto de pessoas que são fora da religião quanto de pessoas que são Umbandistas ou Candomblecistas e julgam a própria doutrina.

## LARANJA-FOGO

Nathália: Primeira pergunta, o que significa ser mulher para você?

Laranja-fogo: Não sei. Cara é uma dificuldade, né? É uma força, mas é uma dificuldade para mim. É bem difícil ser mulher hoje em dia, como está nos dias de hoje. Não foi fácil, antigamente também não foi, mas a gente acha que vai melhorar. A gente tenta, mas ainda bem difícil.

Nathália: Qual a dificuldade maior para você?

Laranja-fogo: Agora, no momento é ser mãe, né? Porque é um peso enorme em cima da gente. E agora que eu estou conseguindo estabelecer um limite de não, isso não é só para mim. Então, ele como pai, né? Tem também, mas antes era uma cobrança minha mesmo de que eu tenho que fazer tudo. Eu tenho que ser capaz de suprir tudo sozinha e eu acho que isso é imposto na gente desde criança, desde tudo. Então essa foi uma dificuldade que eu nem achei que eu teria, né? Que a gente nem imagina, né? Que a gente vai passar por isso tudo. Mas, eu acho que no momento essa é a minha maior dificuldade como mulher.

Nathália: E o que significa ser mulher dentro do terreiro para você?

Laranja-fogo: Ser mulher dentro do terreiro é uma potência, né? É uma potência e é muita força. É um lugar que a gente se sente acolhida, onde a gente se sente vista. Sei lá só a força para descrever, só muita força.

Nathália: E o que significa ser uma mulher branca ou parda, você falou que estava na dúvida, no terreiro?

Laranja-fogo: Então é eu não, não tenho muito. De sei lá, acho que por eu não passar por certos tipos de coisas, porque eu acho que mulheres negras têm e vivem mais coisas, né? Que se colocam em outra posição, então eu não tenho esse lugar de fala de... dizer que eu estou. É. Como se diz num lugar de dificuldade para mim, sabe? Porque eu sempre fui muito acolhida. Eu acho que todas são mais. Algumas têm uma carga maior fora dali, entendeu? Então já é uma coisa que eu não tenho lugar de fala para isso, mas é o que eu acho que ali eu me sinto muito acolhida e não, não tenho... Não tenho reclamação sobre isso.

Nathália: E como o terreiro interfere no seu feminino?

Laranja-fogo: No meu feminino? Esta é muito difícil, não sei. Não sei responder essa pergunta.

Nathália: Não tem problema. Em comparação com outros lugares como na sua casa no seu trabalho, você sente uma diferença de possibilidade de ser mulher dentro do terreiro, em comparação com a possibilidade de ser mulher nesses lugares?

Laranja-fogo: Não. Eu não tenho sei lá. Não, não tem essa dificuldade. Por mais que ali a gente tenha que deixar algumas vaidades de lado, né? É para trabalhar e tudo mais. Eu acho que isso não impede, não. Não tira a minha feminilidade não, não me prejudica nisso.

Nathália: Se sente mais limitada, mais livre dentro do terreno do que, por exemplo, em casa, no trabalho ou não, mesma coisa?

Laranja-fogo: Assim a... isso tem uma limitação, mas é também por respeito. É porque certas coisas a gente não tem que levar para lá, é claro, é. Mas assim nada que me fira, nada que me... que me aprisione em alguma coisa, entendeu? É só por respeito mesmo.

Nathália: E você possui alguma família de sangue no terreiro?

Laranja-fogo: Só minha filha.

Nathália: E qual é a diferença para você da relação da família de sangue com a família de Santo?

Laranja-fogo: É então... a família de Santo tem muita gente que eu ainda não tenho muita intimidade, né? E assim como a família de sangue, tem gente que a gente atura, então. A família de Santo me acolheu muito. E foi muito, muito importante e muitas fases da minha vida... é... Acho que muita gente de sangue não teria feito por mim. Entendeu? É sei lá... isso.

Nathália: E como é ter uma filha tão pequenininha no terreiro? O apoio assim? Porque às vezes você precisa lá dentro?

Laranja-fogo: É... agora, principalmente, ela não está indo muito, porque eu não consigo trabalhar. Antes, o pai dela estava indo sempre, né? Então às vezes a gente revezava, né? nos trabalhos, ele ficava metade da gira lá dentro e eu a outra metade. É, mas agora ela está bem ausente porque ele está trabalhando direto, então não consigo levar muito a ela. Só tipo eu sei que no dia eu não vou conseguir trabalhar lá dentro, porque alguma coisa específica tá... saindo, sei lá do trabalho, por exemplo, e então eu levo ela. Que aí dá pra mim ficar lá, mas é... são coisas que dela, que às vezes eu vejo lá dentro, que ela evoluiu muito. Ela vê muitas coisas e é uma criança e a gente fica assim, gente que está acontecendo, sabe e não só de enxergar as crianças, né? Que é o mais próximo dela, mas também de pedir uma bença para Jurema [Cabocla]. Entendeu que a gente fica assim, “gente como que ela tem capacidade de fazer isso? Ela tem 2 anos só”. Mas é muito bom e ela nasceu lá, né? Ela nasceu lá desde a barriga, eu já ia pra gira. E ela sempre se mexeu muito dentro da barriga e tal e lá ela sempre foi muito acolhida. Então, como dizem, ela é muito acolhida na Tenda, então, para mim é um privilégio ter a minha filha ser tão amada lá. Ela é muito amada lá.

Nathália: E qual a relevância para você de ter uma mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Laranja-fogo: Muita né? Muita porque às vezes a gente fica com aquela, aquela coisa de “ah ela é mãe de Santo, ela é uma, é uma coisa muito distante da gente, é uma hierarquia, é uma sábia aquela coisa”. Ela é distante da gente, mas tem coisas como já aconteceu comigo também de eu estar, sei lá, numa situação que eu não imaginava estar passando e tal e conversar com ela mesmo naquela de que a gente fica “ah não vou perturbar ela, que ela tem coisas maiores para fazer”, mas e conversar com ela e vê que é que ela é um ser humano que

também passou por muitas coisas parecidas com a gente, então a gente se vê muito. É... É um espelho que a gente é... vê se encara essa mulher foda, já esteve num lugar aqui, sabe. A gente também pode passar e que é normal. E traz uma normalidade pra gente um... um acolhimento muito maior de se sentir. Que está num lugar que ou, sei lá, é muito foda, muito foda até um mãe de Santo que dá esse colo, esse acolhimento pra gente.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades Mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Laranja-fogo: Das minhas entidades Mulheres? Então. É. Caboclo, Eu não posso dar confirmação, né? Porque eu... ainda... ela ainda não se apresentou. Eu também não posso passar à frente da entidade, né. A Pomba-gira muito tapas na cara. Muito Acorda. “Olha, o que é que você está fazendo? Olha, é... a pessoa, a mulher foda que você é e você não acredita que você é.”

É... e também tem a parte da Vovó que a Vovó é uma mãe é um colo. Que sempre tá ali para acolher, acompanhar e quando a gente acha que está no fundo do poço, ela vai ali, “olha só, eu estou com você ainda, segura”. Nossa mãe fala, vai nem que seja devagar, mas a gente vai. Então... é..., são coisas que a gente esperava, às vezes, até de quem está do lado da gente, né? É família, enfim. Mas as entidades que trazem esse acolhimento pra gente. E também de é... vaidade tal é... “acorda vai se arrumar cara”, sabe essas coisas assim, acontece muito comigo também. Então a importância é suprema delas na minha vida.

Nathália: Falhe um pouco das entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Laranja-fogo: Masculinas. É assim.... Masculina para mim, as minhas... Exu, o malandro, eu acho que trabalha muito na limpeza. Então.... Quando eles aparecem é meio que a feminilidade vai. Vai, entendeu é uma... é uma força bruta, é uma força de limpeza. É uma força que está ali... é... tipo sugando tudo, mas depois traz uma leveza. Não só como mulher, mas como ser humano de paz, sabe? Então é isso.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Laranja-fogo: Sim

Nathália: Qual seria essa e qual o papel que essas energias exerce na sua experiência?

Laranja-fogo: Então. É às femininas, eu acho que é mais aquela parte do acolhimento da gente se sentir vista naquilo, né? É um espelho para a gente, se vê naquilo, a gente se inspira naquilo. E.... Para mim as entidades masculinas... O masculino.. é... traz muita força. Muito pé no chão... muito.... mais até da brutalidade, sabe? De sentir aquele peso que é uma diferença da gente sentir uma energia feminina. Quando uma masculina vem numa coisa que a gente não está acostumada, sabe? Então é uma diferença bem grande, mas eu acho que as duas têm uma importância bem grande também na nossa caminhada.

Nathália: O que entende por sagrado feminino e qual a relevância na sua vida?

Laranja-fogo: Então, isso eu tô em falta. porque eu nunca fiz e olha muito esporro por causa disso.

Nathália: Ah, leva esporro?

Laranja-fogo: Não, eu me cobro por isso

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Laranja-fogo: Pronto, já já sim, até familiares mesmo.

Nathália: Pode falar um pouquinho?

Laranja-fogo: É o meu pai, por exemplo, o meu pai. Ele não frequenta religião nenhuma, mas quando eu era criança, era aquela coisa, você tem que fazer catequese isso aquilo por que tem que fazer. Ele não seguia a religião, mas ele tinha que me encaminhar alguma coisa e quando eu comecei no terreiro, eu escutei muitas coisas sobre. É... Eu não te criei para isso e não foi isso que eu ensinei a você. Eu te dei uma religião e você jogou fora para isso e muitas coisas do tipo. É de... ele falar coisas que viu para mim que ele é... como se eu fosse duvidar, né? Do que eu estou vivendo lá dentro. E assim. É, eu já é bati boca, já tem um tempo que eu comecei a respeitar até mesmo de entidades falar comigo de que se ele não acredita, deixa.... ele tem a proteção

dele, entendeu? Você sabe o que você acredita? Você sabe a sua fé, então você não precisa ficar provando para ninguém.

É, mas é muito difícil, é muito difícil mesmo depois de dois anos, dois anos dentro da tenda. Eu iniciei como como médium da casa. Depois que minha filha já tinha 6 meses, entendeu? Então eu estou frequentando o terreiro desde que ela estava na minha barriga. Então é um tempo. Vamos colocar aí uns 3 anos e pouco. E mesmo assim, até hoje eu ainda fico assim de falar que eu estou indo para ele, porque eu sei que ou ele vai olhar de cara feia ou sabe, vai falar alguma coisa? Então eu evito. Eu prefiro fala que eu estou indo trabalhar e tal, enfim.... Mas é muito ruim

Nathália: E você chegou a compartilhar esse caso com alguém na tenda?

Laranja-fogo: Não, não

Nathália: A [nome da filha omitida pela pesquisadora para preservar a identidade] já sofreu alguma intolerância? Na escolinha?

Laranja-fogo: Nem fala ainda sobre.... não têm, sabe? A maldade de, sabe? “Vou falar sobre isso”, não tenho, não tem assunto sobre isso ainda ela, mas eu acredito que mais para frente, quando ela começar, né? A cantar ponto no meio da aula, coisa do tipo ela vai, alguém vai repreender, vai falar alguma graça porque acontece bastante, mas a gente está aqui para acolher, para explicar para ela o que ela vê não é tudo isso.. desde muito cedo, então. Vou estar aqui para explicar, para ela que isso é normal, que tem pessoas que não gostam, né? Não, não respeitam a religião dos outros.

Nathália: E alguém do grupo já chegou a compartilhar com você algum caso de intolerância religiosa?

Laranja-fogo: Não

Nathália: Tem mais alguma coisa que eu não perguntei que você gostaria de falar?

Laranja-fogo: Não,eu acho que não.

## **LAVANDA**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Lavanda: Significa ser mulher para mim? Não é algo fácil de ser esse ser humano não, tão cheio de dúvidas, inseguranças, de medos. Não é fácil ser mulher. Um ser humano que tá ao contrário de tudo, de tudo, né? De padrões, que seja o que for, de culturas, o caramba, porque a mulher ela tem que viver e sobreviver. Ela tem que fazer tantas coisas que ela não é. É como se diz, ela não se apega mais em questões de padrões de cultura e tudo mais. Então a mulher é um ser que luta muito. Pensa muita coisa, se movimenta bastante por ela, pelos filhos, se tiver pelo marido, se tiver pela companheira, pelo companheiro. A mulher, para mim é várias pessoas em uma só. Ela não é um ser somente ela é várias pessoas em uma só ela é várias forças de uma vez, né, em uma só. Então a mulher é um ser pensante, é um ser que movimenta é um ser que chora, que rir, depressão, ansiedade, há muita coisa ao mesmo tempo. Uma mulher para mim é isso tudo. Não é pouca coisa, não?

Nathália: O que significa ser mulher dentro do terreno para você?

Lavanda: Ser mulher dentro do terreno é representar todas essas forças vindas de todas as outras forças que vieram antes de nós. É representar. A minha mãe. A mãe da minha mãe, as irmãs dela. É. A mãe do meu pai, ou seja, toda minha ancestralidade feminina. Muito mais do que um Colo, um abraço, uma conversa, um ouvido. Representa um acolhimento. Ser mulher dentro do terreiro e também demonstrar que a gente precisa ter esse respeito, né? Para poder ser acolhida também nos momentos que a gente precisa, a gente também tem essa necessidade tanto lá dentro quanto fora, então a gente tem uma representatividade muito grande, não só por quem nós somos, mas onde nós viemos de quem viemos e do que passamos, né? Com as nossas e aprendemos com as nossas também, então a gente representa muita coisa dentro de um terreiro. Muita.

Nathália: O que é ser uma mulher parda no terreno?

Lavanda: Eu ainda não me atentei com relação a essa questão. Não me atentei com relação a isso, porque eu não vi olhares diferentes por conta da minha cor. Não vi olhares diferentes por conta disso, eu não percebi isso é... Se acontece algo de alguém é.. não gostar de mim por causa da minha cor, né? Porque dentro desse terreiro eu me vejo como igual a todos, então por isso eu não, não. Eu acabo não tendo e fazendo distinções nem mesmo de mim para não criar esse universo, esse peso, essas questões dolorosas de pessoas que têm, né? Esses problemas, essas dificuldades de lidar com relação a quem olha estranho por causa da sua cor. Eu ainda não vi e não percebi. No entanto, eu fico é.... Eu sou observadora também, mas eu também não vi nada com relação a esse assunto que fosse movimentado, estremecer alguma coisa com outras pessoas que estão na minha posição, minha cor. Eu acredito que não, não tenha nenhum problema, até porque ali dentro a gente aprende a questão da igualdade, essa igualdade para mim é a questão também da cor, dos pensamentos, do modo de falar, do modo de conduzir a sua vida. Embora a gente esteja ali com um único pensamento de transformação, né? Então, acho que o princípio também dessas questões é de intolerâncias raciais, seja o que for, não deve existir lá dentro, a gente aprende tudo isso lá e não deve... e a gente tem que vir para cá, para fora, com esse pensamento. Então, ser uma mulher parda lá dentro, para mim é uma coisa bem normal, para mim é muito normal. Não me feriram ainda com essa questão. Mas, e se isso um dia acontecer? É da forma que eu tenho aprendido a falar e escutar. Eu educadamente, vou conversar com essa pessoa. Está tudo certo se ela entender o que a doutrina fala a respeito disso, porque não é só a nossa que fala sobre isso. Intolerância. Está tudo certo, beleza, se não entender, eu deixo ela com que é dela. E também não posso fazer muita coisa, e é isso.

Nathália: E como o terreiro interfere no seu feminino?

Lavanda: Como terreno interfere no meu feminino. É... de que forma... É isso? Como interfere no meu feminino? Como assim?.

Nathália: O que ensinou sobre o seu feminino?

Lavanda: O que me ensinou sobre o feminino? Muita coisa em relação a me auto-observar, a me auto-valorizar, a reconstruir e construir a verdade por conta própria. Primeiro veio a reconstrução para depois vir a questão do autoconhecimento e tudo mais, porque eu, Cleide, tenho um histórico de vida no qual nunca fui uma pessoa valorizada desde criança. Fui bastante desprezada quando criança, fui bastante humilhada por questões de cor e de cabelo. Eu sou de uma geração... Tenho 54 anos, da geração dos anos 70 e 80, e ainda existia muito essa questão das pessoas dizerem "sai daqui, neguinha". Embora eu não seja negra de fato, não tenha aquela pele preta que acho bonita para caramba, ainda assim era muito humilhante.

Minha mãe era empregada doméstica, e ela me mantinha embaixo de um balcão na cozinha onde trabalhava, para que ninguém mexesse comigo dentro da casa da família onde ela trabalhava. Eu voltava da escola, e ela me dava o almoço, que era feito na casa da patroa dela. Eu sentava à mesa, mas, daqui a pouco, ela dizia para mim: "Olha, não vai pegar nada. Fica aqui. Pega suas coisas, vai fazer seu dever, estudar e tudo mais."

Vamos dizer assim, era uma cozinha bem grande, e esse balcão, um balcão de mármore enorme, foi feito por aquela família apenas para colocar massa, fazer macarrão, e outras coisas. Esse balcão de mármore lindo, branquinho, era só para isso, e eu ficava embaixo dele. Minha mãe colocava uma toalha embaixo, e eu ali ficava, escrevia, fazia caligrafia. Eu passava o dia inteiro ali embaixo, levantava para ir ao banheiro e depois voltava. Não era mais uma criancinha, mas com 11 anos ainda me mantinha ali embaixo. Quando eu tentava entrar na cozinha para brincar ou fazer algo, voltava chorando, e minha mãe dizia: "Eu falei para você não ir lá.". Então, essa questão do valorizar me machucou muito, porque eu tive abuso também.. sexual dentro da minha família. Eu tive um abuso enorme com relação ao relacionamento com o pai dos meus filhos, eu me casei muito nova com 18 anos, sofri todos os tipos de abuso.

Eu não me via como uma mulher bonita, feliz e simpática. Embora eu mostrasse isso para as pessoas de fora, não era assim que eu me sentia por dentro. As pessoas não tinham noção do que realmente acontecia. Então, estar na Luz de Maria, que é uma casa que cuida e zela pelo sagrado feminino, foi a melhor oportunidade que se abriu para a minha vida. Tem sido um grande fortalecimento para mim. É uma chama que está acesa e não é um fogo de palha, mas uma chama viva.

Pouco a pouco, me vejo de uma forma diferente. Passei por vários processos na casa e participei de diversos movimentos relacionados ao tratamento do nosso sagrado feminino. Provavelmente surgirão outros, e eu estarei lá porque quero continuar participando, fortalecendo e acreditando que eu não sou mais aquele sofrimento do passado. Olho para essa Lavanda de antes e vejo como ela cresceu e amadureceu. Eu perdoei muito aqueles que me fizeram ficar tão dentro de um casulo, com medo. Isso me causou muitos traumas profundos, difíceis de superar e desapegar. Passei por processos com psicólogos e, ocasionalmente, conversei com o [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade], nosso amigo e irmão, que me dá um apoio mais pé no chão.

Ainda choro de vez em quando. Se eu tiver que lembrar de algo, estando dentro da casa hoje, vejo isso de uma forma diferente. O valor que tenho hoje de mim mesma é muito maior. A Luz de Maria tem apresentado muita coisa para a minha vida, todo o movimento e todas as pessoas que estão lá dentro. Aprendo com tudo. Não me limito apenas ao que é certinho; aprendo com tudo. E lá tem sido isso para mim, a minha casa.

Nathália: Em comparação com outros lugares como casa, trabalho, você sente uma diferença da possibilidade de ser mulher dentro e fora do terreiro?

Lavanda: Lá mais livre... Bom, nunca pensei na questão de ser mais livre. A Luz de Maria me proporciona isso: a liberdade de ser quem eu sou, de representar minha figura com tudo o que tenho e sou. Tenho essa liberdade lá dentro e fico muito bem com relação a isso. Sou muito respeitada e já compartilham bastante do meu choro, das minhas aflições, medos e ansiedades. É verdade, já ouviram muito sobre isso. Não falo com todo mundo; só compartilho com pessoas muito especiais, em momentos em que precisei abrir e falar sobre essas questões. Nossa mãe, claro, sabe bastante, assim como as pessoas mais próximas dela.

É importante ter cuidado ao expor nossa vida íntima, especialmente em um lugar onde tratamos nosso interior e nossa reforma pessoal. Fica meio confuso se certos assuntos forem colocados nas mãos ou ouvidos de pessoas que não se importam ou que possam levar essas questões adiante de forma inadequada, falando bobagens ou distorcendo as coisas. Portanto, tem sido assim para mim.

Nathália: Possui alguma família de sangue no terreiro?

Lavanda: Não.

Nathália: Como você entende a família de Santo? Na sua concepção, no seu entendimento.

Lavanda: Entendo que, no meu ponto de vista, essa família é um aprendizado constante. São ensinamentos o tempo todo; é uma comunidade. Somos todos diferentes, mas interligados, mesmo aqueles que são familiares consanguíneos dentro dessa comunidade. Não adianta, cada um é um ser único. Eu percebo que preciso lidar com respeito às diferenças. Quando comecei a lidar com isso, aprendi a respeitar as diferenças e a palavra e o pensamento do outro. Na nossa doutrina, há graduações que refletem uma maior maturidade espiritual, no pensar e no sentir. Tentamos ajudar as pessoas ouvindo e respeitando suas histórias e a partir disso, acolhendo-as como irmãos e irmãs.

Eu sinto uma saudade de ter um irmão de sangue. Minha mãe teve um filho, meu irmão, que era 12 anos mais velho do que eu, e ele faleceu jovem, aos 42 anos. Na época, eu tinha 30 anos. Meu irmão foi criado por uma madrinha e sofreu muito, e eu não tive muito contato com ele. Sempre desejei ter um irmão para abraçar, escutar, falar, chorar e brincar, para ter aquela convivência de irmãos. Eu tenho três filhos e vejo neles a convivência que eu gostaria de ter tido com meu irmão. Meu irmão era um homem muito bonito, educado, generoso e gentil, e ele sofreu bastante. Ele também teve três filhos, meus sobrinhos.

Ver essa comunidade dentro da nossa prática espiritual, para mim, representa a saudade e o desejo de ter esse contato fraterno. Eu vejo essa comunidade como uma extensão do meu coração, onde busco ouvir, brincar e, quando necessário, impor limites em situações sérias. Acredito que as pessoas também recebem algo de bom de mim. Não quero mandar em ninguém, apenas contribuir para que todos se sintam parte dessa família espiritual. Para mim, essa família espiritual é um pedaço do meu coração. Recebo os iniciantes e faço as fichas com muito carinho, me sinto feliz ao ver mais uma pessoa se juntando a nós no caminho.

Não vejo isso como um trabalho, mas como algo que faz parte do meu coração. Entendo que cada um tem seu tempo e uma vida fora dessa prática. Gostaria de passar mais tempo aprendendo e ajudando, mas compreendo que todos temos nossas próprias vidas e responsabilidades. Para mim, a família espiritual representa uma parte da saudade que tenho do irmão que eu gostaria muito de ter tido na minha vida.

Nathália: E qual a relevância para você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreno?

Lavanda: A figura dela representa tudo o que falei no início: várias mulheres em uma só. Ela simboliza várias forças em uma só. Isso serve para os homens observarem, não com um olhar de repreensão ou julgamento pelo que chora ou pelo que faz, mas para perceberem que eles também são sensíveis, assim como todos nós. Eles também enfrentam dificuldades, gastam energia, e passam por momentos desafiadores, embora muitas vezes sejam mais resistentes ou "capa grossa". A presença da figura feminina na frente está desconstruindo muitos conceitos arraigados na mente dos homens.

Ela está ajudando a desafiar o machismo e as culturas rígidas que muitas vezes impõem limitações sobre o papel das mulheres, como a ideia de que uma mulher não pode se afastar do lado de um homem. Essa

desconstrução acontece em diversos momentos e sessões, inclusive quando as Pombas-Giras são chamadas para trabalhar, mostrando a força da feminilidade na frente.

Essa força feminina está contribuindo para a mudança na forma como os homens veem o mundo, influenciando como tratam suas esposas e filhas. A representatividade feminina, nesse contexto, é verdadeiramente maravilhosa e significativa.

Nathália: Fala um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Lavanda: Minhas entidades femininas, como Vovó Catarina e a Cabocla Flecheira, foram fundamentais no meu caminho. Elas me ensinaram a olhar para mim mesma com mais amor e a tratar os meus filhos com mais carinho, respeito e compreensão. Antes do meu divórcio, minha vida era um turbilhão, sem tempo para respirar ou refletir. Meu temperamento explosivo afetava muito minha convivência com os filhos. Foram 30 anos de casamento, e durante esse tempo, eu já frequentava a Umbanda e a Casa onde encontrava apoio.

Esse contato começou a transformar minha mente, ajudando-me a perceber a necessidade de mudanças. Apesar do pai dos meus filhos não apoiar essas mudanças, eu busquei um pouco de paz para pensar e reavaliar minha vida e a vida dos meus filhos. Vovó Catarina me ajudou a enfrentar essas mudanças com coragem e a buscar a paz interior.

A Cabocla Flecheira me deu a força para não desistir, mesmo quando as coisas pareciam impossíveis. Ela me ensina a me erguer após as quedas, a manter a esperança e a olhar para frente, cuidando da minha saúde e do meu caminho. A Cigana Carmen, por sua vez, traz uma alegria imensa para minha vida. Apesar de eu ser de estatura alta e bastante robusta, quando ela está presente, sinto-me leve e cheia de energia. Sua presença me traz uma felicidade que ilumina meu interior.

Essas figuras femininas têm preenchido uma lacuna em minha vida, ajudando-me a reconhecer e aceitar a força que eu tenho. Elas me ensinam a viver plenamente e a não ter medo de minha própria força. A entidade feminina chamada Padilha da Estrada também me foi apresentada, e apesar de ainda não trabalhar diretamente com ela, sinto sua poderosa influência. O anel que recebi de Dona Padilha da Estrada, guardado com carinho, é um símbolo dessa força que ela representa.

Essas entidades estão me reconstruindo, curando feridas e costurando minha vida com uma linha forte, ajudando-me a superar a destruição que eu mesma permiti ao longo dos anos. Sou grata a todas elas — Vovó Catarina, Cabocla Flecheira, Carmen, e Padilha da Estrada — por me ajudarem a reerguer e me encontrar novamente.

Nathália: E fala um pouco dessas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Lavanda: Conheci Zé Pilintra há um tempo, em uma experiência que me marcou profundamente. Eu estava no trabalho, limpando a minha mesa antes das 8 da manhã, e a rua estava deserta. Ao jogar um pouco de poeira pela janela, olhei para uma árvore e vi um homem ali, encostado, com um paletó branco, gravata vermelha, sapato branco e vermelho, e um chapéu grande, branco e vermelho, virado para o lado. Ele me deu um sorriso de canto, e eu fiquei completamente arrepiada. Foi uma visão tão marcante que até hoje me arrepia lembrar. Quando olhei novamente, ele havia desaparecido.

Com o tempo, comecei a entender mais sobre vícios. Descobri que vício não é apenas uma questão material, mas sim algo que pode afetar a alma. Embora eu não tenha vícios materiais, eu percebi que tinha vícios emocionais e psicológicos, padrões de comportamento que me faziam mal. Zé Pilintra me ajudou a lidar com isso de uma maneira única. Ele trouxe para mim uma forma de blindar-me contra esses vícios e de enfrentar o que estava fora e dentro de mim.

Ele me ensinou a sorrir mesmo nas dificuldades, a manter a alegria e a leveza, mesmo quando estou sozinho e enfrentando problemas. A sua presença me ajudou a encontrar um sorriso autêntico e a cuidar do meu interior, sem depender da aprovação ou validação dos outros. Ele me trouxe um senso de alegria e leveza que eu não tinha antes.

Pedrinho da Praia, por sua vez, me ensinou a ser mais aberto, a brincar, a estar mais perto das pessoas e a trazer luz e alegria para a minha vida. Ele me ajudou a ser mais leve e a me livrar do que não serve mais para mim. Essas duas entidades masculinas têm sido fundamentais para meu processo de transformação e cura.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Lavanda: Que existe energia masculina e feminina? Eu acredito que sim.

Nathália: Qual seria essa diferença e qual o papel que essas energias exercem na sua experiência?

Lavanda: Qual seria a diferença entre essas energias? A energia feminina é mais doce e branda, mais carinhosa. Ela é sutil, serena e acolhedora. Ela abraça, aproxima e oferece um suporte mais afetivo. Em contraste, a energia masculina é mais rígida, austera e séria. Ela se manifesta como uma força protetora, defensiva e ativa. A energia masculina é como um pai que protege e defende, ajudando a enfrentar desafios e superar obstáculos. Enquanto a energia feminina acolhe e harmoniza, a masculina proporciona proteção e força. Ela tem uma vibração mais intensa e resistente, voltada para a defesa e o enfrentamento de perigos. A energia feminina, por outro lado, está mais voltada para o acolhimento, o abraço, a harmonização e o equilíbrio. Assim vejo a diferença entre essas energias. A pergunta é: como elas influenciaram minha vida?

Nathália: Isso.

Lavanda: Qual seria a diferença entre essas energias? A energia feminina é mais doce, branda, carinhosa e sutil. Ela é mais serena, acolhedora e tende a abraçar e aproximar. Em contraste, a energia masculina é mais rígida, austera e séria. Ela representa proteção, defesa e a capacidade de lidar com perigos e obstáculos. Enquanto a energia feminina acolhe e harmoniza, a energia masculina protege e defende com uma vibração mais forte e firme.

Elas influenciam minha vida de formas distintas. Antes, eu estava muito voltada para a energia masculina, precisando me defender o tempo inteiro em todos os aspectos da minha vida, seja em casa ou no trabalho. Agora, a energia feminina está me ajudando a acolher mais meus filhos, a rir e conversar com eles e com outras pessoas fora de casa. No trabalho, enfrento vários obstáculos, mas mantenho minha essência feminina e uso a energia masculina quando necessário.

Hoje, consigo lidar melhor com essas duas forças, sabendo quando usar a energia masculina e quando utilizar a feminina. Estou aprendendo a equilibrar essas energias, ajustando conforme a necessidade. Por exemplo, quando trabalho com Zé, que traz uma energia masculina, ainda sinto a necessidade de me defender, mas quando Dona Padilha da Estrada estiver mais presente, acredito que muita coisa mudará. Apesar de ainda estar em um ciclo de defesa e enfrentando desafios como pessoa solteira e com um filho universitário que eventualmente sairá de casa, continuo usando ambas as energias para equilibrar minha vida.

Nathália: O que entende por sagrado feminino e qual a relevância na sua vida?

Lavanda: Para mim, o sagrado feminino tem uma importância profunda e é fortemente ligado à nossa ancestralidade. A figura da minha mãe e das minhas avós sempre teve um papel significativo na minha vida. Minha mãe sempre foi uma presença constante, e embora eu não tenha conhecido minha avó materna, eu a conhecia através das histórias que minha mãe contava. Por outro lado, conheci minha avó paterna quando era criança e a vi duas vezes: uma quando eu tinha cerca de 10 anos, e outra quando ela estava muito doente com câncer. Ela era uma mulher nordestina muito forte, uma figura marcante com um olhar doce e carinhoso.

Minha avó paterna teve 12 filhas antes de ter 6 filhos homens. Todas essas mulheres eram exemplos de força e resiliência, e mesmo sem ter vivido com elas, sempre soube e ouvi falar sobre suas vidas e suas características admiráveis. Eu sempre senti uma grande admiração por elas e imagino como minha vida teria sido diferente se eu tivesse vivido entre essas mulheres fortes. É possível que eu teria evitado muitos traumas e problemas se tivesse tido a chance de conviver com elas.

Infelizmente, houve uma separação devido ao preconceito racial e questões relacionadas à cor. Eu era uma menina de cor morena, quase negra, e isso causou certo afastamento. Meu pai e minha mãe optaram por não frequentar alguns lugares para evitar possíveis problemas. Apesar dessas barreiras, trago comigo a força e a luta dessas mulheres, e elas continuam a ser exemplos inspiradores na minha vida. Essas memórias e a energia delas são uma parte fundamental da minha jornada e da forma como enfrento desafios hoje.

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Lavanda: Já. Há cerca de quatro anos, fui contratada por uma pessoa com quem trabalhei anteriormente. Quando ele me contratou, já havia se tornado um empresário de sucesso e possuía três empresas. Quando me viu novamente ele estava diferente, com um modo de falar que eu estranhei um pouco. Ele, que sempre foi evangélico, fazia piadas sobre a umbanda e eu percebi que a equipe estava rindo dessas piadas. Comentários como "O que você vai fazer, bater tambor?" ou "Esse negócio não sai do lugar, é só um monte de bobagem" eram frequentes. Isso me incomodava, especialmente porque eu sabia que essas piadas não refletiam o que era a umbanda de verdade.

Eu me levantei e, com firmeza, expliquei que sou umbandista e que essa religião é uma parte importante da minha vida. Afirmando que eu apenas levantei para falar por conta da intolerância que estava sendo demonstrada, pedi para que todos ouvissem. Reiterei que a umbanda não é o que eles pensavam e que, se eles precisassem, eu estava disposta a explicar e ajudar. A partir daquele momento, a umbanda se tornou um

assunto frequente na empresa. A curiosidade das pessoas foi grande, e elas começaram a fazer muitas perguntas. Expliquei sobre a religião, como funcionavam as práticas e a importância dela para mim, e sugeri que, se alguém realmente quisesse entender, deveria visitar um terreiro, respeitando as diferenças.

Esse episódio fez com que muitos se interessassem e passassem a tratar o assunto com mais respeito. Com o tempo, percebi que a intolerância diminuía quando eu falava com educação e esclarecia as dúvidas das pessoas. Em outros ambientes de trabalho, também enfrentei situações de intolerância, como um chefe que fez comentários desrespeitosos sobre a umbanda. Eu respondi com calma, explicando que minha prática religiosa é uma fonte de força e cura para mim.

Essas experiências me mostraram que, ao abordar a intolerância com clareza e respeito, é possível transformar o preconceito em curiosidade e compreensão.

Vocês precisam entender, viver e olhar. Façam uma visita e depois voltem, só para poder compreender. Não é para se envolver, é só para entender mesmo. A energia boa vai estar lá, a energia ruim é você que pode levar. E pronto.

Sobre outras questões, teve um caso com o pai dos meus meninos. Quando ele viu meu uniforme todo arrumadinho pela primeira vez, ele disse: 'Tira isso daqui'. E eu falei: 'Não, não vou tirar, porque eu cheguei, o quarto é meu também e eu durmo aqui'. E pronto, acabou. Ele ficou meio incomodado, olhando para o outro lado, e disse: 'Se você não tirar, eu vou queimar o teu vestido'. E eu respondi: 'Tenta queimar o vestido para ver se você não queima a tua mão'. Ele nunca mais mexeu no meu vestido, nunca mais falou nada, mas sempre me provocava sobre eu ir ao terreiro. Ele falava muita bobagem, muita grosseria.

Teve uma vez que ele me disse que no trabalho as pessoas me viam no Facebook e perguntavam, fazendo comentários maldosos. Eu falei que era muito simples resolver isso: bloqueei ele e o resto do mundo. E não me chateei mais com isso.

Nathália: Alguém da tenda já conversou com você sobre algum caso de intolerância que havia sofrido?

Lavanda: Sim. Na questão familiar, a pessoa falou "eu enfrento dificuldades para levar minha prática espiritual para dentro de casa. Não posso acender velas ou realizar rituais em casa, e eles não aceitam minha religião." Uma vez, vi um homem chorar como uma criança diante de mim e perguntar: "Irmã, o que eu faço para que meu pai me aceite? Ele não aceita que eu esteja aqui." Eu respondi a ele que não deve forçar nada. Apenas mostre através das suas atitudes que a religião que você escolheu o transformou em uma pessoa melhor. Assim, seu pai entenderá que sua prática espiritual é algo positivo. Confrontar e forçar o outro a aceitar não é a solução.

Nathália: Gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não perguntei, mas que você acha importante falar.

Lavanda: O que eu poderia dizer....., é diretamente sobre mim mesma ou sobre o terreiro?

Nathália: Algo que você queira falar, algo que venha na sua cabeça.

Lavanda: Acho importante falar....., eu estou querendo construir. Não estou conseguindo.

Nathália: Não tem problema.

Lavanda: Sim, vamos lá, é rápido e.... É uma pergunta?

Nathália: Não, é livre.

Lavanda: Eu, lavanda, na minha vivência espiritual e na comunidade do terreiro, aprendi que não podemos desistir facilmente, nem mesmo daqueles que parecem ser nossos desafetos. Às vezes, encontramos pessoas que parecem sempre falar bobagens ou que não conseguimos dialogar de maneira construtiva. Porém, é exatamente nesses momentos que não podemos desistir. É nesse ponto que devemos praticar mais, movimentar a energia e mostrar que estamos aqui para todos, sem exceção.

Devemos tratar nossos irmãos com respeito e carinho, olhar nos olhos e não desistir deles. Já vi pessoas se despedindo e depois retornando, e entendi que é importante orientar, abrir-se e investir tempo com sinceridade e presença. Ao investir naqueles que buscam ajuda, nós não gastamos nada; ao contrário, contribuimos para que o que precisamos também se encaixe no nosso tempo.

Dentro do terreiro, somos socorristas, orientadores e exemplos. Apesar de termos nossos defeitos e cometer bobagens, devemos representar algo bom para aqueles que pedem socorro. Se alguém vem até nós, mesmo num dia ruim, precisamos acolher e ouvir com paciência e tolerância. Devemos praticar e aprimorar

essas qualidades dentro de nossa escola, nossa casa e nossa família espiritual. Com a prática constante, acabamos nos tornando mestres na vida, capazes de aplicar o que aprendemos no cotidiano.

Mesmo quando enfrentamos dificuldades, é importante lembrar que talvez só precisemos de um pouco mais de paciência e abertura para seguir em frente e ajudar os outros.

## LILÁS

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Lilás: Para mim, ser mulher significa empoderamento, especialmente na sociedade em que vivemos hoje em dia. Significa ter coragem, porque a gente sofre o tempo todo com as pessoas, às vezes até outras mulheres, falando sobre como a gente deve se comportar ou como os homens tentam nos rotular. Então, eu acho que ser mulher é ter coragem e isso é empoderamento.

Nathália: E o que significa ser mulher dentro do terreiro para você?

Lilás: Dentro do terreiro, ser mulher é ter coragem em dobro, porque envolve a parte da religião. Mesmo que não tenha muito a ver, ser de outra religião já é algo que pode levar a críticas e julgamentos, né? Então, dentro da tenda, a gente precisa ter muito cuidado com o que fazemos para não ser julgada. Mas, ao mesmo tempo, é uma oportunidade de revolucionar muitas coisas. É basicamente isso.

Nathália: O que é ser uma mulher parda no terreiro?

Lilás: Ser uma mulher parda no terreiro, só pensando. Olha, para mim, eu acho que não estou muito no direito de falar sobre questões de cor ou raça, nem nada. Não é que eu não entenda, mas é que eu não tenho muita experiência para falar sobre isso. Acredito que é mais sobre buscar entender e fazer a diferença, sabe? É isso.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Lilás: Então, isso interfere de forma positiva para mim. Porque o terreiro, né, tem a ver com as entidades e com a luz. Além disso, o trabalho tem muito a ver com o sagrado feminino, né? Tem o nome de Luz de Maria, então assim... Eu acho que, dentro do terreiro, eu me encontrei mais com minhas entidades femininas e passei a olhar para mim mesma com mais amor. Não é uma comparação com como eu me via antes, mas eu estou aprendendo muita coisa.

Nathália: Em comparação com outros lugares como casa, trabalho, você sente uma diferença de possibilidade de exercício do seu feminino?

Lilás: Não, eu acho que o terreiro é bem... como é que eu posso falar? Ele é bem livre, sabe? A gente pode ser quem a gente é. Lá dentro, a gente tem muito respeito, inclusive eu sinto muito respeito lá. Em comparação com fora, é mais difícil porque muita gente não respeita a gente por termos esse lugar de fala. Eu acho que dentro do terreiro, até mesmo os homens têm respeito pelas forças femininas, como a Pomba-Gira e as entidades mais velhas. Lá, o respeito é maior do que o que encontramos fora, onde nem sempre as pessoas entendem.

Nathália: Possuía uma família de sangue no terreiro?

Lilás: Não.

Nathália: Como você entende a família de Santo? O que significa na sua compreensão?

Lilás: Olha, a família de Santo, para mim, é essencial, faz muita diferença e tem uma grande importância na minha vida. Mesmo que eu não tenha afinidade com todos, eu sinto que há uma grande união e ligação entre nós. Por exemplo, se um irmão está mal, os outros também sentem. É como se todos fossem um só, uma conexão que une. Então, para mim, é muito importante, muito importante mesmo.

Nathália: E qual a relevância para você de ter uma mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Lilás: A relevância é grande. É muito importante ter uma mulher à frente hoje em dia, porque, geralmente, são os homens que estão na liderança. Ela entende mais a nossa realidade, sabe defender a gente. Então, eu gosto

muito disso e espero que ela continue assim.

Nathália: Fala um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Lilás: Vou começar pela Cabocla. Ela é bastante exigente comigo. Foi até difícil entender a energia dela porque ela é muito firme e séria. Eu não sabia se era mulher ou homem, mas ela tem uma intensidade que me passa a necessidade de ser disciplinada e de não desistir das minhas metas. Ela sempre fala sobre traçar um caminho e seguir até o final, sem desistir. Ela enfrentava questões de guerra e batalhas, e sempre saía vitoriosa, e isso me inspira a continuar.

Minha avó é uma entidade muito querida para mim. Ela me dá muitos conselhos e me ajuda a ser mais sábia, calma e tranquila. Ela me equilibra bastante, especialmente quando estou passando por momentos difíceis. Ela me fortalece e me ajuda a lidar com as emoções, algo que é importante para nós, mulheres.

Minha Pomba-Gira é quem está cuidando mais do meu lado de sagrado feminino. Ela me ensina a me enxergar de forma positiva e a ter mais confiança em mim mesma. Quando estou insegura, ela me dá um empurrão, mesmo que de forma direta e áspera, para levantar a cabeça e não me comparar com os outros. Ela tem me ajudado muito.

Nathália: E fala um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Lilás: Vou falar das entidades masculinas. Começando pelo Malandro, Miguel. Eu gosto muito dele e ele me ajuda bastante. Mesmo sendo homem, ele sempre diz que a malandragem é uma característica que as mulheres também devem ter. Ele me ensina a me impor e a não me doar demais para qualquer um. Ele é muito direto e me ajuda a impor respeito como mulher, especialmente porque, hoje em dia, muitas vezes somos mal interpretadas. Ele dá muitos conselhos e tem uma grande importância para mim. Ele ajuda a me manter firme e a não deixar que as pessoas aproveitem da minha boa vontade. Eu acho que ele tem um papel crucial em me ajudar a lidar com essas situações.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Lilás: Olha, eu acredito que há uma diferença entre as energias feminina e masculina, e isso não é algo ruim. Na verdade, é positivo, porque ambas são necessárias para equilibrar as coisas. Cada uma contribui de maneira única, e é importante que ambas estejam presentes e se complementam.

Nathália: Qual seria essa diferença e qual o papel que exerce na sua experiência?

Lilás: Eu acho que é um equilíbrio, porque todos nós temos o feminino e o masculino dentro de nós. Então, é importante encontrar esse equilíbrio. Às vezes, precisamos de mais ação, o que está mais ligado ao masculino, e outras vezes precisamos ser mais delicados e sábios, o que está mais ligado ao feminino. É sobre equilibrar o racional com o emocional para que tudo flua bem.

Nathália: Você joga cartas. Qual o significado do feminino e do masculino nas cartas para você?

Lilás: Eu acho que a diferença entre homens e mulheres é que os homens têm mais dificuldade em se abrir e lidar diretamente com as emoções. Eles muitas vezes preferem resolver as coisas sozinhos. Já as mulheres são geralmente mais abertas a falar sobre sentimentos e a buscar aconselhamento. Elas tendem a se aprofundar mais nas questões emocionais e estão mais dispostas a ouvir orientações para encontrar um caminho melhor.

Nathália: O que entende por sagrado feminino e qual a relevância na sua vida?

Lilás: Eu acho que o sagrado feminino é muito importante porque é uma conexão consigo mesmo, né? No caso, o feminino não tem só a ver com a gente como mulheres, mas também com a nossa espiritualidade e toda a nossa ancestralidade. Envolve reconhecer e respeitar a trajetória das mulheres que vieram antes de nós. Cada uma tem sua importância e história, e entender isso nos ajuda a valorizar quem somos hoje. Mesmo que não tenhamos recebido algo diretamente, essas mulheres são importantes porque contribuem para nossa formação, seja por questões de sangue, de regionalidade, ou outras. Agradecer e reconhecer o sagrado feminino é algo que vai além de nós mesmas e também nos ajuda a enxergar nossa própria grandiosidade como mulheres.

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Lilás: Eu passei por isso no meu antigo relacionamento. Ele era muito intolerante, e tivemos diversas discussões sobre isso. Ele não aceitava a minha fé e isso era muito ruim, porque você se vê questionada o tempo todo, sabe? Não que eu questionasse minha fé, porque sempre fui firme e convicto sobre isso, mas era muito difícil lidar com uma pessoa falando mal de algo que é tão importante para mim, que ajuda e melhora a minha vida. É muito triste quando alguém que você se importa faz isso. Hoje em dia, já não me importo mais com essas coisas, mas na época foi realmente doloroso.

Nathália: E você chegou a comentar com alguém da tenda, o caso?

Lilás: Não. Não, não.

Nathália: Alguém da tenda já chegou a conversar com você sobre alguma situação de intolerância religiosa que passou?

Lilás: A filha da [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] também passou por intolerância religiosa na escola. Ela enfrentou bastante dificuldade, e até chegou a sair de lá devido a isso. É realmente triste ver crianças passando por essas situações.

Nathália: Gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não perguntei?

Lilás: Acho que, no final das contas, se trata de reconhecer a grandiosidade e a magia que temos em nossas mãos. Precisamos entender que somos muito maiores do que imaginamos.

## **MAGENTA**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Magenta: Tá, ser mulher para mim é uma dádiva de Deus, poder acolher, poder gerar, poder ter esse dom de compreender e construir, vamos colocar assim. Para mim ser mulher é isso

Nathália: O que significa ser mulher dentro do terreiro para você?

Magenta: Difícil, ser mulher dentro do terreiro tem que ter autoridade, mas ao mesmo tempo tem que ter delicadeza, tem que ter generosidade, mas também tem que ter pulso firme. Vamos colocar que é uma mistura de sentimentos, mas é mais assim, posicionamento entre os irmãos, principalmente na ala masculina.

Nathália: O que é ser mulher negra no terreiro?

Magenta: É representar toda a minha ancestralidade que veio de muito longe e poder tá trabalhando com todo amor e com toda caridade. Isso é ser uma mulher negra no terreiro.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Magenta: Não interfere muito não, eu me cuido, sou extremamente vaidosa, para mim não interfere não.

Nathália: Em comparação com outros lugares como casa, trabalho, você sente uma diferença da possibilidade de ser mulher dentro e fora do terreiro?

Magenta: Sim, no trabalho eu trabalho com muitas mulheres. Eu trabalho em salão, na área de beleza então não interfere muita coisa não. Então não interfere muito não, dá para eu conciliar as duas coisas.

Nathália: Você possui alguma família de sangue no terreiro?

Magenta: Nossa, bastante, eu acho que tem quase uns 10.

Nathália: E quais são as diferenças e semelhanças com a família de santo? Dessa relação?

Magenta: Eu acho que a preocupação é maior. Quando tem família de sangue a gente pode, na da casa quem tem um grau um pouco maior não pode interferir muito. Eu posso auxiliar, mas não posso interferir diretamente como com os meus familiares de sangue. Até mesmo para eu não falar mais alto e atrapalhar o trabalho da própria entidade.

Nathália: E qual a relevância para você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Magenta: Ah para mim, para mim é muito especial né, para mim é mais fácil porque mulher sabe lidar com a outra, sabe mais ou menos quando uma está triste nos momentos de fragilidade, é mais fácil do que com pai de santo homem, orientador masculino. Que nem tudo mulher vai poder falar e você é vista com outros olhos.

Nathália: Você já foi de outra casa? Com Pai de Santo? A relação é diferente?

Magenta: Muito diferente, meu ex Pai de Santo era um ditador nato. A gente não tinha muita voz e tudo para ele tinha que ser do jeito dele. Não é do jeito que a Mãe Bianca coloca, explica. Dá essa oportunidade de ensinar e os filhos aprender, pelo menos a se defender sozinho em alguma ocasião.

Nathália: Fala um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Magenta: A [Cabocla] Jupira me dá força para consertar as coisas que eu quero. A [Pomba-Gira] Figueira é extremamente, não posso nem falar assim, mas acho que ela é extremamente destrambelhada, ela é o oposto do que eu sou um pouco, mesmo sendo brincalhona às vezes, mas ela é o oposto. Ela é.. Do mesmo jeito que ela ama muito, ela protege muito, ela também da porrada muito e depende muito de quem ela gosta de verdade, vamos colocar assim. A minha velha [preta-velha], nossa, é a minha sabedoria, meu porto-seguro, quando eu já fui muito levada, acho que ela sempre teve ali me amparando. Me levando sempre para o caminho do bem e isso me transformou, acho, nessa mulher que eu sou hoje. E a minha menina [ibejada] é a minha alegria que eu sou constante, aí de mim se eu não tivesse essa criança perto de mim que eu acho que eu entrego a vida do jeito que ela quer, pelo mesmo, tentar ser um pouco colorida.

Nathália: Fala um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Magenta: As minhas entidades masculinas, eu tenho o meu velho [preto-velho] que eu trabalho muito pouco com ele só no caso extremo mesmo. Meu Malandro que é herança de meu pai, ele me dá certo molejo, vamos colocar assim, me permite pressentir quando uma coisa não está indo muito bem, ele fica me cutucando né, para eu prestar atenção no perigo que passa estar vindo e o Tranca-rua [ Exú] tem pouco tempo que eu comecei a trabalhar com ele e ele sempre me ajudou muito também mesmo as vezes, na época eu não trabalhando com ele, ele sempre esteve muito presente na minha vida, me protegendo e protegendo muito a minha família, mas assim interferindo.... Acho que não interfere muito não. Mas ele assim, vamos supor, essa semana eu já começo a sentir um pouco a presença dele como vai ter a festa do Malandro no sábado, aí lá pra quarta ou quinta-feira, com certeza eles já vão estar mais próximos. Eu vou estar com a fisionomia um pouco mais fechada, vamos colocar assim.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia masculina e energia feminina?

Magenta: Sim

Nathália: Qual seria e qual papel que essas energias exercem na sua experiência?

Magenta: A energia feminina ela tem mais.. é mais acolhedora, vamos colocar assim, com os consulentes. A masculina é mais pau é pau, pedra é pedra. A feminina consegue sempre contornar e trazer uma palavra mais de apoio. A masculina não, a masculina é ali corrigindo o mais rápido possível e te mostrando o que você realmente tem que fazer sem dar muito rodeio. E meio sem melindre.

Nathália: E o que você entende por Sagrado Feminino e qual a relevância na sua vida?

Magenta: Sagrado Feminino para mim é a parte que a gente tem de mais importante, é toda a nossa ancestralidade, toda a nossa conduta, é todo o amor que a gente tem no feminino para passar para as pessoas.

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Magenta: Sim, no meu trabalho com uma coleguinha de trabalho.

Nathália: Você pode contar um pouquinho?

Magenta: Eu trabalho em um círculo de evangélicos certo, a dona é evangélica e algumas funcionárias também são. A minha Patroa sempre me respeitou, nunca foi intolerante, até escuta quando eu tenho alguma coisa para falar com ela, mas tem uma funcionária dela que, por não saber direito que eu era espírita, umbandista, ela foi no meu face, pegou a foto e foi mostrando para cada pessoa que trabalhava na loja que eu era macumbeira, aquilo me deixou, não constrangida, mas uma ira muito grande. Também não passou muito tempo não, antes de 15 dias ela já não estava trabalhando na loja, não sei por qual motivo. Não sei quem foi, mas alguém fez essa gentileza de tirar ela de lá.

Nathália: Você chegou a compartilhar com alguém do terreiro essa situação?

Magenta: Não não não, não precisa falar, tem certas coisas que a gente tem que agir. A intolerância só está do jeito que tá as vezes porque a gente ainda nos permitimos, vamos colocar assim, abaixar a cabeça para as pessoas que apontam e criticam. Quem aponta tem que saber o que está falando e tem muita gente que não conhece, para mim falar de uma religião, tenho que conhecer o profundo da religião e as pessoas não entendem isso, acha que o umbandista ou o candomblecista é adoradores do diabo, sabendo eles que todos nós temos os nossos próprios diabos, internos que eu acho que é o pior de todos.

Nathália: Alguém do terreiro já contou para você alguma situação, pedindo ajuda? Conselho?

Magenta: De intolerância não, ajuda sim, várias gente, por exemplo. Às vezes a pessoa não precisa nem pedir ajuda, às vezes só um abraço já é uma própria, um consolo para quem está precisando de ajuda.

Nathália: Mas alguma coisa que eu não perguntei que você acha importante falar?

Magenta: Não, não.

## **MALVA**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Malva: Ser mulher, resistência, empoderamento. É palavras ou frases?

Nathália: O que você preferir

Malva: Resistência, empoderamento, aprendizado.

Nathália: O que significa ser mulher no terreiro para você?

Malva: Repete a pergunta que cortou.

Nathália: O que significa ser mulher dentro do terreiro para você?

Malva: Entra na resistência também. Falando da nossa casa em específico, ser uma casa comandada por mulher, eu ainda acho que exista muito preconceito. Acho que nossa mãe, aos poucos, ela consegue tentar quebrar esses paradigmas, esses tabus. Mas entendo que é aos poucos. Então acho também que é um lugar de resistência e que a gente vai se inserindo aos poucos. É com os ensinamentos, com os estudos, com os posicionamentos, que eu também acho importante, né? É, não acho que tenha que ser isolado o ensinamento do posicionamento. Acho importante. Mas ainda acho que é um ambiente machista.

Malva: E o que é ser uma mulher negra no terreiro?

Malva: Ser mulher negra é um desafio constante, e essa resistência é ainda mais acentuada no contexto do terreiro. Enquanto mulher, o ato de resistir faz parte da nossa jornada, e ser mulher negra é resistir em dobro. Mesmo em um ambiente que cultua o sagrado e a cultura africana, ainda enfrentamos um cenário bastante embranquecido.

Acredito que é necessário inserir mais elementos da nossa negritude na prática do terreiro. Embora a Umbanda tenha suas raízes no kardecismo e na história de um médium branco, algumas das práticas e doutrinas ainda refletem uma perspectiva embranquecida que, hoje em dia, já não se faz tão necessária.

No meu caso, sigo a doutrina de Caboclo Mirim, que considero altamente embranquecida. Apesar de achar a disciplina de Caboclo Mirim extremamente importante e essencial para minha formação na Umbanda, sinto que o ambiente ainda carrega características de um passado mais racista e machista. Isso se reflete em alguns posicionamentos e na hierarquia dentro do terreiro.

É importante ter uma mulher à frente do terreiro, e nossa Mãe de Santo tem feito um trabalho valioso ao desafiar e quebrar algumas dessas barreiras. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer. A Umbanda que praticamos, especialmente a de Caboclo Mirim, continua a ser bastante embranquecida, e há necessidade de avançar nesse aspecto. A nossa Mãe, apesar de ser branca, é muito aberta ao novo e à escuta, o que representa um progresso significativo. Contudo, ainda percebo que o ambiente do terreiro precisa evoluir mais para se tornar verdadeiramente inclusivo e representativo da nossa negritude.

Nathália: E como o terreiro interfere no seu feminino?

Malva: Ah, foi fundamental. A maioria das minhas entidades são de energia masculina, mas minha Pomba Gira sempre teve uma presença marcante em minha vida. Desde o início, ela se revelou como uma entidade muito potente e significativa para mim. Ela desempenha um papel crucial no meu trabalho com o feminino, ajudando no amor próprio e na forma como eu me acolho e tomo decisões.

Minha conexão com minha Pomba Gira me permitiu compreender melhor a energia feminina, especialmente dentro do contexto do terreiro. A presença dela tem sido essencial para meu crescimento pessoal e espiritual, influenciando positivamente minhas escolhas e meu processo de autoamor.

Essa energia feminina, representada pela minha Pomba Gira, se tornou uma parte fundamental da minha vida, trazendo uma nova perspectiva sobre acolhimento e amor, e enriquecendo meu entendimento sobre o feminino.

Malva: Em comparação com outros lugares, como na sua casa, no seu trabalho, você sente uma diferença da possibilidade de ser mulher no terreiro?

Malva: Repete a pergunta.

Nathália: Em comparação com lugares como na sua casa, no seu trabalho, você sente uma diferença, uma possibilidade maior, mais livre ou mais fechada no exercício da sua feminilidade em ser mulher no terreiro?

Malva: Não, acredito que seja igual, não vejo nenhuma diferença.

Nathália: Você possui alguma família de sangue no terreiro?

Malva: Sim, o [nome ocultado pela pesquisadora para garantir o anonimato] é meu primo.

Nathália: E quais são as diferenças e semelhanças com a família de Santo na relação?

Malva: O terreiro foi fundamental para aproximar mais a mim e ao meu primo. Ele é meu primo de segundo grau, por parte da minha mãe, e nossa relação era pontual. Apesar de termos afinidade, não tínhamos tanta proximidade. Nossas mães, que eram primas, foram criadas como irmãs e eram muito próximas. Após o falecimento delas, nos distanciamos um pouco. No entanto, a espiritualidade nos uniu de maneira inesperada. Ele já fazia parte do terreiro e, ao ajudar na organização do novo espaço, me convidou para conhecer a casa. Sempre tive curiosidade sobre a Umbanda, mas nunca tive coragem de me envolver até então. Quando entrei na casa, imediatamente senti que, se um dia eu fosse me integrar a uma religião, seria ali. Ele nunca me pressionou a entrar; apenas me convidou para assistir. Depois que comecei a frequentar a casa e me tornei parte da comunidade, nossa relação melhorou significativamente. Hoje, ele é meu padrinho e nossa conexão é tanto sanguínea quanto espiritual. Ele é uma das pessoas em quem mais confio e me aconselha, e tudo isso foi possibilitado pelo terreiro.

Nathália: Por que você diz que você fosse entrar seria ali?

Malva: Minha afinidade com a organização desempenhou um papel crucial na minha conexão com o terreiro. Sou uma pessoa extremamente organizada e valorizo muito a harmonia visual e a ordem. No terreiro, tudo é

apresentado de forma clara e sincronizada, permitindo que até mesmo alguém leigo compreenda toda a ritualística sem dificuldade. Isso foi muito importante para mim.

A energia do lugar também teve um impacto profundo. Ao pisar naquele espaço e interagir com as pessoas, senti uma conexão imediata. A energia positiva e a atmosfera do terreiro tocaram meu coração de uma maneira que eu não esperava. Saí de lá sentindo-me renovada, como nosso pai de santo sempre diz, "saí melhor".

A experiência me marcou tanto que eu voltava para casa refletindo sobre cada detalhe da ritualística e da cambona. Tudo o que vivi naquele dia ficava em minha mente, e eu me pegava pensando e relembando tudo com entusiasmo. Essa sintonia e a energia vibrante me fizeram sentir que aquela era realmente a minha casa espiritual.

Nathália: E qual é a relevância pra você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Malva: Acredito que a escolha de entrar para o terreiro foi, em grande parte, influenciada pela nossa mãe de santo. Ela é uma pessoa maravilhosa e sensível, que traz a força do feminino e enfrenta o machismo com muita resistência e dedicação. Ela constantemente busca superar esses desafios por meio de estudos e convivências, promovendo uma mudança gradual, mas significativa.

Para mim, a presença de uma mãe de santo foi fundamental. Se eu tivesse encontrado um pai de santo com um rigor masculino, talvez eu não tivesse me sentido atraída pela casa. A figura feminina foi essencial na minha decisão de me unir ao terreiro. Ela é corajosa, humilde e muito aberta a aprender e a ouvir, especialmente as filhas e filhos negros dela.

Mesmo sendo branca, ela demonstra uma sensibilidade profunda e um compromisso em compreender e respeitar a cultura negra. A vontade dela de melhorar, aprender e se adaptar ao sagrado é notável. A potência que ela exibe como mãe espiritual foi evidente para mim desde o início, e isso foi crucial para a minha escolha de me conectar com a casa.

Nathália: E fale um pouquinho das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino, você chegou a falar um pouquinho da pombagira.

Malva: A Dona Rosa Caveira é minha pombagira e está presente na minha vida desde sempre. Desde antes de eu entrar para a Umbanda, eu sonhava com ela. Eu fui católica fervorosa por muitos anos e, na minha formação religiosa, a visão era muito binária: Deus e os santos os demônios. Eu aprendi a ver o que não conhecia como demônio. Quando a Dona Rosa Caveira se apresentou para mim, sempre em um ambiente de cemitério, eu sentia medo, pois minha compreensão estava condicionada a esse medo.

Há muitos anos, compartilhei esses sonhos com um parente espírita e ele sugeriu que eu deveria tratar isso. Assim, fui para o Kardecismo, buscando entender os sonhos, e acabei tentando fazer desobsessão para "tirar" minha guardiã de mim, sem sucesso. Com o tempo, entendi que a Dona Rosa Caveira é maravilhosa e extremamente importante para mim. Ela me ensina sobre disciplina, amor próprio, e a saber me posicionar. Ela me ajuda a não carregar tanta culpa e a me respeitar. Embora não seja uma pombagira vistosa ou vaidosa, ela é fundamental para minha vida.

Outra figura feminina importante para mim é a Cigana Dara, que traz uma energia nova e desafiadora. Eu não tinha muita afinidade com a energia cigana, e inicialmente, tive dificuldades em entender e me conectar com ela. A Dara é solar, alegre, leve e gosta de maquiagem, sendo totalmente diferente da Dona Rosa Caveira e de mim. Ela me tira da minha zona de conforto e me deixa desconfortável, mas esse desconforto é necessário para o meu crescimento.

Apesar de sofrer antes das giras com a cigana, por achar que não gosto desse tipo de energia, a Dara traz uma leveza e alegria que são transformadoras. Ela desmonta minha resistência e me faz sentir uma felicidade genuína. Essa sensação de leveza, esse brilho solar que ela traz é algo que eu sinto que preciso mais em minha vida. Embora o processo de se abrir para ela seja desconfortável, o que ela deixa em mim é incrível e necessário. A Dara e a Dona Rosa Caveira são figuras femininas totalmente diferentes, mas ambas são essenciais para mim.

Nathália: E fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Malva: Minhas entidades masculinas são o Caboclo Seu Pena Branca, que desempenha um papel importante no meu encorajamento. Ele me ajuda a manter a firmeza e a seguir em frente, mesmo com medo. Sempre que preciso de força e determinação, peço a presença de Seu Pena Branca para me apoiar e me dar a coragem necessária para não parar ou ficar parada.

Tenho também o Exu Porteira, com quem estou aprendendo a trabalhar mais recentemente. Antes, a presença constante de Dona Rosa Caveira limitava minha interação com ele, mas agora estou começando a

entender e aproveitar a energia do Exu Porteira. Ele atua na abertura de caminhos e na resolução de questões mais profundas, ajudando-me a enfrentar desafios internos e externos. Embora seja um Exu, eu acho seu trabalho mais leve comparado ao de outras entidades.

Finalmente, há meu Malandro, que é uma figura muito presente e intrigante em minha vida. Embora eu não tenha sonhos com ele como com a Pombagira, sinto uma forte e firme energia de malandro. Ele influencia minhas escolhas, decisões e personalidade, sempre me lembrando para não levar a vida tão a sério e para encontrar leveza em meio às dificuldades. Quem me conhece bem percebe a influência do Malandro, que contribui para a minha capacidade de enfrentar desafios com uma atitude mais descontraída.

No geral, minhas figuras masculinas são essenciais para meu encorajamento, ajudando-me a superar medos e a avançar com coragem, mesmo quando me sinto insegura.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Malva: Diferença total.

Nathália: É, qual seria essa? E qual o papel que essas energias exercem na sua experiência?

Malva: Eu falei um pouco sobre a influência das energias femininas e masculinas na minha vida. A energia feminina é marcada pela delicadeza e acolhimento. Estou aprendendo a me acolher agora, algo que eu não fazia antes. As minhas entidades femininas têm me ajudado muito com isso. Elas me ensinam a me valorizar e a olhar no espelho com confiança, dizendo a mim mesma que sou linda e maravilhosa. Elas me incentivam a cuidar de mim, a fazer coisas que me deixam feliz, como cuidar do meu cabelo e investir no meu bem-estar. Por outro lado, as energias masculinas são mais voltadas para a ação e encorajamento. Elas me dizem para não ficar parada, para ser forte e corajosa, e para enfrentar desafios com determinação. Se eu cair, essas energias me lembram que posso me levantar e seguir em frente. Assim, as energias masculinas trazem para minha vida força e potência, ajudando-me a manter a coragem e a firmeza em meus objetivos.

Nathália: E o que entende por sagrado feminino e qual a relevância na sua vida?

Malva: Algumas coisas estou aprendendo agora com o terreiro e minhas vivências espirituais. Sinto que preciso me aproximar mais e me afinar com essa potência feminina. Na nossa casa, há o sagrado feminino, que é uma imersão espiritual e uma experiência que preciso vivenciar. É algo novo para mim, porque, apesar de tentar não deixar o meu lado feminino de lado, sou naturalmente uma pessoa mais voltada para a ação. Muitas vezes, ajo mais do que penso, vivencio ou sinto. Estou em processo de aprender a lidar com essa dimensão feminina sagrada e com as experiências que ela traz, mas é um desafio novo para mim.

Nathália: Já passou pra alguma experiência de intolerância religiosa, racismo religioso?

Malva: Antes de entrar para a religião, o racismo era algo que eu sofria muito, mesmo antes de me apresentar como umbandista. Fui alvo de comentários pesados sobre mim, coisas que eu nem entendia na época porque desconhecia o assunto. Depois que me aprofundei na umbanda, entrei na religião com firmeza e segurança sobre o que eu queria. Hoje em dia, não dou abertura para esse tipo de situação. Pode até acontecer, mas agora eu sei me posicionar. Não sou espírita nem kardecista; eu sou umbandista. Quando falam de mim como macumbeira, eu respondo com orgulho, porque a umbanda é responsável por tudo que eu sou hoje. Não sinto vergonha nem medo. Se algum preconceito aparece, geralmente é mais velado, porque as pessoas sabem que, se se dirigirem a mim, eu vou rebater.

Nathália: Você já chegou a compartilhar algum caso dessa situação que você passou com alguém da tenda?

Malva: Não, eu nunca comentei não, porque eu tirei isso do meu coração e, sabe, eu eu não peguei pra mim não. Foi uma coisa que antes de eu entender sobre a religião, aquilo ali ficou doendo, que eu falei “nossa, como que alguém pensa que eu sou capaz de fazer isso?”, “Eu não sei nem do que se trata, mas depois que eu entrei eu falei, o que acham, o que deixam de achar?”. É um problema deles, eu não tenho nada a ver com isso, é sobre eles, né, sobre mim. Então eu nunca comentei... porque passou.

Nathália: E alguma pessoa da tenda já chegou a conversar com você sobre alguma situação de intolerância religiosa que passou?

Malva: Não tô conseguindo me lembrar de nada agora, não.

Nathália: Tem alguma coisa que eu não perguntei que você acha importante falar?

Malva: Não

## MARROM-OLÍVIA

Nathália: O que significa ser mulher pra você?

Marrom-Olivia: Então, ser mulher... Eu tinha dito primeiro como um símbolo de resistência, um símbolo de sobrevivência dentro da nossa sociedade. Ao mesmo tempo, Eu vejo ser mulher como o início de tudo. A gente precisa do útero, a gente precisa do feminino, daquela que gera, que planta. Então, eu vejo esse lugar feminino, esse lugar da mulher, como uma potência de geração, de criação.

Nathália: E o que significa ser uma mulher dentro do terreiro para você?

Marrom-Olivia: Olha... Em um espaço, assim, que a gente pode analisar que é extremamente machista, e aí eu não falo só especificamente da Luz de Maria, mas eu falo de uma maneira geral, instituições religiosas, é bem difícil, eu não sinto que é fácil, mas eu vejo em especial, num lugar em que a gente tem uma visão tão matriarcal, eu vejo como uma possibilidade, uma possibilidade de mudança, como uma possibilidade de potência.

Então, todas as vezes que, por exemplo, acontecem situações lá dentro do nosso terreiro que envolvam falas machistas, visões machistas, eu vejo algum tipo de intervenção em relação à Mãe. Então eu me sinto um pouco mais confortável, ainda que sabendo que esse seja um espaço que a gente vai ter a reprodução desses pensamentos machistas patriarcais, eu consigo me sentir um pouco mais potente, um pouco mais acolhida ali quando eu vejo que há outras mulheres que também estão preocupadas com essas questões e tal. Então, eu sei que há uma dificuldade como eu imagino que haja em outros lugares. Na outra casa em que eu estava também era a mesma situação, mas quando eu consigo ver mulheres nesse espaço e tomando conta desse espaço, eu consigo me sentir um pouco mais acolhida e com essa sensação de que dá para fazer diferente, sabe?

Nathália: O que é ser uma mulher branca no terreiro?

Marrom-Olivia: Olha, isso é... Isso é uma questão punk, assim. É... Inclusive, eu converso muitas vezes com outras mulheres brancas também sobre isso, porque... Eu preciso falar especificamente do Luz de Maria ou não?

Nathália: Pode falar em geral e depois na Luz de Maria?

Marrom-Olivia: Depois eu jogo pra casa, tá? Porque como eu era de outra casa, Eu tinha mais essas questões na outra casa do que na Luz de Maria. A gente está falando de uma questão racial aqui, e eu, como uma mulher branca, estando num espaço que é de resistência preta, de resistência indígena, eu preciso me colocar muito numa posição de pertencimento e, ao mesmo tempo, entender qual é o meu limite. Então, tem determinadas situações que me colocam para refletir sobre isso. Por exemplo, quando a gente tem que usar pano de cabeça, Quando tem que usar pano de cabeça, nossa, é uma puta questão pra mim. Porque eu fico assim, cara, é apropriação cultural. Ao mesmo tempo, outro dia eu tava conversando com uma amiga minha que é preta do candomblé, e aí eu tava conversando sobre isso. Ela é antropóloga, ela falou assim, Marrom-Olivia, mas esse é seu espaço também. Porque ainda que seja de herança preta, você tá dentro de uma religião, que cultua e que uma das práticas é você colocar o pano de cabeça. Num dia, por exemplo, uma sexta-feira só. Então, por quê? Por que você se sente tão assim, né? Nesse desencaixe e tal. Na outra casa, eu me sentia mais, porque era uma casa de predomínio branco. E pouquíssimo se discutia sobre matriz indígena, sobre matriz africana. Então, eu acho que não tinha muita... muito cuidado. E, na minha concepção, a gente precisa discutir sobre, a gente precisa pensar sobre, pensar sobre nossos lugares e tal na tenda. E aí, quando chego na Luz de Maria, ainda que eu tenha uma mãe de santo que é branca, que é mãe loira, eu vejo ela muito consciente desse lugar. Então, eu consigo ali me ver um pouco nesse lugar assim de é possível você ser uma mulher branca dentro da Umbanda, por exemplo, né? tendo as suas responsabilidades, inclusive raciais, e sabendo se colocar, inclusive, às vezes, numa posição de, eu não sei sobre isso porque eu nunca sofri isso, eu estou aqui para ouvir vocês, mas eu não sei sobre isso, eu não sou uma mulher preta do axé, eu sou uma mulher branca, que foi muito do que eu vi já em alguns estudos dela, e como eu tenho ficado mais próxima dela nesses estudos também, Eu estudo muito com a [nome omitido pela pesquisadora para preservar a identidade]. E aí, ouvindo as coisas que ela fala, então hoje eu consigo me sentir um pouco mais pertencente, mas eu estou sempre muito atenta. Eu acho que eu corro muito atrás assim, tipo, eu vou estudar muito, eu vou fazer isso, eu vou fazer aquilo. Eu estou sempre correndo atrás para não... Como se eu estivesse tomando cuidado para não reproduzir algum tipo de pensamento racista, que eu possa

reproduzir ainda que de forma naturalizada.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Marrom-Olivia: Cara, muito, muito, muito. Interfere muito. Eu acho que assim, eu vejo a nossa religião, eu vejo como uma possibilidade da gente ter um acesso ao nosso inconsciente, né? Conseqüentemente, ao nosso masculino e ao nosso feminino. O que outras religiões, como, por exemplo, sei lá, o catolicismo, né, que eu já fui pertencente quando era criança, sei lá, o protestantismo, são religiões que te podam muito. Eu vejo a Umbanda como uma possibilidade de você trabalhar muito o seu inconsciente, porque, se a gente for analisar as possessões, as incorporações, elas são frutos do nosso inconsciente também, elas são parte de nós. Então, eu vejo a... ali na Umbanda, uma possibilidade muito grande de trabalhar o meu feminino. E o meu feminino eu vejo em relação às relações. Eu não estou falando do feminino só daquele lugar estereotipado do cuidado. Não, estou falando das relações. E eu tenho percebido, ainda mais na escola de Mirim, que os graus impactam muito na nossa vida. É um absurdo. Então, a cada vez que eu tô num grau, num determinado grau, eu sinto o meu feminino sendo muito mexido. Por exemplo, agora, nesse quinto grau, nesse grau de emanjar. Eu sou de emanjar e eu tô na vibração de emanjar. Então, é quase que obrigatório. É quase que impossível eu não falar das relações nesse momento. Eu não falar, não. Eu não mexer as emoções. E as minhas emoções relacionadas muito ao outro, né? Então, eu acho que tá tudo muito alinhado. E eu percebo, principalmente depois que eu entrei pra casa, assim, e tendo mais consciência disso, Porque quando a gente está se envolvendo, sei lá, sem ter uma consciência, acho que a gente não percebe mudança. Mas depois que entrei para casa e fui estudar mais a escola de mirim, fui entender também a nossa hierarquia, como é cada grau e tal, que fui percebendo as mudanças. Eu fiz há pouco tempo, com a mãe, o Sagrado Feminino. Não sei se você já fez com ela. E é babado. E depois desse sagrado, eu já estava sentindo muito forte essa minha relação com o feminino. Comecei mesmo nas minhas relações e tal. E depois que eu fiz esse sagrado dela, parece que foi uma coisa que explodiu, sabe? E eu sou uma pessoa que... eu tenho muito o meu lado masculino muito à frente. O meu feminino não vem à frente, o masculino vem à frente. Então, preciso trabalhar muito, por exemplo, com o meu lado feminino quando vou mexer com as pombas giras. Tanto que hoje, na tenda, eu incorporo muito mais povo de rua, o lado feminino do que o lado masculino. Outro dia, o que eu intuí com o malandro foi assim, é porque você precisa muito mais das mulheres do que da gente, porque com a gente você sabe lidar, com elas você não sabe lidar. Então, eu tenho visto uma evolução muito bizarra em relação a essa minha relação com o feminino, mas não é confortável. Eu sinto que tá desenvolvendo, que tá mexendo muito, acho que é isso, tá mexendo muito Mas não é nada confortável para mim, não. Mas é importante.

Nathália: Em comparação com outros lugares, como na sua casa, no seu trabalho, você sente uma diferença da possibilidade de ser mulher no terreiro?

Marrom-Olivia: Sinto. Eu sinto muita diferença. Vou pegar em relação, por exemplo, ao trabalho. No trabalho eu tenho muitas dificuldades com essa questão do feminino, porque por mais que eu seja professora, eu trabalho numa área que é de pré-vestibular, de escolas particulares no nicho de pré-vestibular. E nesse nicho, esse nicho é um nicho muito masculino. O nicho feminino é muito da tia do fundamental. Em uma outra escola eu até estou nessa posição da tia do fundamental, mas a minha maior carga é com o pré-vestibular. E independente do colégio em que eu tô, do curso em que eu tô, porque eu já rodei alguns cursos daqui do Rio de Niterói, de Teresópolis, não importa o colégio em que você esteja, não importa o trabalho que você faça, sempre você é mulher. Antes de qualquer coisa, você sempre é mulher. Então, você sempre está numa posição do sensível, você sempre está na posição de ser aquela que não é suficiente, ainda que você faça muito mais. pensando em questões empresariais, burocráticas. Ano passado, o diretor abriu a planilha e mostrou que fui a única professora que nunca atrasou as correções de redação. Todos os outros professores homens atrasaram. Esse ano, quando torci meu pé, o diretor me chamou em uma reunião assediada, dizendo que eu estava fazendo um péssimo trabalho, que eu tinha que ter ido trabalhar com a perna daquela maneira. Ele viu no meu Instagram que eu tinha ido na festa de Ogum, e aí ele jogou isso em cima, falando, porque para ir para lá, para sua macumba, você teve perna para ir, para vir para cá, você não teve. A minha sensação é de que não é nunca suficiente. Não adianta o que eu vou fazer, nesses espaços que vão ser suficientes para eu ter uma imagem consolidada. E olha que hoje eu já sou uma pessoa que, dentro do mercado, já me posiciono, já passei por muitos lugares, já tenho uma oral mais alta, corrijo redação do Enem, corrijo redação da UERJ, sou de banca de concurso. Então, se for olhar o currículo, pura e simplesmente, tenho muito mais coisas do que uma gente que está lá. Mas não é suficiente, porque a questão de ser mulher está sempre à frente disso. Já na terreira, eu não sinto tanto isso, apesar de muitas vezes eu perceber que a postura de muitos homens, por exemplo, vou pegar principalmente homens, que a postura de muitos homens é de, às vezes, muito desrespeito em relação à minha figura como mulher, Tenho uma sensação de que, por ser um espaço que discuta um pouco mais sobre a questão feminina, principalmente por ter muitas mulheres, por ter muitas mulheres à frente, por terem muitas relações homossexuais, por

exemplo, Eu acho que tu não toma tanta força quanto toma, por exemplo, num espaço empresarial, sabe? Assim, por mais que eu saiba que tem, a minha sensação é de que não é igual e que eu consigo me posicionar mais ali, ainda que seja mulher.

Nathália: Possui alguma família de sangue no terreiro?

Marrom-Olivia: Não.

Nathália: Qual é a sua compreensão da família de santo?

Marrom-Olivia: Olha, hoje... Eu vejo... Hoje não, acho que eu sempre vi dessa maneira. E essa foi uma das questões, inclusive, de eu ter saído da outra casa. Eu vejo a família de santo assim... Tão potente quanto a família de sangue. É... Eu vejo relações muito parecidas de afinidade e, vamos dizer assim, de afeto e de desafeto, como a gente tem em uma família de sangue, de escolhas e de não escolhas, mas... eu tenho a Família de Santo como um espaço de segurança. Eu tenho essa sensação. Ainda que a gente não se dê com todo mundo ali, que eu acho que é impossível mesmo, eu vejo a Família de Santo como um espaço de segurança, como um lugar que eu consiga correr quando der merda, que eu me sinta acolhida, que eu tenha um pouco mais de voz. E isso não foi o que aconteceu muito, por exemplo, na minha outra casa. Na outra casa era uma casa pequena, tinha mais ou menos 30 pessoas. Só que eram famílias de sangue e uma ou outra que não era família de sangue. Só que as pessoas não se tratavam como família de santo lá dentro. Elas se tratavam como famílias de sangue e os avulsos ficavam avulsos. Então, eu sempre me questioneei sobre... Eu não acho que é assim, eu acho que está errado. Eu acho que não é dessa maneira, que isso aqui deveria ser um coletivo. E aí, quando eu vou para casa, quando eu entro na Luz de Maria, eu vejo muitas questões também que eu não concordo. mas tenho essa sensação de coletivo, tenho essa sensação de acolhimento, principalmente em relação à figura da mãe. Acho que a figura dela é muito acolhedora e só a possibilidade de nomeá-la como mãe, como mãe de santo, já traz uma relação muito mais afetiva do que comandante. Comandante é muito militarizado. essa sensação de uma maior proximidade. E essa proximidade foi o que me possibilitou criar afetos mais próximos, que eu não tinha, por exemplo, na outra casa. Hoje, com muito menos tempo, eu tenho muito mais relações e proximidade com pessoas dali da casa do que eu tinha na outra.

Nathália: Qual a relevância para você de ter uma mãe de santo mulher na frente do terreiro?

Marrom-Olivia: Importante. Eu acho que, assim, faz muita diferença. Faz muita diferença. A outra casa em que eu era, era um pai de santo. Acho que vai esbarrar em algumas coisas que já falei. Essa relação matriarcal, essa relação com a figura da mãe. Mãe não é pai, sabe? Mãe não é pai na família de sangue e mãe não é pai na família de santo também. Ainda que seja o pai de santo, tem a diferença do feminino ali, da ideia de ser aquela que agrega, de ser aquela que cuida. Ainda que a gente crie expectativas sobre esse feminino, que ela também não vai, obviamente, corresponder a todas e nem tem. A figura de uma mulher ali me traz uma sensação de muito acolhimento e, principalmente, de muita potência. Porque é como se eu estivesse me vendo ali no espelho. Eu me vejo muito nela. Eu me vejo nela em... em várias situações, não só pelo fato de ela ser uma mulher, mas pelo fato de ela ser uma mulher branca dentro da Umbanda, pelo fato de ter sido uma mulher que também saiu de um terreiro – eu era dez anos do outro terreiro –, que também saiu de um outro terreiro, que rompe para criar uma outra história, para criar uma nova trajetória, e de muita potência. Não é só o fato dela ser uma mulher, mas é de tudo que ela representa ali pra mim e que eu me vejo nela, sabe?

Nathália: Fale um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Marrom-Olivia: Menina é babado. Eu vou falar de três. Eu vou falar das duas pombas giras e eu vou falar da cigana. Qual você quer que fale primeiro? Tem alguma ordem?

Nathália: Não, fica à vontade.

Marrom-Olivia: Eu vou... Já sei o que eu vou fazer. Eu sempre que incorporei o povo de rua, eu sempre incorporei uma pombagira. Desde que eu desenvolvi na outra casa. E na outra casa era um pouco diferente, porque eu tinha... A gente fazia, o que a gente faz hoje nos graus de juramentar, a gente fazia no terreiro, na função de terreiro. Só que o terreiro lá, você ficava seis anos de terreiro, sete anos de terreiro. Então, a transição de grau é muito diferente. Porque eu fiquei muito tempo até arriscar o ponto do meu caboclo e da minha Preta-Velha. Acho que vou falar da Preta-Velha também, porque senão é sacanagem deixar ela... E aí, beleza. Quando eu comecei a desenvolver essa parte de Exu, eu fui fazer um jogo no Candomblé, e o pai de santo falou assim, essa sua mulher está muito presente, está muito presente e tal, e aí ele perguntou se eu já sabia o nome, eu

falei que eu tinha um nome na minha cabeça e tal, eu achava que era ela, e aí ele jogou ela no final, que era Dona Sete Catacumbas. E desde então é ela. Ela é uma entidade que me traz uma sensualidade, ela mexe com o meu feminino em relação, por exemplo, à minha imagem, à minha relação com o outro, mas assim, não chega a ser da sedução, mas é da minha autoestima, de eu me sentir potente em relação ao mundo, né? E ela me traz isso. Eu sempre tive essa relação com ela, assim, de quando eu não tô com a autoestima boa, e eu sempre tenho muitas questões com a minha imagem, Eu trago ela, eu converso com ela, né? Então, ela me traz essa questão da imagem. Há pouco tempo, ela me deu a história dela inteira. Eu tinha ido... Sei lá qual que foi a gira. Foi em junho, foi em junho, no mês da Padilha. Eu tinha ido pra alguma gira, voltei, tava conversando com a [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] no WhatsApp, E aí comecei a passar muito mal, minha cabeça começou a ficar muito azucrinada, assim. Eu assim, pô, acabei de voltar do terreiro. Como assim? O que tá acontecendo? Peguei um caderno, comecei a escrever. E aí ela me conta a história dela toda, assim, de ter sido uma... Depois, se você quiser, ela até te manda o textinho que eu escrevi. É... Ela... Ela era uma mulher casada. tinha um filho, ela sofria muitas violências do homem com quem ela se relacionava e, ao mesmo tempo, ela era uma mulher que escondia outras mulheres nas catapumbas. Ela escondia mulheres dentro do cemitério para que os homens não matassem as suas mulheres, escondia essas mulheres de violência. E aí parece que ela se apaixona por um homem perdidamente e ela perde o rumo da vida dela. E ela encontra uma feiticeira e a feiticeira pede para que ela entregue o que ela tem de mais puro para ela poder ficar com aquele homem. E ela entrega o filho. Eu não me lembro direito, depois tenho que ler de novo, mas é um negócio que a casa depois pega fogo e ela morre queimada. E ela mata o marido, é um negócio meio pesado, sabe? Mas me deu uma potência saber com quem eu estou. Só que com ela eu lido muito bem, apesar dessa história toda, com ela eu lido muito bem. E aí tem... Ano passado, numa gira fechada de Exu, u já estava sonhando com uma outra mulher, que estava meio estranho, meio estranho, não estava entendendo, eu achei que era uma Maria Mulambo, mas deixei aquilo baixo, falei, eu não vou ficar falando para ninguém, porque depois vão ficar falando que eu tenho santo a beça, que isso e aquilo, o pessoal é maldoso, e vai que não é, e eu vou tomar na minha cara. E aí, nesse dia, foi dia 2 de novembro, foi 2 de novembro? Sei lá, foi mais de uma fechada que teve. A Dona Sete veio, mas eu não estava sentindo uma conexão incrível com ela, e depois a [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] e a [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] até falaram para mim, Marrom-Olivia, “você não estava com a cara da Dona Sete”, porque quando eu estou com ela, já próxima, eu fico diferente. A minha sensação é de que a energia já está ali. E não era isso. As meninas falaram, tanto que elas falaram isso para mim. “Nossa, você não está com a cara da Dona Sete”. Falei, claro que eu estou. Eu já querendo negar um pouco isso. Então, de repente, num determinado momento, a Dona Sete chega pra [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] e manda a [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] ir arrancando tudo. E ela vai tentando arrancar, assim, as coisas. Aí a [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] “não, deixa que eu vou tirar”. E a [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] era a minha cambona na época, né? Aí ela tirou. Aí ela falou assim, agora vai vir a outra. Aí a [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] já ficou assim, né? Vai vir outra? Que outra é essa? E aí... Ela vai para a lixeira, as lixeiras que tem ali na frente do terreiro, e de repente desce uma mulher louvando a lixeira. E eu por dentro assim, os divertidamente enlouquecidos. Porque você sai de um glamour todo e você vai para o lixo, literalmente. E depois ela dá o nome dela, como Maria Mulambo da Lixeira. E assim, ela me deixou desfigurada. E as pessoas depois, aí tem isso também, as pessoas depois comentavam, falavam assim, nossa, você ficou horrível com aquela mulher. E aí assim, porra, você tá mexendo com a sua imagem. Eu acabei de sair de uma figura feminina que é incrível pra mim, que me deixa linda, que me deixa grandona. E vem uma outra e começa a trabalhar no lixo. E aí eu comecei a ter muitos sonhos com ela e entendi que elas são assim, como tipo Yin e Yang, sabe? Uma trabalha o meu externo, a minha imagem, a minha autoestima E a outra vai nas profundezas mesmo, e ela vem em momentos pontuais Eu, inclusive, na terapia, tenho trabalhado muito com a figura dela, porque eu tenho muita dificuldade de aceitar ela, muita dificuldade. E outro dia, minha terapeuta até falou assim, sabe quando é que você vai ficar bem? Quando você acolher a sua Maria Mulambo. Porque se você não acolher ela como parte do seu inconsciente, da sua vida, ela vai ficar te enfiando nessas roubadas que você tá se enfiando. Eu falei assim, nossa, total. Aí comecei a tentar, sabe, um pouco mais, mas é desconfortável. Ela é uma entidade que me gera muito desconforto por uma questão de imagem, sim, mas porque ela mexe nos meus lixos emocionais, ela mexe no que tem de mais profundo meu, sabe? E numa última consulta que teve, da última gira, agora que teve de Exu, quem veio foi a Mulan. Só que eu tinha comprado... A roupa que eu uso é a mesma blusa para as duas e a saia da Mulamba é uma saia de R\$50,00, que eu comprei numa loja da Mulamba. Parece que eu estou dando uma lixeira. Só que a blusa ficou ruim e eu falei assim, quer saber? Vou investir. Comprei um daquele orçê bonito. Falei, vou comprar o corset e o corset é para as duas. E quando eu botei o corset e a roupa dela, me senti um pouco melhor. Então, assim, a minha imagem estava menos desconfortável ali. E aí, numa coisa que teve, numa... Ai, meu Deus, numa conversa, numa consulta, a Mulambo chega, eu não me lembro da pessoa, não me lembro de nada. Eu só me lembro que ela diz assim, você... Eu vou te dizer uma coisa, se eu te desse uma coisa muito valiosa pra você esconder, onde é que você esconderia? Fala pra mulher lá. Onde é que você esconderia? A mulher falou, não sei, ela falou, eu

tenho que esconder no lixo. Ninguém procuraria o tesouro no lixo. Ninguém procura o tesouro no lixo. É isso que eu tenho para te dizer. O seu tesouro está no seu lixo. Então, você tem que ir lá no lixo e buscar o seu tesouro. Só que ela deixa isso. Nas consultas, o que acontece é que eu só lembro do que serve para mim. Para mim, Marrom-Olivia mesmo. Em um outro dia, eu lembrei disso. Lembrei disso. E eu tive um sonho de que ela me dizia uma parada meio assim, tipo assim, eu sou feia, essa coisa da imagem, eu sou feia porque eu quero, porque eu me escondo no lixo, eu não sou assim. Então, eu comecei a entender que a beleza dela eu só vou conseguir ver inclusive, pensando em mim externamente, quando eu criar essa intimidade com ela, porque até então ela vai continuar se camuflando no lixo. Aí que eu comecei a entender essa coisa mais profunda. Então, amulando ela, vai nas minhas profundezas mesmo.

E aí, a Cigana e a avó. A Cigana, ela... Ela é muito nova para mim, porque na outra casa eu não trabalhava com povo cigano. Então, a primeira vez que eu recebi a cigana, que eu achava que eu nem tinha, foi na primeira gira cigana que eu fui. Ano passado? Acho que foi início do ano passado. Acho que eu fui a quatro giras ciganas, deve ser isso. Teve duas e duas, e vai ter duas. Foi por aí. E aí eu recebi essa cigana, E a minha primeira sensação era de que assim, meu Deus, eu não tô conseguindo me movimentar direito, porque ela é muito lenta, muito lenta, mas muito lenta mesmo. Aí fui me afinando, me afinando com ela, e ela começou a me mostrar coisas, começou a me mostrar as cores, aí trabalha com uma cor lilás, coisa de transmutação, Trabalha com ametista. Aí foi me dando origem, né? É uma origem mais indiana. E aí eu fiquei com lua na cabeça. Foi ano passado, na segunda gira que teve. Lua. Aí eu falei, pô, lua? Aí fez sentido e tal. Aí... De repente, eu tive um sonho, início desse ano, com o nome Chandra. E aí eu, porra, é Chandra ou é Lua? É Chandra ou é Lua? É Chandra ou é Lua? Fui pesquisar o que era Chandra. E aí eu descobro que Chandra é lua e indiano. Aí eu fiquei assim, puta que pariu, meu Deus. E tem uma deusa, né, que se chama Chandra lá já. É... E essa cigana com quem eu trabalho, ela me traz uma serenidade, uma paz que eu não tenho. Eu sou muito agitada, eu sou muito ansiosa, muito pra frente. E quando eu preciso dessa paz, é a ela que eu preciso recorrer. Eu me esqueço muitas vezes, tá? Vou ser bem sincera com você, eu acho que sou um pouco negligente em relação ao povo cigano. Mas é a ela que eu tenho que recorrer. Então, eu já consegui entender que ela é quem me traz um pouco dessa calma, dessa serenidade. Também mexe um pouco com o meu feminino, porque mexe com a questão da lua. E aí eu fui estudar um pouco as fases da lua pra poder entender essa relação e tal. Mas eu acho que, assim, ainda preciso de mais conexão E também acho que a nossa casa ainda não tem tanto essa conexão a ponto de a gente conseguir ir desenvolvendo um pouco mais, né?

E a Preta-Velha, ela é assim, ela é muito bizarra. Eu desconfio que ela possa ser, inclusive, a minha mentora espiritual. É como se ela fosse... Assim, eu sinto ela muito presente, muito presente. E aí eu já não consigo vê-la como tanto parte de mim só, sabe? Eu vejo ela muito como alguém que me cuida, como se fosse uma avó mesmo. Uma mãe, uma avó, uma tia. Tia não, acho que uma avó ou uma mãe. Que tá ali me orientando muito, sabe? É a ela que eu recorro quando estou mal. É na firmeza dela que eu sento e choro pra caramba, que eu acendo a minha vela, que eu converso, que eu peço calma, que eu peço serenidade. Então ela é como se ela fosse uma grande conselheira. E é muito interessante porque eu acho que por eu me dar, me abrir muito para essa falange, eu acho que eu consigo ter uma relação melhor com ela, sabe? E aí eu escuto ela, por isso que eu acho muito que ela pode ser minha mentora, porque eu escuto as coisas que ela me diz, eu consigo ter muita clareza das orientações dela. Então, eu vejo ela como mesmo uma mais velha que está o tempo todo me tomando conta e que está ali para me acolher, independente do que eu vá fazer, ela está ali para me acolher. E é uma relação mesmo bem materna. Me lembra muito, inclusive, a minha relação com a minha avó de sangue, que já morreu, mas que tinha esse acolhimento todo. Falei pra caramba.

Nathália: E fala um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Marrom-Olivia: No meu feminino? Interessante. Eu tenho algumas entidades masculinas. Eu tenho caboclo, Meu caboclo de trabalho é um homem. Eu tenho o Exu, que é o caveira. Tenho o malandro. O boiadeiro eu não consigo ter uma noção ainda. E o marinheiro também tenho pouca afinidade, porque eu não trabalhava muito na outra casa com ele, mas acho que vou trazer esses três. É interessante porque o meu Exu, eu pouco trabalho com ele, mas o meu Exu vem em momentos muito pontuais. Ele é uma força para mim muito pesada. Ele não é uma entidade que eu ainda consiga trazê-lo e girar só com ele. Eu não consigo. Ele vem, faz um trabalho específico e vai embora. Mas ele não é desconfortável para mim, é interessante isso, porque ele não é desconfortável, assim, como muitas mulheres ali têm, de tipo, ai, vou ter que trabalhar com esse, esse aqui. Eu não tenho essa relação com o masculino. Eu lido bem, mas o que eu tenho dificuldade é de lidar com a energia densa dele de caveira mesmo. E aí já conversei com outras pessoas. Quem trabalha com essa falange de caveira também tem essa sensação de que é tudo muito pesado. Então, eu não acho que seja uma questão de masculino ou de feminino nesse caso. Mas ele pouco vem. Ele vem, faz o trabalho dele pontual.

O malandro já vem um pouco mais. É... Mas eu tinha alguns tabus, sim, com masculino em relação ao malandro, por exemplo. Tanto que na outra casa, quando eu recebia malandro, eu... Eu recebia poucas vezes e eu tinha a sensação de que assim, eu não dava passagem também. Acho que era um tabu, assim, meu. E, ao mesmo

tempo, quando eu recebia, eu achava sempre que era um malandro do meu irmão. Eu ainda tinha uma crença muito limitante de que eu não conseguia... Que aquilo não era meu, sabe? Então, eu tive esse entrave com o malandro. Até que, na luz de Maria, eu começo a permitir que ele venha mais. E aí ele trabalha numa linha muito parecida com a linha do meu caboclo, que é na vibração de cura. Esse meu malandro não tem nada de lapa, não é da lapa. Ele é um juremeiro. O nome dele é Zé Juremeiro. Ele trabalha com uma energia de cura, de cura de terra, do chão batido mesmo, da cachaça, aquela coisa bem interiorana. E o meu caboclo é curandeiro, ele é um curandeiro e também trabalha nessa linha de cura. Acho que essas entidades masculinas minhas elas me trazem um espaço muito de conforto em relação ao masculino, mas especialmente como se fosse assim, como o meu masculino ele já é muito muito aflorado, muito mais aflorado do que o meu feminino, das relações e tal, porque eu sou muito, vai, faz, e isso, e aquilo, e menos assim do, não, não vou sentir muito isso aqui, não, não, vou guardar isso aqui. Eu sinto que com eles eu não tenho tanta dificuldade de lidar, não tenho tantas questões, apesar de eu ter tido essa com o malandro, mas eu vejo muito mais como crença limitante do que dificuldade com o masculino.

E acho que eles me auxiliam muito no sentido de assim, é como se eles estivessem, muitas vezes, saindo um pouco de cena para que as minhas entidades femininas trabalhassem mais. Isso só ficou mais consciente para mim quando, numa dessas giras aí, eu fiquei assim, sou eu que estou negligenciando o meu malandro? ou realmente ele não vem tanto mesmo, né? E aí ele me deixa isso, assim, na cabeça de... É porque você precisa se ajustar muito mais com elas do que com a gente. Então, a minha sensação é, quando... Se é que isso vai acontecer, né? Mas quando isso se ajustar mais, eu vou conseguir ter uma relação ali mais equilibrada com as entidades masculinas e com as entidades femininas. Mas o caboclo em especial, acho que ele é muito potente, ele é grandão. Não consigo nem vê-lo como masculino ou feminino. Vejo ele como um ancião, um pajé mais velho que está ali. Outro dia, eu estava estudando, E aí eu vi um rolê de que existiam muitos pajés que eram trans, que transitavam ali entre o masculino e o feminino. E eu tenho... Não era... Não tem nada a ver com, tipo, acho que o meu caboclo já é trans, não é nada disso, mas eu acho que essa entidade em especial, ela consegue mexer com o meu masculino e com o meu feminino ali, como se fosse um só, sabe? A altivez que eu consigo ali com ele é um absurdo, é um absurdo. Então, assim, eu acho que eles me ajudam muito. e que tem um respeito muito grande em relação ao que cada um vai fazer ali dentro do meu trabalho. Não sei se ficou claro ou se ficou confuso.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Marrom-Olivia: Como é que é? Fala de novo, não entendi.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Marrom-Olivia: Se eu acredito que existe? Sim, acredito.

Nathália: Qual seria essa e qual o papel que essas energias exercem na sua experiência?

Marrom-Olivia: Pra mim, a energia feminina vai mexer com as minhas emoções. Não só as minhas, mas pensando em mim. Ela vai mexer com as minhas emoções, ela vai mexer com as minhas relações, a minha relação com o outro, com a minha sensibilidade, com a minha imagem. Eu já vejo a masculina como o lugar da ação, da estratégia, do pensar. de um distanciamento, de você conseguir ali, que eu acho que faz parte da estratégia mesmo, de você conseguir se distanciar e olhar para a situação como um todo, se sair um pouco daquilo. Acho que é isso.

Nathália: E o que entende por sagrado feminino e qual a relevância na sua vida?

Marrom-Olivia: Olha, eu acho que eu entendo pouco, eu sei pouco de sagrado feminino, mas... Eu vejo, principalmente depois que eu fiz esse sagrado com a mãe, eu vejo o sagrado feminino como ele sendo quase que uma energia meio vital, sabe? Eu não acho que ele mexe só com as relações, que ele mexe só com o meu feminino, que ele vai mexer com... com a minha questão de fertilidade, eu acho que ele mexe com a minha energia vital mesmo. E isso foi muito forte porque, por exemplo, no dia que eu fiz o sagrado com a mãe, que eu olhei para o azulejo preto lá da casa da Padilha, Eu vi as velas que a mãe colocou, eu vi aquela vela como se ela fosse, sei lá, uma flor de lótus aberta. E aquela flor de lótus estava bem na minha posição do chakra sexual. E aí eu olhei para aquilo ali e falei assim, nossa, parece que eu estou sentindo uma energia de vida, não é só uma energia de... Ficar bem comigo mesma, de imagem, de autoestima. Porque a gente tende a associar muito o sagrado feminino a essa coisa da sensualidade. Eu sei que também é, mas eu acho que ela é consequência de uma energia vital, de você estar viva. E eu senti isso. Eu senti a ponto de chegar em casa e ter tido escapamento menstrual. E eu não estava menstruada. Eu mandei até mensagem para a mãe. Falei, mãe, o que é isso? Ela falou

assim, é porque movimentou, movimentou. E eu tive essa sensação de, depois do sagrado, a maneira como eu estava olhando para mim como vida, como uma potência de vida, fez muita diferença, inclusive para as pessoas em relação a mim, para as pessoas me valorizarem, me olharem, não só de desejar, mas de parecer que eu estou mais presente. A minha sensação foi de que eu estava mais visível porque eu estava ali, eu estava mais presente, eu estava mais viva. Eu comecei a associar muito o sagrado feminino com essa vitalidade mesmo.

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Marrom-Olivia: Olha, já. Eu... Já foram algumas situações, mas eu vou falar dessa última, agora que eu achei que foi... Foi escrota, sabe? Foi pesada. É essa do assédio do diretor. Ele recebeu um print de uma aluna. O meu Instagram é aberto. Eu mexo com redes sociais também. Então, eu vou fazendo vários testes na minha rede para poder depois ir fazendo na minha página de redação. E aí tem alunos que me seguem no meu pessoal. Nada do que eu coloco lá é alguma coisa que vai impactar. Não coloco nada de absurdo, mas para um espaço em que a gente tem uma galera que é protestante para caramba, que é preconceituosa, que tem várias crenças limitantes, é conservadora. Essa aluna pegou, uma aluna do terceiro ano, tirou um print da minha foto indo para o terreiro, com a perna machucada, e mandou para o diretor. Eu não sei qual é o objetivo. Eu imagino qual tenha sido, principalmente em relação a... Eu não estou tendo aula, mas ela está lá se divertindo, sei lá. Mas eu não sei se isso teria acontecido, se tivesse sido num culto, se isso tivesse sido numa igreja. Eu não sei, sinceramente. Eu acho que intrinsecamente está ligado, sabe? E aí, nesse dia, o diretor vem e fala para mim, falou, ah, porque você teve perna para ir lá para o seu terreiro e você não teve perna para vir trabalhar. E aí, eu falo para ele assim, bom, primeiro que... Não te cabe. Não te cabe você trazer isso aqui. Não te cabe você trazer a minha religião aqui. Não, não estou trazendo a sua religião porque eu já fui a Macumba. Não, não te cabe. Você jamais deveria estar me questionando aonde é que eu estou indo no meu terreiro. Você não tem nada a ver com isso. Aí não, mas você foi lá. Você sabe o que é eu ir lá? O que para mim significa eu, com uma perna quebrada, ir ao meu terreiro? Você sabe o que isso pode significar? Quando você está doente, você não vai a um hospital? Isso para mim pode ser a mesma coisa, para mim pode significar a mesma coisa. Então, não te cabe você vir falar isso para mim. Até porque você está comparando um trabalho em que eu tô, inclusive, de atestado, não poderia jamais estar trabalhando com a perna quebrada e você tá comparando com o meu terreiro. Não tem nada a ver com isso. Você não sabe nem como eu fui. Você não sabe quem me levou. Você não sabe se eu fui obrigada. Você não sabe, então não te cabe ali, não. Mas eu não tô falando do seu terreiro. Aí entrou numa lógica, assim, de não, não é nada disso. O que é isso? Deixa disso. Tem até uma discussão, sabe? E assim, as pequenas intolerâncias do dia a dia. Eu tenho algumas tatuagens e aí os alunos ficam perguntando e torcendo o nariz. Quando eu uso, por exemplo, um colar que tem uma figurinha da preta velha, eu reparo os olhares. Mas eu acho que o mais recente, que foi mais grotesco, foi esse... Foi esse caso mesmo.

Nathália: E você chegou a comentar com alguém do terreiro sobre essa situação?

Marrom-Olivia: Comentei.

Nathália: Qual foi o conselho, a atitude, como você se sentiu compartilhando?

Marrom-Olivia: Sim, a... A minha sensação... Eu tava com muita raiva, né? Então, a minha sensação depois foi de um pouco de alívio. Depois que eu conversei. Isso eu cheguei a levar pra terapia também, né? Eu cheguei a conversar com a [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade]. Cheguei a conversar com a [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] sobre isso. Conversei com a [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] também. E... Mas é engraçado porque nenhuma delas ficou indignada, sabe? Então, só configura que aquilo ali é muito naturalizado, né? É muito comum. a nossa realidade. E eu acho que tem situações também que a gente acaba se podando de, por exemplo, você tá falando isso, mas eu e a [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] a gente volta sempre juntas. A gente tem muito receio de falar as coisas dentro do Uber, muito receio. Ela tem menos do que eu. Às vezes eu dou uma cutucada nela, tem uma bíblia assim em cima da mesa. Da mesa não, do carro, né? Eu dou uma cutucada nela e ela... Porque a gente tá voltando 10, 11 da noite, as duas sozinhas. A gente não sabe o que pode acontecer. Sair com o uniforme, essas coisas do tipo. Igual o dia que a gente teve que sair de Oxalá com pano de cabeça. Eu falei, gente, eu não vou com pano de cabeça de Uber. Eu não vou com meu pano de cabeça, porque eu não sei o que esses homens vão fazer comigo. Então, assim, a gente vai se limitando muito. Mas eu entendo que não é especial comigo, eu sei que é coletivo.

Nathália: E alguém do terreiro já chegou a compartilhar com você algum caso de intolerância religiosa que sofreu?

Marrom-Olivia: Já, já sim. A [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade], a [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade], as duas já chegaram a conversar comigo sobre sim.

Nathália: Tem alguma coisa que eu não perguntei, mas que você acha importante falar?

Marrom-Olivia: Não

## **PRATA**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Prata: Ah ser mulher, eu tô falando de mim, tem que ser positiva em muitas coisas da vida, mesmo que você já sofreu você não pode deixar o sofrimento tomar conta de você. Você tem que superar ele em tudo na sua vida, na vida amorosa, na vida material em termos de dinheiro, entendeu? Eu me acho uma mulher que, eu vou te falar, já sofri muito na minha vida, tipo uma mulher foda. Eu me acho assim.

Nathália: O que significa ser mulher dentro do terreiro para você?

Prata: O terreiro para mim é uma parte que eu amo muito tá, eu amo estar ali dentro e o que eu sei passar para as outras pessoas, sei ter humildade primeiramente na nossa vida para a gente superar... Tu me fala se eu estou fazendo coisa errada aí.

Nathália: Não, não está não.

Prata: Superar... Não é isso não meu Deus, é... poder ajudar as pessoas lá dentro, entendeu?

Nathália: O que é ser uma mulher branca no terreiro?

Prata: Uma mulher branca?... Representa muita coisa né, apesar de que eu não gosto da minha cor não, eu gosto da cor preta, mas representa muita coisa ali dentro né, assim de... em termo de ajudar as pessoas. Ajudar a quem não sabe, dar uma boa palavra amiga.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Prata: Ah interfere... Vou falar uma coisa para você, interfere em muitas coisas boas na minha vida, o meu lado feminino. Mesmo eu sabendo receber algumas entidades homem, mas na minha vida o lado sagrado feminino é muito importante na minha vida.

Nathália: Em comparação com outros lugares como casa, trabalho, você sente uma diferença da possibilidade de ser mulher dentro do terreiro?

Prata: Está picotando a ligação.

Nathália: Está me ouvindo agora?

Prata: Tô

Nathália: Em comparação com outros lugares como casa, trabalho, você sente uma diferença da possibilidade de ser mulher dentro do terreiro?

Prata: Sim, sinto mais livre. Aqui fora eu me sinto muito mais livre porque ali dentro eu tenho que ter... ai meu Deus a palavra está na ponta da minha língua... não é essa palavra não... tem que ser firme porque muitas vezes muita gente confunde as coisas e não pode confundir as coisas.

Nathália: Em termos de relacionamentos?

Prata: Em termos de relacionamentos, fofocas, muitas coisas. Que existe, existe em qualquer lugar é... tanto na Igreja Católica, tanto na Evangélica, em qualquer lugar tem isso, no Candomblé, na Umbanda tem sempre aquela panelinha de fofoquinha, aí eu tô fora.

Nathália: Você possui alguma família de sangue no terreiro?

Prata: Não, só eu e meu filho que é o [nome omitido pela pesquisadora]

Nathália: Quais as diferenças e semelhanças com a família de santo?

Prata: Ah tem muita diferença porque ninguém pensa do jeito que você pensa, ninguém pensa do jeito que eu penso então já começa as diferenças aí. Entendeu?, mas a consideração é a mesma.

Nathália: Qual a relevância para você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Prata: Top. Top. Eu acho muito bonito, eu acho muito bonito, muito interessante e muito é... porque estar ali de frente ali tem que segurar, querendo ou não segura muita coisa dos filhos em geral. Quem ta ali na frente ninguém sabe o que ela segura, mas ela segura muita coisa entendeu, sabe de muita coisa. Para estar ali tem que ser foda e ela é uma pessoa muito inteligente.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Prata: Ah minha vida interferiu muito, muita coisa, que! Muita coisa, a minha cigana é mais séria, é mais de conversar, mas a minha Pombagira quando era mais nova, hoje em dia não que eu tenho mais auto-controle, eu fazia cada merda que só Deus sabe. Entendeu? Eu não coloco culpa nela, a pessoa quando é nova e a pessoa quando ela não tem maturidade, ela sai atropelando tudo e eu sai atropelando tudo na minha vida e não é assim que a banda toca. Hoje eu entendo porque eu era do jeito que eu era. Não, ela me ajudou a fazer muita merda, mas também a me tirar de muita coisa né. Ela me dava o gostinho e tirava o gostinho. Tipo assim, a cigana não, ela era mais centrada, mais na dela.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Prata: Ah o Caveira [Exú] mesmo já me protegeu em muita coisa, de muito, muito... De eu passar na frente de um estuprador, ele me olhar, eu olhar ele e ele continuar sentado. Então é uma entidade que eu amo de paixão. Eu não sabia na época ainda, eu não sabia. Como eu também não sabia do meu lado feminino. Mesmo assim eu fui aos poucos conhecendo ele. Eu amo ele de paixão. É uma entidade que eu quero morrer e na outra vida voltar com ele.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Prata: Sim, muita coisa, tem.

Nathália: Qual seria essa diferença e qual papel que essas energias exercem na sua experiência?

Prata: Eu.. tipo, quando ele está próximo de mim eu não gosto nem do meu cabelo no meu pescoço, se eu pudesse arrancar meu cabelo eu arrancava, e eu não posso fazer isso por causa das duas que eu tenho né. Agora, eu descobri agora também que eu tenho o lado da malandragem e é um lado que eu estou conhecendo e quando ele está próximo de mim eu fico outra pessoa.

Nathália: Outra pessoa em qual sentido? O que muda?

Prata: Assim mais séria, entendeu? Com o rosto mais fechado, com o semblante mais fechado. Entendeu?

Nathália: O que você entende por Sagrado Feminino e qual a relevância na sua vida?

Prata: Ah, me deu muita relevância, em vários sentidos. Porque eu procurei me conhecer mais, eu procurei entender mais o meu corpo. E eu esse lado feminino que eu conheci desenvolveu muita coisa, depois de velha, mais desenvolveu.

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Prata: Já

Nathália: Pode falar um pouquinho?

Prata: Já, foi quando eu morava com a minha filha e eu já era de outra casa, aí quando eu antigamente não cheirava muito o meu genro e nem ele me cheirava e ele não gostava da minha religião. Ai eu saí da casa onde eu morava e minha filha veio morar comigo. Ai eu falei não, vou deixar essa casa para ela de aluguel e vou morar em outro lugar. Assim eu fiz, juntei as minhas coisas e fui. Ai eu esqueci a minha, o meu galho de arruda da minha velha. Que ela pedia sempre para colocar no quarto onde eu dormia. Ai eu fui e mudei, quando eu voltei para pegar já não estava lá mais. Ai aquilo ali para mim minha filha, acabou. A gente saiu no tapa, a gente brigou. Parou todo mundo na delegacia. Foi só essa parte e até hoje eu não gosto de mexer nas minhas coisas, eu não gosto. Do meu lado espiritual? Não gosto, não gosto, não gosto de forma alguma. Isso aí eu sou chata.

Nathália: Você chegou a compartilhar com o grupo ou alguma pessoa da tenda chegou a compartilhar com você alguma situação de intolerância?

Prata: Já, já. A esqueci o nome dela. Eu esqueço o nome dela. Sei que uma das irmãs dela fica no portão pegando o nome das pessoas e ela trabalha lá dentro. Ela foi pedir um Uber. Quando o cara viu que ela estava de frente para tenda, perguntou a ela se ela era macumbeira e ela pegou e falou “sou, sou daqui”. Ai o cara pegou e não quis aceitar a corrida dela. Ai eu fiquei junto com ela, puta da vida, esperando outro uber se o outro uber ia negar ela também porque aí ele não ia sair de lá. Porque eu acho isso um abuso.

Nathália: Gostaria de falar mais alguma coisa que eu não perguntei que você acha importante?

Prata: Agora? Não, haha. Porque?

Nathália: Não, é uma pergunta padrão.

Prata: Vê o que você lembra aí e fala

Nathália: Como que você entrou na tenda? Na umbanda?

Prata: Fui na Umbanda, primeiro eu fui da outra casa. Que tem muita gente da outra tenda que era de lá. Ai teve uma confusãozinha lá que eu saí de lá, aí eu fui para o Candomblé, aí eu dei minha volta lá no Candomblé, fiquei um ano lá no Candomblé. Ai depois eu fui para tenda, fui para tenda empurrada, mas eu fui.

Nathália: Foi empurrada por quem?

Prata: Ah não sei não, que quando chegou naquela encruzilhada aí meu corpo arrepiava dos pés a cabeça. E o [nome do filho omitido pela pesquisadora] andando na frente “vamos mãe” e eu dizendo “tô indo” e eu comecei a falar “calma aí eu tô chegando lá”. Ai eu peguei e fui, mas meu corpo arrepiava muito, muito, muito, muito. Como quem diz “vai logo”.

Nathália: Quem entrou primeiro, você ou o [nome do filho omitido pela pesquisadora]?

Prata: A gente entrou junto. Ai de lá eu nunca mais sai.

## **PRETO-CINTILANTE**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Preto-cintilante: Humm... acho que além de resistência, humm... acho que. Ai pergunta difícil. Tô pensando. Vou colocar resistência, pode colocar uma palavra só?

Nathália: Pode

Preto-cintilante: Resistência

Nathália: O que significa ser uma mulher dentro do terreiro para você?

Preto-cintilante: Eu acho que ser mulher dentro do terreiro é entender o poder feminino, o poder que a mulher tem.

Nathália: O que é ser uma mulher branca no terreiro?

Preto-cintilante: Eu acho que não me traz poder a mais não, acho que o grau tem mais, como é dividido por grau o nosso terreiro eu sinto que não tem muita diferença do meu tratamento para outra pessoa.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Preto-cintilante: Eu acho que o nosso convívio lá, a maioria é como mulher né. Eu acho que no dia a dia é a troca né, interfere na troca de experiência de outras mulheres com as minhas experiências pessoais.

Nathália: Em comparação com outros lugares como casa, trabalho, você sente uma diferença na possibilidade de ser mulher? De exercer o seu feminino dentro do terreiro em comparação com esses lugares?

Preto-cintilante: Eu acho que no terreiro eu me sinto mais mulher, posso exercer mais a minha feminilidade, por exemplo, em giras que tem Pombagira acho que me empodera mais.

Nathália: Você possui alguma família de sangue no terreiro?

Preto-cintilante: Sim

Nathália: Quais são as diferenças e semelhanças com a família de santo?

Preto-cintilante: Humm... Eu acho que é a intimidade. Não tem tanta troca quanto a família de sangue. Acho que a gente se expressa mas tem cuidado no que conversa né.

Nathália: Qual a relevância para você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Preto-cintilante: Eu me sinto mais amparada e mais a vontade de conversar sobre o meu dia a dia.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Preto-cintilante: Hummm. Isso é difícil porque, por exemplo, o Caboclo eu não sei se é mulher ainda se é Cabocla. A minha vovó não interfere no meu feminino é mais na paciência. Agora Pombagira como eu falei me empodera. É algo que eu tenho uma relação que me empodera e eu me sinto mais mulher.

Nathália: O que nessa relação te faz sentir assim?

Preto-cintilante: Eu acredito que é... Por exemplo, antes eu não vestia roupa, mas eu me sentia bem no coração. Eu me sentia mais feminina. Aí botando roupa, me sinto além de feminina, bonita. Eu acredito também, eu acho que a forma como a entidade desce e modifica nós em um instante, acho que influencia também. Acho que traz a personalidade, além da nossa personalidade entra outra personalidade além. Que te eleva o astral.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Preto-cintilante: Hummm. Difícil. Difícil porque, por exemplo, entidade masculina, minha criança, acho que a minha criança não pensa em divisão de gênero. Exú, o meu exú trabalha muito na limpeza, eu acredito que não modificam como eu sou como mulher as minhas entidades masculinas.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Preto-cintilante: Acredito porque a energia masculina ela trabalho no nosso exterior então tudo que seja de limpeza, pensamentos ruins, é trabalhos astrais. Coisas externas, mas o feminino trata do nosso coração e sentimentos internos então além de ser mulher e além de ter entidade feminina me sinto muito mais mulher dentro do terreiro do que dentro de casa. Do jeito que eu falei da minha Pombagira, é uma relação mais feminina mesmo de expressar o que é ser mulher dentro do terreiro.

Nathália: O que entende por Sagrado Feminino e qual a relevância na sua vida?

Preto-cintilante: Eu entendo o Sagrado feminino como acho que o nosso poder interno. Eu acredito que para além da... Existe um sagrado feminino manifestado em uma comunhão de gentes né, mas existe o sagrado

feminino de cada um, particular de cada um. Então eu acho que o sagrado feminino está ligado realmente ao poder e digo poder porque a mulher na umbanda ela é considerada um ser mágico né. Porque a gente pode ser mulher, mãe. Enfim, eu acho que o Sagrado feminino para mim é o poder de ser mulher.

Nathália: Você já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Preto-cintilante: Muitas das vezes indo para tenda de uber ou eu estou no ônibus e estou vestindo uma blusa diferente e alguém me olha, mas assim nunca diretamente vieram falar comigo, eu nunca sofri diretamente, mas indiretamente eu entendo os olhares. Agora nas redes sociais nunca. Acredito que as pessoas hoje em dia nas redes sociais não expressão né com medo de ser processada.

Nathália: Você chegou a comentar com alguém do terreiro o que você passou?

Preto-cintilante: Sim, teve uma vez que eu fui pedir uber e o uber chegou na porta do terreiro e não quis levar, uma moça, ela afirmou que tinha muita gente para entrar no uber, mas só tinha 3 pessoas aí ela olhou a porta do terreiro e não quis levar a gente. O pessoal que estava do lado de fora viu.

Nathália: E aí como eles reagiram? Eles falaram alguma coisa com você? Tiveram alguma atitude?

Preto-cintilante: O pessoal fica ali. O pessoal fica indignado né, mas só comentou mesmo que foi uma situação chata e a gente chamou outro uber e o outro aceitou normalmente.

Nathália: Alguém do terreiro já compartilhou alguma coisa que sofreu sobre intolerância religiosa com você?

Preto-cintilante: Não diretamente, eu lembro de uma história de uma irmã que ela mora na Barra, eu acho se eu não me engano que é a [nome omitido pela pesquisadora] que ela foi pedir um uber lá da barra para tenda né e o uber deixou ela em um posto de gasolina se eu não me engano. mas me contaram, não foi ela que me contou diretamente.

Nathália: Gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não perguntei

Preto-cintilante: Não, eu acho que está bem completa as perguntas.

## **TERRACOTA**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Terracota: Acho que é sinônimo de fortaleza, a gente tem que fazer muito mais com a nossa sociedade do que os homens, então acho que ser mulher é ser forte.

Nathália: O que significa ser mulher dentro do terreiro para você?

Terracota: A nossa tenda é chamada de luz de Maria, então a maior parte dos integrantes são mulheres, então tipo, como é que eu posso falar, é sinônimo de que a gente está levando a nossa fé de diferentes formas.

Nathália: O que é ser uma mulher parda no terreiro?

Terracota: Essa discussão é um pouco complicada né porque eu já ouvi falar de outras pessoas que visitaram o terreiro que o nosso terreiro é um terreiro de gente branca. Eu não concordo com isso porque o Brasil ele é formado por uma miscigenação né então tipo na minha certidão está parda, mas eu não me considero dessa forma porque na minha família é formada de negros e indígenas então eu acho que eu estar lá é um pouco dessa de mostra que a gente, como que eu posso falar, de que a gente ta tendo esse local de fala, esse local de suporte, sabe?

Nathália: E como o terreiro interfere no seu feminino?

Terracota: Eu acho que o terreiro me ajudou muito dessa parte de me ver como mulher de ter responsabilidade, essa parte de hierarquia, de saber respeitar que a Mãe Bianca sempre fala, de a gente respeitar a nossa

ancestralidade, respeitar quem vem antes da gente, então isso me deixou com mais confiança e força para enfrentar as coisas no dia a dia.

Nathália: E em comparação com outros lugares como casa, trabalho você sente uma diferença de possibilidade de exercer o seu feminino dentro do terreiro?

Terracota: Não entendi essa pergunta

Nathália: Por exemplo, você se sente assim, uma limitação de ser feminina, de ser mulher dentro do terreiro? Mais limitação ou menos limitação do que você sente em casa, no trabalho, na rua? Mais livre, mais fechada?

Terracota: Eu acho que no terreiro eu me sinto muito mais livre, a minha família foi criada de um jeito patriarcal então aqui em casa o meu pai ele é o provedor então eu me sinto um pouco submissa em relação à isso, já no terreiro eu já não me sinto assim, eu me sinto livre para mostrar quem eu sou e lá eu não sinto nenhum tipo de desrespeito sobre isso.

Nathália: Você possui alguma família de sangue no terreiro?

Terracota: Não

Nathália: Qual é a relevância para você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Terracota: É muito importante, a Mãe Bianca nos ensina tipo, a batalhar pelos nossos sonhos que a gente consegue e em, nenhum momento ela demonstra que sabe mais do que outra pessoa e isso é muito maneiro.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Terracota: Por incrível que pareça, a maioria das minhas entidades são homens, então o que trouxe o feminino nas minhas entidades é a minha Pombagira que é a de frente na linha da esquerda que é a Dona Rosa, ela me mostra o tempo todo como ser forte. Eu sou uma pessoa muito envergonhada e quando eu estou em contato e sinto a energia dela eu sinto que eu posso ser mais que eu não preciso me envergonhar que eu posso ser firme nas minhas palavras, que eu tenho muito medo de com as minhas palavras eu posso magoar as pessoas e ela me ensina que eu não preciso. Eu preciso ser uma pessoa forte, deixar que as pessoas conheçam o que eu estou falando sem precisar machucá-las sabe?

Nathália: Fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Terracota: Como eu falei a maioria das minhas entidades são masculinas e elas me ensinaram a ser forte também, a respeitar sempre e eu me sinto realmente protegida sabendo que eles estão ali por mim.

Nathália: Acredita que existe uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Terracota: Eu acredito que essa parte da energia masculina mostra o nosso externo como o que a gente pode lidar e a energia feminina ela mexe com o nosso interno, com a nossa emoções, sentimentos, sobre força, vontade.

Nathália: O que entende por Sagrado Feminino e o qual a relevância na sua vida?

Terracota: Então em relação ao Sagrado Feminino... hum, ah eu não sei explicar.

Nathália: Não tem problema

Terracota: E a segunda pergunta é?

Nathália: Qual a relevância na sua vida?

Terracota: Essa eu posso pular? Eu não sei

Nathália: Pode. Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Terracota: Não, no momento não

Nathália: Alguma pessoa no terreiro já passou por alguma experiência de intolerância religiosa e procurou você para conversar, algo do tipo?

Terracota: Não

Nathália: Você gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não perguntei?

Terracota: Não

## **TURQUESA**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Turquesa: Acho que é ser empoderada e ser dona do meu próprio nariz, dona do meu próprio destino. Não, não ser... porque assim eu fui criada para não depender de homem para não ser mandada por homem. Então pra mim, ser mulher é isso é você trabalhar, você fazer o que você quer, o que você tem direito, porque mulher pode tudo, tanto quanto homem.

Nathália: E o que significa ser mulher dentro do terreiro pra você?

Turquesa: Dentro do terreiro, a experiência de ser mulher acaba sendo semelhante, porque mesmo eu acreditando que a mulher deve ser empoderada, sou uma pessoa bastante tímida. As minhas entidades, como a Rosa Caveira e, às vezes, a Cigana, me incentivam a me colocar mais para frente do que eu naturalmente faria. Elas me ajudam a resgatar e expressar a minha feminilidade, algo que, muitas vezes, eu não faço por conta própria. Na tenda, aprendi a me conectar mais com minha parte feminina e a vontade de ser mulher. Aprender a me arrumar mais e a me maquiagem, coisas que eu não valorizava tanto antes. Portanto, ser mulher no terreiro realmente me puxou para esse lado feminino, ajudando-me a resgatar e fortalecer essa parte de mim.

Nathália: E o que é ser uma mulher branca no terreiro?

Turquesa: Eu acredito que, no geral, a maioria das pessoas no terreiro é de cor predominante, mas, pessoalmente, eu tenho uma preferência pela pele morena. Às vezes, sinto que gostaria de ser morena, pois me acho muito branca e admiro a cor morena. No entanto, em relação ao preconceito, eu não tenho nenhum. Para mim, não existe diferença de ser melhor ou pior do que ninguém. Não há espaço para preconceito na minha visão.

Nathália: Como o terreiro interfere no seu feminino?

Turquesa: Minha experiência com as entidades no terreiro teve um grande impacto em resgatar o meu feminino, algo que eu não tinha antes. Embora eu sempre tenha me considerado mulher, não costumava valorizar a vaidade, como me arrumar, estar sempre maquiada ou sentir-me bonita. O que realmente me importava era o trabalho, ser uma boa mãe e esposa. No entanto, através do terreiro, aprendi a me valorizar mais, a cuidar de mim mesma e a apreciar minha própria beleza. Essa mudança foi fundamental para mim e foi algo que aprendi e desenvolvi dentro da tenda.

Nathália: Em comparação com outros lugares, como na sua casa, no seu trabalho, você sente que você tem mais possibilidade de ser mulher no terreiro ou nesses espaços?

Turquesa: No terreiro, eu sinto que posso expressar meu lado feminino de maneira mais completa. No meu trabalho, que é em um clube de futebol, sou a única mulher em um ambiente predominantemente masculino, com cerca de 70 homens, incluindo jogadores e outros profissionais. Muitas vezes, sinto que, por ser mulher, não tenho todas as portas abertas e enfrento desafios adicionais apenas por estar em meio a tantos homens. No terreiro, no entanto, sinto que tenho a oportunidade de ser mais autêntica e de explorar meu feminino de forma mais plena.

Nathália: Possui alguma família de sangue no terreiro?

Turquesa: Posso meu filho e minha filha.

Nathália: E quais são as diferenças e semelhanças pra você da família de sangue e com a família de Santo?

Turquesa: Foi muito complicado para mim no início, porque sou muito ligada à minha família — sempre considerei minha mãe, meus filhos e, na época, meu marido como a minha família principal. Quando entrei no terreiro, eu estava casada, mas hoje não estou mais. No entanto, no terreiro, aprendi que a minha família pode ser muito mais do que apenas a família de sangue. Descobri amigos que considero mais próximos e importantes do que uma grande parte da minha família biológica.

Nathália: E qual é a relevância pra você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Turquesa: Eu acho o espetáculo! Acredito que a mulher deve, sim, estar à frente e assumir o comando. Acho maravilhoso e admirável. A presença feminina em liderança é essencial e muito valorizada.

Nathália: fale um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Turquesa: A entidade que mais puxa meu lado feminino é a minha cigana. Ela me faz sentir como uma verdadeira mulherão, algo que eu não me considero na vida real. Ela me faz sentir muito feminina e atraente, quase como uma deusa. Em contraste, minha Pomba Gira, a Rosa Caveira, não puxa esse lado feminino. Ela me ajuda a reconhecer meu valor e a não aceitar ser maltratada, algo que eu aceitava antes de entrar no terreiro. A Rosa Caveira é mais séria e não é muito feminina, não usa acessórios como brincos ou cordões. Ela me ensina que a caveira não precisa demonstrar feminilidade ou masculinidade; ela é mais sobre força e respeito próprio. Quanto à minha entidade Nanã, ela está mais ligada ao cuidado e à proteção, como uma mãe que cuida dos filhos e dos amigos. No entanto, minha entidade infantil é um pouco rabugenta e raramente se manifesta. Eu ainda estou aprendendo a lidar com ela e a integrar as energias femininas e masculinas em minha vida.

Nathália: Fale um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Turquesa: O Exu Caveira, com quem eu trabalho, não afeta meu lado feminino. Na verdade, ele me faz sentir uma força imensa, quase como se eu pudesse dominar o mundo. Quando estou com ele, sinto como se tivesse uma força sobre-humana. Já o Caboclo Pena Branca, que é uma entidade mais calma, não interfere muito em nenhum dos meus lados, feminino ou masculino. Ele está mais focado na cura e na ajuda às pessoas, não influenciando tanto minhas questões pessoais de feminilidade ou masculinidade.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Turquesa: Sim, com certeza. A energia, a energia feminina. Ela é mais empoderada, né? Apesar que a energia masculina é mais forte, eu me sinto muito melhor com a energia feminina. Mas eu acho que eu sou invencível com a energia masculina.

Nathália: O que entende por sagrado feminino e qual a relevância da sua vida?

Turquesa: Eu tenho um sério problema com o sagrado feminino porque meu lado feminino não estava muito a florado. Fiz uma experiência na tenda que foi maravilhosa para tentar resgatar esse lado feminino e ancestral. Embora eu seja mulher, sinto que tenho uma alma mais masculina e meu lado feminino não está muito desenvolvido. A experiência com o sagrado feminino me ajudou, mas acho que preciso fazer isso novamente para continuar a desenvolver essa parte de mim.

Nathália: Por que você diz que você é uma mulher com alma mais masculino?

Turquesa: Eu tinha dificuldade em cuidar de mim mesma e em desenvolver vaidade e autoestima. Muitas vezes, aceitava que os homens achassem que eram melhores do que eu, mesmo sabendo que eu era melhor. Foi através do sagrado feminino que percebi minha verdadeira importância e que eu mereço muito mais. Essa descoberta foi tão significativa que, como resultado, terminei meu casamento e outras situações na minha vida.

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Turquesa: Eu enfrentei resistência e piadas, inclusive dentro da minha família e com meu ex-marido, o que contribuiu para o fim do casamento. A única pessoa da minha família que aceita minha prática espiritual sem reservas é minha mãe. Outras pessoas, incluindo amigos e familiares, fazem piadas e demonstram desconfiança quando veem elementos da minha prática espiritual, como firmes ou velas acesas. Apesar disso, tenho lidado com a intolerância com paciência.

Nathália: E você chegou a comentar essa situação com alguém do da tenda?

Turquesa: Acho que não. Não. A parte do meu ex marido, sim. E com a mãe, né? Por diversas vezes eu comentei com ela, mas assim, acredito que conversar, falar com as pessoas lá, eu acho que não.

Nathália: E qual foi a reação?

Turquesa: Quando conversei com a Mãe, ela me ajudou a entender o tratamento que uma mulher deve receber de um homem e me deu muito apoio em relação à intolerância que enfrentei. Meu ex-marido inicialmente fingiu aceitar minha religião, mas depois usou essa não aceitação como uma desculpa para terminar, já que eu também queria encerrar o relacionamento. Ao contrário, minha mãe sempre me acolheu e me ofereceu suporte.

Nathália: E alguém da tenda já compartilhou algum caso de experiência religiosa com você?

Turquesa: Já, já sim. Inclusive teve até uma da [nome ocultado pela pesquisadora para garantir a identidade], da filha dela, que a filha dela sofreu intolerância religiosa na escola. E eu acho até que a mãe chegou a interferir na época, fez uma carta, mandou pra escola porque os amiguinhos ficaram rindo dela, fizeram bullying com ela mesmo, né? A [nome ocultado pela pesquisadora para garantir a identidade] também chegou aí na escola, chegou a fazer uma reclamação formal.

Nathália: E gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não perguntei, mas que você acha importante falar?

Turquesa: Não, acho que não.

## **VERDE-MAR**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Verde-mar: Ser mulher é estar inserida em um contexto social que exige a performance de diversas características, sejam elas consideradas femininas ou não. Essa performance nos coloca em um lugar específico, sujeito a uma série de dores e responsabilidades. Desde compromissos que se diferenciam significativamente do universo masculino, até a constante vigilância sobre o próprio corpo, que se torna um alvo potencial de violência. Ser mulher hoje é muito mais do que performar a feminilidade tradicional, como usar roupas ou penteados específicos. É estar inserida em um contexto onde o corpo feminino representa algo que pode ser arriscado. É viver com a constante ameaça de violência sexual, como o estupro. É carregar responsabilidades múltiplas, como cuidar de outras pessoas, lidar com questões financeiras, tudo isso ao mesmo tempo. Para mim, ser mulher é essa interseção complexa de papéis e experiências que vão muito além da performance de gênero. É uma condição social que nos coloca em uma posição de vulnerabilidade e exige uma constante luta por direitos e reconhecimento.

Nathália: E o que significa ser mulher dentro do terreno para você?

Verde-mar: Aí já atravessa um pouco isso. Porque o terreiro está dentro de um contexto social que o patriarcado é muito forte. As Mulheres, elas precisam usar roupas femininas. Todas elas têm que usar vestido, independente se no contexto fora do terreno, isso não é confortável para elas. As Mulheres têm papéis ali que, por exemplo, se tem um evento e vai ter churrasco sempre os homens vão ficar com a carne e não sei o quê, não sei quê. As Mulheres vão para cozinha. Eu não vejo homens na cozinha no terreno. Então, ser mulher no terreno está muito conectada com essa questão do patriarcado que eu acho que reproduz o que a sociedade faz em grande medida.

Nathália: E o que essa é uma mulher parda no terreno?

Verde-mar: Isso não me afeta tanto, sabe? Ser parda é algo que, para mim, gera um certo conflito. Eu não tenho características muito evidentes de origem africana. Então, não passo pelo mesmo tipo de racismo que outras pessoas enfrentam. Tenho o cabelo liso, pele clara e, embora eu não seja magra, meu corpo não tem as curvas tão acentuadas que são mais comuns em mulheres negras. Por isso, acho que minha cor de pele não interfere em nada dentro do terreno.

Nathália: Como o terreno interfere no seu feminino?

Verde-mar: O terreno influencia muito minha feminilidade, principalmente no que diz respeito aos aprendizados que adquiri lá. A interação, sobretudo com as pombas-gira, me proporcionou um crescimento significativo, pois elas trabalham profundamente temas como o feminino, a sensualidade e o amor-próprio. Sinto que esses aspectos são muito trabalhados no terreno. Ao mesmo tempo, o terreno me coloca em um lugar de crítica aos papéis tradicionais de gênero, tão presentes no patriarcado. A imagem da mulher sempre na cozinha e com papéis muito bem delimitados é algo que o terreno me ajuda a questionar. Então, o meu feminino se desenvolveu muito no terreno, mas também se confrontou com algumas questões. O lado positivo é a conexão com entidades que me ensinaram a amar a mim mesma, a ser mais sensível e a explorar minha sexualidade.

Nathália: Em comparação com outros lugares como casa, trabalho, você sente uma diferença na possibilidade de exercício do seu feminino no terreno?

Verde-mar: Sinto que, em cada lugar que a gente frequenta, assumimos uma persona diferente. Jung fala sobre isso, sobre como temos várias personas que usamos para agir em determinados ambientes e expressar quem somos. Acho que o feminino se manifesta de maneiras diferentes em cada contexto. No meu trabalho, por exemplo, eu represento o feminino como uma mulher que está na luta, que precisa se mostrar e se empoderar para se colocar e não deixar os outros passarem por cima de mim. Já no terreno, é diferente. Lá, há uma hierarquia muito bem estabelecida, e eu estou em uma posição mais baixa, diferente da posição que ocupo no trabalho. No terreno, eu me coloco mais como uma filha, do que como mulher, dona de casa ou mãe. É uma persona que, dentro do meu feminino, está mais ligada ao cuidado e ao trabalho interno. Eu vejo o terreno quase como uma terapia na minha vida, um lugar de autocuidado e crescimento pessoal. Em casa, é completamente diferente. Aqui, tenho várias personas também. Sou esposa, filha—minha mãe mora aqui embaixo—e mãe, porque tenho dois filhos. E dentro desse papel de mãe, preciso ser respeitada, mas também quero ser um espelho para elas, porque sou a referência de mulher para elas. Então, há muitas diferenças em relação ao terreno no que diz respeito ao feminino, mas acredito que o terreno tem um lugar especial de cuidado e de trabalho interno, o que considero muito positivo.

Nathália: Possui uma família de sangue no terreno.?

Verde-mar: Alguns

Nathália: Algumas diferenças e semelhanças com a família de Santo? Dessa relação?

Verde-mar: Lá dentro do terreno?

Nathália: É.

Verde-mar: Uma coisa que me chamou muito a atenção é que eu nunca fui habituada a pedir bênção para ninguém, exceto minha avó paterna, que era evangélica. Essa prática não veio do meu pai, mas sim da minha avó, com quem eu tinha uma relação muito próxima. O terreno mudou essa minha relação com a família. Hoje, peço bênção até para minha avó materna, que é católica, algo que antes não fazia. Mas percebi uma grande diferença entre a minha família sanguínea e a família do terreno. A família do terreno, por mais que seja importante, tem relações mais superficiais. A gente se encontra nas giras, mas não há aquela intimidade de conhecer a fundo cada pessoa. É como se a gente se reunisse para um evento e depois cada um voltasse para sua vida. Claro que existem algumas exceções, pessoas com quem criamos laços mais profundos, mas a maioria das relações é mais superficial.

Já a minha família sanguínea, principalmente a materna, com quem convivo diariamente, tem uma relação muito diferente. É uma relação baseada no respeito, na confiança e na convivência cotidiana. É importante ressaltar que nem todas as famílias são assim, muitas pessoas buscam no terreiro um refúgio para problemas familiares. No meu caso, o terreiro veio somar a uma família que já me proporcionava um ambiente de acolhimento. Então, as minhas relações no terreiro, embora importantes, são mais superficiais na maioria das vezes. Mas com algumas pessoas, essa relação se aprofunda e se torna muito especial, chegando a se assemelhar aos laços familiares que tenho com minha família sanguínea.

Nathália: E qual é a relevância para você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreno?

Verde-mar: Acredito que o fato de ser mulher seja um aspecto fundamental para a liderança nesse espaço. Vivemos em um mundo marcado por incertezas e desconfianças em relação ao masculino. Ter uma mulher no comando cria um ambiente mais seguro e acolhedor, onde as pessoas se sentem à vontade para se abrir e compartilhar suas vulnerabilidades. É claro que, em alguns momentos, a figura masculina também pode ser importante. Mas, no contexto específico do terreiro, a presença feminina me traz uma sensação de segurança e cuidado que me conecta com um tipo de acolhimento materno.

Uma característica que admiro muito nessa líder é a sua humildade. Ela não tem medo de mostrar suas fragilidades e limitações, o que cria uma conexão muito forte com o grupo. Ver alguém que ocupa uma posição de liderança admitir que já pensou em desistir me inspira a ser mais autêntica e a não ter medo de mostrar minhas próprias vulnerabilidades. A sensualidade, para mim, é outro aspecto muito importante. E vejo nessa líder uma expressão genuína da feminilidade, que me inspira a explorar essa parte de mim mesma. Acredito que seja mais fácil encontrar essa autenticidade e sinceridade em outras mulheres, pois muitas vezes compartilhamos experiências e desafios semelhantes.

Nathália: Fala um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Verde-mar: Eu já tive algumas experiências com Pomba Gira, tanto fora quanto dentro do terreiro, que foram muito significativas para mim. Entre as entidades femininas, a Pomba Gira ocupa um lugar de destaque quando se trata de feminilidade. Para mim, ela representa uma mulher firme, segura, que me chama para esse lugar de reflexão e ação. Por exemplo, quando eu estava em depressão, ela não me deixava afundar. Ela me dizia: “O que você vai fazer? Largar o trabalho? Você tem duas filhas para cuidar. Você não pode desistir. Levanta a cabeça, acorda amanhã e vai trabalhar!” Ela me deu a força para seguir em frente, me ensinando a sair do lugar da infantilização e entrar no papel de uma mulher madura e adulta. As Pomba-Giras, em geral, me trazem essa sensação de firmeza e segurança, junto com uma alegria profunda, uma celebração da vida e da sensualidade.

Outra relação que considero fantástica é com as Pretas Velhas. Embora não seja especificamente sobre feminilidade, quando falamos de cuidado, elas têm um papel crucial. As Pretas Velhas, na minha experiência, me proporcionam uma relação de acolhimento. É como se elas dissessem: “Vem aqui, minha filha, que eu vou tirar essa dor do teu peito.” Elas são como aquela vovozinha que pega no colo, dá o remédio que você precisa, e faz o que estiver ao alcance para que você se sinta cuidada e melhor. Esse cuidado está profundamente relacionado ao feminino na nossa cultura. Então, para mim, as duas entidades que se destacam nesse sentido são a Pomba Gira e a Preta Velha

Nathália: Fala um pouco das suas identidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Verde-mar: Estou tentando refletir sobre as diferenças do feminino, mas não consigo identificar uma relação muito específica agora. Tenho uma conexão muito forte com o Caboclo, especialmente em momentos de atravessamentos emocionais, como depressão e ansiedade. Ele é muito firme e está sempre focado na limpeza e purificação, em 'jogar tudo fora', por assim dizer. Mas, em termos de conexão com o feminino, acho que não há uma ligação direta. O mesmo vale para as Pretas Velhas. Neste momento, não consigo pensar em uma relação específica com entidades masculinas em relação ao feminino.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Verde-mar: Sim, com certeza.

Nathália: Qual seria e qual o papel dessas energias na sua experiência?

Verde-mar: As energias femininas com as quais já trabalhei focam em aspectos internos, como maternidade, sexualidade, amor próprio e segurança. Elas lidam muito com nossas emoções e o que está dentro de nós. Para

mim, as entidades femininas representam isso de maneira muito intensa. Já as energias masculinas, por outro lado, parecem estar mais voltadas para o movimento de enfrentar o mundo, de ir à luta, com coragem e força, lidando com o que é externo.

Nathália: O que entende por sagrado feminino e com relevância na sua vida?

Verde-mar: Eu não tenho muita leitura sobre o sagrado feminino, mas já ouvi algumas coisas a respeito. Pelo que entendo, ele está relacionado à compreensão de que a feminilidade, o ser mulher, ocupa um lugar diferente no mundo, o que gera um tipo de energia distinta. Essa energia está muito conectada com o cuidado, o amor próprio e a maternidade. Para mim, o sagrado feminino envolve também uma profunda conexão com a natureza. Acho que esse aspecto é fundamental.

Nathália: Qual a relevância na sua vida?

Verde-mar: A relevância da minha vida tem se manifestado cada vez mais através dessas pequenas mudanças. Por exemplo, passei a consumir coisas mais naturais, a fazer uso de chás—algo que, há algum tempo, eu nem considerava. Estou me conectando com essa essência feminina e também com a de outras mulheres. Acho que o sagrado feminino envolve muito esse senso de coletividade entre nós.

Tenho uma preocupação constante em perceber se outra mulher está correndo algum risco. Se vejo uma mulher em pé no metrô, por exemplo, sinto que é minha prioridade ajudar. Me posiciono, pergunto se há alguém que pode ceder o lugar, e, se não houver, ofereço minha ajuda. Sempre me coloco nesse lugar de empatia.

Acredito que o sagrado feminino também carrega essa empatia em relação a outras mulheres. Não faço isso com homens, a menos que estejam em uma situação de vulnerabilidade. Mas, com outras mulheres, sim. Vou para esse lugar de cuidado, de tentar oferecer ajuda, de me colocar à disposição, como se internamente eu dissesse: "Estamos no mesmo time, vamos ver no que posso ajudar."

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Verde-mar: Sim

Nathália: Pode falar um pouquinho?

Verde-mar: A família do meu marido é protestante, e a minha filha mais nova, que é filha dele, frequenta a casa dos meus sogros e da minha cunhada, que moram juntos. Quando comecei a frequentar o terreiro, não achava que precisava dar explicações sobre minha vida em relação a isso. No entanto, minha cunhada começou a falar muito sobre religião com a minha filha, que tem apenas 4 anos. Em um momento, minha filha contou que viu uma mulher na cachoeira e falou sobre isso naturalmente, como se não houvesse nada de errado.

Minha cunhada reagiu dizendo que aquilo não era de Deus, que não era Jesus, e a minha filha me contou sobre isso. Eu senti a necessidade de me posicionar, então marquei uma conversa com minha cunhada, minha sogra e meu sogro para falar sobre o terreiro e explicar minha visão.

Durante a conversa, minha cunhada começou a discutir, dizendo que não achava certo e que, se eu tomasse essa atitude, teria que impedir a minha filha de frequentar a minha casa. Eu sempre respeitei todos e nunca tratei ninguém de maneira desrespeitosa. Só estava pedindo respeito. Não estou pedindo para que me amem ou aceitem minha religião, não sou missionária.

Foi uma situação bastante desconfortável, a única situação clara de intolerância religiosa que vivi com minha família. É mais difícil quando você compartilha esses casos com pessoas do terreiro. Já contei sobre isso para outras pessoas do terreiro e também ouvi histórias de intolerância religiosa. Muitas vezes, essas histórias vêm da internet, onde as pessoas parecem se achar donas da verdade e se sentem autorizadas a falar qualquer coisa.

Nathália: Você contou a situação para alguém do terreiro?

Verde-mar: Não teve nenhuma atitude específica em relação a isso, mas senti um acolhimento, sabe? Quando estamos entre pessoas que compartilham a mesma vivência, nos sentimos compreendidos e aceitos. É importante ter esse espaço onde podemos falar sobre essas situações e ser ouvidos e apoiados. Não é todo lugar onde podemos compartilhar esse tipo de informação, então ter esse apoio é fundamental.

Nathália: Tem mais alguma coisa que eu não perguntei que você gostaria de falar?

Verde-mar: Não, já falei para caramba.

### **VERMELHO-CEREJA**

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Vermelho-cereja: Oi? É porque deu ruim no som.

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Vermelho-cereja: Para mim, ser mulher é ser guerreira e independente. Aprendi muito sobre isso com minha mãe, mesmo que ela própria tenha sido criada para ser submissa ao homem. Apesar disso, minha mãe não nos criou, nem a mim nem à minha irmã, para ser submissas. Ela nos ensinou a ser independentes e fortes. Acredito que as mulheres são verdadeiras super mulheres.

Nathália: E o que isso significa ser mulher dentro do terreno para você?

Vermelho-cereja: Hum. Dentro do terreiro. Eu me sinto bem, eu me sinto, sei lá, não sei, não sei como explicar isso. Eu não sei te explicar.

Nathália: Tudo bem. E o que é ser uma mulher parda no terreiro?

Vermelho-cereja: Oi, travou.

Nathália: O que é ser uma mulher parda no terreiro?

Vermelho-cereja: Tá falhando

Nathália: O que é ser uma mulher parda no terreiro?

Vermelho-cereja: Uma mulher parda?

Nathália: Isso.

Vermelho-cereja: Eu já participei de várias reuniões aqui na Tenda, e a questão da cor foi muito discutida. No entanto, hoje em dia, para mim, o mais importante é a fê. As pessoas falam muito sobre cor, mas sinto que isso está um pouco invertido. Eu me sinto tão livre dentro da Tenda. Apesar de alguns homens tentarem impor suas opiniões e até apontar o dedo para nós, eu não permito isso, independentemente da minha cor ou do meu gênero.

Nathália: Os homens da tenda?

Vermelho-cereja: Não só da tenda não, de qualquer lugar né. Algum são assim.

Nathália: E como o terreiro interfere no seu feminino?

Vermelho-cereja: No meu feminino, eu sinto que ganho mais força para ser mais feminina. Nossa mãe e nossa família sempre nos ensinaram sobre isso, e eu sempre fui muito ligada à minha feminilidade. Houve um tempo em que deixei de me cuidar e de me conectar com esse lado. No entanto, na Tenda, no terreiro, eu aprendi a me cuidar novamente e a olhar para mim mesma com mais carinho e atenção.

Nathália: Em comparação com outros lugares como na sua casa, no trabalho, você sente uma diferença da possibilidade de ser mulher no terreiro?

Vermelho-cereja: Não ouvi, Como é que é?

Nathália: Você sente que, por exemplo, se sente mais livre no terreiro para ser mulher, ou mais limitada em comparação, por exemplo, com a com na rua no trabalho?

Vermelho-cereja: No terreiro, eu me sinto livre, apesar das limitações e das coisas que não podemos fazer. É um lugar onde realmente me sinto livre, muito mais do que na rua, onde, por exemplo, se você usa um shortinho, as pessoas acabam olhando e falando coisas desagradáveis. Em casa, a situação é um pouco complexa. Tenho um marido que é liberal, mas só em parte. Meu pai, por outro lado, é extremamente machista. Ele acredita que as mulheres devem se levantar cedo, cuidar da casa e dos filhos. Para ele, a mulher deve seguir esse papel tradicional. No entanto, hoje ele até admite que queria que eu tivesse seguido a profissão que eu escolhi, que era ser motorista de caminhão, mas as coisas mudaram e eu tenho a minha própria liberdade agora.

Nathália: Você queria ser motorista de caminhão?

Vermelho-cereja: É, eu queria ser caminhoneira

Nathália: Eles não deixaram?

Vermelho-cereja: Meu pai não deixou, meu pai não permitiu.

Nathália: E você está em qual profissão agora?

Vermelho-cereja: Hoje eu sou cozinheira, mas a minha profissão é cozinheira de embarque. Apesar de eu ter conseguido um embarque agora, mas o meu coração está tão apertadinho. Ai. São 3 meses na água, longe da tenda.

Nathália: Possui alguma família de sangue no terreno?

Vermelho-cereja: Tem a minha irmã e tenho a minha sobrinha.

Nathália: E quais são as diferenças e semelhanças com a família de Santo?

Vermelho-cereja: Com a família? Diferença nenhuma.

Nathália: E quais são as semelhanças assim?

Vermelho-cereja: Apesar de eu ter sonhado em ser caminhoneira e não ter seguido essa profissão, sinto que hoje meu caminho está mais alinhado com o que realmente é para mim. Agora, como a minha irmã, ensino minha sobrinha a ser independente e a não depender de ninguém.

Nathália: E qual a relevância para você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreiro?

Vermelho-cereja: Acho lindo porque mostra que precisamos ocupar nosso espaço no mundo, não apenas como mães ou esposas, mas como mulheres com voz e poder. Não é só sobre o que os outros veem, mas sobre nos respeitarmos e sermos respeitadas. Eu sou apaixonada pela Bianca e sou um pouco suspeita para falar, pois temos 8 anos de convivência. Falo que sou casada com [nome do marido ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] e com a Bianca, assim como com [nome da irmã de santo ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade], todas na mesma época.

Nathália: Fala um pouco das suas identidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Vermelho-cereja: Eu tenho a 7 Navalha, que é a entidade que mais me manda mensagens na minha cabeça. Ela é bastante exigente e me diz que preciso me empoderar mais. Ela reclama que estou muito apagada e me lembra de que sou linda, enquanto eu fico aí sem brilho. Também tenho Oxum, que eu considero uma presença importante na minha vida. Tenho uma cigana chamada Esmeralda, com a qual me identifico bastante, especialmente na área da cozinha, pois adoro cozinhar. Eu gostaria de aprender mais com ela sobre prosperidade, já que ela é associada à prosperidade. E, claro, tenho Iansã, que representa uma parte fundamental da minha vida.

Nathália: Fale um pouco da sua identidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Vermelho-cereja: As masculinas, né?

Nathália: Isso.

Vermelho-cereja: Eu conheço apenas uma entidade masculina, que é o Pena Branca. Ele me dá muita força e coragem para minhas atitudes. Ele sempre esteve na minha vida, mesmo antes de eu saber quem era. Minha mãe me contou uma história sobre isso: quando eu era pequena, a telha do quartinho da minha avó emprestada caiu. Eu e meu avô fomos lá para ajudar. Meu avô era espírita kardecista, e, enquanto estávamos lá, minha avó comentou que o Pena Branca estava presente, dizendo: 'Aqui não é o meu lugar, pode arrumar o meu lugar.' Meu avô então perguntou quem era, e eu apontei para o Pena Branca, sem saber que ele era quem estava ali.

Mais recentemente, antes de entrar para a Umbanda, eu estava no centro espírita e tive a vontade de desenhar o Mutley, aquele cachorro do desenho, com um cocar branco. Quando mencionei isso para minha prima, ela me lembrou de pedir permissão ao Pena Branca e ao mestre da casa. Eu não tinha pensado nisso, pois, na linha kardecista, não se trabalha com essa prática. Depois, quando fui para minha primeira gira de caboclos na tenda, eu vi o Pena Branca novamente. Mesmo em uma gira de Exú, onde ele não parecia estar relacionado, ele estava sempre presente, me orientando e interferindo positivamente na minha vida. Ele e a Navalha sempre me guiam e me ajudam a saber o que devo ou não fazer.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Vermelho-cereja: A energia feminina me mostrou muito sobre a diferença entre amor e paixão. Eu estava apaixonada e, nesse momento, ela me ensinou a perceber essa diferença. Trabalhei até de madrugada como babá e, enquanto estava distraída, ouvia vozes e a orientação dela sobre o amor. Ela interferia mais nesse aspecto emocional e afetivo. Já a energia masculina estava mais voltada para os cuidados práticos e outras áreas da minha vida. Acho que essa é a principal diferença entre como elas influenciam.

Nathália: E o que entende por sagrado feminino e qual a relevância na sua vida?

Vermelho-cereja: Ah não sou muito entendedora disso não.

Nathália: Já passou por alguma experiência de intolerância religiosa?

Vermelho-cereja: Já, já passei, já passei várias vezes.

Nathália: Pode contar um pouquinho?

Vermelho-cereja: Uma vez, fiz um curso de Corte e Costura, e quando descobriram que eu era umbandista, começaram a me tratar mal. Eram cerca de 30 pessoas, das quais 20 eram Testemunhas de Jeová. Quando falei sobre minha religião, todos reagiram negativamente, dizendo coisas como 'Ah, você é filha do demônio.' Eu respondi que não, que sou filha de Oxalá, que para eles é como Jesus. Na minha casa, a imagem que está em destaque é a de Oxalá. Após isso, mais de 10 pessoas saíram do curso. Dos 20 Testemunhas de Jeová restantes, só ficaram 2, um casal e uma menina. Fiquei surpresa com a reação deles.

Tive até uma discussão com a professora, que era cristã e frequentava uma igreja que usa véu. Ela falou algo sobre 'padê', dizendo que hoje é visto como oferenda para o diabo. Expliquei que, na verdade, padê era comida para os escravos e que a visão dela era equivocada. Respondi que o verdadeiro 'diabo' era a língua dela, que falava mal dos outros. Ela apenas me olhou em silêncio.

Nathália: Qual a história do Padê?

Vermelho-cereja: Os escravos preparavam comida para os escravos fugitivos e a colocavam nos caminhos para que eles pudessem se alimentar. Para proteger a comida e evitar que alguém a pegasse, eles diziam que eram oferendas para os 'bichos soltos', que na época eram vistos como demônios. Isso era uma maneira de esconder a verdadeira intenção da comida e garantir a sobrevivência dos escravos fugitivos. Na verdade, a comida era destinada a sustentar esses escravos e não a oferendas para entidades.

Conheço algumas histórias fascinantes sobre isso. O [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] é um especialista e conhece bem essas tradições. Ele pode te dar uma verdadeira aula sobre o assunto. Ele fez cabeça no Candomblé e tem um profundo conhecimento tanto do Candomblé quanto da Umbanda. O rito de iniciação dele foi de três meses – um período muito mais longo do que os 15 dias ou uma semana comuns de hoje. Ele conta que saiu dessa experiência completamente cabeludo e barbudo. É realmente impressionante.

Nathália: Você chegou a compartilhar essa experiência com alguém do terreiro?

Vermelho-cereja: Já, já.

Nathália: Qual foi o conselho? ou a atitude?

Vermelho-cereja: A minha mãe falou que eu sou doida, mas ela reconheceu que é importante nos protegermos. Hoje tive uma experiência positiva. Fui fazer compras no mercado em Caxias e a menina que viu minha blusa disse que achou linda e me pediu o endereço da festa que vou fazer. Um senhor que estava atrás de mim, que estava com uma bíblia na mão, ficou em silêncio. Acho que ele não saiu porque talvez estivesse preocupado com intolerância religiosa. Ele trocou o número de telefone comigo, disse que vai visitar nossa casa e comentou que está sem casa no momento.

Nathália: E alguém também já compartilhou um caso de intolerância religiosa com você?

Vermelho-cereja: A própria [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade], minha enteada, também enfrentou situações semelhantes e conseguiu se defender. Minha sobrinha passou por um problema na escola com a professora, que demonstrou intolerância religiosa. Ela conseguiu se defender e a professora acabou sendo expulsa da escola por causa disso.

Nathália: Que aconteceu?

Vermelho-cereja: A professora disse que não tolerava pessoas da religião da minha sobrinha, e a minha sobrinha foi firme. Ela falou que não ia deixar ninguém falar mal da sua religião e que, apesar de respeitar a religião da professora, não aceitava esse tipo de intolerância. Então, ela foi até a secretaria e fez a denúncia. A direção da escola acabou mandando a professora embora, porque preferiam manter a aluna e não tolerar a intolerância religiosa. Se tivessem mantido a professora, estariam apoiando essa intolerância, então optaram por dispensá-la.

Nathália: Gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não perguntei.?

Vermelho-cereja: Não sei, o que você quer perguntar?

Nathália: Conta um pouquinho a história do início da tenda

Vermelho-cereja: No começo da tenda, durante a pandemia, eu não estava indo para outra casa porque o comandante de lá não aceitava que eu levasse as crianças. Como elas eram pequenas, eu não podia deixá-las sozinhas, então eu ficava em casa e [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] ia sozinho. Uma noite, uma semana antes, [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] saiu com [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] e não voltou para casa até uma da manhã. Eu liguei para ele e ele disse: 'Estou indo para casa, amor, daqui a pouco te conto o que aconteceu.' Ele só falou que estava com a 'alta cúpula'.

Quando ele chegou em casa, contou que estava na reunião da alta cúpula da Umbanda Mirim, que é composta pelos comandantes das casas mirins. No dia seguinte, eu falei com a minha vizinha [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] e pedi para tirar fotos do galpão que ela estava pensando em alugar. Ela autorizou e eu tirei fotos de todos os lugares. Mandeí as fotos para ela para mostrar como estava o local.

Na época, houve muita resistência da imobiliária e até mesmo intolerância. O [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] falou que, se não resolvesse, ele tomaria providências, porque intolerância religiosa é crime. A imobiliária estava exigindo uma pessoa que ganhasse R\$7.000,00, algo impossível para a gente. Só o [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade], que é advogado, tem esse tipo de salário.

Quando chegaram às 5 horas da tarde, eu e [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] já tínhamos saído de lá. O [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] estava doente e o cara colocou outro no lugar dele. Quando [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] chegou em casa, estava desnorteado e chorando, dizendo que não voltaria mais para lá. Aí o homem foi e me tirou.

Nathália: Porque o seu marido saiu ele te tirou?

Vermelho-cereja: Foi. Ele me tirou. Aí quando a gente abriu aqui, pegou as chaves, tudo aqui, aí foi a realização

de um sonho muito antigo meu de aqui ser um lugar de caridade. Eu sempre falei para mãe, que aqui até beirando a minha casa aqui, aqui vai ser tudo. Eu tenho fé, que essa mulher vai, vai vender tudo, para abrir uma parada bem maneira aqui.

Nathália: Qual foi as atitudes da imobiliária?

Vermelho-cereja: A imobiliária não queria alugar o lugar para a gente porque alegava que a gente não ia pagar ou que ia fazer barulho. Além disso, começaram a exigir um valor muito alto, como o [nome ocultado pela pesquisadora para preservar a identidade] falou sobre intolerância religiosa. Eles queriam um fiador que ganhasse R\$7.000,00.

Nathália: E a vizinhança, você acha que a vizinhança recebeu bem?

Vermelho-cereja: Alguns gostaram, outros não. Teve até lista de abaixo-assinado pedindo para a gente sair de lá. Alegavam que tinha muito barulho. Eu disse: 'E se fosse uma igreja? Não seria a mesma coisa?' Até uma vizinha veio falar comigo, dizendo que era muito barulho. Eu respondi: 'Então, vá morar perto da balada lá da Vila São Luiz, onde o barulho é a noite toda.' Ela riu. Eu falei: 'Isso que vocês estão fazendo é intolerância religiosa.'

## VINHO

Nathália: O que significa ser mulher para você?

Vinho: Essa pergunta me pega muito porque eu tenho dificuldade em responder. Mas, de tudo o que eu aprendi, ser mulher é uma potência, é ser uma fortaleza e as pessoas às vezes acham que não. Ser mulher é difícil. Mas, na verdade, ser mulher é lidar com muitas coisas ao mesmo tempo e enfrentar várias crises.

Nathália: o que significa ser mulher dentro do terreiro para você?

Vinho: Para mim, não é uma coisa difícil, porque dentro da nossa religião, a gente vê muitas mulheres nessa posição, né? Trabalhando e liderando. É muito comum ver mais mulheres do que homens em posições de destaque. Então, para mim, não é difícil. Eu não tenho dificuldade em ser mulher na tenda, porque é um ambiente mais acolhedor para as mulheres, mais feminista, digamos assim. Então, não tem problema.

Nathália: E o que é ser uma mulher parda no terreiro?

Vinho: Também não vejo dificuldade nisso. Não vou ser hipócrita e dizer que tenho algum tipo de problema com isso, porque eu não tenho, nunca tive.

Nathália: E como o terreiro interfere no seu feminino?

Vinho: Então, como eu estava dizendo, ser feminina e ser mulher é muito difícil para mim. Eu tenho dificuldades com esse lado feminino. E o terreiro me mostra o tempo todo que eu preciso encontrar um equilíbrio. Ele me lembra que eu preciso dessa feminilidade, dessa delicadeza, e também dessa fortaleza para conseguir seguir na minha vida pessoal.

Nathália: Em comparação com outros lugares como casa, trabalho, você sente uma diferença de possibilidade de exercício do seu feminino?

Vinho: Eu acho que é mais confortável dentro do terreiro do que em um ambiente corporativo. Porque, no meu trabalho, na minha sala, eu sou a única mulher e trabalho com dois homens. Não tenho nenhum tipo de preconceito lá, mas dentro da tenda é mais confortável porque a nossa dirigente é uma mulher e há um maior contingente de mulheres no ambiente. Então, eu me sinto mais à vontade lá.

Nathália: Possui alguma família de sangue no terreno?

Vinho: Sim, minha mãe.

Nathália: E quais são as diferenças e semelhanças que você vê da família de Santo com a família de sangue?

Vinho: Eu não tenho muito contato com a minha família de sangue, né? Mas a família do terreiro, eu vejo sempre e, não todos, mas há uma parte que são como irmãos para mim. A maior diferença é a união e o apoio que eu recebo dos meus irmãos de santo, algo que eu não tenho na minha família. E a semelhança está nas dificuldades e na forma como cada um tem o seu próprio jeito.

Nathália: E qual a relevância para você de ter uma Mãe de Santo mulher na frente do terreno?

Vinho: Para mim, é super importante que seja uma figura feminina. Eu, por ter 25 anos, não cresci em um ambiente tão machista quanto o de antigamente. No passado, o machismo era muito mais escancarado e tinha mais força. Então, acho que naquela época ela sofreria mais. Com as mudanças que aconteceram, a relevância de ela ser uma mulher que traz pautas de sagrado feminino é muito grande para mim. É confortável e reconfortante que seja ela. O importante é que seja uma mulher com essa consciência de que feminismo também é poder.

Nathália: Fala um pouco das suas entidades mulheres e como elas interferiram ou não no seu feminino.

Vinho: Então, eu vou começar. Eu tenho 4 entidades femininas. A primeira é a Vovó Catarina do Cataveiro. Ela é a entidade velha que minha avó me passou. A Vovó Catarina me ensina sobre sabedoria, paciência e o tempo certo para tudo na vida.

Tem também a minha Cabocla que se chama 7 espadas. Ela me ensina sobre coragem, perseverança e a importância de ter garra e ímpeto de ação.

A terceira é a Pomba-Gira. Ela é uma das mais importantes para mim e ensina sobre o poder feminino, autoestima e a força que eu tenho como mulher. Ela me lembra da minha capacidade de fazer o que eu quiser.

A quarta é a minha Cigana do Oriente, chamada Jasmim. Ela me ensina como a vida pode ser leve, mesmo diante das dificuldades, e que nenhum problema é grande demais para ser resolvido com calma e sabedoria.

A quinta entidade é uma Ibejada. Ela ainda não apareceu muito para mim, mas eu sei que existe. Ela me mostra que a vida precisa de ação e que mesmo nas dificuldades, é importante manter a sensação de liberdade e a ideia de que tudo pode ser bonito e possível.

Essas são as minhas entidades femininas.

Nathália: Fala um pouco das suas entidades masculinas e como elas interferiram ou não no seu feminino?

Vinho: Eu tenho algumas entidades masculinas também. Meu Exu é o João Caveira. Eu não tenho acesso tão fácil a ele, porque é uma entidade mais difícil de incorporar. Mas ele tem uma grande importância na minha vida. Ele é quem me ajuda em situações impossíveis. Quando estou passando por momentos muito difíceis e me sinto perdida, é ele quem me dá um norte, dizendo que a situação não está perdida e que vai se resolver.

Tem também o Malandro, que é a entidade com a qual eu mais tenho afinidade. Ele está sempre comigo e me direciona em tudo. O Zé é quem mais me entende e está presente em tudo na minha vida. Ele é o mais próximo de mim e impacta diretamente no meu trabalho com a Pomba-Gira.

Eu preciso sempre encontrar um equilíbrio entre as energias masculinas e femininas, como é muito falado no terreiro. Para mim, é mais confortável trabalhar com ele do que com a Pomba-Gira, porque tenho dificuldade de acessar a energia feminina. Trabalhar com o João Caveira é mais fácil para mim do que com a Pomba-Gira.

Eu sei que preciso dessa força feminina na minha vida, mas também entendo que o João Caveira está mais presente porque eu tenho uma energia masculina maior. Então, para mim, é um grande exercício encontrar esse equilíbrio entre as entidades e integrar essas forças na minha vida.

Nathália: Acredita que há uma diferença entre energia feminina e energia masculina?

Vinho: Sim, claro.

Nathália: Qual seria e qual o papel que essas energias exercem na sua experiência?

Vinho: São duas forças completamente diferentes que atuam de formas distintas, tanto no trabalho específico dentro do terreiro quanto na nossa vida fora dele. Tudo está interligado. Enquanto as entidades femininas estão mais ligadas à sensibilidade, à delicadeza e à potência interior, as entidades masculinas trabalham com questões externas, como a vida profissional e a firmeza.

Para mim, a diferença é muito clara. Na vida pessoal, a paternidade e a questão de ser produtivo estão mais associadas ao masculino, com sua firmeza. Já o feminino traz a questão da delicadeza e da sensibilidade. Eu sinto uma diferença significativa tanto na minha vida quanto durante a incorporação. A energia muda nitidamente e o trabalho que eles exercem é distinto. Enquanto a entidade feminina se concentra mais no sagrado e na potência interior, a entidade masculina lida com o exterior e com questões práticas da vida.

Nathália: O que entende por sagrado feminino e qual a relevância na sua vida?

Vinho: Cara, eu gostaria de entender mais, mas eu não entendo da maneira como deveria, por causa dos bloqueios que eu tenho. Mas eu acho que o sagrado feminino é uma força que toda mulher carrega dentro de si quando vem à Terra. E essa força precisa ser louvada, agradecida e exaltada o tempo inteiro. Por quê? Querendo ou não, para o espiritual, é uma força de Maria. Maria é o útero gerador de tudo, né? Sem o útero de Maria, não teria Deus, seja o que for nas outras religiões. Então, foi de uma mulher, com toda a sua força, sensibilidade, amor, carinho e afeto, que surgiu outro ser. Então, acho que o sagrado feminino está muito ligado com a força interna e o poder de gerar um novo ser. É o equilíbrio das ações e dos sentimentos dentro de si mesmo. Acho que é mais por esse caminho.

Nathália: Já passou por algumas experiências de intolerância religiosa?

Vinho: Já no meu antigo trabalho, eu tinha uma chefe que era pastora e tinha uma grande influência. Ela sabia que eu era umbandista. Eu não escondi porque tenho tatuagens no braço que mostram isso, e ela fazia comentários dentro da sala. Quando eu saía mais cedo, ela fazia comentários do tipo: “Ah, lá vai ela, vai ficar girando, pegando espíritos ruins.” Eram sempre comentários velados, mas com esse tom. Até que eu fiz um confronto e falei: “Olha, eu não gostei, não faça mais isso. Eu não quero esse tipo de comentário.” Ela se sentiu ameaçada e acabou me demitindo. Então, sim.

Nathália: Você chegou a contar essa situação para alguém da tenda?

Vinho: Não muitas pessoas sabem, eu acho que só a Mãe Bianca e eu, e algumas pessoas próximas a mim conhecem essa situação, mas eu nunca contei para muita gente.

Nathália: E quando você contou para essas pessoas, qual foi a reação delas? Como você se sentiu contando?

Vinho: Eu me senti muito mal porque ela nunca fazia nada de forma explícita, sempre era muito velado. Até quando ela me demitiu, disse que era por outro motivo, que não condizia com o que ela estava dizendo. Eu sabia que a real razão era outra. Eu não sou muito de falar da minha vida para os outros, nem na tenda, nem nada do tipo, mas contei para algumas pessoas próximas que eu havia sido demitida por essa questão.

O Conselho foi mais no sentido de: “Olha, talvez esse não seja o melhor lugar para você. Se é um lugar que não te respeita ou não entende a sua orientação, então não é um ambiente bom e saudável para você crescer.” Foi um alívio, porque eu também não tinha provas para me defender como intolerância religiosa. Então o Conselho foi nesse sentido: “Lá não era o seu lugar. Se não te cabe, se não te respeitam, talvez seja melhor procurar algo melhor.” Foi confortável para mim, porque eu já não estava me sentindo bem lá, não só por essa questão de intolerância religiosa, mas também por preconceito em relação à orientação sexual. Foi um pouco estranho, mas tranquilo. Se eu disser que doeu muito, não foi o caso. Eu sou o que sou, e se um lugar não me aceita, então não me dói tanto assim.

Nathália: Alguma pessoa da Tenda já compartilhou algum caso de intolerância religiosa que sofreu com você?

Vinho: Já compartilharam na escola, não é? De crianças mais novas que são umbandistas e que acompanham os pais, e que sofreram casos de intolerância religiosa por parte de outras crianças na escola. Para elas, deve ser muito mais difícil de lidar do que para mim, por exemplo, que passei por isso num ambiente de trabalho.

Nathália: Tem alguma coisa que eu não perguntei que você acha importante acrescentar?

Vinho: Acho que não.